



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CILENE MARIA VALENTE DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLA NOVA NO PARÁ: uma análise da
Revista Escola (1930 -1935)

Belém-PA
2021

CILENE MARIA VALENTE DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLA NOVA NO PARÁ: uma análise da
Revista Escola (1930 -1935)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA),
como requisito parcial para obtenção do Título de
Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro.

Belém-PA
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586r Silva, Cilene Maria Valente da.
REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLA NOVA
NO PARÁ : UMA ANÁLISE DA REVISTA ESCOLA (1930
-1935) / Cilene Maria Valente da Silva. — 2021.
190 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Cesar Augusto Castro
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Belém, 2021.

1. REPRESENTAÇÃO CULTURAL. 2. ESCOLA
NOVA. 3. REVISTA ESCOLA . 4. PARÁ. I. Título.

CDD 370.981

CILENE MARIA VALENTE DA SILVA

REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLA NOVA NO PARÁ: uma análise da
Revista Escola (1930 -1935)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA),
como requisito parcial para obtenção do Título de
Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Augusto Castro
UFPA (Orientador)

Profa. Dra. Vera Teresa Valdemarin
UNESP (Avaliador externo)

Prof. Dra. Maria do Perpétuo Socorro G. de Souza Avelino de França
UEPA (Avaliador externo)

Prof. Dra. Laura Maria Araújo Alves
UFPA (Avaliador interno)

Prof. Dr. Samuel Luis Velásquez Castellanos
UFPA (Avaliador interno)

Profa. Dr. João Colares da Mota Neto
UEPA (Suplente de Avaliador externo)

Profa. Dra. Sônia Maria da Silva Araújo
UFPA (Suplente de Avaliador interno)

À Profa. Dra. Rosangela Novaes de Lima (*in memoriam*) minha professora no Curso Normal. Os professores tocam a vida dos alunos e a minha foi tocada por ela.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela benção de concluir este trabalho.

Às meninas Maria de Lourdes mamãe querida, Maria de Nazareth e Maria Adriana (tias) que são minha base emocional.

A Eunice Ferreira amiga- irmã por cuidar de mim.

Ana Regina Viana Soares por tudo.

Ao Prof. Dr. César Augusto Castro meu orientador, porto seguro, agradeço as orientações, a confiança e acolhimento na trajetória de atribulações durante este estudo, relação que seguirá pela vida.

A Dra. Laura Maria Araújo Alves, Dra. Maria do P. Socorro França, Dr. Samuel Luis Vellázquez Castellanos e Dra. Vera Teresa Valdemarim agradeço a gentileza de terem aceitado o convite para compor a banca de avaliação desta pesquisa e suas valorosas contribuições para conclusão deste trabalho.

Aos Professores e a Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED pela acolhida e ensinamentos importantes para minha formação.

Ao Prof. Dr João Colares da Mota Neto pela interlocução no início do estudo desta temática. Obrigada!

Ao Prof. Dr. Alberto Damasceno pela disponibilidade em ceder seus dados, foi importantíssimo para a conclusão desta pesquisa. Obrigada!

Aos colegas da turma do Doutorado e da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade aqui representadas por especial Damiana Gutierrez, Marlucy de Sousa e Rogerio Maciel, Léia Gonçalves, Leticia Carneiro, Carmenci Viana, Glauce Monteiro, aprendi muito com o que vivemos.

A Lorena Bischoff Trescastro pela cumplicidade e amizade de sempre.

A Luiza Pereira da Silva que em um final de tarde de outubro de 2016, motivada pela minha curiosidade, colocou no meu caminho o edital da seleção do PPGED que iniciou essa caminhada.

Welington da Costa Pinheiro cuja Tese foi um farol para atravessar o mar revolto de elaboração desta pesquisa. Obrigada!

TEMPO DE MENINO

*Asa de garça
passou por cima de minha cabeça ao entardecer...
Chuva encheu a lagoa.
Me lembro de Cachoeira
ao entardecer, no tempo do inverno
O quintal da casa, cheio d'água,
para minha alegria de menino levado,
doidinho pela água como filhote de pato brabo.
Alegria de brincar com meus navios de miriti
E de espantar as sardinhas.
Me lembro das piaçocas,
das marrecas,
Dos tuiuiús passando muito alto.
Indo embora para os lagos desconhecidos.
Me lembro daquele moinho de vento
Parado no meio das águas.
Montarias levando meninos para as escolas.
O velho Mané Leão, surdo e trôpego,
subia a torre da igreja para bater a ave-maria.
Gaviões, colhereiras, marrecas, piaçocas, tuiuiús
passavam por cima da igreja...
Eu não pensava nos reinos encantados
que há nos livros caros dos meninos ricos
(quando eu conhecia os contos de Perrault)
Sabia histórias que a Sabina, cria da casa, me contava,
Pensava nas canoinhas de miriti bubuiando nas águas,
nos matupiris que comiam os miolos do pão,
nos cabelos verdes da mãe d'água, nos choques dos puraquês,
no ronco dos jacarés, nos sucurijus que podiam vir buscar a
gente
[...] Não vejo mais nenhuma asa de garça...
Não vejo mais nenhuma paisagem de água e mururé
em volta de mim
Infância, tempo de menino,
Sucuriju te levou p'ro fundo das águas
O acalanto da rede no balanço bom demais que [mamãe me
fazia...
É por isso com meu velho dicionário
Leio os contos de Perrault
E compreendo a fala dos bichos de La Fontaine.*

Dalcídio Jurandir

Este poema foi publicado pela primeira vez na *Escola* em 1935.

RESUMO

Na década de 30, foi publicado em Belém o primeiro volume do periódico a *Escola – revista do professorado do Pará* pela Diretoria Geral da Educação e Ensino Público. A revista pretendia favorecer o acesso dos professores às—teorias de ensino, que indicavam a modernização da Educação através do movimento da Escola Nova. O presente estudo problematizou: que representações do movimento Escola Nova circularam nas publicações das edições da Escola no período de 1930 a 1935? Para responder este questionamento, tecemos com objetivo geral: analisar as representações do movimento Escola Nova presentes edições da *Escola no período de 1930 a 1935*. Objetivou-se mais especificamente analisar as temáticas publicadas, a organização e estruturação das edições, bem como investigar o conteúdo imagético suas relações associadas a representação dos pressupostos da Escola Nova. O período investigado foi selecionado por demarcar os anos em que a revista circulou, mas também para compreender o contexto histórico que se circunscreveu durante a denominada Revolução de 30. O estudo é do tipo documental, tendo como fontes centrais para a composição do corpus da pesquisa as edições da revista *Escola*, o jornal O Estado do Pará e a Mensagem do Governador do Pará ao Legislativo. Para a análise dos documentos, utilizou-se a perspectiva teórico metodológica da História Cultural em interface com o estudo sobre a Imprensa de Educação e Ensino, são utilizados para compreender as representações das práticas e as práticas da representação, no sentido de identificar códigos, finalidades e destinatários das representações que circularam nas narrativas da Escola. Análise de textos, imagens e fotografias evidenciaram que as representações que circularam nas publicações apresentavam a finalidade de coordenar o movimento de mudanças na prática educativa do professorado. Assim pode-se caracterizar o rearranjo institucional veiculado pela revista que objetivava modelar a prática cultural educacional instituída através das publicações da referida revista e constitui a história da educação em Belém do Pará.

Palavras-chave: Escola Nova. Imprensa de Educação e Ensino. História da Educação no Pará. Revista Escola.

ABSTRACT

In Belém 1930s, the first volume of the journal “Escola” – a magazine directed to the teachers of Pará – was published by the General Board of Education and Public Education. The magazine intended to favor access to teachers on teaching theories which showed the modernization of Education through the “Escola Nova” movement. The current study inquires into which ideas of the “Escola Nova” movement were present in the issues published from 1930 to 1935. To answer this question our research aim was to analyze the allegations of the “Escola Nova” movement presented in the editions of the “Escola” journal from 1930 to 1935. The research objectives were to analyze the themes, organization, and structure of the published editions, as well as investigate the imagistic content of its relations associated with the representations of the assumptions of the "Escola Nova" movement. The time frame was chosen not only because it was the years in which the issues came out but also to understand the historical context when the 1930s Revolution. Documentary research was used, and the central sources of information for the composition of the corpus of the study were the editions of the journal “Escola”, the newspaper “O Estado do Pará” and the “Mensagem do Governador do Pará ao Legislativo” – the annual address the state governor makes to the state deputies. A theoretical-methodological approach of Cultural History alongside the study of Education and Teaching Press; was used to analyze the documents and understand the representations of practice and the practices of representation to identify codes, purposes, and recipients of the representations present in the narratives of the magazine. The investigation of texts, pictures and, photographs showed that the representations available in the publications intended to organize the wave of changes in the educational practices of teachers. Therefore it is possible to characterize the institutional rearrangement conveyed by the magazine, whose goal was to shape the educational cultural practice instituted through the publications on this magazine, and which comprises the history of education in Belém do Pará.

Keywords: Escola Nova. Education and Teaching Press. History of Education in Pará. “*Escola*” magazine.

RESUMEN

Dans les années 1930, a été publié à Belém le premier volume de la revue *L'École - un magazine publié par des enseignants du Pará* par la Direction Générale de L'éducation et de L'instruction Publique. Le magazine entend favoriser l'accès des enseignants aux théories pédagogiques, qui indiquent la modernisation de l'éducation par le mouvement Nouvelle École. La présente étude problématise: quelles représentations du mouvement Nouvelle École circulent dans les publications des éditions de *L'École de 1930 à 1935*? Pour répondre à cette question, nous tissons avec un objectif général: analyser les représentations du mouvement Nouvelle École présente les éditions de *L'École* dans la période 1930 à 1935. L'objectif était plus spécifiquement d'analyser les thèmes publiés, l'organisation et la structuration des les éditions, ainsi que d'étudier le contenu imagétique de ses relations associées à la représentation des hypothèses du Nouvelle École. La période étudiée a été choisie pour délimiter les années de diffusion de la revue, mais aussi pour comprendre le contexte historique qui a été circonscrit pendant la soi-disant Révolution de 30. L'étude est de type documentaire, ayant comme sources centrales pour la composition de les éditions du corpus de recherche du magazine *L'École*, le journal *O Estado do Pará* et le message du gouverneur du Pará au législatif. Pour l'analyse des documents, la perspective méthodologique théorique de l'Histoire Culturelle en interface avec l'étude sur l'utilisation de la presse éducative et pédagogique pour comprendre les représentations des pratiques et des pratiques de la représentation, au sens codes, finalités et destinataires des représentations qui ont circulé dans les récits de *L'École*. L'analyse des textes, des images et des photographies a montré que les représentations qui circulaient dans les publications avaient pour but de coordonner le mouvement des changements dans la pratique éducative des enseignants. Ainsi, on peut caractériser le réaménagement institutionnel véhiculé par le magazine qui visait à modéliser la pratique culturelle éducative instituée à travers les publications de ce magazine et constitue l'histoire de l'éducation à Belém do Pará.

Mots-clés: Escola Nova, Éducation et Enseignement de la presse. Histoire de l'éducation au Pará. Magazine Escola .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Periódicos com publicação entre 1860 a 1940 em Belém.....	15
Figura 2	Periódicos com publicação entre 1860 a 1940 em Belém.....	16
Figura 3	Notícia de jornal – ‘A prisão de Eurico Valle’	45
Figura 4	Notícia de Jornal – ‘O capitão Juarez Távora fala à imprensa’	46
Figura 5	Notícia de Jornal – ‘Magalhaes Barata assume o governo do Pará’	47
Figura 6	Artigo de jornal – ‘Methodos de ensino’	52
Figura 7	Nota publicada em jornal – ‘Escola Normal’	58
Figura 8	Contexto irradiador da Escola Nova	59
Figura 9	Artigo de Jornal – ‘A educação’	61
Figura 10	Modelagem da Nova Escola.....	64
Figura 11	Fragmento do texto – ‘A Socialização da Escola’	75
Figura 12	Conferência proferida em Belém, março de 1938	77
Figura 13	Setor gráfico responsável pela impressão da revista Escola	94
Figura 14	Registro de oferta da Escola.....	96
Figura 15	Designação de Dalcídio Jurandir	97
Figura 16	O secretário da Escola.....	97
Figura 17	Propaganda de livraria.....	103
Figura 18	Propaganda de livraria.....	103
Figura 19	Carta de Lauro Sodré	104
Figura 20	Capas de Revistas.....	113
Figura 21	Methodo Ideo-visual	121
Figura 22	Methodo Ideo-visual	121
Figura 23	Methodo Ideo-visual	121
Figura 24	Methodo Ideo-visual	121
Figura 25	O Ensino do Desenho.....	122
Figura 26	Registro tipográfico.....	124
Figura 27	Registro tipográfico.....	124
Figura 28	Pato.....	125
Figura 29	Azulejo Português	125
Figura 30	Aguapé (nifeias).....	125
Figura 31	Sinos da mata	125
Figura 32	Flores.....	125

Figura 33	Cerâmica Marajoara	125
Figura 34	Guarás	125
Figura 35	Peixe e Muiraquitã	125
Figura 36	Grupo Escolar São Caetano de Odivelas	129
Figura 37	Escola Município de Tracateua	129
Figura 38	Escola do Município de Tomé-açu	129
Figura 39	Escola Município de Faro	130
Figura 40	Escola Município de Maracanã	130
Figura 41	Escola de Bragança	130
Figura 42	Escola Santa Izabel	130
Figura 43	Professora e alunos.....	131
Figura 44	Aula do Jardim da Infância	132
Figura 45	Aula com metodologia da Escola Ativa.....	132
Figura 46	Comemoração de 7 de setembro	133
Figura 47	Festa no Grupo Jose Verissimo.....	134
Figura 48	Visita a Escola do município de Muaná.....	134
Figura 49	Palestra Pedagógica.....	142
Figura 50	Palestrante	143
Figura 51	A Escola Nova e suas finalidades	146
Figura 52	Nota da revista.....	151
Figura 53	Escolas Rurais	151
Figura 54	Ensino Rural.....	153
Figura 55	Fragmento do texto ‘O problema do ensino rural’	154
Figura 56	O problema do ensino rural.....	157
Figura 57	‘O problema do ensino rural’	158
Figura 58	O problema do ensino rural.....	159
Figura 59	Texto Educação e Liberdade	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Ocorrências de matérias sobre a temática da pesquisa	40
Quadro 2	Análise interpretativa da publicação “Methodos de ensino”	53
Quadro 3	Análise interpretativa da publicação “A Educação”	62
Quadro 4	Aspectos que configuram a Escola Tradicional e a Escola Nova.....	67
Quadro 5	Teóricos citados nas publicações da Revista Escola	68
Quadro 6	Síntese dos Pontos que definem a Escola Nova – Adolphe Ferrière.....	72
Quadro 7	População do Estado do Pará - 1930 a 1935	84
Quadro 8	Diretoria de Instrução Pública no Pará de 1930 a 1935	86
Quadro 9	Atendimento Escolar Público em 1930	87
Quadro 10	Ensino Primário do Estado do Pará de 1930 a 1935.....	88
Quadro 11	Matrículas nos estabelecimentos públicos no Pará (1930-1935).....	89
Quadro 12	Textos de autoria de Dalcídio Jurandir.....	98
Quadro 13	Revista Escola - 1934 -1935	100
Quadro 14	Seções da Revista Escola – a revista do professorado do Pará	101
Quadro 15	Propaganda na Revista.....	103
Quadro 16	Publicações da Escola, n. 2, v.1, 1934.....	105
Quadro 17	Publicações Escola, n. 3, v.1, 1934	106
Quadro 18	Publicações da Revista Escola, n. 4, v.1, 1935.....	107
Quadro 19	Publicações da Escola, n. 5, v.1, 1935.....	107
Quadro 20	Ilustrações de Angelus Nascimento.....	124
Quadro 21	Quantitativo de fotografias por número da Escola	127
Quadro 22	Palestra Pedagógicas.....	144
Quadro 23	Síntese do texto.....	154

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Motivação, problema e os objetivos do estudo	14
1.2	A imprensa educacional e a pesquisa documental	25
1.3	A construção do corpus e o percurso metodológico	32
1.3.1	Das fontes	38
2	O CENÁRIO: A Escola Nova	41
2.1	O cenário: contexto da Revolução de 30	42
2.2	Os ideais educacionais nos primeiros anos da década de 30	50
2.3	Atos encenados: as bases teóricas da Escola Nova	65
2.4	Escola Nova e o contexto político, econômico e social no Pará em 30	81
3	EM CENA: a Revista Escola – a revista do professorado do Pará e sua materialidade	92
3.1	O Projeto da Revista	93
3.2	O roteiro: o expresso no impresso	105
4	IMAGENS: desenho e fotografias nas páginas Revista Escola	110
4.1	Das capas	113
4.2	Dos desenhos: o saber e a expressão	120
4.3	Das fotografias: a interface através da imagem	126
5	MAQUINARIA DE REPRESENTAÇÕES NA ESCOLA	139
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
	REFERÊNCIAS	166

1 INTRODUÇÃO

Circula em Belém o primeiro número da Escola – Revista do Professorado do Pará – Órgão da Diretoria Geral de Ensino Público¹.

Sr. Diretor Geral

Tenho o prazer de acusar e agradecer a remessa dos dois primeiros números da Escola - Revista do Professorado do Pará, publicado sob a direcção da Directoria Geral de Educação e Ensino Público no Pará. Congratulando-me convosco pela feliz iniciativa, faço votos pela prosperidade da Escola, cujo dois primeiros números estão excellentes no texto e na esmerada confecção. Sirvo-me do ensejo para reiterar-vos os meus protestos de distincta consideração.

M. A. Teixeira de Freitas – Rio de Janeiro, 28 de julho de 1934.²

Os dois textos acima são fragmentos que se referem à Escola – revista do professorado do Pará. A revista foi produzida pela Diretoria Geral de Ensino e, direcionada aos professores, diretores e técnicos dos grupos escolares, circulou em Belém, na década de 30.

O primeiro fragmento se refere ao registro do início da circulação da revista *Escola*-revista do professorado do Pará³ publicada em um livro da Secretaria Estadual de Educação em 1987 cuja nota faz alusão a importância da publicação da revista como uma ação destaque da Diretoria Geral de Educação e Ensino Público.

O segundo texto registra agradecimento e elogio para os dois primeiros números da revista. Isso demonstra, em primeiro lugar, que foi enviada a outros estados, nesse caso, o Rio de Janeiro, capital do país na época, em segundo lugar, a revista era usada como exemplar das iniciativas do governo local referente à educação no período. A considerar o prestígio que o Rio de Janeiro tinha como centro da irradiação da modelagem da educação no Brasil, o elogio enviado através da carta indica o reconhecimento da qualidade da publicação. Esses dois registros revelam o destaque da revista no âmbito da educação em Belém Assim pode-se entender que a revista *Escola* se coloca como um exemplar da ação do poder governamental para o desenvolvimento e melhoria da educação no sentido de atender à modernização do ensino preconizada na década de 30.

Assim, análise da referida revista tem como intenção de contribuir para a reconstituição e investigação da produção, circulação de ideias da Escola Nova no âmbito da educação em Belém do Pará, nos anos 30. A pesquisa se situa no campo da História da Educação em interlocução com a materialidade do processo de produção, circulação dos

¹ PARÁ. Secretaria Estadual de Educação – SEDUC. A Educação no Pará – Documentário. Belém, 1987. p. 20

² Revista Escola, agosto de 1934, p 117.

³ Para efeito de referência no texto, sempre que tratamos da revista usaremos a denominação *Escola*.

saberes que alicerçaram a representação de educação modernizadora apresentada no impresso de educação, considerando artigos, palestras pedagógicas, fotos, biografia de autores, publicados na *Escola*, apresentando o recorte temporal de 1930 a 1935.

1.1 Motivação, problema e os objetivos do estudo

A organização deste tópico apresenta a reconstrução seletiva da minha trajetória de interlocução com os impressos e o caminho trilhado para constituir a revista como objeto de estudo e as bases das reflexões sobre o ideário da Escola Nova e a revista *Escola*.

O uso dos impressos, como fonte e objeto de pesquisa, é presente na minha vida acadêmica desde o trabalho de conclusão de curso para graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Pará, em 1994. Naquela oportunidade, pesquisei sobre “O Movimento Negro nos jornais de Belém de 1980 a 1990”, considerando os 10 anos do Centro de Defesa do Negro do Pará – CEDENPA. Durante quatro meses mapeei notícias, imagens e depoimentos sobre o tema para construir o *corpus* do trabalho. Essa foi a primeira experiência de análise da narrativa e representação em periódicos de grande circulação no Pará em 1994. No Curso de Mestrado o uso dos impressos também foi fundamental para a constituição da pesquisa intitulada “Esfera Pública e Movimento Comunitário: caminhos da construção democrática no exemplo de Outeiro”⁴, onde analisava a constituição da esfera pública local e a trajetória do movimento comunitário no Outeiro usando os jornais *O liberal* e o *Diário do Pará*, os periódicos foram utilizados como fonte de pesquisa. Ao ingressar no curso de Doutorado, em 2017, integrei a Linha de estudos de Educação, Sociedade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UFGA. E, nas sessões de orientação, fui desafiada pelo meu orientador Prof. Dr. César Castro, a pesquisar sobre Imprensa Educacional no Pará no período de 1860 a 1940, então, reencontrei novamente os impressos como fonte e objeto de pesquisa.

Assim, considerando o potencial dos periódicos educacionais, na perspectiva de Carvalho e Toledo (2007), os impressos quando são utilizados como fonte para investigar diferentes práticas culturais no âmbito da História da Educação são bastante profícuos, apresentam-se como objetos que modelam o campo da educação escolar porque são veículos de dispositivos materiais essenciais na produção e ordenação das representações e práticas sociais desse campo.

⁴ Outeiro é um bairro da Ilha de Caratateua que se localiza a 35km de Belém.

Desta forma, a pesquisa seguiu e teve como ação inicial a realização de levantamento exploratório com o objetivo de identificar os impressos publicados no período de 1860 a 1940. Nesta perspectiva, identificamos um conjunto de periódicos abaixo relacionados, cujo contexto narrativo publicava sobre produção acadêmica, literatura, artes, história, atualidades e pedagogia.

Figura 1 - Periódicos com publicação entre 1860 a 1940 em Belém⁵



REVISTA FAMILIAR

Revista dedicada às famílias. Versava sobre as temáticas: Instrução e educação, Política, História, Poesias, história da África Oriental. Publicação semanal, editor não identificado, só encontradas 20 edições de fevereiro a junho de 1883.



ESTUDANTINA

Semanário crítico, artístico e literário. Comercializada. Editor: J. Viana, A. Bahia, Virgílio Ribeiro, impressa por Pará Typ. De Tavares & C, publicada em 1890.

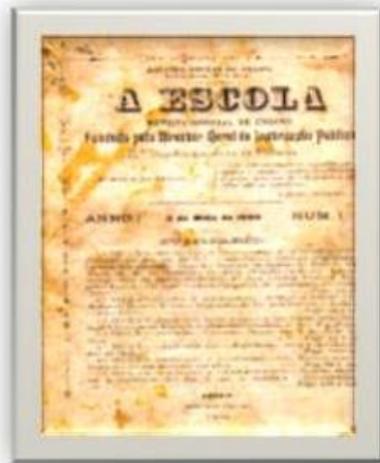


EDUCAÇÃO E ENSINO

Periódico paraense de circulação mensal do final do século XIX. Fundado por volta de 1891, era dirigido por Octavio Pires. Abordava temas educacionais do Estado. Circulação mensal. Edição sobre a responsabilidade da Direção Geral da Instrução Pública do Estado do Pará, impressa por Pará Typ. De Tavares & C entre 1891 a 1895.

⁵ Fonte: Biblioteca Arthur Vianna.

Figura 2 - Periódicos com publicação entre 1860 a 1940 em Belém



A ESCOLA

Revista mensal paraense pelo publicada pelo Diretor da Instrução Instituição pública o Bacharel Virgílio Cardoso de Oliveira. Era inteiramente voltada para os assuntos educacionais do Estado do Pará. Era impressa pela Imprensa Oficial do Estado, sendo os seus redatores os Srs. Vilhena Alves e Arthur Vianna entre os anos de 1900 a 1905.



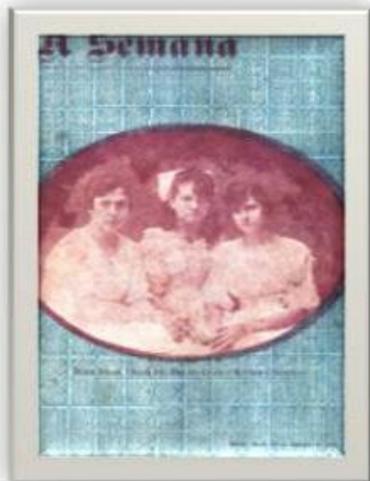
BOLETIM OFFICIAL DA INSTRUÇÃO

De publicação trimestral para publicação de leis, atos e decisões referentes ao ensino. Substituiu a revista A Escola. Era editorada pela Direção Geral da Instrução Pública do Estado do Pará, publicada em 1905.



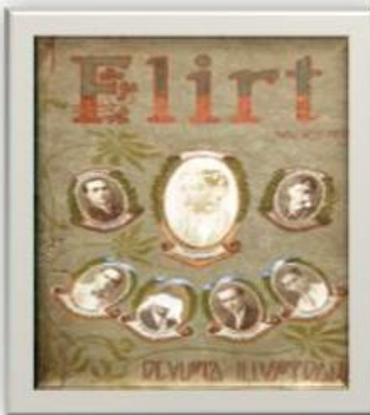
RECORD

Revista ilustrada e comercializada, foi editada por Diretor Calino Fidalgo e impressa por Pinto Monteiro Oficinas em 1918.



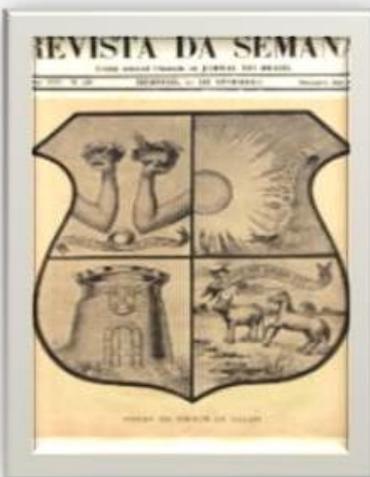
A SEMANA

Uma das revistas ilustradas de maior circulação e duração do Pará. Era comercializada. Tratava de generalidades do Estado e do Brasil. Contou com artigos escritos de grandes nomes da poesia literatura paraenses: Oswaldo Orico, Rocha, Tavernard, entre outros. Editada por Manuel Lobão & Alcir Santos. Impressa por Typ . do Diário Oficial entre 1919 a 1942.



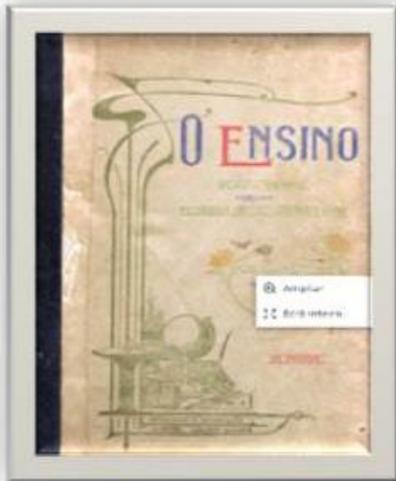
FLIRT

Revista cujo conteúdo versava sobre literatura, artes e poesia, foi editada por Irineu Arguelles em 1931.



REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do Jornal do Brasil. Era comercializada. Editorada pelo Governo Municipal de Belém em 1908.



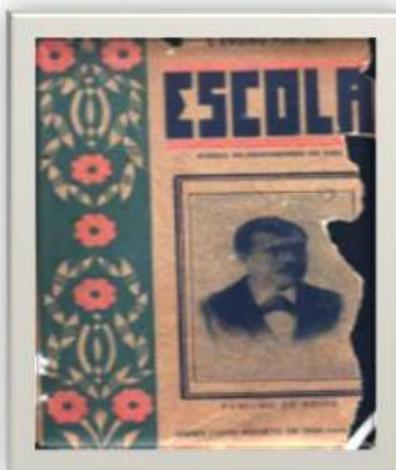
REVISTA DO ENSINO

Publicação sobre ciências, letras e pedagogia. Era dirigida pelo Desembargador Augusto Olympio. Seu redator era Felix Ribeiro, foi impressa pelo Instituto Lauro Sodré entre 1911 e 1912.



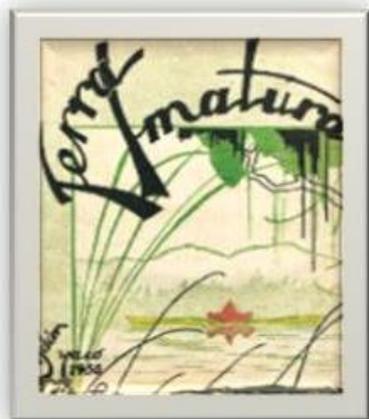
O ENSINO

Revista mensal de Pedagogia, Artes e Literatura. Era comercializada. Foi editada e impressa pelo o Instituto Lauro Sodré entre 1918 a 1919.



ESCOLA - A REVISTA DO PROFESSORADO DO PARÁ

Revista paraense bimestral, dedicada aos professores do Estado. Foi fundada em 1934, sendo publicada pela Diretoria Geral da Educação e Ensino Público do Pará e impressa pelo Instituto Dom Macedo Costa – escola Profissional do estado entre 1934 a 1935.



TERRA IMATURA

Periódico paraense de circulação mensal. Fundado em abril de 1938, produzida pelos estudantes do Pará. Foi dirigido por Cléo Bernardo de Macambira Braga. Era comercializada. Redator Chefe Maria Mendes pereira.

Fonte: Biblioteca Arthur Vianna

O conjunto de periódicos citados apresenta produção diversificada, tanto relativo ao conteúdo e regularidade de publicação foi em grande parte editados pela Diretoria Geral de Educação e Ensino Público, bem como, apresentava público-alvo bem diverso, não era apenas destinados à educação formal.

Considerando esse conjunto de revistas coletadas para o contexto do desenvolvimento da pesquisa, foi definido privilegiar a investigação sobre os periódicos que incidiam sobre a circulação do discurso educacional especializado, por se constituir em um espaço de divulgação de teorias e práticas educativas contextualizadas, em determinado momento histórico e apoiado em Nóvoa (1993), então, não direcionamos o olhar apenas à imprensa educacional, pois, de forma mais ampla, investigamos os periódicos que se relacionavam à educação e ao ensino.

Destarte, seguindo com o enfoque antes descrito cheguei a *Escola* - revista do professorado do Pará, o interesse ocorreu primeiro, por conta do contato com os textos publicados de autoria de professoras normalistas e que atualmente são nomes de escolas municipais de Belém, o que despertou o olhar pelos textos marcados pela discussão sobre a modernização dos modos de ensinar e aprender, essa temática chamou atenção da professora que sou. Assim, me instigou não somente desvelar a história da revista, mas investigar como a inovação propalada pelas mudanças nos modos de ensinar e aprender observadas nos textos das professoras normalistas traduziam a normativização dos discursos sobre a educação, que modelavam práticas educativas na década de 30, seria possível observar combinações entre práticas emergentes e residuais dos modos de ensinar em Belém, a considerar as publicações na revista? Essa questão refletia uma dificuldade que encontrei em minha prática docente com

respeito às inovações pedagógicas e às inquietações e complexidades que marcam essa trajetória de mudança no processo educativo.

Em segundo, o contexto histórico de produção desta revista se concentra no governo de Magalhães Barata⁶, político paraense de expressão e que na minha família sempre escutei relatos sobre o seu governo. Esse momento histórico se caracteriza sobre os ares da Revolução de 30, marcando o espaço temporal da segunda República que remete a um processo de modernização e transformação social do país, na revista logo observei uma quantidade expressiva de fotografias de escolas inauguradas neste período, bem como a presença de Magalhaes Barata acompanhando aulas nas escolas, o que é um indicador de valorização da educação e sobretudo da inovação pedagógica. A própria revista era uma iniciativa de seu governo através da Diretoria Geral da Educação e Ensino Público, é possível observar na revista os avanços da implementação da transformação social e da implementação da Escola Nova que se traduzia como o grande Projeto de modernização no âmbito da educação neste período, como essa “nova ordem” se traduzia nas publicações da revista?

Em terceiro, embora a revista tenha sido fonte de pesquisa de estudos como “A escola Primária no Estado do Pará (1920-1940) de Coelho (2008), e “Representações acerca da escola pública e das práticas de escolarização nas obras literárias de Dalcídio Jurandir: tecendo análises para se compreender as relações de poder e de classes em Belém-Pará” Pantoja (2011), não havia estudo sobre sua materialidade como objeto de estudo, outro aspecto foi a ausência de estudos sobre a educação no Pará a década de 30 e Escola Nova. É possível encontrar evidência de pesquisas sobre a educação paraense no período do Império, na Primeira República, mas na denominada segunda República identifiquei apenas a pesquisa livro “A 2ª República e a Educação no Pará” de Damasceno (2011), que se apoia na pesquisa dos jornais o Estado do Pará. Desta forma considere relevante o estudo sobre a *Escola* e ela passou a ser meu objeto de pesquisa para estudos de elaboração do texto de Tese.

Por conta do contexto histórico da Revolução de 30 que objetivou por fim no poder das grandes oligarquias e transformar o país, a Escola Nova foi o projeto para modernizar através do ensino, fundamentado nas teorias com base na psicologia e na biologia, que sedimentaram bases metodológicas nos processos educativos e pretendiam superar a forma rígida e impessoal de ensinar da Escola Tradicional, pelas formas modernas que defendiam trazer as crianças para o centro do processo de aprendizagem (VALDEMARIN, 2010).

⁶ O major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata foi indicado para interventoria pelos aliados civis e militares em 1930, que junto com ele planejaram o Movimento de 1930 no Pará.

Para concretizar essas mudanças no âmbito da educação, era preciso formar professores capazes de colocar em prática novos modelos de ensino. Para tanto, fazer as novas teorias chegar aos professores era uma meta. É assim que as revistas pedagógicas se colocam como um espaço de formação, de acesso desses conhecimentos aos professores. As narrativas presentes nos diversos gêneros que integram a revista são postas a fortalecer o pensamento ideal modernizante da educação (BICCAS, 2008).

Então, passei a questionar o que todos os textos publicados na revista traduziam acerca da Escola Nova? Quais as representações sobre o ensinar são possíveis perceber na revista? Quem são os sujeitos que escreveram/discutiram sobre o ensino e ser professor na revista? De que “lugares” falavam, no âmbito do ensino público paraense? Quais representações escolanovistas foram divulgadas para o professorado público paraense? Considerando que ao se propagar o movimento Escola Nova também se propagava uma nova cultura escolar, novas práticas culturais sobre o fazer educacional, dos processos de formação dos professores, que apontava para um contexto de profundas rupturas.

Movida pelos questionamentos acima, realizei levantamento no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES e Bibliotecas Virtuais de Programas de Pós-graduação de Instituições de Ensino Superior, no sentido de contextualizar o objeto de estudo, no âmbito da produção acadêmica nacional e regional no período de 2010 a 2018, considerando as seguintes instituições: Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará.

Iniciei a busca utilizando o Diretório Revista Pedagógica no Pará e foi registrado 34 (trinta e quatro) ocorrências de Teses de Doutorado. No entanto, ao ler os resumos identifiquei que não tinham como objeto de estudo, a *Escola*. Realizei nova busca utilizando a expressão Escola Nova no Pará, foi registrado 0 (zero) ocorrência, continuei a busca utilizando Movimento Escola Nova no Pará, foi registrado 0 (zero) ocorrência.

Prossegui utilizando Revista Pedagógica e Escola Nova no Pará, obtive o resultado de 1670 (mil seiscentos e setenta) estudos sendo 1009 (um mil e nove) Teses e 669 (seiscentas, sessenta e nove) Dissertações, assim distribuídas: Universidade de São Paulo 841 (oitocentos e quarenta e um), Universidade Federal do Rio de Janeiro 370 (trezentos e setenta), Universidade Federal do Pará 299 (duzentos e noventa e nove), Universidade do Estado do Pará 168 (cento e sessenta e oito), mas a análise revelou que neste quantitativo apenas 2 (dois) trabalhos tinham como foco revistas pedagógicas, porém não estudam o movimento Escola Nova, bem como retratavam períodos históricos diferentes. Logo, direcionei a busca para a

expressão Educação no Pará em 1930, o que resultou em 456 (quatrocentos e cinquenta e seis) trabalhos sendo 354 (trezentos e cinquenta e quatro) Dissertações e 102 (cento e duas) Teses. A investigação revelou que o conteúdo dos trabalhos se concentrou no âmbito da História da Educação. Eles abordaram o movimento Escola Nova, bem como utilizaram como fonte a revista pedagógica, mas não encontrei trabalhos especificamente sobre a *Escola* e o movimento Escola Nova especificamente no Pará.

Seguindo a busca de trabalhos que pudessem ser usados como aporte para o estudo pretendido, retirei a limitação de ano que especificava 2008 a 2018 e então encontrei as seguintes pesquisas de Gessiane Soares do Nascimento: A educação em cena: a Revista de Educação como circulação de representações sobre saberes educacionais no Espírito Santo (1934-1937); Mariana Batista do Nascimento Silva, Escola Nova na página de educação (1930 a 1933): navegando nas palavras de Cecília Meireles no Diário de notícias; Amurielle Andrade de Souza, O ideário da Escola Nova na Paraíba: circulação de novos saberes nos discursos de Jose Batista de Melo (1930 a 1936) e Maricilde Oliveira Coelho, A Escola Primária no estado do Pará (1920 a 1940) e Darlene da Silva Monteiro dos Santos, A Arte de Civilizar: A Educação Cívico-Patriótica na Revista A Escola na Revista Do Ensino no Pará Republicano (1900-1912).

Do ponto de vista teórico-metodológico, os estudos pesquisados se fundamentam na História Cultural, tendo como foco Le Goff (2013), Chartier (1990), mediante os conceitos de práticas e representações interligados aos procedimentos metodológicos de De Certeau (2014) e Ginzburg (1989), tendo Julia (2001), Vidal (2003) e Frago (1995), dentre os autores mais citados em tais estudos. A interlocução com essas pesquisas contribuiu para organizar a investigação sobre o meu objeto de estudo, pois investigam periódicos de educação e movimento Escola Nova.

A Tese de Maricilde Oliveira Coelho⁷ aborda a Revista *Escola* e outros periódicos publicados no Pará, no período entre 1920 e 1940 e a Dissertação de Darlene da Silva Monteiro dos Santos⁸ oferece uma análise do contexto da educação na perspectiva da alfabetização no estado do Pará, tendo como fonte os impressos no período de 1900 a 1912.

Sendo assim, como não identifiquei estudo específico sobre a Escola Nova e a revista *Escola*, considerei relevante a elaboração desta pesquisa, no sentido de analisar

⁷ Ver COELHO, Maricilde de Oliveira. A escola primária no Estado do Pará (1920 - 1940). (Tese, Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

⁸ Ver SANTOS, Darlene da Silva Monteiro dos. A arte de civilizar: a educação cívico-patriótica na revista a Escola e na revista do ensino no Pará republicano (1900-1912). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 151f. 2018.

especificamente essa publicação, lugar de discurso autorizado, Carvalho (2003), pois a revista era produzida pela Diretoria Geral de Educação e Ensino Público, integrando, assim, o conjunto de estratégias, na perspectiva do estudo de De Certeau (2014), para modelar os professores aos novos padrões educacionais da década de 30.

Contudo, organizei a seguinte problemática e os objetivos a seguir: O contexto de transformações sócio-político-econômico demarcado pelo momento histórico da década de 30, evidenciou a implantação do Projeto Escola Nova, que representava o braço do ideal de modernização no país no âmbito da educação. Sendo assim, era necessário consolidar práticas sociais relativas às ideias escolanovistas junto a professores, técnico e diretores para assegurar a reforma na educação, a *Escola* emerge nesse contexto, como exemplo de uma ação institucional para normatização da modernização, nesse sentido, se constituía como um espaço de formação dos professores. Quais as representações da Escola Nova que circulam nas publicações das edições da revista *Escola*? Assim pode-se caracterizar o rearranjo institucional veiculado pela revista que objetivava modelar a prática cultural educacional instituída através das publicações da referida revista e constitui a história da educação em Belém do Pará, no período de 1930 a 1935.

a) Objetivo Geral:

Analisar as representações do movimento Escola Nova apresentadas como modelo para a modernização da educação presentes nas publicações que compõem as edições da revista *Escola* - revista do professorado do Pará de 1930 a 1935.

b) Objetivos Específicos:

Investigar as temáticas publicadas nas edições da *Escola* – revista do professorado do Pará, que pretendiam modelar as práticas docentes na perspectiva da educação modernizante.

Analisar a organização e estruturação das edições da *Escola*.

Analisar as imagens presentes na *Escola* suas relações associadas à representação dos pressupostos da Escola Nova.

A linha de argumentação sobre as representações da Escola Nova na *Escola* tem suporte em considerar os seguintes aspectos:

- No contexto histórico, político e social do Pará na década de 30, o governo local na ânsia de responder às demandas de modernização que exigiam investimentos em materiais pedagógicos, construções de prédios escolares modernos, formação de professores, e considerando que as mudanças pretendidas estavam muito além da capacidade de investimento, embora fosse uma meta do Interventor Magalhães Barata adotar a metodologia desenvolvida nas escolas do sul do país. Nessa perspectiva a

solução foi fazer rearranjos na educação paraense, sendo assim a revista era uma produção da Diretoria de Geral de Educação e Ensino Público como uma ação nesse sentido e portando um espelho das representações e práticas referentes ao movimento Escola Nova no Pará;

- Estão presentes no jornal O Estado do Pará publicações que evidenciam discordâncias à modelagem dos métodos e procedimentos de ensino do movimento Escola Nova, refletindo que era como se no âmbito local se perdesse a autonomia de decidir sobre os caminhos da educação, indicando que as representações sobre a Escola Nova indicavam a necessidade de rearranjos;
- O movimento Escola Nova incide sobre métodos de ensino que pressupõem aprendizagem pela experimentação, ação constante do aluno, alicerçada em professor formado sobre bases teóricas modernas, assim, a revista cumpre o papel de difundir representações e práticas culturais que atendam ao contexto de rearranjo na educação paraense que ainda valoriza aspectos relativos à educação tradicional;
- As publicações da revista concentram-se nas bases teóricas do movimento Escola Nova, mas há artigos que refletem sobre as necessidades específicas da região, indicando aprofundamentos necessários para a metodologia do ensino no Pará, como no caso do ensino rural.

A estruturação desta pesquisa se constitui na organização do sumário em cinco seções. A seção 1 contém a introdução e o contexto da construção do objeto de análise e o percurso metodológico ancorado na História Cultural no tratamento das fontes apoiado em Barros (2005), Chartier (1990), De Certeau (2014), Le Goff (2013), Burke (2004), Pessavento (2007), Nunes (2005). A seção 2 objetiva estudar o contexto da década de 30 e das bases teóricas da Escola Nova, para tanto buscou-se o suporte de Basbaum (1976), Brito (2001), Roque (2001), Marcilio (2014), Nunes (1997) e do Jornal O Estado do Pará nos anos de 1930 e 1931, na perspectiva de compor um desenho do momento histórico sobre o qual o embate entre o tradicional e o moderno se intensifica na sociedade brasileira e paraense. A seção 3 analisa a *Escola* como fonte e objeto de estudo, apresentando os aspectos constitutivos, construto de significados contidos na revista; esta seção se propõe em decifrar os códigos de estruturação da revista, suas seções e partes constitutiva que a regulamentaram, identificando suas continuidades e transformações para o processo educativo, no sentido dos sujeitos a qual se destinava, com a poio em Escolano (2017) sobre cultura escolar, em Nóvoa (1993) sobre imprensa de educação. Na seção 4 se propõe a análise sobre as imagens e fotografias, especificamente as fotos das escolas e de práticas educativas presentes na revista, na

perspectiva de Martins (2013), Kossoy (1989), Le Goff (2013), Gaskell (2011), Burke (2004), Smit (1997), Julia (2001), Chartier (1990). A seção 5 analisa textos publicados na *Escola* que se originaram de palestras pedagógicas proferidas por normalistas sobre a Escola Nova e textos sobre a temática Ensino Rural. Esses textos abordavam princípios e procedimentos educativos ao professorado paraense como um modelo de formação dos professores que foi incentivado pela Diretoria Geral de Ensino Público.

1.2 A imprensa educacional e a pesquisa documental

Escola - revista do professorado do Pará como objeto e fonte de análise desta pesquisa se encontra no contexto da imprensa educacional no âmbito da História da Educação, cujos estudos têm início nos últimos anos da década de 90 do século XX no Brasil. A análise da imprensa de educação como uma fonte privilegiada de pesquisa se intensificou nos primeiros anos de 2000.

Carvalho (2003), Farias Filho (1997), Vidal (2003) e Gondra (2005) afirmam que a partir da década de 80, um novo padrão de produção historiográfica se coloca e amplia o campo temático, problematiza a relação entre história e as fontes. Considerando Nóvoa (1997), houve uma reinvenção das fontes, além da transformação no tratamento e na descoberta de novos materiais de investigação inserindo-se aí as publicações da imprensa educacional. As fontes assumem o status de ser a possibilidade de rever as formas de produção do saber histórico, “preparar o terreno para uma crítica empírica rigorosa que constitua novos problemas, novos objetos novos abordagens” (NUNES, CARVALHO, 1993, p. 30).

Desta feita a etimologia do termo *Documentum* que é uma palavra latino derivada de *docere*, que significa ensinar, esta ideia evoca, posteriormente, o significado de “prova”, largamente empregada no “vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents*” enquanto o “sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX” (LE GOFF, 2013, p. 466).

Assim, na concepção anterior à virada documental, o documento tinha uma fundamentação de análise de cunho positivista da História, segundo Barros (2012). O documento era algo objetivo, neutro, prova que serve para comprovar fatos e acontecimentos numa perspectiva linear. A partir da proposição de documento como monumento, iniciada no contexto da Nova História, contrapõe-se a este conceito, indicando que toda fonte histórica “exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro” (LE GOFF, 2013, p.

492). Resultantes da sociedade, a fonte documental traduz o jogo de força, as relações de poder vividas pelos indivíduos em um determinado local e tempo, portanto não são isentas, traduzem leituras e possibilitam interpretações do vivido.

Para esta pesquisa, a imprensa educacional, investigada a partir da *Escola*, analisou os discursos oficiais, pois a revista era uma publicação da Diretoria de Geral de Educação e Ensino Público, mas ao mesmo tempo buscou estabelecer interlocução com os jornais da época, para completar e entrecruzar informações, considerando que a imprensa é o lugar de permanente regulação coletiva. Assim, os materiais da imprensa, a *Escola* e o jornal O Estado do Pará “são concebidos aqui como veículos de comunicação de um dado saber” (CASTELLANOS, 2017, p.45).

Catani e Bastos (1997) destacaram em seus trabalhos a potencialidade da imprensa periódica para os estudos da História da Educação, assim essa escrita especializada, seja a que trata dos temas educacionais, ou a imprensa diária e popular, organizada por atores que nem sempre detêm conhecimento acadêmico, e que não possuem como indicativo os métodos e as teorias educacionais, se colocam como fontes únicas, pois é possível encontrar nesses materiais os projetos políticos, concepções, os problemas da época.

[...] entendemos que a imprensa, ligada à educação, constitui-se em um “corpus documental” de inúmeras dimensões, pois se consolida como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período. Como também da própria ideologia moral, política e social, possibilitando aos historiadores da educação análises mais ricas a respeito dos discursos educacionais, revelando-nos, ainda, em que medida eles eram recebidos e debatidos na esfera pública, ou seja, qual era a sua ressonância no contexto social. (CARVALHO; ARAÚJO, GONÇALVES NETO, 2012, p. 72).

Os estudos sobre os impressos educacionais se desdobraram ao longo dos anos ocupando-se do potencial informativo e do lugar ocupado pelas revistas de ensino como espaços de produção e divulgação do conhecimento no campo educacional, entretanto a pesquisa com esse tipo de fonte requer também destaque para o fato de que seu conteúdo não é algo neutro, uma vez que emerge de um grupo de pessoas, e é destinada a um grupo específico com a intenção de circular ideias pertinentes ao universo educacional.

Responder a indagação “o que é Imprensa de educação?”, requer pensá-la em algumas dimensões, como: estrutura; organização; lugar de produção; público-alvo; temas abordados e implicações do seu uso na pesquisa em História da Educação. Para tanto, essa investigação precisa de um diálogo com autores que trabalham a temática, bem como, autores que tratam especificamente da Imprensa, assim, conta-se com Catani e Bastos (1997), “Educação em revista. A imprensa periódica e a história da educação”, no Livro “Educação em revista: a

imprensa periódica e a História da Educação , reúne textos que contribuem para divulgação de pesquisas nacionais e internacionais relacionadas ao tema da imprensa periódica educacional; Marta Maria Chagas de Carvalho, 2001 em “A Escola Nova e o impresso”, apresenta estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil.

Denice Barbara Catani e Cynthia Pereira de Souza, 1999 apresenta o livro intitulado “Imprensa periódica educacional paulista (1890 – 1996)”, com caráter de catálogo, que reúne informações sobre as revistas de ensino editadas na cidade e no Estado de São Paulo, entre os anos de 1890 a 1996. Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita de Almeida Toledo (2007) analisam a revista Escola Nova e o Boletim de Educação Pública, com o objetivo de compreenderem o papel desses impressos nas iniciativas de reformas educacionais nos anos de 1920 e 1930. Para tanto, destacam quais foram as regras de regulação, produção, circulação e uso desses impressos no momento da intervenção remodeladora das práticas escolares, decorrentes das reformas de Fernando de Azevedo, no Rio de Janeiro, em 1927; de Lourenço Filho, em São Paulo, no ano de 1930; e de Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro, em 1931. As autoras concluem que esses periódicos reforçaram a política de implementação de uma cultura pedagógica considerada à época, “moderna”. No livro *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*, Maria Helena Camara Bastos (2005) investiga a produção discursiva da *Revista do Ensino*, editada entre os anos de 1939 e 1942, com patrocínio da Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul, visando a identificar as temáticas educacionais e suas articulações com as estratégias de “reconstrução nacional do Estado Novo” e da proposta político-pedagógica de “renovação educacional” no Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisadora destaca o papel da revista na “modelização” das práticas pedagógicas dos professores. Bastos conclui que, no caso do Rio Grande do Sul, a imprensa periódica pedagógica serviu de “orientação e direção-intelectual e moral” para os professores à época, oferecendo um discurso de moralização e “modelização”. Carlos Monarcha em 2010 apresentou a análise da Revista Jardim da Infância, vinculada à criação do jardim da infância anexo à Escola Normal de São Paulo, no conjunto de seus dois volumes publicados em 1896 e 1897. Maurilane de Souza Biccas em 2001, a Tese “O impresso como estratégia de formação de professores (as) e conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)” em que analisa a Revista do Ensino, editada entre os anos de 1925 e 1940, no Estado de Minas Gerais.

Embora os estudos citados anteriormente não consigam esgotar o conjunto da produção que utiliza a imprensa educacional como fonte de pesquisa, ele reúne trabalhos produzidos sobre os Impressos Educacionais na forma de livros, artigos e Teses, cuja temática

investiga os mais diversos impressos no Brasil. É perceptível a diversidade de estudos sobre essa fonte, como ela motivou estudos de diferentes formas, bem como, foram objeto de estudo de natureza diversa, mas também foram fonte para análise, ou seja, também foram eles mesmos investigados, demonstram assim sua versatilidade para produção de estudos no âmbito da História da Educação.

Observa-se que a análise sobre os lugares em que os discursos são elaborados e de que maneira eles determinam a circulação e a apropriação da leitura, esses lugares se colocam como estratégia para a formação dos professores, na perspectiva de Carvalho (2003), ainda podem ser visto como lugar onde os indivíduos interiorizam as estruturas do mundo social, transformando-as em esquemas de classificação que orientam seus comportamentos, suas condutas, suas escolhas [...] (CHARTIER, 2012, p.57).

A esse respeito, Escolano (2017) considera que é essa a tarefa da História da Educação, valorizar a cultura experiencial da educação, pois permite apreender e interpretar os modelos e métodos e chegar ao que ele denomina de cultura escolar efetiva, esta seria a cultura real. A cultura que se produziu na própria realidade, que não foi a proposta, a idealizada, mas a que resultou das respostas da experiência, dos saberes práticos, no caso desta pesquisa, o trabalho na perspectiva da Escola Nova, ele chama atenção que essa indicação metodológica não,

É uma ingênua profissão de fé no valor absoluto da prática, nem renuncia ao poder explicativo inerente a todo o conhecimento teórico. Tampouco intenta ser uma desconfiança em relação ao poder criativo de toda boa regra de governo concebida com vistas a uma educação racionalmente fundada. Deseja ser em contrapartida, expressão da necessidade de voltar o olhar nos estudos acerca da escola e da educação em geral, para o mundo real da empiria, isto é objetos, e os sujeitos que intervêm nos processos de formação, assim como para as ações que entre eles se estabelecem na vida escolar [...]. (ESCOLANO, 2017, p. 31).

Aprender com essas respostas é um exercício de colocar em evidência o discurso da experiência, que é uma fonte de saber para decifrar e constituir a História da Educação. A argumentação de Escolano (2017), sobre esse ponto, dialoga com Gadamer (2007)⁹ que argumenta sobre o papel do sujeito em relação com as coisas, a experiência com fonte de saber sobre o passado para superar as relações formais e o suposto objetivismo relacionados com o positivismo e o estruturalismo que deixaram de lado a experiência como fonte e se concentraram no método e nas relações formais.

⁹ Gadamer mostra-se interessado pelo ético e humano. Ele coloca que é na ruptura com o espírito instrumental, fortemente presente na modernidade, e na necessidade de elaboração de metodologias mais apropriadas aos diferentes objetos, mediante o autêntico diálogo, que está o centro da sua discussão sobre Verdade e Método. Ver Gadamer H. *Hermenêutica em retrospectiva: a virada hermenêutica*. Trad. de Marco Antônio Casanova. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.

Desta forma, segundo Escolano (2017), a experiência se apresenta como fonte da cultura escolar, pois não existem fatos sem uma cultura implícita subjacente a eles, portanto toda prática é interpretativa na perspectiva de que suscita a busca do sentido, do que fazemos, aqui se observa uma inspiração em Weber¹⁰, bem como De Certeau (2014), que destacou que a invenção do cotidiano tem suporte em ação demanda pela cultura, que por conseguinte faz emergir uma cultura específica.

Essa abordagem da História da Educação, chama atenção Escolano (2017), que se dispõe a desvelar os códigos que em geral não estão explícitos e que se relacionam com a empiria da escola, é também denominada de “gramática da escolarização”, por Tyack (1994)¹¹, “Caixa Preta” , por Depaepe (1993)¹² e também de “endoscopia”, por Cuesta (1997)¹³ outros foram pela via da denominação de cultura escolar , principalmente por Julia (2001), definida como um conjunto de normas que agregam conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.

No destaque de Escolano (2017), localizar ou mesmo propor uma forma de investigação que trabalhe com esse conjunto de práticas, ou seja, a cultura empírica se poderia apontar em que se constituíram as formas de ensinar e aprender, com se praticaram essas condutas. Neste ponto se aproxima da perspectiva de Bourdieu com seu senso prático, a lógica da experiência, o *habitus*

Não designa simplesmente um condicionamento, designa, simultaneamente, um princípio de ação. Eles são estruturas (disposições interiorizadas duráveis) e são estruturantes (geradores de práticas e representações). Possuem dinâmica autônoma, isto é, não supõem uma direção consciente nas duas transformações. (BOURDIEU, 1983, p.14-18).

O *habitus* faz emergir uma lógica, uma racionalidade prática, vai sendo adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação. É condicionante e é condicionador das nossas ações. *Habitus* constitui nossa

¹⁰ Ao estabelecer o método de interpretação da realidade social, Weber uniu compreensão e explicação, emergindo daí a decifração do sentido da ação. Para o autor, o campo de estudo da sociologia deve ser definido segundo as formas sociais e nunca por meio de conteúdo, o que o leva a realçar os indivíduos, comportamentos e ações. Ver WEBER, M. Economia e sociedade. Brasília: Pioneira, 2000, p.13-35.

¹¹ Ver TYACK, David; TOBIN, Willian. The "grammar" of schooling: why has it been so hard to change? American Educational Research Journal, v. 31, n. 3, p. 453-479, 1994.

¹² Ver DEPAEPE, Marc. Some statements about the nature of the history of education. In: SALIMOVA, Kadriya; JOHANNINGMEIER, Erwin. Why should we teach history of education? Moscovo: The Library of International Academy of Self-Improvement, 1993. p. 31-36.

¹³ Que entende como uma tradição social composta por ideias e princípios e por um conjunto de práticas profissionais que contribuem para fixar a História como disciplina escolar. Ver CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. Sociogenesis de una disciplina escolar: la Historia. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1997.

maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo e conforma a nossa forma de agir, corporal e materialmente. O que se percebe na arte de ensinar é que a cultura escolar é condicionada pela experiência. Tomar o impresso como fonte da arqueologia escolar, torna a *Escola* objeto de análise e fonte de informação da cultura escolar.

Considerar as revistas pedagógicas como fonte principal de investigação resulta de uma trajetória de evidenciar o potencial desse material para o fornecimento de indicações sobre a circulação do discurso educacional especializado. Esse pensamento, impulsionado em pesquisas desenvolvida em países como França, Bélgica, Alemanha e Portugal, destacaram que os periódicos possibilitam captar as multidimensionalidades do campo pedagógico, como funcionamento, práticas educativas, movimento dos professores e organização dos sistemas.

Na França, a produção de Caspard (1981) sobre a imprensa de ensino na França, denominada de *Répertoire analytique XVIIIe siècle-1940 - La pressed'éducation et d'enseignement* que foi um trabalho de sistematização de informações, chamou atenção de outros pesquisadores pela riqueza informações presentes nesse material.

O repertório compreende oito volumes, com quase cinco mil páginas, catalogando 3.741 periódicos por ordem alfabética. O primeiro conjunto de quatro volumes, sob a direção de Pierre Caspard e a colaboração de Penélope Caspard-Karydis, André Chambon, Geneviève Fraisse, Denise Poindron, publicado no período de 1981 a 1991, analisa e indexa quase 2.500 revistas, editadas de 1768 (ano de edição do *Journal d'Éducation*) até 1940. O segundo conjunto de quatro volumes, dirigido por Penélope Caspard-Karydis, publicado entre 2000 e 2005, recenseia mais de 1.200 títulos, que tratam de educação, ensino e formação, no sentido amplo dos termos, editados entre 1941 e 1990.

É um significativo instrumento de trabalho, pela diversidade de informações que contém e as inúmeras pistas de reflexão, tanto aos historiadores como aos sociólogos e todos aqueles que se interessam pela educação e seu passado. Também inspirou em outros países a realização de repertórios similares.

Em Casparad (1981), se destaca a opção pela expressão “imprensa de educação e ensino”, defende que essa denominação agrega um conjunto de revistas destinadas aos professores, educação familiar, às crianças e aos jovens. O termo imprensa pedagógica poderia ser circunscrito à pedagogia ou às teorias pedagógicas e, portanto, se refeririam somente a uma parte do conteúdo das revistas.

Então, a imprensa de educação e ensino possibilita conhecer em maior profundidade o espaço existente entre a norma imposta por poderes centrais, a exemplo de ministérios. As revistas permitem melhor desvelar como se travam essa relação entre a instituição escolar e as

diretrizes. Casparad (1981) enfatiza o potencial das revistas para os pesquisadores, pois sua utilização permite escrever a história da educação de outra forma, observando as iniciativas locais, institucionais, ideológicas e socioprofissionais.

Outro destaque importante de considerar sobre as revistas como fonte e objeto de estudo foi elaborado em Portugal sob a coordenação de Antonio Nóvoa (1993), em *A Imprensa de Educação e Ensino – Repertório analítico*, ele discorre inspirado pela influência do repertório francês e belga, sobre a pesquisa em Portugal considerando respectivamente o modelo de análise, a forma de apresentação e a síntese e a contextualização histórica de cada objeto.

Outra similaridade a destacar, é como Caspard (1981) usa a nomenclatura imprensa de educação e ensino, o que resulta na ampliação do campo de análise incluindo os títulos de educação não formal, educação de adultos, familiar, mulher movimentos de juventude, educação física e desportos da higiene e saúde escolar e da assistência e proteção de menores (NÓVOA, 1993).

Segundo Nóvoa (1993), com essa diversidade de títulos a considerar como imprensa de educação e ensino resulta também o reconhecimento que ela é um privilegiado meio de desvelar a multidimensionalidade do campo educativo, como também uma forma de captar as nuances entre teoria e prática por conta de um discurso que se estabelece para muitos sujeitos, professores, alunos, pais, instituições etc.

Outro aspecto de destaque é a capacidade de os periódicos serem um espaço de debates e conflitos, pois o que é publicado sempre é alvo de julgamento e embates com públicos com os pares de que escreve, o que possibilita uma gama de análise sobre aspectos do processo educativo. Para Nóvoa (1993), a principal marca dos impressos como fonte, é ser possível:

- a) Captar vozes ausentes em outros documentos, usualmente encontrados em instituições escolares. b) ser um espaço em que acontecimentos locais e nacionais são captados, transformados e produzidos por reflexões, modelações e reinterpretações e ao mesmo tempo ‘publicizados’ em diferentes círculos sociais; c) constitui-se em instrumento de formação, afirmação e regulação coletiva. (NÓVOA, 1993, p 13).

Analisar a revista, como fonte e objeto deste estudo, implica em exercitar um olhar abrangente envolvendo a cultura empírica, a cultura acadêmica e a cultura política manifesta nas publicações da revista. Em suas interseções é que se abre uma janela para captar as vozes ausentes, tal qual uma etnografia, pois ao se revisitar os textos, fotos, imagens, documentos presentes nas edições da revista torna possível fazer falar processos formais e informais que

estão presentes em sua dinâmica e representam uma gramática escolar particular, no que destaca Escolano (2017) ao afirmar que,

[...] a cultura acadêmica se refere a um conjunto de práticas que se podem observar através de documentos e testemunhos, âmbito da experiência e se constituiu do conjunto de ações que os docentes criaram ou adaptaram para regular a aprendizagem. A cultura acadêmica é o produto da reflexão discursiva sobre o universo escolar e objetiva-se nos textos científicos produzidos pela comunidade intelectual, pela ação da investigação no universo escolar. A cultura política está ligada às práticas geradas nas burocracias administrativas, materializa-se nas ações promovidas pelos planificadores e gestores da educação que criam os processos formativos, os currículos, os indicadores de controlo e de avaliação. Este convite a uma concepção holística e global faz-se com recurso a uma abordagem hermenêutica, sem esquecer que a presença e o cruzamento entre a cultura empírica, a cultura política e a cultura acadêmica são a chave para mergulhar na black box da escola e compreender o ethos desta cultura escolar, que trago para esta investigação. (ESCOLANO, 2017, p. 122).

Nessa pesquisa, buscando analisar, interpretar as representações sobre Escola Nova presentes na imprensa educacional de Belém, a exemplo da *Escola*, investiguei o contexto histórico temporal para entrecruzar o processo social e cultural de sua produção, que protagonizou durante sua temporalidade de circulação entre os professores, diretores, atores do processo educativo na perspectiva de não naturalizar as fontes e compreender esse lugar onde os indivíduos interiorizam as estruturas do mundo social.

1.3 A construção do corpus e o percurso metodológico

Para empreender a análise do *corpus* desta pesquisa, trilhamos o caminho do aporte teórico metodológico relativo à História Cultural. O contexto da consolidação desse caminho teórico não pode ser concebido sem considerar Burke (2008) e sua obra “O que é História Cultural” dedica-se às diferenças, debates e conflitos das tradições compartilhadas em culturas inteiras, obra que discute os desdobramentos da História Cultural, assim emerge no contexto da História que valoriza as dimensões da cultura. Partindo da assertiva de ser impossível separar História e Cultura, tem-se construído uma trajetória de análise e mapeamento das práticas culturais e suas apropriações nas mais diversas sociedades.

Para Burke (2008) História Cultural é um paradigma de pesquisa e sua escalada é conhecida como teoria cultural. A teoria cultural tem seu reforço em teóricos como: Jurgen Habermas, Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault, Pierre Bourdieu. Vejamos as variedades da História Cultural: 1) de Mikhail Bakhtin – relativo às muitas vozes de um texto polifonia. 2) de Norbert Elias os conceitos de processo civilizador, embora criticado, foi usado nas pesquisas dos historiadores. 3) de Michel Foucault conceitos dos contrários:

progresso e evolução, pensou as descontinuidades culturais e rupturas e a ideia de invenção da cultura, de redes de ideias e pensamentos de dado período, bem como as práticas no nível microfísica do poder. 4) de Pierre Bourdieu - ideia de reprodução cultural teoria da prática, de habitus que é diferente de regras, emprego de bens, produção e capital ligado à cultura e a teoria da estratégia de distinção cultural para afirmar a identidade social. (p.70-72)

Outros paradigmas da História Cultural: a) estudo das Práticas - a exemplo das práticas religiosas diferentes da teologia; da fala diferente da linguística; do experimento diferente da teoria e graças a isto profissionalizou-se muitos temas como: esportes, maneiras a mesa, consumo, fala, viagem, leitura etc. (p.78); b) estudos das Representações - a construção do imaginário social, reflexo das estruturas sociais e a criação das ideias e das representações da natureza, da nação, do outro sobre a mesma realidade (p. 84); c) A História da memória - outra forma de História Cultural e a história da memória a reação aceleração das transformações sociais que ameaçam a identidade, embora saiba-se que as memórias serão sempre destorcidas e contaminadas pela cultura, por grupos diferentes, por momentos diferentes (p.88); d) o estudo da cultura material - os estudos dos objetos para percepção de mudanças e relações sócio-culturais com os temas sobre: alimentos, vestuários, habitação, como formas de identificação cultural, posição social e representação dos grupos em dado tempo e de como são a casa, a gastronomia, a cidade, os prédios e suas funções, são temas que cada vez mais do interesse dos historiadores (p. 90); e) Outro domínio é a história do corpo - identificação dos elementos culturais nos aspectos físicos como a carga simbólica dos gestos, higiene, etc., tidos como insignificantes, mas suas diferenças tem seus significados sim e aqui, aliado a história de gênero e a história do corpo, mantém o interesse para superação da dicotomia mente e corpo (p. 94).

A obra de Lynn Hunt (1992) A História Cultural, um dos marcos que aborda as origens e possui exemplo de casos, um dos intentos é a de mostrar como o avanço dos estudos na história da cultura acabou induzindo os historiadores a penetrarem em outros campos do conhecimento humano, como a linguística e a antropologia. Seus esforços foram muito mais de colocar o historiador diante de novas abordagens e questões propostas pela história da cultura, não existem verdades estabelecidas e nem métodos a serem rigidamente seguidos, pois a investigação histórica é um ato contínuo de "ver" e de criação de textos, ou seja, de da forma aos temas.

No Brasil, a partir dos anos 90, a História Cultural se estabelece essencialmente por Pesavento (2007), que discute o campo da História Cultural, não como algo fechado e rígido em seus preceitos, mas sim na perspectiva de manter a ciência histórica no campo de

transformações epistemológicas e metodológicas que se colocam partir de novos olhares e formas de pensar o mundo e os homens, conseqüentemente, reconfiguram o trabalho do historiador. Ela coloca foco no advento da História Cultural e seus desdobramentos, as mudanças epistemológicas, teóricas e metodológicas, ou seja, a entrada em cena de um novo olhar, dentro de um quadro teórico equacionado por historiadores renomados (nacionais, franceses, italianos e americanos, principalmente) e percursores do referido Campo.

Destaca-se também a rediscussão do conceito de representação, que se tornou central e reorientou a postura epistemológica do historiador. Reapresentar alguma coisa, que se coloca no lugar do referente, introduz, assim, a noção de simbólico e do sentido, dentro da História. O segundo conceito é o de imaginário que, segundo a autora, trata-se de um conjunto ou um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, constroem para si, atribuindo sentido ao mundo. A terceira concepção é a da narrativa histórica, narrativa do historiador que a monta baseada na investigação, no método, nos indícios e nas fontes. Esse pressuposto, segundo Pesavento (2007), traz à tona um quarto elemento conceitual, que é o de ficção. Tal aspecto, se por um lado reaproxima a História da Literatura, por outro a afasta, porque é uma ficção controlada pelos indícios, pelas fontes e métodos, pois é ciência. A quinta noção associada aos novos pressupostos epistemológicos da História Cultural é o de sensibilidade, implicando na percepção e tradução sensível da experiência humana no mundo, através de práticas sociais, discursos, imagens e materialidades, tais como espaços e objetos construídos.

Pesavento (2007) entende que a história não se move fora da experiência, das subjetividades, da imaginação, das emoções, das ideias, dos desejos, dos temores, posto que a relação dos homens com o mundo está para além do conhecimento científico. Assim a esta tendência surgida a partir da Escola dos Annales¹⁴ na França conseguiu romper com algumas perspectivas conservadoras no sentido de trazer para a História novas dimensões de vivências dos atores sociais. A sua contribuição mais decisiva foi a ampliação da noção de fonte documental, pois considera novas fontes, contemplando uma diversidade de objetos a serem estudados.

Considerando a História Cultural e seus referenciais, os desdobramentos dessa pesquisa trilham o caminho da aproximação entre as práticas e as representações. Estas

¹⁴ Este nome, “Escola dos Annales”, ficou conhecido porque tal grupo se organizou em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais de história econômica e social), no qual eram publicados seus principais trabalhos. Os dois principais nomes da fundação desse periódico eram Lucien Febvre e Marc Bloch, e seus principais objetivos consistiam no combate ao positivismo histórico e no desenvolvimento de um tipo de História que levasse em consideração o acréscimo de novas fontes à pesquisa histórica e realizasse um novo tipo de abordagem. Ver Barros (2012).

surtem potencialmente no âmbito da História destacando que as práticas são produzidas pelas representações não linearmente, mas quase sempre contrárias e em confronto e concedem sentido a indivíduos e grupos.

Nessa perspectiva as representações conseguem fazer ver o sentido dos discursos postos, pois os discursos históricos sempre concedem sentido aos seus enunciados, assim é no âmbito cultural que as representações aparecem com maior evidência. É por esse ângulo que ensejamos as bases teóricas metodológicas para a análise da revista *Escola*, lê as práticas culturais postas nas publicações que trazem à tona representações sobre ser professor, sobre ensinar na ótica da Escola Nova para as escolas em Belém.

A metáfora “o mundo como representação” nos traz a tona perceber que atrás do discurso histórico existe uma representação que expressa sentidos que estão relacionados com a realidade, mas não são um retrato fidedigno da realidade são formas que apresentam relação com essa realidade, portanto o estudo dessas representações se colocam como uma representação da realidade, assim é preciso ter indícios (documentos) para elaborar uma visão da realidade, entendendo que não podemos resgatar a totalidade do que aconteceu.

Desta forma, representação, circulação e apropriação sobre os saberes referentes ao movimento Escola Nova tendo a *Escola* como suporte, são os eixos norteadores dessa investigação que se envolvem diretamente com as nossas fontes, e especialmente com a revista e os pressupostos metodológicos. Assim destacamos que o conteúdo dado a ler a professores, diretores e técnicos das escolas são interpretativos na perspectiva de Chartier (1990). Essas leituras configuram e caracterizam a educação escolarizada que foi posta em circulação a partir de um conjunto de estratégias sobre a qual a *Escola* se apresentava. Assim para análise de representação suscitamos os pressupostos interpretativos de (CHARTIER, 1990, p. 17).

[...] são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forja. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas sociais, escolares, políticas que tendem a impor uma autoridade á custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre representação supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.

Com a ajuda do conceito de representação de Chartier (1990), pretendemos verificar como a *Escola* compreendeu alguns princípios escolanovistas ao refletir em suas publicações novos pensamentos e conceitos organizados dentro das complexas relações no campo educacional brasileiro.

Para tal, partiremos da análise da revista em consonância com o documento/monumento o *Jornal estado do Pará* e os documentos oficiais da administração pública na perspectiva de que o entrelaçamento de fontes auxilie na compreensão acerca do lugar ocupado pela revista no movimento da escola em Belém sobre as suas representações dos postulados da Escola Nova.

Para a análise das fontes será movimentado o conceito de representação de Roger Chartier. Segundo o referido autor, [...] não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação. Ou seja, qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (CHARTIER, 1990, p. 16).

É interessante, pois, compreender as representações da *Escola* sobre a posição do Movimento da Escola Nova brasileiro e paraense dentro do campo educacional, em particular, e as suas representações sobre alguns de seus conceitos, tal como a valorização do aluno como um agente ativo no processo educativo. Assim, o conceito de representação é entendido como uma “prática em que seus agentes se posicionam (sejam eles indivíduos, grupos ou classes) e que “representa” seu objeto a partir das posições dos agentes nela efetuadas”. (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 58).

Analisar as representações da *Escola* sobre Escola Nova em suas teses e artigos “é encarar o desafio de realizar uma crítica documental que extraia das representações os vestígios, constituídos em representações de um objeto” (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 59). No entanto, é preciso estar atento a tal representação, como expõe Chartier (1990), pois ela, segundo definições antigas, pode gerar uma dupla compreensão: 1) presentificação do ausente, substituindo-lhe por algo habilitado a restituí-lo em memória, supondo uma clara diferença entre o que representa e o que é representado; e 2) exibição de presença, manifestação pública de coisa ou pessoa.

A análise das conformações escritas e postas nas publicações da revista faz referência ao conceito de representação à medida que se examina as representações postas em circulação nos dispositivos da revista, são esses aspectos que conferem sentido ao mundo social

[...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social, como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real, variáveis consoantes as classes sociais ou meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais

incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligíveis e os espaços são decifrados (CHARTIER, 1990. p. 18).

Desta forma, considerando essa compreensão acerca das representações partimos a identificar e interpretar, sob a luz do contexto histórico um conjunto de mecanismos que eram passíveis de evocar representações sobre saberes e práticas educacionais escolarizadas presentes na *Escola*, assim realizamos leitura da configuração de publicações da revista, o que nos permitiu conhecer e categorizar as representações com as quais avançamos nossa investigação. Considerando os três eixos indissociáveis: o primeiro se constitui pela em sua materialidade, quanto a sua forma, frequência, dispositivo e estrutura. O segundo se fere a história das práticas nas suas diferenças em que os sujeitos usam os objetos nas mais variáveis maneiras no cotidiano. O terceiro apresenta a história das configurações dos dispositivos nas suas variações históricas, eles se inter cruzam considerando as formações sociais, as estruturas psíquicas e as armaduras conceituais. (NUNES; CARVALHO, 2005).

Há na revista uma diversidade de tipos de representações que estão presentes nos textos publicados na revista dos quais destacamos a saber: as palestras pedagógicas, a socialização de aula pedagógica, capítulos de livros, notas da revista, cartas de agradecimento e de políticos, relatórios de congressos, biografia de educadores, fotografias e ilustrações.

Essa diversidade de produção fez com que fizemos uma categorização dos assuntos presentes nessas publicações, no sentido de definir o que continha as representações sobre Escola Nova, as formas de circulação e as possíveis apropriações que foram realizadas considerando a leituras pelos professores, diretores e técnicos das escolas.

Para investigar a revista sobre a perspectiva dos dispositivos de circulação e apropriação atentamos ao estudo de Carvalho (2004) sobre o trato com o material da circulação dos impressos e suas apropriações. Os impressos devem ser analisados partindo do princípio de que concediam visibilidade a um conjunto de dispositivos. Esses dispositivos são organizados segundo carvalho como sendo [...] maquinaria de institucionalizações de ensino (CARVALHO, 2004, p. 53).

Nessa empreitada de constituir o corpus da pesquisa e analisar a “maquinaria da revista” ampliamos o espaço temporal da pesquisa para além dos dois anos da publicação da revista, no sentido de coletar informações sobre o contexto histórico da Escola Nova em Belém para identificar indícios que possibilite em parte, o exercício de responder o que as pessoas fazem com os modelos que lhe são impostos [...] (NUNES, CARVALHO, 1993, p. 52).

Ao analisar a representação da Escola Nova posta na *Escola*, representação como prática cultural longe do sentido de ideia, mas considerando a rede de relações entre a revista

e a forma de representação; entre Escola Nova suas representações e os textos, fotografias publicadas considerados como dispositivos de representação; relação entre a situação de produção, o contexto e a situação de apropriação Nunes, Carvalho (1993). Como a história não acontece linearmente, não podemos desconsiderar as resistências presentes no modelo de Escola Nova presente na revista, ou sobre táticas de apropriação e estratégias de imposição, entendendo tática na perspectiva de De Certeau (2014) é a arte do fraco, o movimento no interior do campo inimigo e estratégia é a manipulação de quem tem a força o poder, para tanto foi necessário buscar outras fontes além da revista.

1.3.1 Das fontes

O levantamento de fontes para subsidiar a pesquisa sobre a *Escola* ocorreu no acervo do Arquivo Público do Pará, na Biblioteca Pública Artur Vianna, além desses espaços, buscaram-se informações e documentos disponíveis em banco de dados da internet; Banco de Teses da CAPES e Periódicos de História da Educação. Desta forma a possibilidade de entrecruzamento das fontes se encaminhou a partir desse processo de busca, coleta e seleção dos documentos para compor o corpus desta pesquisa, este ficou definido:

a) *Escola* – a revista do professorado do Pará

O primeiro passo para constituir o corpus de análise foi a busca dos volumes da revista. A investigação revelou a existência de quatro volumes da revista *Escola*. Três volumes foram encontrados no setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado do Pará Arthur Vianna. Como estão digitalizados, eles podem ser acessados no site da referida biblioteca¹⁵. Esses volumes também podem ser acessados na página *online* do Repositório Virtual da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina¹⁶, sendo possível, neste local, baixar o arquivo destes volumes. No Repositório, estão disponíveis os arquivos de vários impressos pedagógicos publicados no Pará que integram o nosso levantamento inicial. Essa localização favoreceu a coleta da fonte de pesquisa e permitiu avançar na interlocução com o conteúdo da *Escola*. Porém faltava acesso aos números um e dois que não localizei em Belém, apenas após contato com o Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias¹⁷ que pesquisou sobre Dalcídio Jurandir e a Educação através de quem consegui acesso ao número 2 da revista, cujo

¹⁵ Disponível em <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/publicacao/escola-revista-do-professorado-do-para/>. Acesso em 9/04/2019.

¹⁶ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134336> Acesso em 10 /04/2019

¹⁷ FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. Dalcídio Jurandir e a educação: de letrado provinciano a intelectualidade nacional. São Paulo: s.sn. 2017.175 f. Tese (Doutorado Programa de Pós-graduação em Educação) - Universidade de São Paulo, 2018.

exemplar se encontra na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Quanto ao número 1 não foi localizado, na pesquisa, mas temos a evidência no Jornal O Estado do Pará de 01/04/1934. p.2 o registro do lançamento do primeiro número da revista Escola, mas a despeito dos esforços empenhados não foi possível localizar o exemplar. Com os quatro volumes coletados, a pesquisa seguiu com a identificação das seções e do conteúdo dos artigos, das aulas e textos literários escritos por intelectuais, professores, professoras, normalistas e representantes da Diretoria Geral da Educação e Ensino Público. No levantamento inicial sobre os textos publicados na revista, identifiquei pelos títulos, um conjunto de texto cuja temática se relacionava com o movimento da Escola Nova, que são originários de palestras e discursos. Matéria que foi selecionado para análise desta pesquisa.

b) Documentos da administração pública

Mensagem do Governador Eurico Valle ao Legislativo de 1930¹⁸, onde foi possível obter dados sobre a educação paraense, relativo ao quantitativo de escolas e quantidade de matrículas, embora referente a 1929, também foi possível identificar a fala do governador sobre a educação inovadora, Nova Escola em seu relato em visita a Escola Floriano Peixoto, assim como sua intenção em melhorar a infraestrutura das escolas do estado do Pará. No Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo Intendente Municipal Senador Antonio de Almeida Faciola¹⁹ foi identificada informação sobre o quantitativo de matrículas. No Álbum de Fotografias do Pará- Administração de Jose Carneiro de Gama Malcher de 1935 a 1939, Álbum do Pará, 1939, embora sejam de período fora da delimitação da pesquisa também localizamos informação sobre matrícula e organização do ensino.

c) Jornal

Aos nos depararmos com dificuldade de se encontrar documentos relativos à Educação em Belém na década de 30 que apresentasse informações sobre a Escola Nova, fomos em busca dos jornais da época então localizamos dois jornais relativos a este período O Estado do Pará e a Folha do Norte²⁰, encontram-se na seção de microfilmados, mas no período da pesquisa somente o Jornal O Estado do Pará estava disponível para consulta, ainda sim, com várias páginas em falta desta forma iniciamos a pesquisa das edições do Jornal O Estado do Pará, nos jornais foi possível reunir um expressivo quantitativo de informações sobre a Nova Escola Normal através dos artigos publicados. No Jornal O Estado do Pará encontramos um número significativo de ocorrências de notícias sobre a situação política que desencadeou a

¹⁸ Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/pará> . Acesso em 10 maio de 2020.

¹⁹ Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/> Acesso em 10 junho de 2020.

²⁰ Situado à Av. Gentil Bittencourt, 650 - Nazaré, Belém/PA.

evolução de 1930, os registros praticamente eram transcrições de matérias publicadas nos jornais de grande circulação no Rio de Janeiro, mas encontramos registro sobre confrontos entre os apoiadores e opositores da Revolução no estado Pará, e também sobre educação, foi possível realizar pesquisa nos anos de 1930, 1931, 1932, ocorrências encontradas, ver Quadro 1.²¹

Quadro 1 - Ocorrências de matérias sobre a temática da pesquisa

Ano	Ocorrências	Educação e Escola Nova	Contexto histórico da Revolução de 30
1930	72	10	62
1931	25	5	20
1932	10	2	8

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Jornal O Estado do Pará, dezembro de 2020.

Desta forma a possibilidade de entrecruzamento das fontes se constrói, a partir desse processo de busca, coleta e seleção dos documentos para compor o corpus desta pesquisa, este ficou definido, conforme a Figura 1 e 2. A *Escola* pelo jornal “o Estado do Pará”; Mensagem do Governador ao Legislativo de 1930, Relatório apresentado ao Conselho pelo Intendente Senador Antônio de Almeida Faciola em 1930, Álbum de Fotografias do Pará- Administração de Jose Carneiro de Gama Malcher de 1935 a 1939, Álbum do Pará, 1939.

d) Livro A 2ª República

O livro A Educação e a 2ª República no Pará não está mais em circulação e foi gentilmente cedido pelo autor Prof. Dr Alberto Damasceno, onde foi possível encontrar informações sobre os jornais relativos aos anos de 1932 a 1934 que não foi possível concluir.

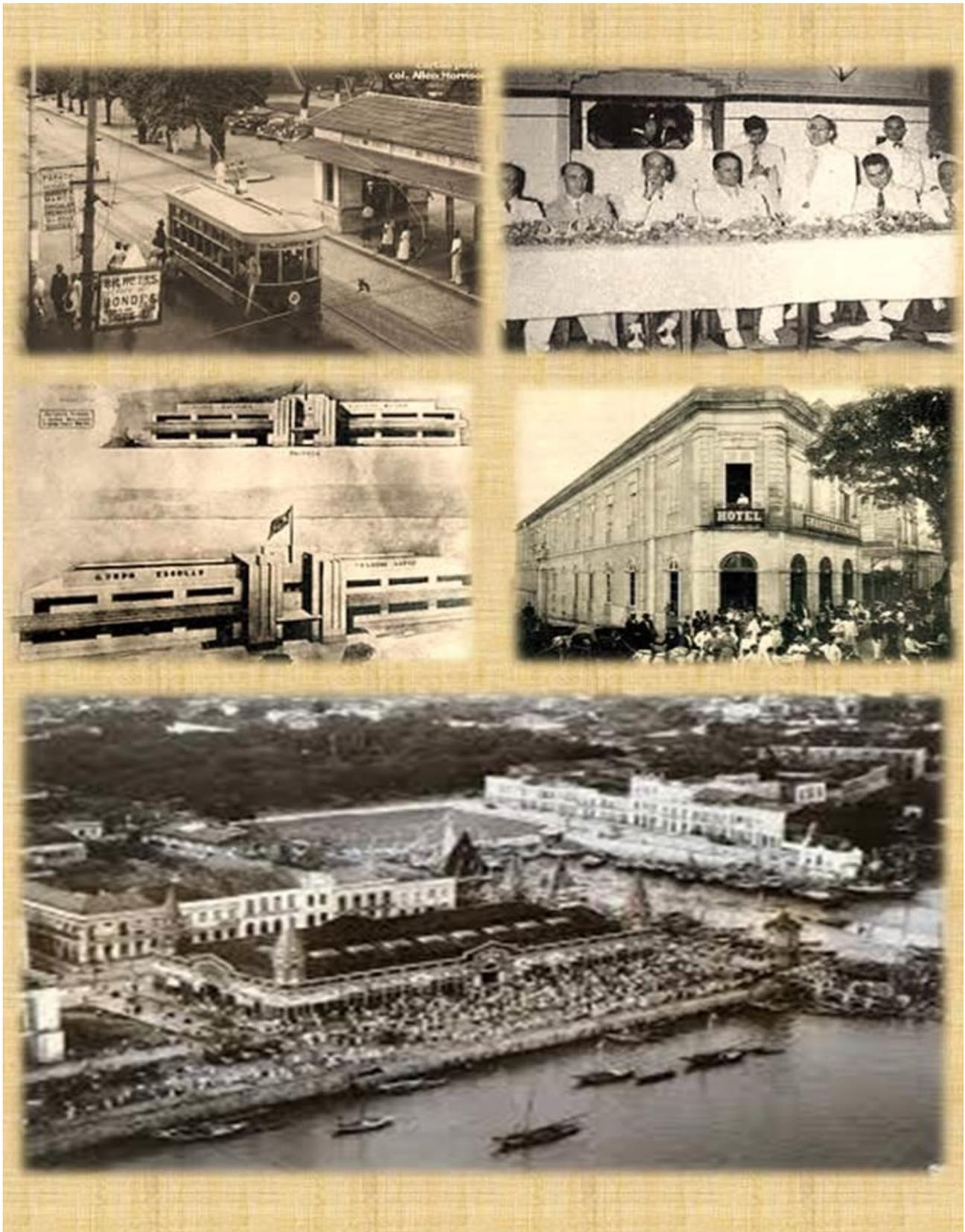
Gráfico 1 - Fontes documentais do *corpus* da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

²¹ Em virtude do contexto de Pandemia não foi possível concluir o ano de 1932 e investigar os anos de 1933, 1934, 1935 restante do período da pesquisa, bem como não consegui pesquisar os anos referentes a circulação da revista.

2 O CENÁRIO: A Escola Nova



2.1 O cenário: contexto da Revolução de 30

A escola moderna, sob a luz das novas orientações pedagógicas deve constituir para creança, promissor e sugestivo centro de atracção. [...] A escola- prisão, escola supplicio, onde o professor de outr'ora, de férula em punho era o terror das almas infantis, essa é hoje uma triste tradição dos primitivos methodos de ensino [...]. (REVISTA ESCOLA, n° 3, v.1, ago. 1934, p. 44).

O fragmento acima é parte integrante do texto da Professora Corina Lassance Cunha, publicado na *Escola* - a revista do professorado do Pará, intitulado “A Escola Nova e sua finalidade”. No texto, é possível perceber características que desenham um conceito de Escola, de Professor e de Criança que caracterizam o ideário de educação no contexto histórico das primeiras décadas do século XX. Grita no pequeno trecho a necessidade de se tomar caminho oposto ao que era considerado “tradicional” para se diferenciar – das práticas pedagógicas anteriores, ditas como tradicionais, primitivas. Então, o novo era chamado, cultuado e urgente, devia surgir de um contexto educacional que fosse atrativo para a criança.

No excerto inicial, é possível perceber que o perfil de professor, em movimento, o preconiza como principal agente de transformação no ambiente escolar, imputando a ele nova postura longe do comportamento de “outr'ora, de férula em punho era o terror das almas infantis”. No texto, foi colocada em destaque sua capacidade de atrair os alunos, transformando o ambiente escolar em um centro de interesse²² para as crianças. Sendo a escola um local onde as crianças se sentissem atraídas a permanecer e estudar.

Assim, se pode perceber um contexto em que o tema da infância tem voz ativa e seu comportamento se revela importante para o processo educativo. É, portanto, a criança, o centro das atenções e cabe ao professor o desenvolvimento de práticas educativas no sentido de que o ensino navegue por rios da moderna pedagogia, fato que supomos ser o objetivo da Revista para o contexto das escolas de Belém, Pará.

Sendo assim, neste tópico discorreremos sobre o contexto da Revolução de 30, no sentido compreender o objeto na sua historicidade conforme (1990), e para tanto buscou-se o suporte de Basbaum (1976), Brito (2001), Roque (2001), Marcilio (2014), Nunes (1997), o Jornal O Estado do Pará nos anos de 1930 e 1931, na perspectiva de compor um desenho do momento histórico sobre o qual o embate entre o tradicional e o moderno se intensifica na sociedade brasileira e paraense.

Esse ideário pressupõe mudanças significativas no processo educativo. Ele tem bases sócio-históricas que se desenham na configuração da década de 30, que movimentou o

²² Conceito relativo à produção teórica de John Dewey que abordaremos mais à frente.

panorama econômico, político e social do país, engendrando novas ideias e indicando grandes reformas administrativas que resultariam na reordenação do ensino em âmbito nacional. Esse movimento indica que um grande processo de planejamento estatal estava em curso. Planejamento esse que resultaria na construção de um sistema nacional de ensino,

O setor educacional experimentou sensíveis modificações tendentes à construção de um sistema nacional de ensino. No plano mundial, as consequências da crise econômica de 1929 promoveram no país novas adaptações; iniciavam-se intervenções em todos os campos, e particularmente no educacional. Inaugurava-se a fase de planejamento estatal. (MARCILIO, 2014, p. 142).

Destarte a essa perspectiva, na visão de Marcilio (2014) e Basbaum (1976), o que havia, no entanto, era a ausência de um programa integrado e a presença de uma grande confusão marcada por uma imensa agitação ideológica. Nesse contexto percebem-se muitos conflitos, que se seguiram após deposição do Presidente Washington Luís, havia uma grande expectativa e um enorme sentimento de vitória, um grande entusiasmo na perspectiva de um Brasil-novo, como se tudo já houvesse sido resolvido, pois a revolução seria o canal automático de todas as mudanças.

Os líderes eram tratados como “heróis do dia eram festejados como salvadores, ovacionados nas ruas em centenas de comícios improvisados em que improvisados oradores davam largas aos seus instintos oratórios nas ruas em centenas de comícios” (BASBAUM, 1976, p. 13). Enquanto isso, os “carcomidos”²³ procuravam as sombras no sentido de fugir das ameaças, insultos e agressões por parte dos mais exaltados.

Nessa época, os jornais que se posicionaram do lado dos vencidos sofreram represálias, chegando a serem depredados e incendiados. No caso de Belém, os jornais Folha do Norte e Imperial fiéis à política de Washington Luís foram fechados, segundo o relato de Rocque (2001).

Concomitante a essa agitação, foi deflagrada a corrida aos cargos e posições de destaque do novo governo, sobretudo, pelos que se consideravam “donos da Revolução”. Um exemplo foi Mauricio Lacerda que se empossou de Diretor Geral dos Correios, mas dois dias depois foi deposto e preso como suspeito de conspiração ao governo revolucionário. Embora os ideais fossem de mudança, por hora, essas passagens ilustram um momento de grande confusão, segundo Basbaum (1976).

²³ Vide Nunes (1997, p.50) e Basbaum (1976, p.13), como eram denominados os políticos e defensores da República Velha.

Nesse interim, Getúlio Vargas²⁴, em 3 de novembro de 1930, desembarca no Rio de Janeiro e apoiado pelas forças revolucionárias, chefiadas por Góis Monteiro, toma posse, assumindo o governo da república e declarando que o faz provisoriamente em nome da Revolução, e que representa o Exército, a Marinha e o Povo.

Segundo Roque (2001), no Pará, o movimento revolucionário ocorreu para fazer jus aos compromissos antes assumidos com os companheiros políticos do Rio Grande do Sul e do Nordeste, pois os partidários da Revolução não tinham como tomar o governo, diante do governo bem avaliado de Eurico Valle, mas um acidente que resultou na morte de Castilho França, precipitou uma situação para que os revolucionários lograssem êxito, sem isso dificilmente teriam tomado o poder.

No dia 24 de outubro de 1930, Eduardo Chermont, Guilherme Chermont, Clementino Lisboa e Jose Malcher²⁵ foram ao Palácio do governo para pressionar o governador Eurico Vale que não resistiu e estava pronto para passar o governo, pois um telegrama do Maranhão o informou da deposição do Presidente Washington Luís. O então governador e seus auxiliares mais próximos já estavam de prontidão no Palácio, após ter discursado, assumiu a junta composta por Ismaelino de Castro, Álvaro do Cabo e Abel Chermont, parlamentares paraenses, seguindo os passos do Rio de Janeiro que dissolveu o Congresso Nacional, medida semelhante foi tomada em relação ao Congresso paraense, segundo Rocque (2001).

Em seguida, chegou ao Pará Landry Salles²⁶, Comandante da Brigada revolucionária, e assumiu o governo Militar do Pará. Dois dias depois, uma nova junta assumia o poder Ismaelino Castro, Mario Chermont e Rogério Coimbra. Rocque (2001) relata um fato curioso que reflete as contradições da “Revolução”, quando o coronel Landry pergunta a Abel Chermont “por que a junta não agia contra os inimigos da Revolução, resposta do interpelado: - metade da população de Belém é parente da outra metade. Se ordenássemos fuzilamentos dos inimigos políticos seríamos obrigados a ir ao enterro e todos de luto” (ROCQUE, 2001, p. 157).

Rocque (2001) destacou ainda que o governo de Eurico Vale era de primeira linha e que ele contava com o reconhecimento no estado, pois sua atuação se constituía em obstáculo para os propósitos dos revolucionários. O contexto local era favorável a mudanças no plano

²⁴ Denomina-se de Era de Vargas o período histórico de quinze anos, marcado pela liderança política de Getúlio Dorneles Vargas. Esse período pode ser dividido em três fases distintas: governo revolucionário (1930 a 1934), governo constitucional (1934 a 1937) e governo ditatorial (1937 a 1945).

²⁵ Políticos paraenses.

²⁶ Coronel Landry Salles Gonçalves, comandante das Forças Revolucionárias do Norte e governador militar do Estado do Pará em 1930.

federal, mas não no estado. O então governador gozava de respeito e simpatia, sendo assim, o seu comportamento conciliador contribuiu para que não houvesse derramamento de sangue.

Figura 3 – Notícia de jornal – ‘A prisão de Eurico Valle’



Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 01/01/1933, p. 2.

No plano federal como medida inicial, Getúlio Vargas instituiu um Tribunal Especial para julgar os atos criminosos do governo deposto. À frente dessa tarefa estavam Osvaldo Aranha, Leite de Castro e Francisco Campos. Apesar de prisões e interdições de bens, como ilustra a notícia do jornal *O Estado do Pará* vide Figura 3, que reporta a prisão do ex-governador do Pará Eurico Valle como suspeito de atividades ilícitas, nada foi encontrado que pudesse incriminá-lo, então, ele foi solto em seguida.

Com a intenção de organizar o governo revolucionário, o Presidente Getúlio Vargas compõe o seu Ministério, no sentido de plantar um pouco de ordem na confusão, manteve os ministros da Guerra, do Exército e da Marinha, nomeou Osvaldo Arranha para Justiça, José

Américo para Vição, Assis Brasil na Agricultura, José Maria Whitaker na Fazenda e Juarez Távora pela sua notoriedade e liderança no norte do país.

Figura 4 – Notícia de Jornal – ‘O capitão Juarez Távora fala à imprensa, reafirmando o seu ponto de vista sobre a Revolução e os novos horizontes que ella rasgou para o Brasil’



Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 07/01/1931.

A Figura 4, matéria publicada em jornal *O Estado do Pará*, faz alusão à fala de Juarez Távora²⁷ que valoriza as vantagens da revolução para o país, no sentido de abrir os horizontes para grandes transformações e retrata a sua popularidade e liderança no Pará, como controlador da política do Norte (do Espírito Santo para cima). O capitão ficou conhecido como o Vice-Rei do Norte. A chegada de Juarez Távora no Pará foi apoteótica, como descreve Rocque (2001) ele era o grande articulista e líder político.

Em continuidade para atender aos mineiros e gaúchos, Vargas nomeou também Francisco Campos na Educação e Lindolfo Collor, no Trabalho da Indústria e Comércio. Isso

²⁷ Juarez Távora (1898-1975) teve intensa atividade política e militar por quase meio século. Sua atuação se iniciou com as revoltas tenentistas da década de 1920 e se estendeu até 1967. Um elemento determinante para entender sua trajetória é compreender a expressão pela qual ele é mais conhecido: Vice-Rei do Norte, foi um dos mais ferrenhos opositores da Primeira República, militando nas fileiras do tenentismo, e, após a derrubada de Washington Luís, um dos mais prestigiosos e destacados líderes do início da chamada Era Vargas. Foi nesse momento que Juarez Távora passou a ser chamado de Vice-Rei do Norte. Ver ROCQUE, 2001, p. 163.

foi possível por conta da lei que concedeu ao Presidente plenos poderes sobre o executivo e o legislativo. Em 1931, criou o Ministério da Educação e Saúde, continuando o que meses antes já era o Conselho Nacional da Educação, Francisco Campos colocou em prática uma série de reformas que organizou o ensino superior, secundário e comercial.

Com o Ministério composto era hora de colocar em curso as reformas administrativas, o grande planejamento estatal, no entanto, como chama atenção Basbaum (1976), planos de governo eram inexistentes, não havia o que guiar a ação reconstrutora, princípios orientadores nem postulados ideológicos definidos e propagados como afirmou o General Góis Monteiro algum tempo depois “o programa da Aliança Liberal era apenas um documento histórico de fraseologia vã e vazia” (BASBAUM, 1976, p. 16). Observa-se então que a necessidade de Getúlio se manter no poder e a grande pressão por mudanças acaba por ser a grande parteira dos planos de governo após a Revolução.

O contexto político nos estados foi resolvido através da nomeação de interventores para governar. Foram escolhidos entre os tenentes, jovens e modernizantes, oficiais do Exército que tinham participado da Revolução de 30. No Pará, coube a Magalhães Barata assumir o governo na condição de Interventor, vide Figura 5.

Figura 5 – Notícia de Jornal – ‘Magalhaes Barata assume o governo do Pará’



Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 13/11/1930, p.1.

Rocque (2001) chama atenção que Barata chegou na companhia de Juarez Távora,

Todavia seu encontro com os líderes do Pará, não foi muito pacífico, estes impuseram o nome de Magalhães Barata para interventor federal, aquele não o queria. Vendo que não conseguiria impor sua vontade, Juarez deu um violento soco na mesa e exclamou: seja o Barata, mas depois não se queixem. (ROCQUE, 2001, p. 157).

Em alguns estados da federação, os interventores haviam se empossado por conta própria o que demonstra a grande confusão. A relação dos vencidos com os “tenentes”, do que representava o novo e a velha política, foi tecendo uma trama que ao final nada se altera, pois para se afirmar no poder os interventores tiveram que construir e firmar acordos com os segmentos oligárquicos no âmbito dos estados. (NUNES, 1997).

Em pleno desenrolar desse processo que invocavam mudanças profundas, se voltarmos ao trecho do texto de Professora Corina Lassance Cunha que abriu a reflexão neste tópico, é visível a evidência de um contexto de ruptura entre o ensino tradicional e o ensino moderno. O primeiro marcado pelos ideais conservadores, tendo a Igreja católica à frente, que contestava a “liberdade de ensino” e defendia a escola particular. O segundo foi representado pelos ideais dos liberais escolanovistas, defensores da laicidade do ensino, da coeducação dos sexos e da escola pública. A palavra ruptura ilustra bem o sentido da chamada Revolução de 30, pois fez emergir nas mentes e na consciência coletiva da sociedade a ruptura entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna.

Mas a que se deve esse processo que se coloca eminente a necessidade de rupturas? O processo de modernização econômica e de urbanização crescente, acentuado pelo aumento expressivo da população, demandou da educação um papel fundamental para o surgimento de novas formas de ordenação social, gestadas por meio de ações diversas voltadas para o desenvolvimento de hábitos e comportamentos. A elite política, os intelectuais se colocavam a superação do atraso, de altos índices de mortalidades e de doenças epidêmicas e do alto índice de analfabetismo da população. Se fez necessário adequar a sociedade brasileira aos novos tempos, tornando a população brasileira saudável, educada e produtiva. (MIGALDI; DAVID, 2014).

Esses novos tempos e a necessidade eminente de modernização foram acelerados pela crise da economia agroexportadora, fundamentada na produção de determinados produtos agrícolas, principalmente o café, que entra em crise. Essa crise oportuniza que outras frações de classes exigissem o fortalecimento dos setores economicamente urbanos em detrimento dos segmentos oligárquicos. Nesse ponto, apresenta-se a necessidade de superar o desafio: a modernização do Estado brasileiro.

Nunes (1997) observa que Vargas respondeu a esse desafio implementando intervenção estatal na economia a exemplo da criação de agências e programas; política de proteção do café e a transferência de todas as decisões econômicas importantes para a esfera do governo federal; centralização política, reforma administrativa, racionalização e modernização do conjunto do Estado; redefinição dos padrões de relacionamento entre oligarquias locais e estaduais; centralização dos instrumentos para o exercício do clientelismo; incorporação do trabalho nos moldes corporativos.

Para aprofundar essa reflexão, cabe destacar que nos países em que se originou o capitalismo industrial, ele foi resultado de um processo em que, ao mesmo tempo, ocorreu um desenvolvimento das forças produtivas e uma emancipação social em relação à sociedade tradicional. Sendo que esse processo somente foi a termo após uma série de revoluções sociais, que fizeram emergir um novo ordenamento político e institucional nos países que apresentaram essa experiência histórica. Mesmo com as adversidades políticas, houve o surgimento de um novo ordenamento social, cujo princípio estruturador fundamentava-se na racionalidade de fins e meios, e que fortaleceu o poder impessoal das leis instituídas, dominação legal em prejuízo ao poder pessoal legitimado pela tradição, seriam essas as bases da sociedade moderna, na perspectiva de Brito (2001).

Brito (2001) destaca que os desdobramentos da crise política no Brasil, pertinente à revolução de 30, indica que esta não se coloca como uma revolução nos termos clássicos, pois os princípios em que está fundamentada se concentravam no poder da oligarquia. Esta controlava os meios de produção e dos setores que fabricavam artigos que tinham valor comercial, controlava as relações sociais de inspiração patriarcal, cujo *habitus* também era imitado por segmentos inferiores. O grupo oligárquico também possuía o controle dos meios simbólicos e ideológicos, como a Igreja, a Educação e a Imprensa. É neste contexto que um rearranjo das forças políticas vai permitir o controle do processo de modernização posto em ação com a chamada Revolução de 30.

Para Brito (2001), o entendimento desse processo pede o acompanhamento do processo político que se desenrolou, considerando os conflitos entre os grupos oligárquicos, as frações de classe urbanas e as tensões regionais em torno da perspectiva de uma nova situação social, política e econômica. O conflito que provocou a Revolução de 30 não se precipitou rapidamente, pois foi impulsionado por fatores internos e externos que já vinham se desenrolando durante o período denominado de Primeira República, quando houve repetidas crises por causas diversas. Seja pela insatisfação das oligarquias estaduais que se sentiam prejudicadas economicamente por conta da política de valorização do café em

desvantagem aos outros produtos, a exemplo do charque do Rio Grande do Sul, tendo então os estados de São Paulo e Minas Gerais como principais beneficiários da política de valorização do café e detentores de hegemonia.

Fausto (2004, p.411) destaca que “os grupos dominantes de São Paulo não estavam dispostos a passar-se para a oposição, mas também não pretendiam entregar-se em uma luta armada, mobilizando a parcela de população sob sua influência”. Ao optar por essa posição, a elite dirigente paulista se mostrava disposta a aceitar e negociar sua hegemonia. Os fatos que sucederam ao que se reconhece como a crise do regime das oligarquias, uma observação é recorrente: a disposição de conciliações e acomodação de interesses, sendo assim, o espaço político para os vários grupos estava posto, pois, os

Velhos oligarcas, representantes típicos da classe dominante regional, desejavam apenas um maior atendimento à sua área, maior soma pessoal de poder, com um mínimo de transformações; os quadros civis mais jovens inclinavam-se e as frações de classes civis e os “tenentes” defendiam a centralização do poder e a introdução de reformas sociais; o Partido democrático - porta voz da classe média tradicional pretendia o controle do governo do estado de São Paulo e a efetiva adoção dos princípios do Estado Liberal, que aparentemente asseguraria seu predomínio”. (FAUSTO, 2004, p. 425).

Neste cenário, é possível depreender que efetivamente não houve uma ruptura da qual fosse possível surgir uma nova estrutura político-institucional, não era definitivamente o fim da dominação oligárquica e o início de uma estrutura social. Na análise de Brito (2001) e Fausto (2004), a Revolução de 30 resultou em um rearranjo que apenas redefiniu os espaços de poder, a forma de participação dos segmentos da elite econômica e política na sociedade brasileira. O Estado e o conjunto institucional sofreram mudanças que refletiram em sua estrutura e concepção, que fez surgir a modernidade em nível da constituição do Estado, mas não possibilitou uma ruptura no sentido da emancipação social.

Considerando essas análises, como pensar a ruptura como pressuposta nos processos educacionais, apelo presente no excerto que abriu essa reflexão já que a revolução seria um rearranjo no cenário político, social e econômico? Como acontece esse processo no âmbito educacional? Na sequência, pretendemos refletir sobre o contexto de modernização no âmbito da educação, a exemplo da inovadora Escola Nova e seus ecos na década de 30.

2.2 Os ideais educacionais nos primeiros anos da década de 30

Devemos, pois, proclamar a necessidade da educação nas escolas, como elemento preparador e fortalecedor da alma nacional. [...] mas também educar que a criança [...] receba as primeiras noções de honra, dever e patriotismo. E assim vae a escola consolidando pela instrução e pela educação, a estrutura moral e intelectual da Pátria. (REVISTA ESCOLA, nº 3, v.1, ago. 1934, p. 44).

Esse fragmento denota as bases do novo projeto de escola, quais foram suas bases, seus fundamentos, quais foram as referências para o projeto de educação. Publicações com esse tipo de conteúdo eram presentes nas edições da Revista. Destaca a relação entre a educação e a construção da nacionalidade, o que é denominada de alma nacional. Como sugere o texto, é do processo educacional a função de preparar e garantir o fortalecimento nos alunos do sentido da nacionalidade. Esse trecho expressa os ideais de projeto de civilidade do qual a educação devia se fazer veículo e garantidora do processo final de civilização, que pudesse regenerar e reformar a nação, condizente com “um modelo de escola que fosse capaz de veicular o discurso da ordem, de civilidade e reforçasse a crença nas possibilidades da educação funcionar como um degrau no processo de mobilização social”. (PANTOJA, 2014, p. 89).

Esse modo de pensar indica que a Escola Nova se apresentava como um instrumento de Estado, pois caberia a ela produzir as rupturas necessárias para surgir o novo, tendo em vista ampliar a área de influência da escola junto à sociedade na perspectiva de uma ação civilizadora.

Considerando as análises apresentadas no tópico anterior, como pensar a pretensa ruptura tão propalada entre velho e novo nos processos educacionais, apelo presente no excerto que abriu essa reflexão, considerando que a Revolução de 30 representou um rearranjo no cenário político, social e econômico? Como acontece esse processo no âmbito educacional? Se não há rupturas no âmbito político, o que marca esse processo no âmbito da educação? Vamos percorrer alguns aspectos históricos que marcam como as ideias que foram sendo colocadas em prática no sentido da consolidação da Escola Nova no Brasil para tentar compreender as questões postas ou exercitar novas questões para refletir sobre o contexto da instrução e transformação social. Para perseguir esse objetivo recorre-se ao jornal como fonte para subsidiar e ampliar a análise do contexto constitutivo da Nova Escola em Belém.

O texto publicado em jornal O Estado do Pará por Lycio Solheiro²⁸, sob o título *Methodos de Ensino*, vide Figura 6, de acordo com a análise vide Quadro 2 tem como principal temática os métodos de ensino. Inicia por considerar que o momento histórico, fase dita de ‘tranquilidade’ e ‘bom senso’, oferece as condições para se prestar atenção em como se processa o ensino.

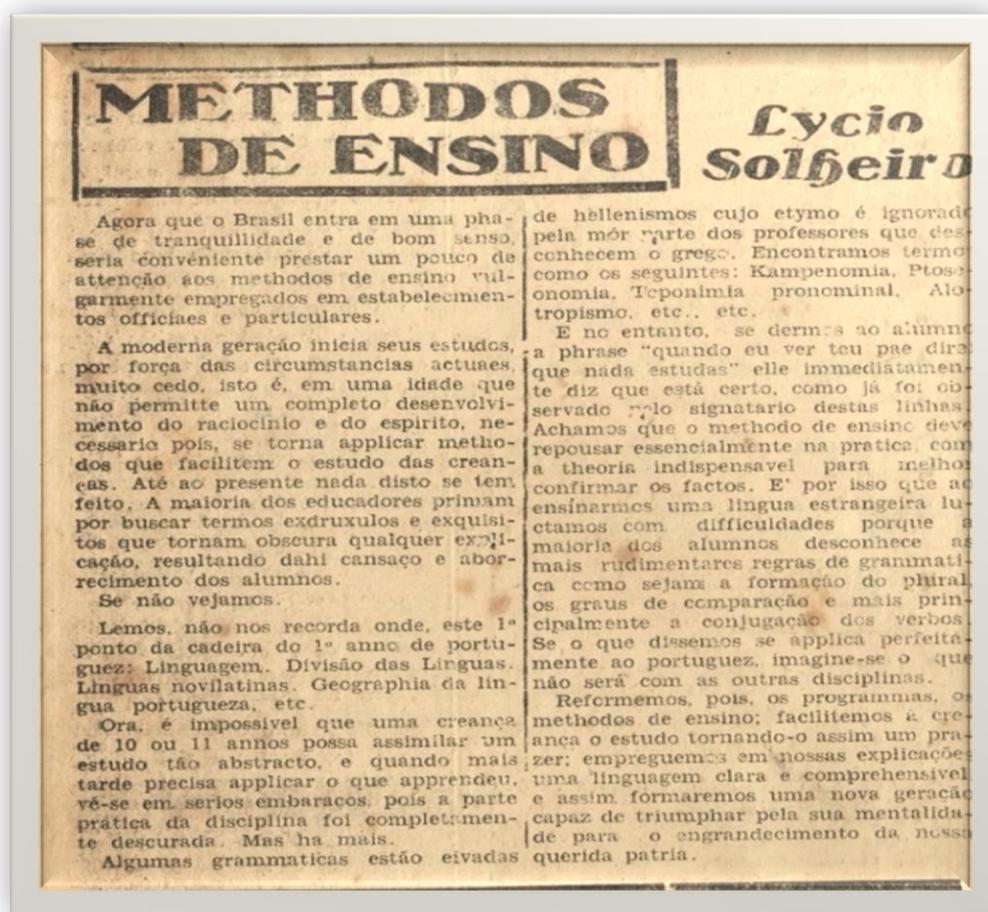
Destaca que os métodos precisam facilitar a aprendizagem das crianças, que estas vão muito cedo para a escola, que ainda não possuem maturidade necessária para a aprendizagem.

²⁸ Professor Lycio Solheiro integrou o corpo docente do Gymnasio Paes de Carvalho, em Belém do Pará, em 1923. Ver: Anaes do Senado Federal, Volume X, dezembro de 1923.

Nessa fala, se pode perceber a defesa que há em relação a uma prontidão para a aprendizagem, chega a destacar que uma criança de onze anos não é capaz de realizar abstrações, portanto não são capazes de acompanhar a aula, o ensino não é prazeroso, o autor destaca ainda que o método se fixa muito em teoria e esquece do uso dos conhecimentos para a vida prática.

O método de ensino é visto na perspectiva da crítica, seja pelo uso da linguagem esdrúxula dos professores em sala de aula, seja pelo desconhecimento dos professores da cultura clássica. Por fim, defende a mudança do método de ensino para que as novas gerações possam engrandecer a Pátria. No texto, embora não apresente um modelo formal de como organizar um novo método de ensino, pelas questões que problematiza, seu conteúdo indica que esse pretendo método deva ter como principal característica facilitar a aprendizagem e unir teoria e prática no ensino.

Figura 6 – Artigo de jornal – ‘Methodos de ensino’



Quadro 2 – Análise interpretativa da publicação “Methodos de ensino”

Fragmento	Localização no texto	Marcador de representação²⁹	Voz ao texto
“Agora que o Brasil entra numa fase de tranquilidade e bom senso”	1º parágrafo	Valorização da Revolução	A Revolução de 30 é responsável por esse contexto de tranquilidade.
“Seria bom prestar atenção aos métodos de ensino vulgarmente empregados em estabelecimentos oficiais e particulares”	1º parágrafo	Métodos de ensino	Métodos de ensino aplicados de qualquer maneira nas escolas tanto públicas quanto particulares.
“necessário, pois se torna aplicar métodos que facilitem o estudo da criança”	2º parágrafo	Métodos de ensino	Métodos facilitem a aprendizagem das crianças
“Reformemos os programas e os métodos de ensino; facilitemos o estudo a criança tornando assim um prazer”.	7º parágrafo	Método de ensino	Crítica ao método de ensino Prazer em aprender linguagem clara no desenvolvimento do projeto de ensino
“Achamos que o método de ensino deve repousar na prática juntamente com a teoria responsável”	6º parágrafo	Método de ensino	Crítica ao método de ensino. Precisa quebrar teoria e prática.
“A moderna geração por força das circunstâncias inicia muito cedo, isto é, numa idade que não permite o completo desenvolvimento do raciocínio e do espírito”	2º parágrafo	Idade para crianças aprender	Ideia de prontidão, para aprendizagem.
“Ora é impossível que uma criança de 11 anos possa assimilar um estudo tão abstrato” Não consegue aplicar o que aprendeu”	4º parágrafo	Saberes sem utilidade prática	Conceito de aprendizagem Idade para aprender Crítica ao método de ensino que é inócua para a vida.
“A maioria dos educadores primam por usar termos esdrúxulos e esquisitos que tornam obscura qualquer explicação resultando cansaço e aborrecimento dos alunos” “Empreguemos linguagem clara e compreensível”	2º e 7º parágrafo	Método de ensino	Linguagem utilizada pelos professores dificulta a aprendizagem dos alunos.
“Algumas gramáticas estão eivadas de Helenismo, os professores não sabem o que significa” [...]	5º parágrafo	Formação aos professores	Crítica professores que não utilizam os conhecimentos clássicos.
“Assim formaremos uma nova geração capaz de triunfar pela sua mentalidade pela sua querida Pátria”	7º parágrafo	Educação Patriotismo	Educação para o engrandecimento de nossa querida pátria.

Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 10/01/1931, p. 1.

²⁹ Usamos esse termo para evidenciar as palavras e frases que se destacam nas análises dos textos, que vão progressivamente aparecendo nos textos, que versam sobre a modificação de uma exterioridade (educação) em busca de uma eficácia social.

Os argumentos presentes no texto apontam a necessidade eminente de mudança no método de ensino, é possível perceber os princípios do movimento Escola Nova, os marcadores de representação evidenciam a formação de professores, método de ensino, patriotismo de maneira circunstancial as representações para a mudança vão se estabelecendo “[...] aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”, fabricando objetos, e ao mesmo tempo, imprimindo neles o seu poder (DE CERTEAU, 2014, p. 226). Para Chartier (1991, p. 185-186) a representação confundia-se com a ação do imaginário e tornava-se uma “máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado”. As representações feitas pelos indivíduos nunca são neutras, afinal, as percepções do social produzem “estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas)” com a imposição da autoridade sobre outros, justificando para os sujeitos as suas condutas e escolhas (CHARTIER, 2002b, p. 17). Dito desta forma, fica claro que os indivíduos se sujeitam à atribuição de representação que faziam de si próprios a fim de aguardar um reconhecimento do outro, numa relação de dominação simbólica, sobretudo porque estão presentes em jornal de circulação no estado. Assim, os preceitos norteadores da Escola Nova se estabelecem para abordar os ideais educacionais relacionados com as mudanças pretendidas, buscou-se aqui o apoio das análises de Nagle (2001), Carvalho (2004), Monarcha (2010), Valdemarin (2010), Magaldi e David (2014), Hamdan (2008) e Cury (1988), no sentido de constituir as bases e os princípios da Escola Nova no contexto sócio histórico da sociedade brasileira.

Segundo Monarcha (2010), as ideias que apresentam perspectiva de mudanças na concepção educacional estão presentes desde os anos 1920. De um modo geral, tinha-se o consenso que a República fracassara na construção e instalação da modernidade cultural e democracia social. Um conjunto de lideranças entre educadores e artistas se colocavam em defesa de mudanças para que esses objetivos fossem atingidos, conjuntamente com a valorização da cultura brasileira.

Lideranças intelectuais como Monteiro Lobato, Mario de Andrade, Cecília Meireles, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo eram exemplos que defenderam a elevação da educação no sentido da formação humana. Sendo assim, apoiaram mudanças na prática educativa, seguida de alterações também na função e na parte física da escola.

Na visão de Carvalho (2004), os anos 20 foram característicos de campanhas cívicas educacionais, que resultaram em um projeto de organização educacional por meio da cultura, a escola se tornou engrenagem fundamental. Nessa época, havia um pensamento

homogeneizador que indicava que o discurso pedagógico escolanovista e seus métodos eram considerados mais eficazes que os antigos.

A partir de 1929, dois grupos passaram a se confrontar no que se refere ao controle ideológico da escola: Escola Nova e Católicos. Têm-se então dois caminhos distintos a considerar na questão dos métodos de ensino, mas ambos se mostravam consensuais no propósito de ver a educação como causa cívica de redenção social. Aprendizagem significativa e formação de professores eram alguns dos temas discutidos em meados dos anos 30 pelo grupo que ficou conhecido como Pioneiros da Educação. Neste cenário, surge no Brasil o movimento Escola Nova³⁰ que já ocorria em outras partes do mundo.

De acordo com Nagle (2001), a aplicação das ideias do movimento Escola Nova ganha força a partir de 1930 no Brasil, o que pode ser considerado tardio se comparado a outros países. A operacionalização dos fundamentos da Escola Nova colaborou para definir um novo sentido das transformações que ocorreram no campo da história das ideias educacionais e da história das instituições.

A busca em promover educação de qualidade em todo território brasileiro trouxe a necessidade de consolidar uma diretriz unificada para a educação, pressuposto que defendiam os intelectuais que construíram unidade em torno do pensamento da Escola Nova nos anos 20 e 30. As transformações desejadas no campo educacional são reflexos da propalada transformação social brasileira. Considerando os ventos da revolução de 30, a educação traduz desta forma a civilidade de uma sociedade, como defende o trecho em destaque no início deste tópico e como expressa Cury (1988):

A educação é vista como sendo o veículo integrador das gerações às novas condições de um mundo em mudança. Ela deve organizar-se como instrumento de adaptação 'as situações novas de um meio social essencialmente dinâmico. Neste sentido a educação é tão imprescindível que seu sucesso ou não, depende o crescimento ou o perecimento da civilização. Por isso ela revê seus meios e fins, para reciclá-los 'as novas circunstâncias. Para o grupo a educação é também a própria condição do humanismo tecnológico. (CURY, 1988, p. 70).

Em linhas gerais é o que acontece nas primeiras décadas do século XX no Brasil, os caminhos da educação do país estiveram no centro da discussão de inúmeros segmentos organizados na sociedade. Como resultado, foi criada a Associação Brasileira de Educação (ABE)³¹, que impulsionou uma gama de debates em torno da temática educacional:

³⁰ Mais adiante abordaremos as bases teóricas do movimento Escola Nova.

³¹ Associação Brasileira de Educação, criada em 1924, entidade civil sem fins lucrativos, sediada no Rio de Janeiro, foi o resultado da reunião de professores, normalistas, jornalistas, médicos, advogados e engenheiros em torno de um objetivo manifesto: sensibilizar a nação para a questão educacional que, segundo a leitura desses intelectuais, mesmo após o advento da república, permanecia à margem das iniciativas do Estado. Nesse sentido, em seu estatuto, no art. 1º, a entidade afirma: "a Associação Brasileira de Educação tem por fim promover no

evidenciando a necessidade de um Plano Nacional de Educação; como também a gratuidade e obrigatoriedade do ensino elementar; e a proposição de inúmeras reformas educacionais no período, demonstrando que, nessas décadas, ocorreram mudanças formais e substanciais na educação escolar do país. Sem dúvida um período que foi marcado por um panorama otimista em relação à educação, como estratégia de democratização e equalização social.

A necessidade de ser moderno e a busca pela nacionalidade foi o chão sobre o qual a Escola Nova emergiu no Brasil. Não bastava o revés nos métodos, na estrutura, na forma de organização do ambiente da escola. Essas mudanças eram consideradas como meio, estratégia privilegiada de desenvolvimento do progresso, além de textos e símbolos a o modo *operandis* devia estar em consonância com o trabalho e o desenvolvimento do país. Na década de 20 já havia indicativo de que a educação brasileira não se mostrava propulsora do progresso que se almejava, como denunciou o Inquérito³², sobre a instrução pública publicado em 1926, pelo jornal O Estado de São Paulo, o jornal denunciava o ensino paulista. (VALDEMARIN, 2010, p.111).

As propostas de mudanças na educação foram fortalecidas, com as discussões, conferências em vários estados do Brasil, principalmente, em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais dentre outros, juntamente com manifestações que reivindicavam o progresso e o crescimento econômico, o conteúdo dessas discussões apontavam que o Brasil se tornou uma República, no entanto, não se tornou desenvolvido, sobretudo se comparado a outros países.

Monarcha (2010) e Valdemarin (2010), declaram que, em 1927, Manoel Bergstrom Lourenço Filho³³ publica o primeiro volume da Biblioteca de Educação através da Companhia Melhoramentos, que serviu de apoio empresarial-editorial. Nela, ele foi diretor de coleções, autor, tradutor, prefaciador e parecerista de originais de livros. Seu nome se consolidou na editora ao dirigir “Biblioteca de Educação”³⁴. Os livros editados tinham o objetivo de afinar o

Brasil a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os seus ramos, estimulando as iniciativas que possam mais eficazmente atingir estes objetivos”. (VIEIRA, 2017).

³² Considerado parte integrante do projeto educacional de Fernando de Azevedo, movimento de crítica e repúdio à reforma de 1925 em São Paulo, retomada dos debates em torno da reforma e diagnóstico sobre os problemas do ensino secundário o inquérito encetado por *O Estado de S. Paulo* sobre o ensino público em São Paulo e publicado de junho a dezembro de 1926, conta com fortuna crítica considerável (BONTEMPI JR, 2017).

³³ Inquérito sobre Educação, publicado em 1926. Ver Bontempi Jr, 2017.

³⁴ A Biblioteca de Educação foi organizada por Lourenço Filho para a Companhia Melhoramentos de São Paulo, publicada entre 1927 e 1970, lançando 37 títulos com diversas reedições. Dispositivos editoriais e textuais de homogeneização dos volumes produziram a identidade da primeira fase da Coleção 3, que publicou obras de autores brasileiros e traduções de obras estrangeiras. Entre os dispositivos editoriais de homogeneização material dos volumes destaca-se o padrão uniforme das capas, contracapas, páginas de rosto e páginas de espelho. Os volumes foram editados em brochuras de formato pequeno, que traziam nas capas, em um mesmo padrão de disposição, o nome do autor, o título da obra e o nome da editora (CARVALHO, 2013, p. 39-56).

“estudo da obra educativa” com “os meios de educar” num contexto de transformação com vista à modernidade. Essa obra auxiliou na legitimação dos conhecimentos referentes às bases da Escola Nova no Brasil, que foram institucionalizados e incluídos como matérias de ensino nos currículos acadêmicos de formação.

A Coleção da Biblioteca de Educação publicou obras referentes a autores norte-americanos e europeus, a saber, *Psicologia Experimental*, de Piéron; *A escola e a psicologia experimental*, de Edouard Claparède; *Temperamento e caráter sobre o ponto de vista educativo*, de Henrique Geene; *Educação moral e educação econômica*, de Sampaio Dória; *Educação e sociologia*, de Emily Durkheim; *Como se ensina geografia*, de Firmino de Proença; *A escola ativa e os trabalhos manuais*, de Corinto de Fonseca; *Teses para medida do desenvolvimento da inteligência nas crianças*, de Binet e Simon; *Introdução a Escola Nova*, de Lourenço Filho; *Vida e educação*, de John Dewey. Entre 1931 e 1946 Lourenço Filho³⁵ publicou a coleção *Testes de ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita e Tendência da educação brasileira; Educação para uma educação em mudança*, de W. H. Kilpatrick.

Warde (2012) relata que, em 1927, Anísio Teixeira³⁶ viajou para os Estados Unidos da América, onde estabeleceu contato com professores e representantes do International Institute do Teachers College de Columbia. Embora não tenha encontrado Dewey diretamente, mas não tê-lo encontrado não diminuiu em nada sua adesão às ideias de Dewey e ao espírito industrial, empreendedor da sociedade norte-americana. Dessa viagem, resultou o livro *Aspectos Americanos da Educação*, em 1928. Em 1930, Lourenço Filho publica *Introdução*

³⁵ Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu a 10 de março de 1897, isto é, alguns anos após a Proclamação da República, na Vila de Porto Ferreira, interior de São Paulo, o “Oeste novo” do Estado, região sulcada pelos trilhos de trens e coberta de cafezais. E veio a falecer aos 73 anos, em 3 de agosto de 1970, no Rio de Janeiro. Todos esses ângulos, porém, não bastam para apreciação cabal desse intelectual que, ao lado de outros, desempenhou papel fundamental na reorientação dos rumos da educação, no decorrer do século XX brasileiro. De modo que talvez fosse melhor situá-lo como um dos expoentes da “geração de 1920”, geração construtora, sumamente empenhada na invenção de outro sistema de expressão e de vida para, assim, superar os impasses próprios de uma formação social saturada de tensões e conflitos. Ao optarem pela educação pública como via privilegiada para a construção de um Brasil moderno, os intelectuais dessa geração deixaram forte marca na cultura brasileira. (MONARCHA, 2010, p.13).

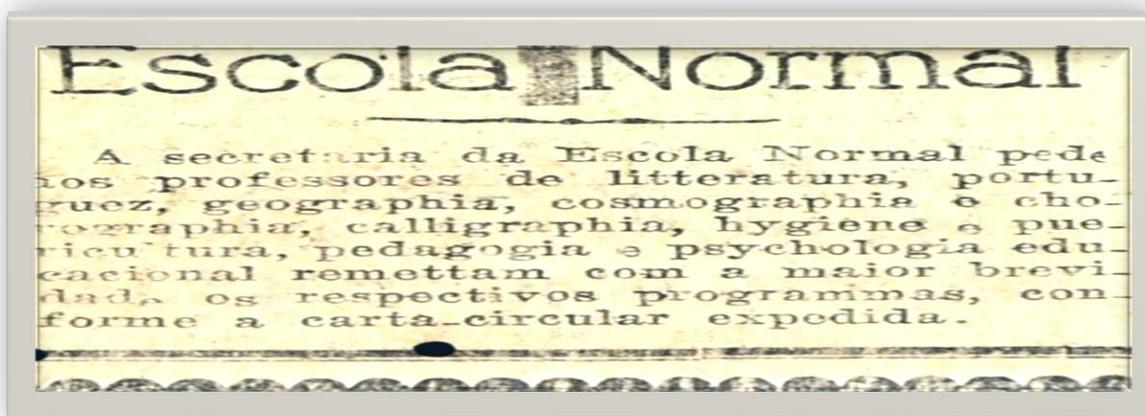
³⁶ Anísio Teixeira talvez seja um dos educadores brasileiros que mais têm sido objeto de análises no campo da história da educação em nosso país. Há inúmeros trabalhos já produzidos sobre seu pensamento, realizações e atuação no campo educacional, desde os seus tempos de mocidade, na Bahia, quando foi convidado a ocupar, interinamente, o cargo de Inspetor Geral do Ensino, em 1924, até suas atividades como membro do Conselho Federal de Educação, na década de 60. São produções de autores consagrados, eles próprios partem de nossa história da educação, além de um volume significativo de dissertações e teses elaboradas no âmbito dos programas de pós-graduação de muitas de nossas universidades que se dedicaram ao estudo do educador baiano. Isto sem mencionar as inúmeras pesquisas históricas sobre a Escola Nova no Brasil que, necessariamente, têm Anísio Teixeira como um de seus principais protagonistas. Tal fato explica-se por sua presença marcante e incansável em vários setores do cenário educacional brasileiro e pela força atrativa que suas ideias ainda exercem sobre aqueles que têm como preocupação central a “educabilidade humana”. (SOUZA, 1997, p. 1).

ao estudo da Escola Nova, tendo como suporte o curso ministrado na Escola Normal em São Paulo, também assume a Diretoria de Instrução Pública e exonera todos os professores leigos, estabelece um processo de reestruturação da Diretoria.

É sob o comando de Lourenço Filho que a Escola Normal de São Paulo se transforma em Instituto Pedagógico. Ele solicitou que os professores apresentassem programas a serem desenvolvidos durante o ano letivo, seguiu instituindo medidas de inovações, plano de carreira para o magistério com acesso exclusivo por concurso público, criou o serviço de psicologia aplicada, por meio da revista *Escola Nova* divulgou os referenciais da Escola Nova, publicando John Dewey, discussões sobre higiene e saúde, uso de testes na educação, uso do cinema como recurso escolar, segundo Valdemarin, (2010). Essas ações são marcadoras de que a Escola Nova se faz real não só pelas vias das referências teóricas, mas por procedimentos administrativos que foram tecendo mudanças no campo da instituição.

Isso pode ser observado, na nota publicada no Jornal O Estado do Pará, em 09/01/1931, é um registro que exemplifica de como essa exigência pedagógica- administrativa também foi seguida pela Direção da Escola Normal em Belém. A publicação faz saber e estabelece prazo aos professores para a entrega do plano de ensino à direção da referida escola, conforme circular já expedida, caracterizando uma medida pública de constituição de procedimentos educacionais do funcionamento da instituição, o que poderia ser uma exigência interna, chega a ser publicada em nota em jornal de grande circulação no Estado do Pará, vide Figura 7, possivelmente para dar publicidade as ações da escola no sentido de que buscava a modernização e o ideário dos grandes de referência do país.

Figura 7 – Nota publicada em jornal – ‘Escola Normal’

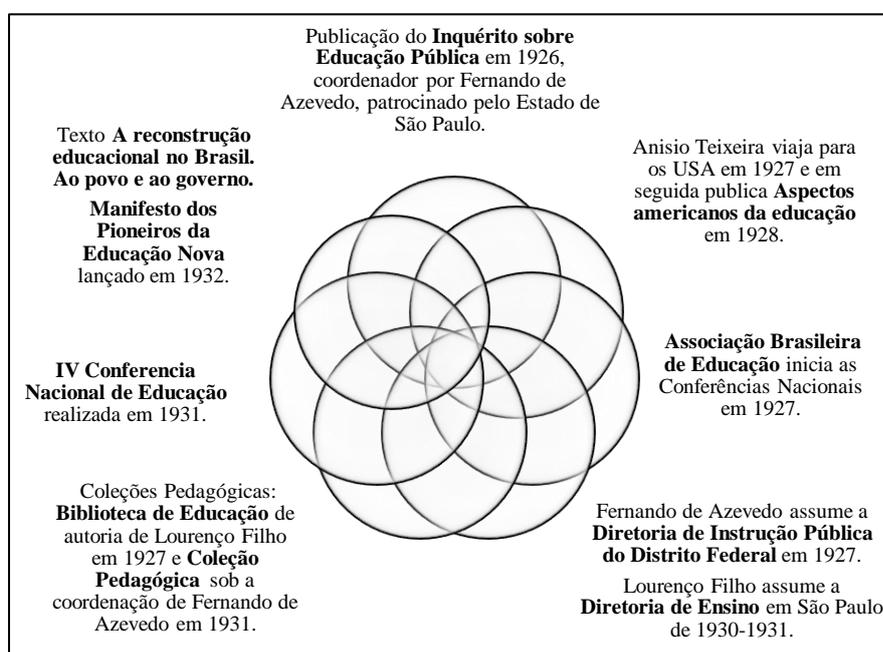


Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 09/01/1931, p. 2.

Assim o movimento Escola Nova se constrói e modela a educação no Brasil, é uma sucessão de eventos que instaura as bases do movimento, como demonstra a **Figura 8**, desde o "Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo", realizado em 1926 por Fernando de Azevedo, a pedido do jornal O Estado de São Paulo. Essa série de eventos se destaca como irradiadora, se adéqua ao objetivo de utilizar a educação como reforço do poder político através de reformas educacionais.

O que desencadeia o movimento Escola Nova no Brasil é a interseção centrada nas novas pretensões de renovação educacionais e que cada um desses eventos irradia, parte central de um processo modernizante e que preservava a ordem social, e que foram inicialmente testadas por suas lideranças, a exemplo de Lourenço Filho, que assumiram posições de decisões na estrutura do governo brasileiro. (HAMDAN, 2008).

Figura 8 – Contexto irradiador da Escola Nova



Fonte: Elaboração da autora, 2020.

O Manifesto dos Pioneiros tem origem no apelo-desafio que Getúlio Vargas proferiu na solenidade de abertura da IV Conferência Nacional de Educação³⁷. O evento em que o chefe do governo provisório expõe que não havia um projeto para fundamentar as mudanças

³⁷ As Conferências Nacionais de Educação constituíram-se em espaço estruturado pelos intelectuais abeanos com o objetivo de, contando com uma extensão da ABE em cada estado, disseminar as políticas estruturadas pela ABE e ocupar o espaço governamental. Da parte do Estado não faltaram acenos para ABE intervir na cena política, como se pode verificar na ocasião da IV CNE, quando Getúlio Vargas e Francisco Campos, Ministro da Educação, em seus discursos na abertura do evento, pediram aos conferencistas que fornecessem ao governo provisório a “‘fórmula feliz’, o ‘conceito de educação’ da nova política educacional” (CARVALHO, 1998, p. 380).

na educação e convocou os presentes a elaborarem e proporem soluções para um dos “magnum problemas do país”. Em sequência, emerge o texto “A reconstrução educacional no Brasil ao povo e ao governo”, com destaque para “Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobrepõe em importância e gravidade ao da educação”. (LOURENÇO FILHO, 2010, p.79).

O projeto de reconstrução nacional encontra no conteúdo do Manifesto dos Pioneiros, os fundamentos necessários para articular e nortear a mudança. O documento expressou a importância do aluno como o centro do processo de ensino e “transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro da gravidade do problema da educação” (AZEVEDO, 2010, p.49), portanto, a escola infantil e primária deveria seguir o interesse da criança, bem como deve garantir igualdade de oportunidades para o seu desenvolvimento físico e moral.

No que se refere à escola secundária, essa deveria oferecer fundamentos com base na preponderância intelectual e manual. O ensino superior deveria ser referência em pesquisa e na formação de professores. Desta forma, as condições para “o surgimento de uma elite nacional estaria postas, no sentido de exercer influência efetiva na sociedade e afetar, desta forma, a consciência social”. (AZEVEDO, 2010, p.49).

No campo político educacional, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova reivindicava uma ação mais decisiva do Estado em prol da escola pública, gratuita, obrigatória e leiga. No campo especialmente pedagógico, o documento expressa os fundamentos da Escola Nova foram influenciados em grande parte pela produção de John Dewey, que se destaca a premente recusa ao velho sistema educacional, verbalista, fundamentada em concepção vencida. Um grande apelo pela reforma profunda da organização e nos métodos da educação nacional centrada na orientação de que desde o jardim da infância à universidade fosse marcado pela atitude criadora do aluno.

O artigo, publicado no Jornal *Estado do Pará*, sob o título de A Educação³⁸, vide figura 9, revela a efervescência em torno das mudanças propostas para a educação. O artigo destaca a expectativa para a realização da IV Conferência de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação, que aconteceu em 1931 no Rio de Janeiro. No texto é presente uma atitude sensibilizadora para a importância da participação dos institutos oficiais do evento.

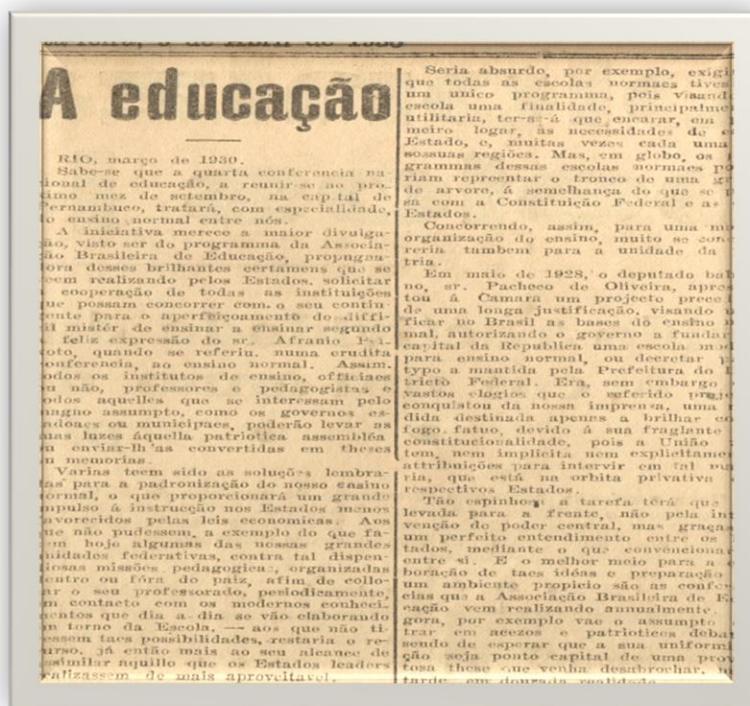
Tamanha é a valorização da Conferência como espaço legítimo para tratar a temática, que o texto critica a iniciativa do Deputado baiano de por força de lei garantir a padronização

³⁸ Não foi possível identificar a autoria.

do programa de ensino das Escolas Normais, destacando que esse ato fere a autonomia dos estados, chegando a ser inconstitucional. Portanto, a participação dos professores na Conferência é destacada como um ato de civismo.

A Conferência de Educação se confirma como um evento irradiador do movimento Escola Nova, como também indica que pelo acesso a novas teorias será capaz de mudar o fazer da escola e melhorar a situação social nos estados. Assim, entre os atores que intervêm no território da educação os da dimensão acadêmica, intelectual que atuam na Conferência aparecem como o melhor espaço para fazer surgir os acordos necessários para o problema do ensino do que as soluções por força de lei dos representantes da dimensão política ou normativa.

Figura 9 – Artigo de Jornal – ‘A educação’



Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 09 de abril de 1930, p. 1.

O Quadro 3 registra a análise da publicação na perspectiva de dar voz ao artigo e possibilitar interpretações. Dessa forma é possível observar que a Conferência de Educação é o evento em evidência. Considerada como um espaço de formação para os professores, a conferência permite o acesso às mais modernas teorias sobre o ensino, portanto goza de prestígio como o único espaço legítimo em que se pode forjar as soluções para a superação dos problemas enfrentados pela educação, mais especificamente a modernização do ensino na

Escola Normal. Esse tema é dominante, pois a crença que a padronização dos programas da escola Normal no Brasil melhorará a instrução, sobretudo, nos estados mais pobres.

Quadro 3 – Análise interpretativa da publicação “A Educação”

Texto	Parágrafo	Marcador de representação	Escuta do texto
“Quarta conferência de educação a reunir- se no próximo setembro na capital de Pernambuco tratará com especialidade do ensino normal entre nós”.	1º parágrafo	Conferência como espaço de Formação de professores	Conferência é ação da Associação Brasileira de Educação que goza de prestígio na comunidade acadêmica
“Solicitar a cooperação de todas as instituições que possam concorrer com seu contingente para aperfeiçoamento do difícil mister de ensinar a ensinar”.	2º parágrafo	Formação de professor	Enviar professor para formação
“Assim todos os institutos oficial ou não pedagogistas e todo aquele que se interessar pelo magno assumpto, assim como os governos estaduais e municipais poderão levar as suas luzes aquella patriótica assembléa ou enviar lhes convertidas em theses ou memorias”	2º parágrafo	Conferência de Educação Governo estaduais e municipais Atitude cívica da assembleia	Convite aos governos municipais e estaduais para participação através dos professores ou de documentos Estimula a participação dos professores como um ato de civismo
“Varias tem sido as soluções lembradas para a padronização do nosso ensino normal, o que proporcionará um grande impulso a instrução nos estados menos favorecidos pelas leis econômicas”.	3º parágrafo	Formação dos professores	Participação no evento garante acesso a padronização do ensino normal que fará melhorar a instrução nos estados mais pobres
“A fim de colocar seu professorado em contacto com os modernos conhecimentos do dia a dia se vão elaborando em torno da escola”	3º parágrafo	Modernos conhecimentos	Participação dos professores garante o acesso aos modernos conhecimentos sobre a escola
“Seria absurdo exigir que todas as escolas normais tivessem um único programa, pois visando a escola uma finalidade principalmente utilitária ter-se-á de encarar em primeiro lugar as necessidades de cada estado”	4º parágrafo	Especificidade dos estados	O ensino normal não pode ser único pois a finalidade da educação atender as especificidades de cada estado.
“Mas em globo os programas dessas escolas normaes poderiam representar o tronco de uma grande árvore”	4º Parágrafo	Unificação	Unificação dos programas escolas normais
“Concorrendo assim para melhor organização muito concorreria para a unidade da pátria”.	5º Parágrafo	Unidade da pátria	Organização dos programas das escolas normais proporciona unidade da pátria.
“Projeto do deputado baiano Sr. Pacheco Oliveira para unificar no Brasil as bases do ensino normal e autorizando ao governo a fundar na capital da República uma escola normal modelo”.	6º Parágrafo	Projeto do deputado baiano	Unificação das bases do ensino normal como lei e fundação de escola normal modelo para os outros estados seguirem
“Era sem embargo os vastos elogios que o projeto conquistou de nossa imprensa”.	6º Parágrafo	Apoio da imprensa	Apoio da imprensa para unificação do ensino normal no Brasil

“Flagrante inconstitucionalidade, pois a União não tem nem implícita e nem explicitamente para intervir em tal matéria que está na órbita privativa dos estados”.	6º parágrafo	Inconstitucionalidade	A União não pode intervir nos estados
“Tal espinhosa tarefa terá de ser levada a frente não pelo poder central, mas graças a um perfeito entendimento entre os estados”.	7º parágrafo	Solução conjunta para a educação	Enfrentar o problema através do entendimento dos estados
“E o melhor meio para preparação de tais ideias em um ambiente propício são conferências que a Associação Brasileira de Educação vem realizando anualmente”.	7º parágrafo	Formação dos Professores	Valorização da Conferência Associação Brasileira de Educação Como espaço de formação dos professores
“Agora o assunto vae entrar em acesos e patrióticos debates”.	7º parágrafo	Unificação	Debates na sociedade Unificação do ensino normal como solução para melhorar o ensino

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

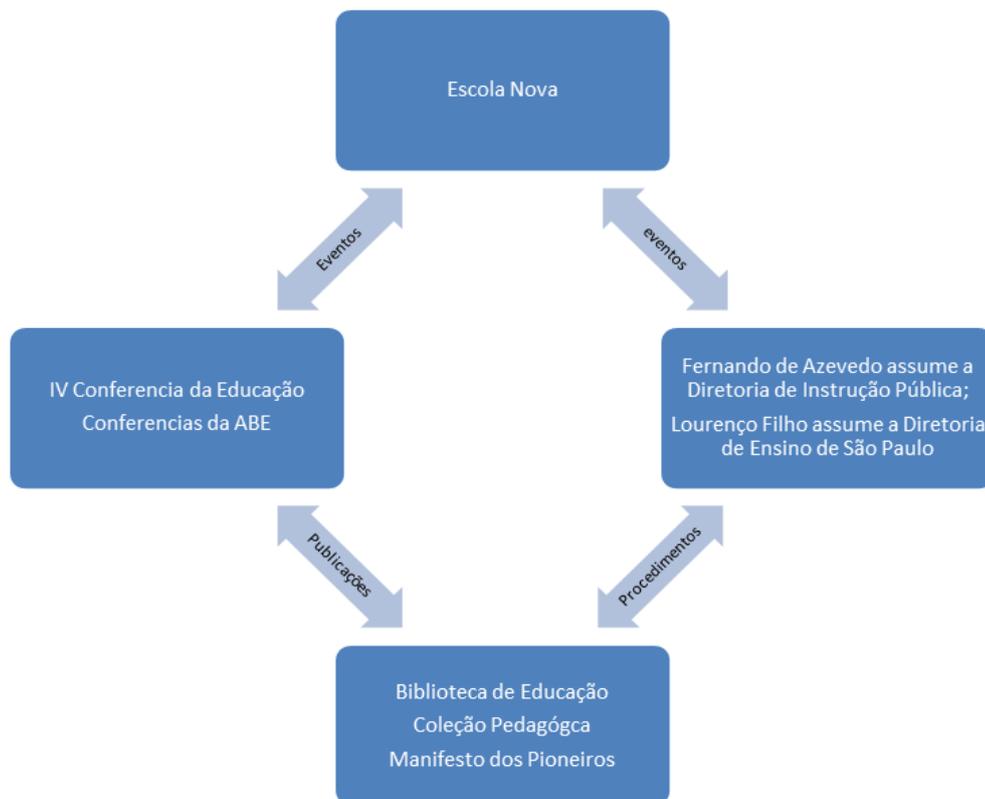
O artigo suscita, também, alguns aspectos interessantes na trajetória de reforma educacional deflagrada a partir da década de 20 e impulsionada com a posse do Governo provisório em 1930, sendo ainda mais potencializada com os eventos irradiadores citados na Figura 9. Destarte a esse contingenciamento, duas grandes questões se colocam: primeiro a modelação da formação dos professores às concepções modernas e segundo a centralização das decisões no âmbito do governo federal.

Primeiro, a formação dos professores ganha importância na medida em que se compartilha a compreensão, que é dele a responsabilidade da concretização das transformações projetadas pelo movimento Escola Nova, que tinha a escola como locus privilegiado por conta da ação do professor, mediador entre a mudança e os alunos, suas famílias e a sociedade mais ampla, na perspectiva do que observa Vidal e Paulilo (2003), que a Escola Nova apresentou uma convergência entre “reforma educacional e reforma social. Sendo assim, não bastava, todavia ensinar, mas era preciso saber ensinar, pois o ensino só seria produtivo com o uso de métodos, técnicas pedagógicas que se colocavam no contexto maior de transformação da sociedade, possivelmente por isso o apelo para a participação dos professores na IV Conferência, que se colocava como um privilegiado espaço de formação para os professores, para a modelação, segundo as concepções modernas, conforme Magaldi e David (2014).

A Figura 10 foi elaborada considerando os eixos propagadores do movimento Escola Nova no Brasil. Havia uma profunda necessidade de mudança dos métodos usados pelos professores em sala de aula, das agências formadoras, das Escolas Normais. Como engendrar

uma nova cultura escolar que fosse de encontro com os objetivos de modernização da educação para desenvolvimento social do Brasil? A estratégia foi a modelagem, seja da forma com que os professores e atores da educação tiveram acesso as novas teorias, seja de mudança no sistema educativo. Isso foi sendo impulsionado pelos eventos na perceptiva das Conferências de Educação que foram espaços de formação, também pelas coleções veículos da base teórico-metodológica chegar às mãos dos professores e pelos procedimentos à medida que os líderes do movimento foram assumindo cargos públicos diretivos. Esses eixos apontam a modelagem como estratégia utilizada que funcionaram como afiançadora das possibilidades de implantação da renovação pedagógica. Sendo assim, a proposta em foco se vale de situações formativas institucionalizadas e buscou na modelagem considerando as experiências vividas. Assim, ressalta a possibilidade de traduzir os valores escolanovistas em procedimentos.

Figura 10 – Modelagem da Nova Escola



Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

O processo de transformação no âmbito educacional, desencadeado nas primeiras décadas o do século XX, que tinha como atribuição reformar e regenerar a nação, foi posto em prática através de eventos, situações e sínteses de embate públicos com a perspectiva

tradicional e se tornaram irradiadores de conhecimento com os quais se pretendia construir rupturas, fazer nascer ideias novas e sobretudo procedimentos novos. O ponto de partida foi a divulgação dos pressupostos teóricos e concepções da Escola Nova, seguida de conferências e debates; primeiro uma mudança de mentalidade e depois essa se reverteria em prática. Ocorre que, como chama atenção Nunes (1997), a apropriação das novas concepções é um processo longo. De modo que resultou em um processo de recombinação entre o novo e o velho.

Nunes (1997) evidencia que a cultura não opera apenas pela incorporação ou pela recusa do novo, mas também pela combinação de práticas emergentes e residuais, estabelecidas entre inúmeras possibilidades. Nesse sentido, é possível que o artigo do jornal trate sobre isso na medida em que questiona a necessidade de levar em conta o contexto histórico, político e econômico de cada estado para implementar as mudanças, do contrário, considera intervenção nos estados, posto então como um desafio para a modelagem da Nova Escola.

2.3 Atos encenados: as bases teóricas da Escola Nova

A Educação Nova alcança o seu momento de destaque entre a primeira (1914-1918) e a segunda (1939-1945) Guerras Mundiais e, sendo assim, confere a um movimento situado num tempo histórico concreto, que precisa se afirmar como oposição à escola existente – a Escola Tradicional – e assegurar que somente nela consistia na certeza de um futuro de paz, porque apenas por ela se transformaria a escola, se surgiria o “homem novo” e se configuraria a “nova era” de que a sociedade precisava.

No mesmo momento em que transformações se processavam no contexto econômico, político e social entre as décadas de 1920 e 1930, um grupo de intelectuais brasileiros, demandados pelos problemas da educação, introduziram no país o ideário do movimento Escola Nova ou Educação Progressiva.

Historicamente, o termo Escola Nova foi usado pela primeira vez pelo inglês Cecil Reddie, em 1889. O termo foi divulgado na França por Adolfo Ferrière e na Alemanha por George Kerschensteir, nesta com o título de Escola do Trabalho. O suíço Pierre Bovet, em 1917, retomou o ideário desse movimento, aí então, chamado de Escola Ativa, Escola Progressista e Escola Moderna, segundo Silva (2015).

No Brasil, foi apresentada pelos intelectuais da Escola Nova como Fernando de Azevedo, Abner de Moura, Anísio Teixeira, Mário Cassassanta, Helena Antipoff, Lourenço Filho, dentre outros. As ideias de Dewey, Claparède, Decroly, Ferrière e Montessori foram

veiculadas em vários estados por intermédio da tradução de livros e artigos, do estabelecimento de decretos e reformas educativas, de conferências e de publicações em revistas da área de Educação.

A *Escola* – a revista do professorado do Pará, cuja organização era de responsabilidade da Diretoria Geral de Educação e Ensino Público, e que tinha como Diretor Sr. Amazonas de Figueiredo, em suas edições nos anos de 1934 e 1935, é possível identificar um conjunto de publicações específicas sobre a Escola Nova, seguindo o que a caracteriza como um veículo para a propagação do ideário desse movimento. Observa-se a presença de textos, resenhas, resumo de livros relacionados ao contexto das mudanças pedagógicas. Eles retratam aulas, atividades pedagógicas, mas, sobretudo publicações, cujo tema reside em torno das bases teóricas que sustentavam a mudança que a Escola Nova alardeava. Quais foram os referenciais da base teórica da Escola Nova circularam explicitamente na revista é o objetivo deste tópico, mas antes vale refletir sobre qual a marca dessas novas ideias e sobre o que se contrapunha.

Em seu conjunto, a análise do conteúdo dos textos revela a presença de narrativas sobre teóricos que desenvolveram suas ideias no final do século XX, que iniciaram um movimento de vanguarda fundamentado pela psicologia infantil e sua relação com a vida adulta, que destacava a infância como uma idade na qual os procedimentos da mente se entrelaçam com os procedimentos práticos.

Os teóricos que caracterizam esse contexto utilizavam proposições decorrentes da investigação educacional e estavam ligadas a universidades, institutos de pesquisa, escolas experimentais. Suas contribuições estão relacionadas a ensaios científicos, com fins de comprovar os métodos e procedimentos, destacando como eram importantes também para o desenvolvimento social.

Nesse contexto, a *Escola*, publicada em Belém, concatenava-se com o ideário escolanovista, assim, o discurso que o periódico veiculava, mormente, por meio da articulação intelectual dos escolanovistas supramencionados, valorizava os preceitos teóricos da Escola Nova. Nessa perspectiva, eram defendidas várias alternativas pedagógicas no campo educacional, visando uma educação baseada na participação ativa da criança, a qual preparasse a mesma para ser produtora, eficiente na sua vida e útil ao país. Com isso, a Revista *Escola* despontou como porta-voz dos ideais da Escola Nova, pelo qual os professores dialogavam com as bases teóricas.

Essas ideias contrapunham a pedagogia apresentada pelo ensino considerado tradicional, vide quadro 4, que apresenta os passos característicos do método pedagógico de

cada uma das perspectivas de prática educativa. O método da Escola Nova pressupõe um ensino centrado na criança em seus interesses, em que o trabalho individual e eficiente atrelado à liberdade (autonomia da criança) e a interação entre o professor e o grupo de alunos tornavam-se a base para a construção do conhecimento. Enquanto o método da Escola Tradicional valorizava a passividade do aluno diante da apresentação do conteúdo pelo professor, portanto centrado na transmissão do conhecimento. Em outro ponto, facilitar a aquisição dos conteúdos escolares, a educação dos sentidos, a experimentação de distintas situações-problema, as práticas com diferentes artefatos e a visão da sala de aula como algo específico à infância, apresenta a via da Escola Nova.

Segundo os pressupostos da Escola Nova, a escola tinha como objetivo possibilitar espaços para que a criança pudesse observar, analisar e experimentar, visando à construção do seu próprio saber (VIDAL, 2003). Há, portanto, um deslocamento do "ouvir, ver e copiar" (inatividade) para o "ver e fazer" (atividade), isto é, o foco passa a ser a aprendizagem ativa e não mais o ensino passivo.

Quadro 4 - Aspectos que configuram a Escola Tradicional e a Escola Nova

Método da Escola Tradicional	Método da Escola Nova
Preparação	Atividade
Apresentação	Problema
Associação	Dados do problema
Generalização	Hipótese
Aplicação	Experimentação

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

O que marca a produção desse novo ideário é a reflexão sobre a prática pedagógica, ou seja, de como se ensina. Sendo assim, a concretização desse movimento recai sobre o método, a produção de metodologias, cujo conteúdo expresse procedimentos e materiais, que pudessem ser suportes para os professores a colocar o modelo Escola Nova como uma referência. Assim, como proceder para ensinar se agiganta muito mais do que a reflexão sobre as finalidades da escola. Esta última muito criticada por ser um ambiente de “suplício”, que prioriza o desenvolvimento intelectual e transmitia conhecimentos pouco úteis para a vida dos alunos.

A esse respeito, Valdemarin (2010) chama a atenção de como o método é estigmatizado como um conjunto de regras comuns, simplificadas, que deviam ser entendidas, memorizadas e reeditadas pelos professores no sentido de ser o avalista da implantação das

inovações pretendidas. É o método que irá garantir o atendimento das demandas sociais, se tornando o recurso pedagógico que une objetivos sociais e educacionais, que valoriza o progresso científico e industrial como sinônimos da modernidade. Nesse contexto, fez-se necessário formar indivíduos que tivessem suas habilidades básicas de ler, escrever, calcular desenvolvidas por meio da educação escolar.

Para Hamdan (2008), as ciências do comportamento e a biologia representaram o norte explicativo do desenvolvimento humano que conduziriam a aprendizagem necessária para a infância e para sua interação ao meio social, superando assim a perspectiva Tradicional de ensino.

Nessa perspectiva, as referências teóricas que serviram como suporte para fundamentar os estudos se originaram nas produções de John Dewey, Kilpatrick, Decroly, Edouard Claparede, Maria Montessori dentre outros. Conforme apresentado no quadro 5, é possível observar que esses teóricos e seus estudos estão presentes nos textos publicados na Revista *Escola*, mais precisamente em dez artigos, sendo dois de Ferrière, um de Rousseau, outro de Rosseau e Pestalozzi, dois de Decroly, um de John Dewey e Kilpatrick, um de Maria Montessori, um de Pestalozzi, outro de Georg Kerschensteiner .

Quadro 5 - Teóricos citados nas publicações da Revista *Escola*

Título	Teóricos
A Escola renovada e a Creação	Adolpho Ferrière
A escola nova e sua finalidade	Adolpho Ferrière
O Professorado Leigo, particular ou público	J. J. Rousseau
Centro de Interesse	Decroly
Instrução	Decroly
A Socialização na Escola	John Dewey, Kilpatrick
Os Pioneiros da Escola Nova	Rousseau e Pestalozzi
O Professor e a Creação	Maria Montessori
O professor e as grandes renovações da época	Pestalozzi
Crítica Pedagógica	Georg Kerschensteiner

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Considerando as publicações da Revista *Escola* e relacionados no quadro 5, abordando a linha de suas concepções teóricas e práticas, que foram veiculadas na referida revista e, portanto, lido pelos professores paraenses. Assim, além de rever as diferentes interpretações construídas em torno da ideia central de que a escola deve estar vinculada aos interesses sociais.

O princípio de que a escola deve estar ligada aos interesses sociais está presente nos tratados pedagógicos modernos. O Tratado de Comenio, *Didática Magna*³⁹ no século XVII é um exemplo. A esse respeito, Valdemarin (2010) destaca que essa obra apresenta importante contribuição para a constituição do campo pedagógico, pois ao propor objetivos e finalidades educacionais, expressa teoria sobre o conhecimento humano em geral e especificamente sobre a infância, delinea a organização institucional, indica conteúdos e materiais para serem utilizados na escola, bem como o método de ensino para concretizar as pretensões de que a escola é a estratégia mais adequada para formar bons cidadãos e bons cristãos.

Comenius (2002) pensava uma “educação para todos” e com a colaboração de todos. Portanto, atribuiu à escola a tarefa social de formar a todas as pessoas sem distinção iniciando pela infância. Tencionava uma educação de superação do estudo memorizado pregado pela escola tradicional. Além disso, sobre a arte de ensinar tudo a todos, ele destaca que “a arte de ensinar não exige mais que uma disposição tecnicamente bem feita do tempo, das coisas e do método.” (COMENIUS, 2002, p.127). Quanto a isso, Valdemarin (2010) destaca que a experiência da criança é posta como ponto de partida para a ascensão no conhecimento formal e como método para progredir nos estudos. Enfatiza que nessa obra, demarcadora da pedagogia moderna, se constitui um campo de conhecimentos marcado por objetivos sociais que devem se concretizar na prática educativa.

No século XVIII, *Emílio ou a educação de Jean Jacques Rousseau*⁴⁰ é outra obra que esculpe o pensamento pedagógico da modernidade. Para Valdemarin (2010) e Boto (2010), esse tratado se caracteriza não por ser um modelo pronto e acabado. A obra preconiza que a transformação política da sociedade não ocorre pela via religiosa, como em Comenius, mas porque a igualdade é parte integrante da natureza humana. É inspirador, não apresenta um plano para ser colocado em prática pelas escolas, mas traz diretrizes de um projeto político que suscita uma educação que seja adequada com a política.

A interlocução com os textos políticos educacionais de Rousseau pressupõe a relação entre educação e o exercício da cidadania, tornando essa relação um princípio para a educação moderna, dando voz a educação dos sentidos, e educação moral com vistas à transformação social, pois seu projeto pressupõe o desenvolvimento das potencialidades individuais para a

³⁹ Em sua obra mais conhecida e talvez também mais influente, a *Didática Magna*, livro publicado em 1649, o autor protestante assevera com clareza que a metodologia de ensino deve assumir a condução das ações do professor nas instituições escolares. Ver Comenius (2002).

⁴⁰ Jean-Jacques Rousseau, sueco nascido em 28 de julho de 1712 em Genebra Suíça foi um dos mais importantes teóricos políticos, filósofo, escritor, compositor e faleceu em 1778 na França. Ver *Emílio ou da educação* (1979).

construção da autonomia, rechaçando a submissão aos poderes estabelecidos através do indivíduo a fim de que seja capaz de fazer os próprios julgamentos.

Na perspectiva de Valdemarin (2010) e Boto (2010), tratam-se, então, de duas grandes linhas que configuram as concepções sobre educação, estabelecem valores e delimitam funções a serem concretizadas na sociedade. Nas abordagens de Comenius e Rousseau são estabelecidos os fundamentos da educação moderna.

Na sequência, Cambi (1999) denomina o século XIX de século da pedagogia, e enfatiza que Celci Redie iniciou os principais experimentos desse modelo de escola na Inglaterra e buscava alcançar um modelo de ensinagem que pudesse satisfazer as necessidades do mundo moderno. Concorre para isso que a escola fosse semelhante ao cotidiano e que desenvolvesse além da inteligência também as habilidades físicas e manuais.

Na França, foram publicados os fundamentos teóricos de Roger Cousinet (1882 – 1966) e Célestin Freinet (1889 – 1966). O primeiro expõe o seu método didático em uma publicação denominada Um método de trabalho Livre para grupos em 1925, no qual se encontra o método didático que era capaz de estimular e satisfazer a curiosidade e a socialização das crianças, destacando os princípios de moral e autodisciplina. O segundo desenvolveu o método da cooperação, denominando sua experiência de “canteiro de obras” em que a criança aprende num clima de empenho e colaboração.

Na Itália, o movimento Escola Noite foi denominado de Escola Serena, destaca-se a presença de Giuseppe Radice que defende um ideal de escola família com valorização das atividades artísticas e espontâneas. Nos Estados Unidos, o termo escola e trabalho, usado por Dewey em suas proposições pedagógicas, marca a adoção do conceito de trabalho como princípio importante para a vida e o progresso do país.

Segundo Manacorda (2006), no desenvolvimento da instrução técnico-científica, concomitantemente ao progresso da revolução industrial, e teve espaço propício para a grande educação nova, ou denominada também de “escola ativa” que nasceu tendo como lema um grande e generalizado movimento de democratização da educação. O movimento das “escolas novas” terminou por estender-se também até a América e a Ásia.

De acordo com Manacorda (2006), que apresenta um panorama dos ideais de mudança pedagógica no mundo nos anos iniciais do século XX, referentes aos teóricos supracitados, foram nos Estados Unidos sob a orientação de John Dewey que se experienciam inovações pedagógicas referenciadas em “métodos dos projetos”, sob a inspiração de Kilpatrick. Na Áustria, os social-democratas protagonizaram reformas fundamentadas nos princípios da Educação Nova sob a liderança de Glockel que era ministro da educação; também na URSS

Sackij, Blonskij, Krupskaja (esposa do Lenin) marcam o ativismo pedagógico, o próprio Lenin se interessou pelas experiências americanas.

[...] É preciso estudar minuciosamente a experiência americana, é preciso fazer nosso tudo aquilo que se conseguiu conquistar nos países capitalistas, avaliá-los com base no critério da nossa posição marxista e ver o que nos convém e o que não nos convém [...]. (MANACORDA, 2006, p. 313).

Cambi (1999) destaca que no século XX a instituição escolar se consolidou como um dos pilares de apoio das sociedades democráticas, com desdobramentos em experimentações escolares e relativas à didática fundamentada pelas novas teorias científicas desenvolvidas, principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América. O autor aponta contribuições importantes de inúmeros teóricos para descrever a Escola Nova ou Escola Ativa ou Escola Progressista, seus referenciais propagaram os aspectos práticos para mudança.

Na sequência, esses teóricos serão revisitados, considerando as publicações da revista *Escola* que em seu conteúdo reproduzem, apresentam integralmente ou em parte suas obras, assim, no decorrer da análise dos textos da revista, retomaremos os teóricos e base da Escola Nova, acessando os trechos das publicações.

A edição da revista *Escola* de junho de 1934 veicula o texto denominado *A Escola renovada e a criança*. No texto é possível perceber concepção de organização da aula, concepção de escola Nova, perfil das práticas educativas e concepção de criança. O enredo demonstra preocupação com o método e faz alusão a Adolpho Ferrière, A publicação resulta de uma palestra da Profa. Hilda Vieira, Diretora do Grupo Escolar Floriano Peixoto, em 11 de fevereiro de 1933. O objetivo do texto era refletir sobre a Escola Nova, para tanto discorre sobre as diversas denominações que o movimento renovador da educação assume e se debruça nos livros “A escola Ativa” e a “Prática da Escola Ativa”, publicados por Adolpho Ferrière.

Na difusão do novo pensamento pedagógico tiveram grande importância os escritos realizados por Ferrière (1879-1960). Essa foi a “alma mater” da The New Education Fellowship (Comunidade da Nova Educação), que se estendeu por todos os continentes. Alguns autores usaram para denominar essas escolas o termo de “Escolas Progressivas” ou “Escolas Ativas”, embora o título mais usado e reconhecido fosse o de “Escolas Novas”. Após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, produzido por Ferrière, o BIEN (Bureau Internacional des Écoles Nouvelles) contém os 30 pontos que definem a Escola Nova.

Quadro 6 – Síntese dos Pontos que definem a Escola Nova – Adolphe Ferrière

Síntese dos pontos	Descrição
1 a 10 O ambiente de ensino	A nova escola é um laboratório de pedagogia ativa, onde a experiência da coeducação dos sexos apresentou resultados morais e intelectuais excepcionais; Nela coexistem trabalhos manuais, trabalhos programados e trabalhos livres; A cultura do corpo é presente através da ginástica natural (viagens a pé, bicicleta).
11 a 20 Como o ensino acontece	A educação intelectual acontece através de abrir a mente para uma cultura geral que se une a uma especialização com fins a uma profissão. O ensino consiste nas experiências, nos fatos, na vida pessoal e nos interesses espontâneos. As atividades são de cunho individual, coletiva. Destaca que o ensino propriamente dito deva acontecer somente pela manhã e à tarde acontece o estudo individual.
21 a 30 Autoridade Estimulação Educação e consciência moral	A autoridade imposta é substituída pela prática gradual do senso crítico e da liberdade. Oferecer desenvolvimento da criatividade e estimulação positivas através de recompensas. Sanções negativas (punições) para que as crianças possam atingir os objetivos considerados bons. A escola através da música exerce influência que purifica as leituras, sobretudo as leituras da noite para as crianças, provocam reações espontâneas e juízos de valor, para os adolescentes as reflexões sobre as leis naturais do progresso espiritual, individual e social. Quanto à atitude religiosa, segue-se normalmente uma orientação não confessional ou interconfessional, unida à tolerância.

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

O Quadro 6 destaca o perfil do ambiente escolar e todos os seus desdobramentos na perspectiva da Escola Nova, enfatizando os aspectos de que a escola deveria ser um laboratório de pedagogia, que o ensino consiste nas experiências, nos fatos, na vida pessoal e nos interesses espontâneos. A autoridade imposta é substituída pela prática gradual do senso crítico e da liberdade, esses são o tripé que configuram a Escola Nova.

A diplomada Ruth Pires Reis tem seu texto publicado na revista *Escola* por ocasião da colação de grau da turma de normalista de 1933 do Collegio Progresso Paraense. Ela faz o discurso como oradora da turma, cujo título: A socialização da escola. No referido texto, apresenta reflexão sobre a Escola Nova ou Escola Ativa, destacando a pedagogia experimental ou de laboratório, cita Jose Verissimo, Kilpatrick. No discurso, Ruth Pires Reis destaca a importância do trabalho do professor estar conectado com a solução dos problemas vitais do país, portanto o que se estuda na escola deve servir para a vida. A autora faz referência que em vários livros da Biblioteca de Educação, publicação organizada por Lourenco Filho, é possível o acesso ao conceito de educação de John Dewey para quem destaca a autora a escola deve,

Simplificar o ambiente de modo que a criança possa gradualmente conhecer os segredos da vida social, deve ser um meio purificado para que possa expungir da sociedade os velhos defeitos, deve ser enfim um ambiente de integração social, uma casa de influencias coordenadas, harmonizadas e consolidadas para a formação de inteligências capazes. (ESCOLA, 1934, p.88).

A fala acima revela o conceito de aprendizagem gradual e desenvolvida em ambiente estéril dos hábitos de severidade e passividades da escola tradicional. No texto, a autora destaca a integração social entre os atores da escola para que as inteligências sejam desenvolvidas. Valorizando a aprendizagem pela prática, ressalta, ainda, nesta escola:

[...] só se aprende bem o que se pratica; é não basta praticar é necessário que haja intenção e o interesse de aprender e esse interesse tem de ser sugestionado pelo mestre sempre visando a sociedade [...] ella formará homens livres e ativos em vez de dóceis como dante [...]. (IDEM).

Prossegue diferenciando o conceito de escola moderna, baseada nos conhecimentos sobre Dewey, evidenciando que para essa escola se fará necessário um novo professor, com novo programa e novo método. O texto segue enfatizando que não basta que os alunos sejam ativos é preciso que sejam capazes de escolher suas próprias atividades. Então, neste ponto, há uma hesitação na fala da professora, a livre autonomia que preconiza o contexto estudado por ela e seus colegas durante a sua formação assusta. Embora reconheça os pontos basilares da filosofia do teórico, ela denomina de “uma aventura!”, um desafio para esses professores, deixando perceber como é difícil a ruptura com o tradicional para colocar em prática a escola moderna, mas de toda forma é uma demonstração de estudo desse teórico na formação dos professores no Pará.

John Dewey (1859–1952) nasceu em Burlington, Estados Unidos, é adepto do pragmatismo, considera que o elemento central educação ativa consiste em aprender fazendo, afirma que somente ação, tanto no plano intelectual físico quanto no intelectual, garante uma experiência pessoal significativa. Concebe a educação como um processo de reconstrução contínua da experiência, a educação não prepara para o futuro ou como repetição do passado. Sua teoria opõe-se ao ensino formal, dogmático, mecânico da escola tradicional, mas também não é favorável ao anarquismo pedagógico que abandona os alunos. O ponto nodal da educação Ativa se fundamenta no conhecimento da natureza da criança e desenvolve-se explorando os reais interesses de sua faixa etária. (VALDEMARIN, 2010).

Sendo assim, a considerar Cotrim (1991), na pedagogia Ativa, o método de ensinar deve ser aberto e dinâmico. Quanto ao programa, não deve separar as matérias de estudo de forma a isolá-las e segregá-las de sua base social comum – a história da humanidade. Com isso, o método de ensino precisa ser flexível, de modo que pode unir estudo à atividade lúdica, trabalho intelectual ao manual, teoria e prática. Nesse sentido, a filosofia de Dewey se fundamenta no princípio da continuidade, que se baseia na ideia de que há uma unidade profunda entre o indivíduo e a sociedade, entre a alma e o corpo. Sendo assim, distingue-se do

dualismo que se fundamenta na separação entre coisas e pessoas. É possível que essa flexibilidade para o trabalho em sala de aula não foi bem entendida pelos professores paraenses se retomamos a fala da oradora da turma.

No destaque de Manacorda (2006), outro ponto importante a destacar é a tarefa que Dewey atribui à educação. Para ele, a educação expressa um significado mais amplo que o simples desenvolvimento do indivíduo, pois acreditava que a escola tinha o poder de reconstruir a sociedade. Assim, Dewey era defensor de um sistema de ensino público que transformasse a escola em uma sociedade em miniatura, uma comunidade, tal qual um embrião. A considerar essa via de pensamento, os alunos aprenderiam a viver de forma democrática, desenvolvendo o espírito de cooperação e participação social através do trabalho em grupo. Educação é vida social; escola é sociedade, esse era o lema de Dewey.

Com base nesses pressupostos, Dewey acreditava que era possível criar nas escolas a projeção do tipo de sociedade que desejaríamos realizar e, formando os espíritos, bem assim retratado no texto da diplomanda Ruth, a escola devia ser um meio purificado pelo qual era capaz de expungir os velhos defeitos da sociedade expressos na vida adulta.

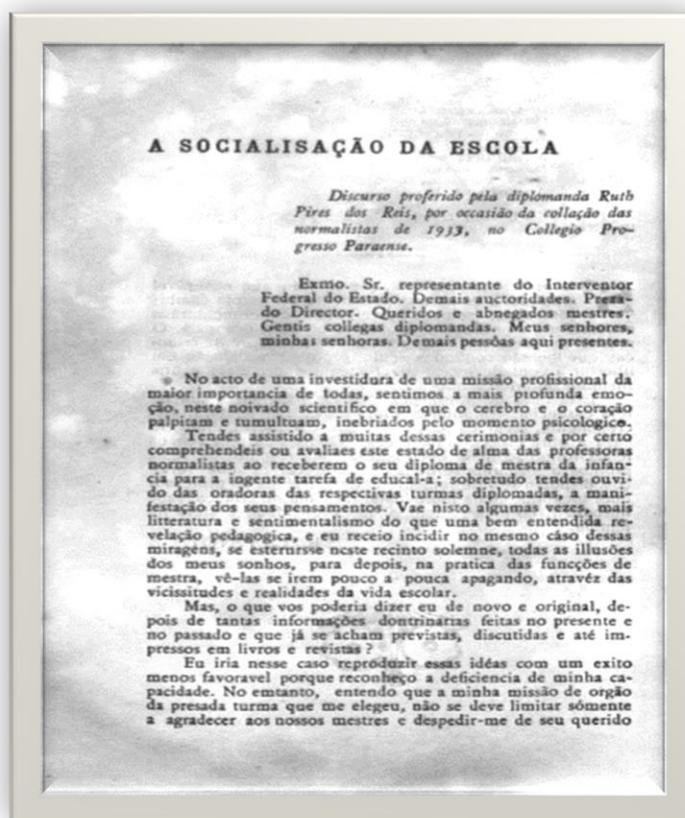
Outro destaque relativo ao texto “A socialização na escola” (Figura 11) revela uma tensão em relação ao ensino moderno, enfatizando o novo espírito pedagógico como algo que pode ser configurado como uma confusão que é necessário superar. No fragmento, encontra-se, então, um depoimento que faz emergir a condição do professor diante das inovações modernizantes na educação, pois faz referência ao contexto de inventos científicos que revolucionaram o mundo e cita o discípulo de John Dewey, William Kilpatrick, como mais um representante das inovações pedagógicas, que provocam hesitação nos agentes da educação, possivelmente, porque não se sentiam seguros para colocar em prática as ideias e práticas com as configurações das ações pedagógicas, propostas pelo movimento Escola Ativa.

Sobre isso, Cotrim (1991) discorre que o método de ensino por projetos surgiu inicialmente com Kilpatrick, colaborador de John Dewey, o mais correto seria considerar o método de projetos como um dos métodos escolanovistas. A ideia básica do método de projetos é de que o conhecimento deve ser buscado pelos alunos a partir de necessidades de sua vida real. Dessa forma, os currículos preestabelecidos, nos quais o conhecimento é organizado numa sequência lógica e temporal, não seriam de utilidade.

Kilpatrick sistematizou uma tipologia de projetos que são a base para fundamentar os objetivos pretendidos com a sua renovação educacional. O primeiro tipo constitui-se em dar forma a um material ou uma ideia. O segundo tipo reside na apreciação de uma experiência estética. O terceiro tipo traduz-se na superação de uma dificuldade intelectual ou resolução de

problemas, que o autor já forma descritos por Dewey. E, por fim, o quarto tipo equivale na melhoria de uma habilidade ou conhecimento, conforme Valdemarin (2010).

Figura 11 – Fragmento do texto – ‘A Socialização da Escola’



Fonte: Escola, v.1, n.3, 1934, p. 86.

O pragmatismo de John Dewey é sem dúvida a base filosófica do método de projetos. Igualmente central no método de projetos é o desenvolvimento da atitude investigativa e do pensamento científico autônomo, considerados por Dewey e por Kilpatrick indispensáveis à cidadania na democracia liberal. Ele considera que o objetivo dessa prática educacional é fazer surgir cidadãos melhores e identifica a necessidade de investimento na formação de professores, no mobiliário, na administração escolar, na forma de avaliação como condição para implementá-la. Se essas condições não estão à disposição, possivelmente, podem provocar confusão a que a autora enfatiza no trecho do texto em destaque, publicado na revista. (VALDEMARIN, 2010).

Em outro texto publicado na revista *Escola* – a revista do Professorado do Pará, de autoria de Hemilia Henderson Loureiro, Professora do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, sob o título: Centro de Interesse, a autora aborda o pensamento de Decroly, descrevendo o seu

método e enaltecendo sua teoria, através de exemplos de práticas educativas para a organização do trabalho pedagógico e expressa também uma insatisfação com a Escola Nova brasileira, pois despreza as fases referentes à aprendizagem no Centro de Interesse.

A esse respeito Cotrim (1991) diz que Ovide Decroly, de origem Belga, sistematizou um método especial ao ensino infantil para escola elementar. Nesse método, enfatizou que há bastante diferença entre a vida mental de um adulto e uma criança. Discorre que as representações mentais das crianças tendem para percepções globais, apresentando dificuldades para análises e percepções de fatos de maneira isolada, considerando essas assertivas sobre a mente infantil.

Decroly apresenta proposição de organização do programa escolar enfatizando a globalização do conteúdo do ensino por centros de interesse. Orientando evitar tratar as matérias de maneira compartimentalizada. Ele procurou organizar os centros de interesse a partir das necessidades e desejos da criança. Propõem as seguintes unidades temáticas: a criança e a família; a criança e a escola; a criança e o mundo animal; a criança e o mundo vegetal; a criança e o mundo geográfico; a criança e o universo.

Observa-se que sua organização de programa escolar parte do que é psicologicamente mais próximo da criança avançando progressivamente em direção ao que lhe é mais distante. Os centros de interesse foram sistematizados para oferecer ao aluno primeiramente conhecimentos sobre si mesmo; em seguida sobre o meio social e natural em que vive. Para o desenvolvimento do aprendizado encaminhou a seguinte via pedagógica fundamentada em três estágios básicos: observação, associação e expressão.

Na observação, a criança deve entrar em contato direto com os objetos, seres e fenômenos que estuda. Na associação, a criança deve ser levada a relacionar os fatos observados. Já na expressão, a criança deve ser estimulada a manifestar o seu pensamento por meio da linguagem oral e escrita, do desenho, da modelagem, do trabalho manual.

Essas fases são citadas no texto Centro de Interesse publicado na Revista *Escola*, lugar em que a autora enfatiza que as fases foram abandonadas pela Escola Nova brasileira que oferecem a lição como um todo, separando-as por mero expediente didático. O que poderíamos considerar, na perspectiva de Valdemarin (2010), que o ensino globalizado e organizado em centros de interesse muda radicalmente a organização escolar e o processo de ensino, mas a estratégia adotada para a sua implementação se preocupa em garantir que seja exequível por meio de experiências já realizadas e procedimentos já conhecidos dos professores, fato que possivelmente oferece subsídio para a compreensão pedagógica de Ruth, no texto sobre Escola Nova à brasileira.

Figura 12 - Conferência proferida em Belém, março de 1938



Fonte: <https://www.filosofiaesoterica.com>. Acesso em: 1 out. 2019.

Jinarasada⁴¹ visitou a Amazônia a convite das associações Teosóficas, realizou uma Conferência em Belém (Figura 12) em homenagem ao Interventor Federal Major Magalhães Barata. A sua fala originou o texto *O professor e a Criança*, figura 12, publicado pela Revista *Escola*, na edição de agosto de 1934. Na publicação, o autor revela que em uma de suas estadas em Londres conversou com Maria Montessori e que ela destacou que seus professores na medida em que compreendiam seu método começavam a mudar não só como professores, mas também como humanos, as crianças transformavam os professores como ‘piccolo Messias’.

No texto, o autor continua destacando que no sistema montessoriano um dos princípios é de que o professor não deve impor a criança. Ele deve observar a criança, deixando de lado todas as teorias sobre a educação, destaca o conferencista. O professor não deve dizer não faça isso, não faça aquilo, pois à criança deve ser permitido experimentar. O autor discorre detalhes desse processo de experimentação e sugere que o Magalhães Barata convide Montessori para inspirar os seus professores.

⁴¹ Curuppumullage Jinarajadasa nasceu em 16 de dezembro de 1875 no Sri Lanka e morreu em 18 de junho de 1953 nos Estados Unidos. Foi escritor, ocultista, maçom e teosofista. Quarto presidente da Sociedade Teosófica. Jinarajadasa foi um dos mais importantes autores teosóficos do mundo, tendo publicado mais de 50 livros e mais de 1 600 artigos em periódicos. Ele também viajou para a América do Sul, chegou ao Brasil em 1928 e permaneceu na década de 30 onde lecionou em espanhol e português e fundou filiais da Sociedade Teosófica (TS). A Teosofia é um sistema de filosofia e crença religiosa preocupada com a natureza dos processos divinos e suas relações com o universo dos fenômenos. Ver <https://www.filosofiaesoterica.com/>.

Sobre o sistema de Montessori, Cotrim (1991) e Manacorda (2006) destacam que a partir do estudo com crianças anormais e da pesquisa por métodos para a sua recuperação, resultou em saber para a educação dos normais. Então, em 1907, Maria Montessori fundou no bairro romano de San Lorenzo, a Casa das Crianças, onde desenvolveu seu método de trabalho educativo dedicado à pré-escola.

No entanto, também, pode ser aplicado a crianças nos primeiros anos do atual ensino fundamental. Um dos aspectos mais elementares do método montessoriano, conhecido internacionalmente, é a autoeducação da criança por meio de materiais pedagógicos, que constituem um riquíssimo conjunto de objetos, formas, cores diferentes, compostos por caixas, cubos, bastões, primas e muito mais.

Este material tem como propósito desenvolver atividades sensoriais e intelectuais da criança, provocando o desenvolvimento de seu potencial criativo através de livre e ação concentrada. Montessori preconiza que na sala de aula a criança deve ter liberdade de ação, liberdade para escolher o material pedagógico que corresponda às suas necessidades interiores no momento.

O professor deve administrar essa liberdade, a esse respeito a autora orienta que o professor deve interferir coercitivamente o menos possível. O ponto de chegada é que a criança desenvolva criatividade, autonomia e eduque a si mesma. Esses aspectos são enfatizados nos textos publicados da revista *Escola*.

O texto ‘O professor diante das grandes renovações da época’, de autoria da Normalista Nina Ayres, que era assistente escolar, foi publicado em maio de 1935, na revista *Escola*. Nele, a normalista realiza um chamamento aos professores paraenses para construir a riqueza do estado a partir da obra renovadora da educação, diga-se, Escola Nova. O texto enaltece as ideias do teórico Pestalozzi, enfatizando o princípio por este defendido de que a redenção da escola primária está não no ensino, e sim no amor.

A considerar Valdemarin (2010) destaca-se que Joahann Heinrich Pestalozzi e Friederic Froebel, no século XIX, desenvolveram iniciativas educacionais que modificaram profundamente as concepções de professor, ensino e método. Essas mudanças possibilitaram o que atualmente se entende por *escola moderna*. Contudo, faz-se necessário considerar que foi Pestalozzi quem mais diretamente influenciou as teorias de Froebel e Herbar. Por conta da reverberação das suas novas práticas de ensino, suas escolas ganharam considerável notoriedade. Sua teoria também foi difundida em congressos e exposições a exemplo de Paris, em 1867 e 1889, e da Filadélfia, em 1876, suas teorias influenciaram significativamente a organização da escola (primária) em diferentes países.

Um dos propósitos de Pestalozzi era abolir algumas heranças das escolas tradicionais, caracterizadas pela passividade dos alunos no processo educativo. Para atingir essa meta, ele organizou uma proposição pedagógica que inverteu a concepção de aluno, de professor e do saber. Essa mudança está atrelada ao ensino e ao aprendizado pela intuição. Pestalozzi tomou a intuição a partir de duas vias: uma sensível (ou exterior) e outra racional (ou interior). A intuição para Pestalozzi estava para além de apresentar as impressões das coisas, mas também em impulsionar as primeiras ações da inteligência.

Contudo, o Método de Pestalozzi faz com que o professor e o saber se elevem em correspondência à criança. Assim, não somente o saber, mas também os professores se colocavam no ritmo da criança. Como conduzir o ensino a partir de objetos concretos, seguindo o ritmo da criança? Pestalozzi indicaria: estabeleça um diálogo com a criança. Um dos princípios da instrução elementar pestalozziana é a conversação a partir de uma realidade concreta.

Trata-se de uma espécie de jogo que se configura entre perguntas e respostas. Por que esse princípio? Porque naquela época esse princípio funcionava como um instrumento pedagógico e psicológico que permitia identificar o grau de maturidade da criança, fazendo-a externalizar o seu saber. A criança só se expressa sobre aquilo que ela quer conhecer ou sobre o que já conhece. Pestalozzi, afirmando a necessidade de respeitar o desenvolvimento infantil, se torna referência para novos procedimentos didáticos.

O texto apresenta um resumo de leitura sobre concepções de Georg Kerschensteiner, sobretudo, destacando a importância que o autor confere à formação de professores. O destaque de que a prática é mais eficiente que o conhecimento teórico, que o educador deve se manter jovial e sereno diante da vida, são argumentos utilizados pela autora em sua publicação na revista *Escola*. Segue-se um breve perfil de Kerschensteiner.

As ideias Kerschensteiner acerca da educação foram desenvolvidas no início do século XX, as quais são parte integrante de todo um conjunto de ideias que compõem o ideário da Escola Nova. Ele organizou seu pensamento no contexto educacional alemão, considerando a via da “escola do trabalho”, que tem como suporte a teoria da educação com base na preparação científica, e a posteriori a desenvolveu, mais tarde, na prática. (GOMES, 2010).

Para o educador, a formação humana não estava descolada do real, por isso, as suas principais obras discutem a escola e suas diferentes implicações existentes nela, uma vez que, em seu entendimento, a escola seria a base educacional de uma sociedade.

Gomes (2010) enfatiza que, de maneira geral, o trabalho manual definia as mudanças propostas por Kerschensteiner (2010), mas que a escola não deveria ser somente manual, no

interior do sistema escolar. A esse respeito, o pedagogo destaca que o ensino é estático sempre que não se afinar com a prática e com o costume, pois é só desta forma que o trabalho e pelo trabalho realmente prático, em uma organização da escola ou da vida pública, se poderia formar o homem.

É interessante perceber como ele faz um diagnóstico geral do processo de ensino, descrevendo de que maneira o trabalho, como parte prática do ensino, pode ajudar na formação de um indivíduo. Fazendo, ainda, a ressalva de que indicações formativas profissionalizantes são dirigidas aos jovens.

Dessa forma, recomenda as escolas de trabalho, ou seja, um sistema corretivo típico das instituições escolares voltadas para a formação do trabalhador por meio do trabalho. Nesse ponto que o pragmatismo é destaque, identifica-se a inspiração de texto de Almiria Silvia, publicado na *revista Escola* sobre livro de Kerschensteiner, ao fazer destaque à importância da prática no e para o desenvolvimento da educação.

Sobre o ponto nodal da nova educação para Kerschensteiner era a preocupação de adaptar, de diferenciar, de individualizar, segundo Gomes (2010), e foi, a partir desta proposição, que o autor colocou em prática o seu modelo de “escola do trabalho” em todos os níveis de ensino, nas escolas de Munique entre 1910 e 1914. No que diz respeito à prática educativa, o pedagogo assumiu duas questões fundamentais, que foram essenciais em todo seu trabalho: o processo educativo implica liberdade; e a verdadeira educação exige, de antemão, o conhecimento exato e profundo dos educandos.

Essas premissas contribuem a entender, de uma forma explícita suas preocupações acerca da formação do homem; e, portanto, seu trabalho tinha, fundamentalmente, a meta de mudar as escolas, pois, só assim, poderia fazer ruir todo o conjunto pedagógico tradicional. Para o autor, a educação tinha o objetivo de, mediante o trabalho, levar a moralização da profissão e, assim, chegar à moralização da sociedade. Esse tipo de prática era destacado, por Kerschensteiner, como exemplar, pois, dessa forma, a escola estaria cumprindo o seu papel social, posto que o trabalho feito dentro dessa escola faria emergir atitudes importantes para a formação do ser humano.

Considerando esses posicionamentos, destaca-se a atenção com a formação das crianças e dos jovens, pois ele acreditava que a escola deveria substituir a aquisição metódica e o ensino mecanicista, falsamente científico, por conhecimentos oriundos da vida, do cotidiano dos alunos. A escola necessária é a escola que consegue fazer relação do ensino com o seu meio social, como destaca a fala da Profa. Almira, no texto, publicado na revista *Escola*.

O professor deve influir no meio ambiente, pois esta relação é fundamental para não habituar o ensino a uma realidade social estagnada, como acontece com as escolas enciclopédicas que se tornam incapazes de formar alunos e capazes para “transformação do futuro”. Professores com propósito de formar profissionais com firme e valores morais e cívicos que pudessem formar o homem capaz de se desenvolver dentro da sociedade.

Considerando os propósitos dessa investigação que se assenta na possibilidade de repertoriar por meio da imprensa periódica, neste caso a Revista *Escola*, o processo de renovação da educação, braço da modernização insurgente na educação desde a década de 20 no Brasil, que se denominou Nova Escola, é que se encontrou o fundamento para organização desse tópico, não se tinha a pretensão de esgotar a reflexão sobre as bases teóricas que fundamentaram o processo de renovação da educação, muito menos de abordar todas as referências.

Considerou-se mais proveitoso para análise, compor reflexão a partir dos indícios presentes na Revista, sobre os teóricos que demandaram princípios doutrinários sobre o método de ensino e seus desdobramentos práticos para que a escola estivesse vinculada aos interesses sociais da educação moderna, ora como princípio organizativo, ou como valor social. É nesta perspectiva que os teóricos aqui foram abordados.

2.4 Escola Nova e o contexto político, econômico e social no Pará em 30

Merece nossos louvores a atividade inteligente do como docente primario, pondo em pratica, com sucesso surpreendente, sob a inspiração do Secretário Geral do Estado, as novas directrizes da escola activa, fazendo adaptação ao regime escolar em vigor das normas pedagógicas em evolução, numa antecipação louvavel ao projecto da reforma, que pretendemos realisar, o que é um attestado do seu zelo e competencia. Tivemos oportunidade de verificar esse progresso introduzido em as nossas escolas, cujos resultados, apesar do limitado espaço de tempo, são verdadeiramente reaes. Haja vista a exposição feita no grupo escolar Floriano Peixoto, dirigido pela directora Hilda Vieira, onde o visitante encontra os signaes evidentes da renovação pedagógica a que alludimos. (PARÁ. Mensagem do Governador do Estado Dr. Eurico de Freitas Valle ao Congresso Legislativo do Estado do Pará, 1930, p. 84-85).

O fragmento acima é parte da mensagem do Governador do Pará Eurico Valle ao Congresso Legislativo Estadual no início da legislatura de 1930 e põe luz na pedagogia da Escola Nova ao destacar a realização de atividades no âmbito do ensino primário no Grupo Escolar Floriano Peixoto localizado na capital paraense, o qual o governador considerou estar em consonância com as diretrizes educacionais de renovação pedagógica, que se apresentavam sobre a égide da Escola Ativa, assim ele parabeniza o Grupo Escolar, que embora de forma adaptada já colocava em prática para ensino dos alunos as novas diretrizes

educacionais, que se inserem na nova ordem republicana no Pará, bem como faz alusão a resultados positivos, deixando registrada a intenção de realizar essa reforma de maneira mais consistente em seu governo.

Destarte a mensagem do Governador registra a presença de desdobramentos da Escola Nova no Pará, à medida que reconhece a iniciativa dos professores e diretores que mesmo de forma adaptada já trilhavam os caminhos da renovação pedagógica, como era caracterizada a prática educativa que a referendava, assim se pode perceber que no interior da escola havia um movimento de implantação levado a frente pela comunidade interna, professores, diretores. O registro do representante do executivo expressa também o desejo de realizar projeto de reforma sistemática da educação paraense como política de Estado, no entanto os acontecimentos da Revolução de 30 precipitaram o seu afastamento do cargo, assim não levou a frente tal projeto. Mas diante desse relato é possível perceber que as formas de ensinar da Escola Ativa já eram uma busca presente no seio do professorado paraense e do contexto do poder público constituído.

A renovação pedagógica era um argumento presente na fala do último governador da República Velha quando discorria sobre a Instrução Pública no Pará, iniciava por enfatizar que o maior problema no Brasil é a grande quantidade de analfabetos e que portanto se faz necessário cuidar da instrução popular no âmbito dos governos, pois caso o contrário, o mesmo não seria digno da denominação de chefe de estado se a instrução do povo não ocupasse lugar de destaque no programa de governo. Defendendo, que assim agiu seu governo.

Para que a concretização da renovação pedagógica se tornasse realidade era necessária uma série de adaptações nos estabelecimentos de ensino público, e sua fala expõe que esse era o desejo de sua gestão, no entanto, as dificuldades financeiras não permitiram a concretização deste desejo, que implicava não somente na reforma física, mas no completo aparelhamento pedagógico, na reforma do curso normal, na aquisição de objetos escolares, na adaptação de prédios escolares, na criação de museus, na criação de curso de alta cultura pedagógica e no aperfeiçoamento de professores. Assim se pode perceber que a renovação pedagógica em face à Escola Nova estava presente na preocupação do governo paraense.

O governo de Eurico Vale encerrou a chamada 'Primeira República no Pará, Coimbra (1981) destaca que este governo é marcado por medidas protetivas de diminuição de impostos que favoreciam às exportações de produtos, de movimentos para desenvolver o setor industrial, a tecnologia de manufatura de artefatos, bem como interagiu com os agricultores para intensificar a produção de produtos agrícolas exportáveis, impulsionou a construção de

rodovias no sentido de facilitar o intercâmbio comercial. Realizou a substituição de intendentes cuja a honestidade no trato com a coisa pública era duvidosa e como já se destacou acima tinha planos para a valorização da educação. O seu senso de honestidade, prudência, comedimento e justiça poderia resultar em desenvolvimento para o Pará, mas o momento era de modificação no sistema político, o paradigma da Primeira República estava saturado, não tinha mais credibilidade para governar.

Destarte em 24/10/1930 Eurico Vale deixa o governo e empossa a junta governativa em cerimônia realizada no Palácio, que segundo Coimbra (1981) e Rocque (2001) foi realizado um discurso enaltecendo o Governador e destacando que se todos fossem como Eurico Valle não haveria necessidade de Revolução, completa ainda que ele desceu as escadarias do Palácio aplaudido pelo Povo.

Após esse desfecho o Pará entra definitivamente no período denominado de Segunda República sendo governado pela Junta Governativa Provisória constituída por Tenente Ismaelino de Castro, Mario Chermont, Abel Chermont, que após dois dias renunciou e nova junta constituída tendo como membros Tenente Ismaelino de Castro, Capitão de Fragata Antônio Rogério Coimbra e Dr Mário Midosi Chermont, a seguir foram designando a ocupação dos cargos da administração estadual e designando Intendentes.

Mas uma nova composição do governo estadual foi organizada após a posse de Joaquim Cardoso de Magalhaes Barata em 12 de novembro de 1930 que novamente reconstituiu a ocupação dos cargos administrativos, montando assim sua equipe de governo. Suas primeiras decisões foram confiscar prédios, bens, definir normas sobre o casamento civil, retirar os incentivos que Eurico Valle tinha dado às indústrias, reduziu aluguéis residenciais, proibir a venda de bebida fracionada, proibir a acumulação de cargos no serviço público, fato que atingiu diretamente os professores. Suas medidas se apressaram em replicar no Pará se implantava em todo o país.

Como foi o governo do Interventor? Ele foi bem acolhido pelo povo e pela imprensa, até mesmo pela Folha do Norte⁴² Jornal que fazia a oposição a Revolução no Pará. Rodrigues (1979), Coimbra (1981), Damasceno (2011) e Fontes (2013) e definem o governo de Barata como arbitrário, intransigente, austero, honesto e prepotente. Seu perfil patriarcal, autoritário e conservador de sua liderança, foi potencializado pela personalidade carismática que o apoio

⁴² O jornal Folha do Norte (1896-1974) é um dos mais importantes da história da imprensa no Pará. Com longevidade de 78 anos, foi um dos jornais pelo qual os leitores acompanharam acontecimentos regionais, nacionais e também internacionais. Trouxe em suas páginas a vida política do estado, defendendo o Partido Republicano Federal, liderado por Lauro Sodré, e fazendo oposição à política de Antônio Lemos, do Partido Republicano no Pará. Ver Biblioteca Pública do Pará. Jornais Paraoaras: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

popular ajudou a valorizou. Ele pensou e projetou permanecer por muito tempo no poder, desenhou um modo bem particular de governar, sustentado pelo contato direto com o povo do Pará, que se construiu por vínculos criados para garantir proximidade com a população através da concessão de audiência pública para o povo de Belém e através de cartas-petição, assim recebia diretamente pedidos, queixas, denúncias da população, além de suas visitas constantes ao interior.

Logo que assumiu Magalhães Barata estabeleceu um decreto que confiscou bens, se ocupou de desestruturar as estruturas políticas que ofereciam sustentação aos grupos da sociedade civil que haviam sido derrotados pela revolução, estava substancialmente apoiado pelo Decreto Nº 19.398 de 11 de novembro de 1930 que regia o regime brasileiro a partir da vitória da denomina Revolução⁴³. Com toda liberdade decretou o rebaixamento dos aluguéis, expropriou os terrenos dos Lobos e dos Guimarães⁴⁴, para atender o problema do desemprego constituiu uma comissão para resolver o problema e colocou a cargo da Chefia de Polícia, cuja finalidade era procurar trabalho aos desempregados.

O Interventor governou sobre um Estado cuja conformação espacial e demográfica do Pará de acordo com o IBGE (1957) era de 1.250.00 km² em 1930, a divisão administrativa do município era constituída de 5 distritos: Belém (sede), Santa Isabel do Pará, Acará, Castanhal e, Conceição do Araguaia (até 1935 quando elevado à categoria de município). Apresentava um quantitativo populacional de mais de um milhão de habitantes, conforme detalhados no Quadro 7.

Quadro 7 - População do Estado do Pará - 1930 a 1935

Ano	População
1930	1.301912
1931	1.341520
1932	1.379222
1933	1.418018
1934	1.458034
1935	1.499213

Fonte: Series Estatísticas Retrospectivas, IBGE. 1986. p. 4 (adaptado)

⁴³ O decreto regeu o novo regime brasileiro após a vitória da Revolução. Ver Diário Oficial da União - Seção 1 - 12/11/1930, Página 20663 (Publicação Original).

⁴⁴ Contenda sobre terreno na capital entre os que se diziam proprietários e os invasores, Magalhaes Barata decidiu em favor das pessoas simples que construíram moradias no referido terreno.

O cenário de Belém em 30, ainda reportava a de uma “Paris dos trópicos” como resultado da busca pela modernidade e o contexto dos “barões da borracha” que investiram para a construção do simulacro parisiense para legitimar a modernidade e o dito crescimento sócio cultural de Belém. Era visível modernização dos bairros centrais, mas alguns bairros, permaneciam com formas antigas de ocupação do espaço, como por exemplo: vilas estreitas, cabanas cobertas com palha ou lona, vacarias revelando a origem social humilde dos habitantes.

Belém apresentava espaços urbanos que davam aspecto rural ao ambiente, constituídos de vacarias que eram estábulos precários que se localizavam em terrenos alagados “na baixa” - localizadas atrás das residências os capinzais serviam de alimento para o gado, que fornecia leite in natura para a população e, onde também cultivavam flores com objetivo de ornamento de caixões (estética da morte).

No que diz respeito à questão econômica do Estado Coimbra (1981) e Damasceno (2011) destacam em seus estudos que desde a década de 20 a situação financeira era crítica e se agravava progressivamente muito em função da diminuição da renda de comercialização da Borracha, assim a dívida do Estado se avolumava cada vez mais, Barata protagonizou cortes significativos no orçamento e nomeou uma comissão para estudar e elaborar o orçamento do Estado. Para o incipiente segmento industrial do Estado que era representado pela manufatura da borracha ele inicialmente não reservou apoio e anulou os contratos e acordos dos governos anteriores que apoiavam a produção da borracha Crepre, produto de maior cotação no mercado internacional, agiu da mesma forma com o comércio, pois argumentava que essas concessões eram ilegais.

No campo da educação formal, sobre a coordenação executiva, esta ficava a cargo da Diretoria da Instrução Primária, que no período de 01/02/1929 até a posse da junta revolucionária que assumiu após a destituição do governador Eurico de Freitas Valle em 24 de outubro de 1930, esteve à frente no cargo de diretor Oscar Gouveia da Cunha Barreto. No governo revolucionário continuou como órgão responsável pela condução e implantação da política renovadora no Pará.

Este setor do Estado de acordo com Damasceno (2011), assumiu diversas configurações, vide Quadro, no contexto do Império era denominado de Diretoria Geral da Instrução Pública, a partir do decreto 996 de 16/04/ 1901 agregou a ela outras pastas do governo e foi denominada de Secretaria de Estado do Interior, Justiça e Instrução Pública, com o Decreto 1.587 de 03/02/1909, em 1917 foi extinta e passou a fazer parte da 3ª seção da Secretaria Geral do Estado como determinou o Decreto nº 3172 de 01/02/1917, considerando

os termos do Decreto nº 3308 de 15/01/1918 foi recriada com a denominação de Diretoria da Instrução Pública Primária, novamente foi extinta e criada a Secretaria Geral do Estado de acordo com o Decreto nº 1929 de 1921, em 30 retornou a ser um órgão específico e foi chamada novamente de Diretoria da Instrução Pública Primária.

Ao observar o Quadro 8 percebemos inconstância quanto à ocupação do cargo de direção, no período de 5 anos, cinco dirigentes estiveram à frente da Diretoria, dois permaneceram menos de um mês no cargo, essa oscilação reflete uma inconstância na gestão do órgão, certamente esse fato não favoreceu os objetivos de renovação pedagógica, fundamentada na mudança de métodos pedagógicos, com suporte de teorias revolucionárias das formas de aprender tão presentes no movimento Escola Nova, implantar e consolidar a renovação nas formas de ensinar demanda plano de longa duração e que deveria ser liderado pela Diretoria de Instrução Pública.

As sucessivas mudanças neste setor seja na pessoa da direção ou na estrutura organizativa, estão diretamente relacionadas com a situação política do Estado, com a deposição do Governador Eurico Valle, assume a Junta governativa, que logo é substituída por outra composição de Junta governativa e então muda a ocupação dos cargos novamente, isso só é amenizado quando o Interventor assume e designa Mário Chermont para o cargo, mas em 1934 é substituído por conta dos desentendimentos com Barata.

Quadro 8 - Diretoria de Instrução Pública no Pará de 1930 a 1935

Período	Denominação	Diretor
24/10/1930 a 29/10/1930	Diretoria da Instrução Pública Primária	Genuíno Amazonas de Figueiredo
29/10/1930 a 12/11/1930	Diretoria da Instrução Pública Primária	Edgar Pinheiro Porto
12/11/1930 a 25/11/1930	Secretaria de Instituição Justiça e Instrução Pública	Cesar Coutinho de Oliveira
25/11/1930 a 03/11/1931	Secretaria de Educação e Saúde Pública	Mário Midosi Chermont
03/11/1931 a 30/12/1932	Diretoria Geral de Educação e Saúde Pública	Mário Midosi Chermont
31/12/1932 a 22/11/1934	Diretoria Geral de Educação e Ensino Público	Genuíno Amazonas de Figueiredo
22/11/1934 a 09/12/1935	Diretoria Geral de Educação e Ensino Público	Maria Antonieta Serra Freire Ponte

Fonte: Elaborado pela autora.

A estrutura de atendimento da Educação formal no Estado do Pará em 1930 assim estava organizada, vide Quadro 9 e apresentava uma rede escolar com aproximadamente alunos.

Quadro 9 - Atendimento Escolar Público em 1930

Capital	
Ensino Primário	
10 Grupos escolares	5250 alunos
4 Escolas agremiadas	750 alunos
8 Escolas isoladas noturnas	492 alunos
3 Escolas isoladas diurnas	171 alunos
Ensino Profissional	
1 Instituto Lauro Sodré	300 alunos
1 Instituto Gentil Bittencourt	175 alunos
Ensino secundário	
1 Ginásio Paes de Carvalho 534 alunos	534 alunos
1 Escola Normal 435 alunos	435 alunos
Interior de Belém	
Ensino Primário	
4 Grupos Escolares	1156 alunos
29 Escolas Isoladas diurnas	1361 alunos
2 escolas Isoladas noturnas	88 alunos
Interior da Capital	
Ensino Primário	
8 Grupos escolares e 9 escolas	3.438 alunos
173 escolas diurnas	7.379 alunos

Fonte: Mensagem ao Legislativo, 1930.

A considerar que a educação no Pará enfrentava muitos problemas no sentido de recursos para manutenção dos prédios e insumos para o fazer pedagógico como faz referência ao relatório da Diretora do Grupo Escolar Benjamin Constant Professora Aurelia de Seixas Franco⁴⁵ e a mensagem do Governador ao Legislativo em 1930, a saber:

Em mal estado de conservação encontra-se o prédio, tornando-se necessários serios concertos para que elle venha a servir ao fim a que esta destinado. O material escolar em uso acha-se em péssimas condições, precisando urgente substituição. (PARÁ, 1923b).

Cumpre-me dizer a V.Ex^a. que sinto embaraço para fazer funcionar com regularidade as aulas destegrupo, devido a falta de elementos indispensáveis a esse fim, e, não querendo paralisar os trabalhos escriptos, sobre [...] os de exames, foime necessário prover a m^a custa, este estabelecimento de papel, giz, tinta, lápis, etc para attender os interesses de ensino. (PARÁ, 1922-1923, p. 2).

Assim sempre pensámos e assim temos agido para resolver o problema educacional do Estado. Entre as sérias preocupações que trouxemos para o governo, a remodelação do ensino primario, base de toda instrucção, figura em primeiro plano pela necessidade de adaptarmos melhor os nossos estabelecimentos de ensino

⁴⁵ Ver, RESCHKE, Monika. A administração do grupo escolar Benjamin Constant no contexto da década de 20 da Primeira República no Pará. Belém: Dissertação Mestrado - Universidade Federal do Pará, Belém. 2019.

primario ás renovações pedagógicas operadas nestes ultimos tempos. A' vehemencia de nossos desejos antepôz- se o obice intransponivel da situação financeira. Realmente, a reforma em projecto implica dispendio de sommas respeitaveis pela necessidade de um completo aparelhamento pedagogico, sobremodo complexo. Taes como a reforma do curso normal, aquisição de objectos escolares, adaptações dos predios, creação de museus, instituição modelar de varias secções technicas, criação de um curso de alta cultura pedagogica e de aperfeiçoamento para professores, uma infinidade de outras realizações tendentes á modernização do ensino. Reaffirmando o que dissemos anteriormente, temos em elaboração um piano de reforma; entretanto, tentar uma obra de tão grande vulto e importância sem os recursos financeiros para pola immediatamente em execução e mantela, nos pareceu, ao primeiro golpe de vista, difficil. Conhecendo a instabilidade da nossa economia, sujeita a depressões periodicas. sabiamos de antemão que muito aleatorios seriam os meios com os quaes precisavamos contar. Uma reforma dessa natureza presuppõe taes recursos. Nem por isso desanimámos, tão acostumados estamos coal as surpresas economicas da região. Aguardavamos um melhor ensejo quando a crise mundial veiu agravar a nossa situação, já de si depremida. (PARÁ. Mensagem do Governador do Estado Dr. Eurico de Freitas Valle ao Congresso Legislativo do Estado do Pará, 1930, p. 84-85).

A considerar os Quadros 10 e 11 sobre a rede de atendimento educacional no âmbito do Estado do Pará no período de 1930 a 1935, revela um aumento significativo no total de estabelecimentos escolares e de matrículas. Damasceno (2011) destaca que o governo revolucionário coloca em evidência a ampliação do quantitativo de escolas, fato que também é observado em nível nacional, isso se deve à intenção de utilizar a educação para maximizar resultados políticos, à medida que promove uma imagem de administração educacional eficiente, atendendo os estudantes, assim enfrentando o analfabetismo abrindo vagas e oferecendo emprego aos professores.

O aumento das matrículas observado no Quadro 10, se deve à expansão do ensino rural para o qual o Interventor concentrou esforços, como destaca Damasceno (2011) e era comum o Jornal O Estado do Pará publicar notícias sobre o aumento da oferta no meio rural. Em 1934 foi criada pelo governo uma comissão de planejamento educacional para cuidar dessa demanda. Fato que tem continuidade no governo de Gama Malcher que foi posterior ao governo de Magalhães Barata.

Quadro 10 - Ensino Primário do Estado do Pará de 1930 a 1935

Anos	Grupos escolares	Escolas agrupadas	Escolas isoladas	Escolas auxiliares (ex. municipais)	Escolas particulares	Total
1930	22	9	217		-	248
1931	32	-	172	381	-	585
1932	32	14	255	304	-	605
1933	32	17	263	478	-	709
1934	32	17	283	257	249	1056
1935	35	17	283	462	273	1070

Fonte: Mensagem ao Legislativo, 1930.

Quadro 11 – Matrículas nos estabelecimentos públicos no Pará (1930-1935)

ANOS	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
30	-	-	20.543
31	23.246	17.863	41.109
32	25.362	19.667	45.029
33	26.900	21.680	48.580
34	32.102	25.240	57.342
35	33.100	27.009	60.169

Fonte: Pará, Álbum, 1939.

Sobre o magistério, Alvares (1990) destaca que o magistério feminino no governo de Magalhaes Barata tinha posição de destaque no sentido que as professoras poderiam desempenhar diante da divulgação do civismo como modelo ideal para a educação, sendo assim o magistério feminino sofreu um rigoroso controle. Destaca ainda que as professoras neste período eram coagidas, sofriam se demonstrassem insatisfação com os planos educacionais, eram ameaçadas de transferências a bem do serviço público caso expressassem críticas. Somado a isso Coimbra (1981) enfatiza que Barata realizou reforma do ensino e determinou uma profunda investigação no segmento do magistério, com a finalidade de investigar a idoneidade moral das professoras da rede estadual e municipal, pois considerava essas qualidades imprescindíveis para a atuação como professora.

Além da expansão da rede de ensino no Estado o governo de Magalhaes Barata também articulou medidas como reformulação do currículo da Escola Normal, a realização através da Diretoria Geral da Educação e Ensino Público de uma série de conferências e palestras pedagógicas sobre Psicologia Educacional, Ensino de Desenho, História da Educação e Pedagogia aplicada.

Também foi solicitada segundo Coelho (2008), uma técnica de Brasília para assessorar os professores paraenses quanto aos métodos de ensino da Escola Nova, assim chegou em 1934 a Professora Ofélia Boisson Levi Cardoso, e todas as professoras contratadas passaram a participar de curso como uma exigência para assumir o cargo, esses cursos versavam sobre Psicologia, Sociologia, Filosofia educacional, bases de fundamentação teórica da Escola Nova.

Para modernizar o processo educativo Damasceno (2015) destaca que foram articuladas diversas medidas para aperfeiçoamentos dos professores, a saber:

a) obrigatoriedade de participação nas palestras pedagógicas promovidas, “Membros do magistério público” tem presença obrigatória (O ESTADO DO PARÁ: 10-08-1933);

b) instalação de aparelhos de projeção para viabilizar o “cinema educativo” nos escolares dos grupos e escolas da capital e interior” (O ESTADO DO PARÁ; 22-8-1934, p. 2);

c) aulas práticas sobre “jardino-cultural e horticultura” nos grupos escolares e em outros estabelecimentos, visando “A criação, a título de experiência, de um curso de agronomia elementar, horticultura e jardinocultura, no Instituto Gentil Bittencourt, às alumnas do curso normal rural” (O ESTADO DO PARÁ: 1/4/1933, p. 2);

d) “O Dr. Diretor de Educação pública portaria, sobre ‘curso propedêutico de aperfeiçoamento’ a fim de o professorado público, refazendo e alargando estudos com eficiência praticar os métodos modernos de ensino” (O ESTADO DO PARÁ: 10-08-1933, p. 2);

e) seguindo às iniciativas federais e de outros Estados procurou garantir esta aliança estratégica com o mais popular meio de comunicação social, o rádio para transmitir, diariamente, durante quinze minutos palestras organizadas pela Diretoria Geral de Educação e Cultura;

f) visita do Interventor eram frequentes como exemplo, a uma sala de alfabetização do Grupo Barão do Rio Branco - um dos mais conceituados de Belém, o Jornal Estado Do Pará apresenta uma breve incursão crítica sobre as mudanças pedagógicas então desenvolvidas no Estado, Antigamente, nessa aula era ministrado o ensino do “a,b,c” e actualmente as crianças recebem a instrução pelos métodos da pedagogia moderna, ou sejam lições práticas;

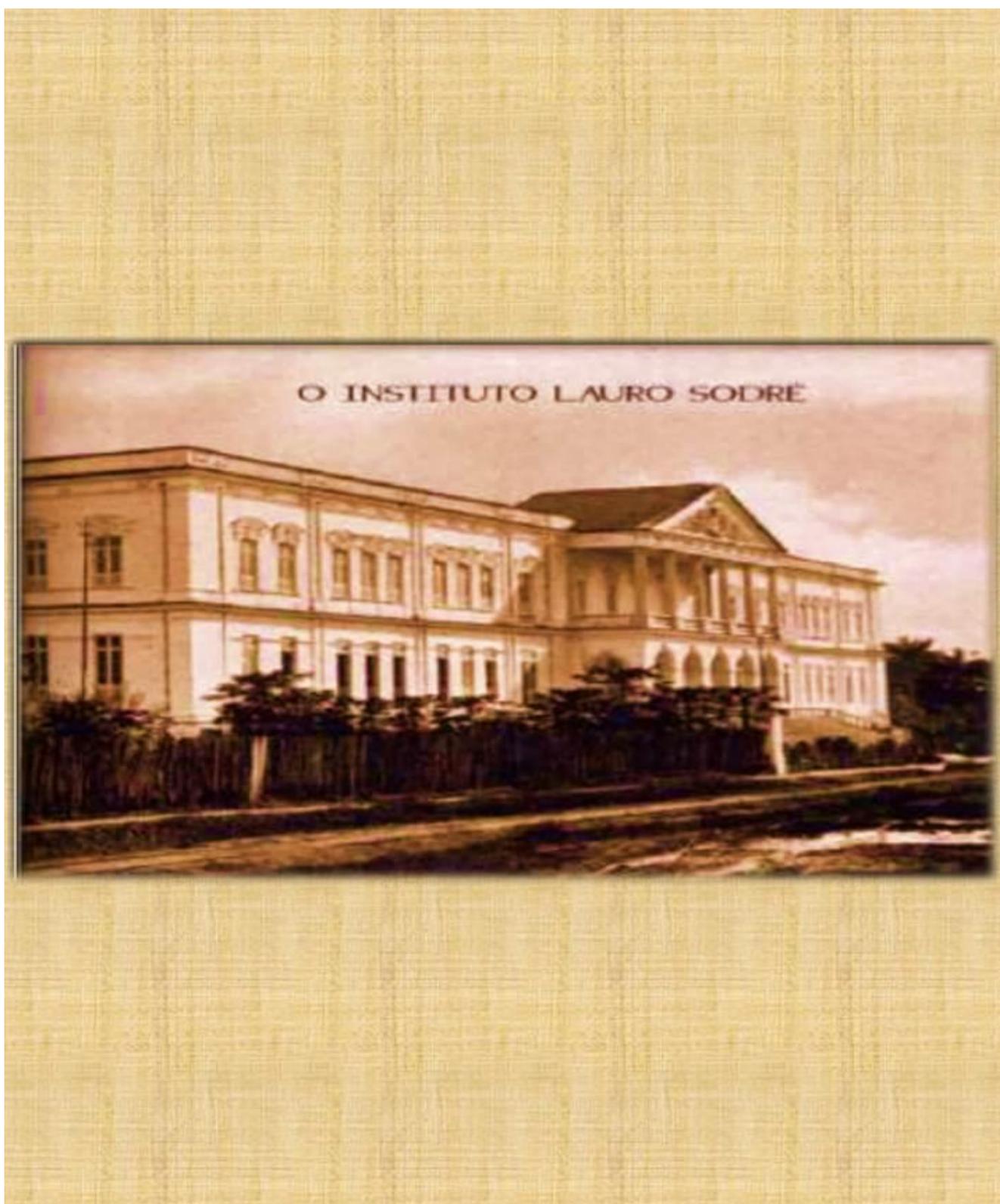
g) normalistas realizavam Palestras pedagógicas, como exemplo pode ser visto em Palmira Lins de Carvalho, uma das maiores divulgadoras do pensamento escolanovista no Pará. Numa de suas palestras, sobre os novos métodos de ensino ministrados em suas classes no Grupo Barão do Rio Branco, realizando demonstrações práticas do processo pedagógico por ela utilizado.

É possível caracterizar a política educacional do governo revolucionário como marcada pela implantação de políticas para a área rural, o interior do Estado. Coimbra (1981), Damasceno (2011) e Fontes (2013) em suas análises ainda destacam sobre a cultura política de Magalhaes Barata, que sua linha de pensamento sobre a educação era fundamentada em: fiscalizar as escolas e simplificar os programas de ensino. Assim avança, mas não supera pois, defendeu a formação de normalista, mas contratou professoras leigas; expandiu as ofertas de emprego às professoras, mas ameaça de transferência ou demissão as professoras que não

seguiam os planos de aula; valoriza a professora, mas espera que ela seja o modelo de patriotismo, civismo e idoneidade, não por ser uma profissional.

No Estado do Pará pareceu-nos ficar patente do forte vínculo que tal processo manteve com a “manutenção da nova ordem” não atingindo em nenhum momento outro campo teórico, político e ideológico que não fosse aquele permitido pelas novas oligarquias enrustadas no poder estadual.

3 EM CENA: a Revista *Escola* – a revista do professorado do Pará e sua materialidade



Fonte: Álbum do Pará, 1939.

A imagem que abre essa seção faz referência ao local onde a *Escola* era encadernada onde sua materialidade se consolidava. Assim nessa seção vamos tratar o objeto na sua materialidade – a forma, a frequência, o dispositivo e a estrutura do objeto conforme Chartier (1990), no sentido de dar visibilidade ao que foi projetado para o consumo, no sentido de examinar sua organização, seu projeto editorial, sua composição relativa à produção, editoração e autoria do que era publicado nesse espaço, que funcionava como uma vitrine de modelos sobre a Escola Nova para o professorado do Pará com a coordenação da Diretoria de Geral de Ensino Público no Pará.

Propomos evidenciar as representações abordadas na revista sobre a modernização da educação e sua relação com a forma de organização e editoração da *Escola*, até aqui realizamos o exercício de investigar considerando o contexto histórico, daqui em diante a proposição é investigar o que era publicado, o que foi escolhido para (in)formar os professores sobre a Escola Nova no âmbito do projeto editorial da revista *Escola*. Isso é relevante para apresentar a revista, mas sobretudo porque trilha o caminho de a reafirmar que a história não é um campo de janelas da memória, nesses lugares como a revista, em seu projeto de editoração há um conjunto de enredos tecidos pelos enfrentamentos e resistências dos presentes no jogo de poder na organização deste dispositivo de modelização que era revista. (BOURDIEU, 1990).

3.1 O Projeto da Revista

A *Escola* foi elaborada, produzida e posta em circulação pela Diretoria Geral de Educação e Ensino Público, que tinha à frente Osvaldo Orico⁴⁶ órgão irradiador da política educacional no Pará. A revista apresentou uma periodicidade de publicação irregular que variava num intervalo de dois a oito meses, embora na contracapa conste a informação que sua publicação é bimestral. Era impressa e encadernada pelo Instituto D. Macedo Costa, integrante da Escola Profissional do Estado Lauro Sodré⁴⁷, em Belém, como registrado por carimbo na última página nas edições da referida revista, vide Figura 13.

⁴⁶ Osvaldo Orico, professor, diplomata, poeta, contista, romancista, biógrafo e ensaísta, nasceu em Belém, PA, em 29 de dezembro de 1900, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de fevereiro de 1981. Estudou no Instituto Amazônia e no Ginásio Pais de Carvalho., tendo exercido em 1936, durante o governo de José Carneiro da Gama Malcher (1935-1943), as funções de diretor de Educação e Cultura do estado do Pará e de secretário de estado.

⁴⁷ O Instituto Lauro Sodré atendia rapazes órfãos e pobres do estado do Pará, estes eram acolhidos e instruídos, surgiu como Instituto Paraense dos Educandos Artificiais foi inaugurado em 1872 recebendo inicialmente essa denominação.

Figura 13 – Setor gráfico responsável pela impressão da revista *Escola*



Fonte: *Escola*, v.1, n.4, 1935.

O construto de significados contidos nas publicações da revista representa e marca um tempo escolar, neste caso é a década de 30 do século XX, cuja estratégia civilizadora para a modernização tão propalada, quando se considera o contexto histórico, político e social da segunda República, que apostava na renovação da Escola como uma saída para as transformações sociais necessárias ao país. O projeto político se constituía de renovar a escola para tornar o Brasil um país moderno.

As contribuições de teóricos como Ferrière, Decroly, Dewey e outros foram o suporte para esse movimento, como fora tratado na seção anterior deste trabalho. Assim, a grande marca da revista é o conteúdo sobre o movimento Escola Nova. Portanto, cada artigo, foto, imagem, notas, resumos de aulas, palestras publicadas na Revista podem ser consideradas “objetos informadores”, como destaca Escolano (2017), eles expressam em formas de sinais indiciários, inúmeras características da cultura, das práticas e dos discursos relacionados, da memória do processo educativo de Belém na década de 30.

A revista *Escola* era uma publicação oficial do Estado tendo à frente a Diretoria Geral da Educação e Ensino Público, destinada ao segmento envolvido diretamente com o processo educativo, professores, diretores e técnicos. A revista era distribuída para cada grupo escolar e escola isolada do estado do Pará que recebia um exemplar cada, de acordo com informação contida no relatório do Projeto Fontes para a História no Pará⁴⁸, há na seção de notas registro de que era enviada a outros estados como Rio de Janeiro, não há informação de que fosse comercializada.

Seguindo o foco de análise da Revista *Escola- revista* do professorado do Pará que foi uma criação destinada a melhorar a educação no Pará, trata-se de um periódico oficial como já destacado, isto é, estava vinculada administrativa e financeiramente à Diretoria Geral da

⁴⁸ Projeto Fontes para a História no Pará, SUBPROGRAMA/ PIBIC/UFPA, agosto de 2018. Disponível: https://issuu.com/mauriciocoelho1/docs/relat_rio_final__2_.docx. Acesso em abril de 2020.

Educação e Ensino Público do Estado do Pará, foi publicada entre os anos de 1934 a 1935. Em suas edições foram numeradas sequencialmente, composta em média por 76 páginas, medindo 15 x 21,5 centímetros, com encadernação tipo brochura, com capas da frente e final impressas em cores verde, vermelho, azul e preto, seu conteúdo possuía ilustrações, fotografias e textos. Possui capa e contracapa.

O contexto histórico em que a revista desponta constitui-se do governo de Getúlio Vargas, momento em que a Educação se destacou como segmento especial na sua proposta de controle e reconstrução nacional, assim medidas emergenciais foram se estabelecendo no sentido de fazer frente às ideias revolucionárias para os quais o seu governo foi instituído. Com isso, o governo investe na difusão intensiva do ensino público, sobretudo o técnico profissional agregado a um sistema de colaboração e estímulo aos estados. Para operacionalizar essas diretrizes, foi criado o Ministério da Instrução Pública.

Assim, seguindo esse contexto de incentivo à educação, o estado do Pará também operacionalizou providências ditas revolucionárias através da Interventoria que neste período à frente do comando Magalhães Barata, colocou em prática uma reforma, criou a Secretaria de Educação e Saúde Pública que ficou sobre a responsabilidade de Mário Chermont. Outras medidas como mudanças no programa da Escola Normal, extinção de disciplinas e afastamento de professores, tudo no intento de fazer jus a revolução.⁴⁹

Ao analisar o n.3 da revista encontramos no lado superior direito da contracapa que contém a primeira parte do artigo referente à personalidade homenageada neste número, o registro de carimbo com o seguinte texto: oferta de Magalhães Barata vide Figura 14 podemos deprender desta evidência além da oficialidade deste impresso, que a presença do caráter personalista de General Magalhaes Barata, Interventor Federal da época, que ofertava a revista, por suposto apresentando-a como uma ação do seu governo, que ao mesmo tempo era vitrine dos pressupostos da Escola Nova, continha o parâmetro de discussões sobre sua conformação teórico prática, também servia aos objetivos do governo Baratista como demonstração de sua ação e modernização para fazer avançar a educação.

⁴⁹ FARIAS, Fernando Jorge Santos. Dalcídio Jurandir e a Educação: de letrado provinciano à intelectual nacional. São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, 2018.

Figura 14 - Registro de oferta da *Escola*



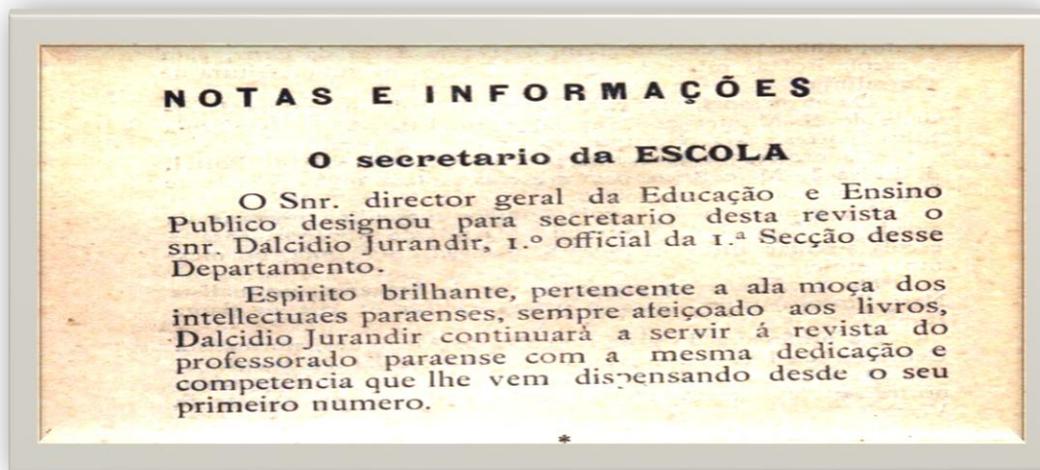
Fonte: *Escola*, v1, n.3, 1934.

A Figura 14 registra a presença da ação do governo de Magalhães Barata, esse registro é um objeto da memória e da história, são narrativas que apresentam o jogo político de projetos de poder para o estado do Pará e são carregadas de significados, que traduzem a cultura política bem definida para o início dos anos trinta no Pará, que dialoga com uma cultura política da época e com as práticas políticas do período, traduzidos pela forma personalista de governar que Fontes (2013) e Rodrigues (1979) destacam, que se coaduna com o expressivo balanço depreciativo do mundo dos civis. Barata afirmava que sua missão como revolucionário era conservar-se nesse meio em obediência à revolução, por amor à pátria e por fidelidade aos seus ideais. Ele deveria mudar o ambiente da política e a formação que recebeu no exército seria o escudo para lutar, assim a sua patente aparece em destaque em primeiro plano do carimbo e não o nome da interventoria ou da diretoria de Geral de Educação Pública é referenda. Podemos perceber nesse carimbo a marca, uma visão do processo histórico em curso como uma luta entre os revolucionários militares contra os representantes das oligarquias locais e seus aliados.

Neste contexto, Barata impulsionou a produção da Revista *Escola* – a revista do professorado do Pará, no sentido de investir na atualização pedagógica dos professores. Então, a revista que no início se colocava na perspectiva de preencher a lacuna na administração pública, no sentido de publicar os despachos e notificações oficiais do Governador e do Secretário, se torna em um espaço para apoiar os professores, pedagógica e cientificamente, divulgando orientações e contribuindo na formação dos professores no sentido de fundamentar os conhecimentos necessários aos objetivos do contexto modernizante tão postulados no Brasil.

A editoração da revista ficou a cargo de Dalcídio Jurandir de acordo com a nota publicada na própria revista vide Figura 15 que registra a sua designação para ser secretário desta revista, este já era funcionário da Diretoria. No texto da nota há elogios a sua capacidade intelectual, desta forma foi oficializada e divulgada a relação de trabalho com a revista que já existia desde o primeiro volume.

Figura 15 - Designação de Dalcídio Jurandir



Fonte: Revista Escola, v1, n.3, 1934.

Dalcídio Ramos Pereira era paraense de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, nasceu em 1909 e faleceu em 1979. Ele viria a se consagrar no campo literário como Dalcídio Jurandir. Escreveu onze romances, dez deles compõem a série intitulada o Ciclo do Extremo – Norte. Dalcídio recebeu o prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra, em 1972, além de outros prêmios nacionais: Prêmio Dom Casmurro e Prêmio Luísa Claudia de Sousa.

Figura 16 – O secretário da *Escola*



Fonte: www.dalcidiojurandir.com.br.

Sua literatura se fundamenta no relato ligado a sua terra e sua gente, explorando a vida cabocla e ribeirinha de personagens comum. Ademais, é uma literatura que vai além do simples retrato da vida amazônica é universal, fala de conflitos humanos. Viveu na Vila de Cachoeira, Pará até os 13 anos, depois foi para Belém e morou até 1928, quando vai para o Rio de Janeiro. Em 1931, conclui um livro de contos e um romance, nos quais narra lembranças da infância em Marajó. Fez versos e descreveu paisagens. Retornou a Belém, sendo nomeado auxiliar de gabinete da Interventoria do Estado. Colaborou com vários jornais e revistas, como "O Imparcial", "Crítica" e "Estado do Pará" e, no ano seguinte, na "Guajaramirim" e "A Semana". Comunista assumido participou ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora. Foi preso em 1935, tendo ficado dois meses no cárcere, possivelmente esse fato concorreu para a interrupção da publicação da revista. Em 1938, de volta à vila natal, na Ilha de Marajó, atua como inspetor escolar. Anuncia sua aposentadoria como escritor em 1971.

Na análise da *Escola*, identifiquei que Dalcídio trabalhava na editoração, mas também publicava seus textos, assim na revista publicou os textos relacionados vide Quadro 12.

Quadro 12 – Textos de autoria de Dalcídio Jurandir

Título	Volume da revista	Síntese do texto
A Margem do Convênio	Nº 2, 1934	Artigo em que se coloca como favorável ao convênio, que apresentou como objetivo ser um grande fórum entre os estados para resolver problemas educacionais principalmente relacionados à educação rural.
O Problema do ensino rural	Nº 3, 1934	Artigo em que argumenta sobre a criação do curso de psicultura na região do Salgado ⁵⁰ .
Resenha do livro: O ensino primário no Brasil de Mario Augusto Teixeira de Freitas	Nº 3, 1934	Resenha este livro por defender que se trata de uma experiência concreta então de trabalho subjetivo.
Tempo de Menino	Nº 4, 1935	Poema que ressalta sua vivência quando criança no município de Cachoeira do Arari, Marajó, Pará.
Resenha do livro: A Educação na Rússia soviética	Nº 4, 1935	Resenha em que descreve os avanços da educação primária na Rússia e defende a educação no Brasil no patamar de ideias revolucionárias.
Educação e Liberdade	Nº 5, 1935	Artigo em que defende que só com a junção é possível enfrentar as formas de opressão e negação de personalidade.

Fonte: Elaborada da autora, 2020.

⁵⁰ Na Região conhecida como “Salgado Paraense” que compreende as Reservas Extrativistas Mãe Grande de Curuçá, São João da Ponta, Caeté-Taperapu, Tracuateua, Araí Peroba, Gurupi-Piriá, Chocoaré-Mato Grosso e Soure, predomina, entre as populações tradicionais, a atividade de artesanato, associada à pesca artesanal e à cata do caranguejo. s. Fonte: <http://www.icmbio.gov.br/portal/>. Acesso em: 15 set. 2020.

Dalcídio chegou à revista *Escola* por indicação de Amazonas Figueiredo – Diretor Geral de Educação e Ensino Público do Pará, que valorizava sua capacidade intelectual, embora fosse de origem pobre e ainda não gozava do prestígio de um grande intelectual. Dalcídio era bem relacionado e suas relações não lhe faltaram quando o assunto era posto de trabalho.

Sobre a relação de Dalcídio Jurandir com a revista podemos destacar que se enquadra na relação entre Estado e intelectuais estabelecida a partir de 1930, resultante da necessidade de o Estado ter o trabalho dos intelectuais para guiar a reconstrução da sociedade. Neste sentido desponta a necessidade de um grupo de intelectuais que pudessem fazer frente à construção do projeto escolanovista, esse fato trouxe um grupo de intelectuais para a esfera do governo, o caso de Dalcídio, a construção de uma nova ideia de nacionalidade, o que propunha a revolução precisava do trabalho de intelectuais ou da chamada intelectualidade de época. Aqui entendemos intelectualidade na perspectiva de algo que tem uma plasticidade, que se transforma com o tempo, indicando dificuldades que se traduzem na impossibilidade de uma definição rígida. Assim tem lugar a tradução mais restrita de intelectual, como alguém que coloca ênfase na ideia de produtor de bens simbólicos envolvidos direta ou indiretamente na arena política. Essa intelectualidade é composta por especialistas no processo de criação e transmissão cultural, que despertem a atenção dos envolvidos com o “círculo do poder político” por suas capacidades de interpretar a realidade social e produzir “visões do Mundo”, segundo. (LIMA, 2008).

Afinal, embora com nomes diversos, como lembra Norberto Bobbio, [...] os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra. (BOBBIO, 1997, p. 11).

Destarte o objetivo do intelectual é fazer uso da sua razão em público. Esta função explicita a relação intrínseca do intelectual com o seu público no sentido de responder e/ou criar uma demanda pelo trabalho que produz. O intelectual é um fornecedor de ideais e, enquanto tal, um organizador de perspectivas justificadoras. Confere autoridade ao poder à medida que elabora raciocínios convincentes, justificadores de um curso de ação sobre o qual não há prova lógica. É daí que se pode entender sua relação com o público e com o poder.

O progresso social que a Revolução de 30 pregava era material, mas também era de “civilização”. E, principalmente, porque se sustentava que o acordo entre a “política” e a “sociedade” não se faria sem a cooperação dos intelectuais; voltava-se para eles, para os que melhor captavam e expressavam essa consciência coletiva mais profunda. Portanto, para “compreender” tal sentimento de nacionalidade era necessário certo “hábito de pensar” pouco comum; era necessário um “intérprete”, um “erudito”, fosse ele sociólogo, filósofo, literato, historiador ou artista. Se a ordem política era a responsável pelo progresso sociocultural, o próprio curso da política precisava ser orientado por profissionais detentores de capacidades raras e definidas como “hábito de pensar”: os intelectuais.

Após a Revolução de 1930 inicia-se uma aproximação necessária entre Estado e intelectuais, onde o novo regime reconhecia a liberdade do intelectual, amparava-o política e institucionalmente e solicitava sua cooperação na administração pública e em inúmeros outros empreendimentos. O grande agente e condutor dessa verdadeira revolução era o Ministério da Educação e Saúde, que percebia a relação profunda entre “produtos intelectuais” e meio social e garantia condições para que toda a vida cultural girasse em torno dos problemas da nacionalidade e da busca de suas soluções. Estabelecidas as bases do “acordo” entre ordem política e social, e da necessidade de sua articulação com o verdadeiro “espírito nacional”, cabia ao intelectual a função social estratégica de ser o “intérprete” da brasilidade, tarefa que, por suas aptidões específicas, só ele poderia realizar, nessa perspectiva que entendemos se traduz a presença de Dalcídio Jurandir na editoração da revista.

A seguir apresentamos no Quadro 13 com dados materiais da revista sobre a composição de cada número publicado, o que permite observar que manteve a média de 77 páginas publicadas, que o sumário esteve presente em todos os números publicados, que o número 3 embora seja o maior em quantitativo de páginas publicou uma foto e não continha propaganda, é possível observar que há um equilíbrio quanto ao quantitativo de cores e que todos os números possuíam sumário.

Quadro 13 - Revista Escola - 1934 -1935

Ano	Número publicados	Páginas por números	Capa	Seções	Sumário	Cores	Fotografias	Ilustrações	Propaganda
1934	2	78	Sim	6	Sim	4	8	8	4
1934	3	102	Sim	6	Sim	4	7	1	-
1935	4	75	Sim	8	Sim	4	2	10	7
1934	5	55	sim	7	sim	4	5	10	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Desta feita quanto a estruturação editorial da revista considerando a análise empreendida sobre os números localizados, foi possível observar apenas duas seções destacadas no sumário, Palestras Pedagógicas e Artigos, o restante constavam relacionados eram citados em sequência no sumário, assim na análise fui identificando as similares dos assuntos e agrupando, também fui observando que ocupavam a mesma localização na organização do sumário assim apresentamos o Quadro 14 relacionando seções da *Escola*, a saber: Biografia de Educadores, Palestras Pedagógicas, Artigos, Capítulos de Livros, Notas da Revista, Relatório de Congressos, Texto Literário, Data cívica, Atos do governo, Atividades Pedagógicas, Propaganda, Cartas.

Neste quadro também é possível observar a quantidade de textos publicados em cada seção, nos permite dizer que os atos do governo aparecem com bastante incidência no n.3 que também é o maior número em quantitativo de páginas, o fato se deve a proximidade da eleição para governador constitucional, e com as pretensões do Interventor Magalhaes Barata de ser eleito, publicou muitos despacho relativos a providencias administrativas no âmbito da educação, como exoneração e nomeação de professor, compra e distribuição de mobiliário e material didático para os grupos escolares.

Quadro 14 – Seções da Revista *Escola* – a revista do professorado do Pará

Seções		Frequência			
		n. 2 vol. 2 1934	n. 3 vol. 1 1934	n. 4 vol. 1 1935	n. 5 vol. 1 1935
1	Biografia de Educadores	1	1	1	2
2	Palestras Pedagógicas	14	16	5	3
3	Artigos	2	4	4	6
4	Capítulos de Livros	0	1	0	1
5	Relatórios	0	1	2	1
6	Texto Literário	2	1	4	1
7	Data cívica	0	4	0	1
8	Atos do Governo	0	132	20	0
9	Atividades Pedagógicas	0	0	2	1
10	Notas da Revista	6	10	6	9
11	Propaganda	4	0	7	5
12	Cartas	-	1	-	-
Total		29	171	51	30

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

De acordo com a observação, a seção biografia de educadores era dedicada a homenagear um educador, assim cada número possuía um homenageado cuja a fotografia era estampada na capa. Nos números da revista podemos perceber: n.2 homenageado Jose Verissimo, n.3 Paulino de Brito, n. 4 e 5 Severiano Bezerra de Albuquerque.

Palestra pedagógica era uma seção que se caracteriza por conter textos de palestras realizadas nas mais diversas situações, como discurso de solenidade de formatura de professores, visita de professores a cidade de Belém, palestra proferida em atividades de formação nos grupos escolares por professoras normalistas ou por professores da Escola Normal, por diretores dos grupos escolares, que posteriormente eram publicadas pela revista era o que mais contribuía para os números.

Os artigos em geral eram originados de textos publicados em revistas de grande circulação ou de livros sobre o contexto da Escola Nova.

Os relatórios eram originários de documentos apresentados por técnicos e ou professores que a Diretoria enviava para participar de eventos nacionais, congressos e estes ao retornar apresentavam relatórios que eram publicados na revista.

Os textos literários consistiam em poemas que concediam à revista um espaço de contemplação, deleite e sensibilidade para a leitura do público.

A seção de atividades pedagógicas era relativa a textos que se referiam a atividades desenvolvidas pelos professores em suas aulas e que eram detalhadamente escritas, compondo um modelo pedagógico a ser desenvolvido pelos professores.

Datas cívicas eram originárias de texto sobre a celebração de datas cívicas como referente à 7 de setembro e às atividades desenvolvidas nos grupos escolares.

A seção notas da revista era composta por pequenos textos de agradecimento, divulgação de livros, homenagens a professores, divulgação de felicitações que a revista recebia de outros estados, notificação de falecimentos, mas também era espaço para destacar tarefas que deveriam ser cumpridas pelos diretores como de prazo para enviar relatórios relativos ao quantitativo à matrículas.

A seção de propaganda se localiza após o sumário e era composta de anúncio diversos que divulgava Livrarias, Tintas a óleo, Receptores de rádio Rex, Banco do Pará, Fábrica de Cerveja Paraense, Livros e materiais escolares, Serviços de transportes, Tecidos, Oficinas, Typographia, Alfaiataria, Sapataria e Ferraria conforme o Quadro 15, se a revista recebia pagamento por esses anúncios, não encontramos registro sobre recursos financeiros resultantes dessa publicidade, mas o estudo de Biccás (2008) faz referência que a prática de publicar anúncio nas revistas de ensino se instaurou a partir de 1929 e que embora não se pudesse provar havia rendimentos financeiros.

Observamos também, que os anúncios apresentavam diversos produtos que não estavam necessariamente relacionados com o ensino e eram veiculados sem imagem, sem ilustrações a narrativa era textual. Nas Figuras 17 e 18 destacamos dois anúncios que faziam

propaganda de livrarias e ao mesmo tempo funcionavam como um indicativo de boa literatura, relacionando livros e revistas que todos deveriam ler. Essas indicações versam sobre livros diversos, romances, ciência política, sexo, poesia e apresentavam-se como uma indicação de cultura geral, dentre essas indicações não havia livro relacionado às questões pedagógicas ou Escola Nova.

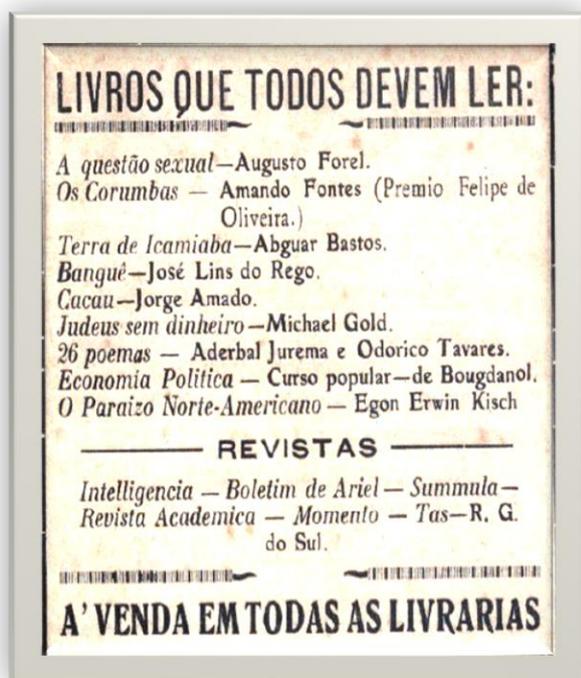
Quadro 15 - Propaganda na Revista

Ano	Número da revista	Propaganda
1934	2	Tintas a óleo em tubos Receptores de rádio Rex Banco do Pará Fábrica de Cerveja Paraense
1934	3	Não foi veiculado anúncio neste número
1935	4	Tintas a óleo em tubos Receptores de rádio Rex -/Armazém Ancora Livros que todos devem ler Officinas de typographia, Encadernação, alfaiataria, sapataria e Ferreira Fábrica de tintas Cruzeiro Livros e materiais escolares/ Livraria Clássica Serviço de transportes rápidos e garantidos/ Américo Siqueira Rodrigues.
1934	5	Comprem livros e revistas/ Agência Martins, Bittencourt e Clássica Officinas, Typographia, alfaiataria, sapataria e Ferraraia Tecidos/ Casas Primavera Livros e materiais/ Livraria Clássica Serviço de transportes rápidos e garantidos/ Américo Siqueira Rodrigues.

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Figura 17 - Propaganda de livraria

Figura 18 - Propaganda de livraria



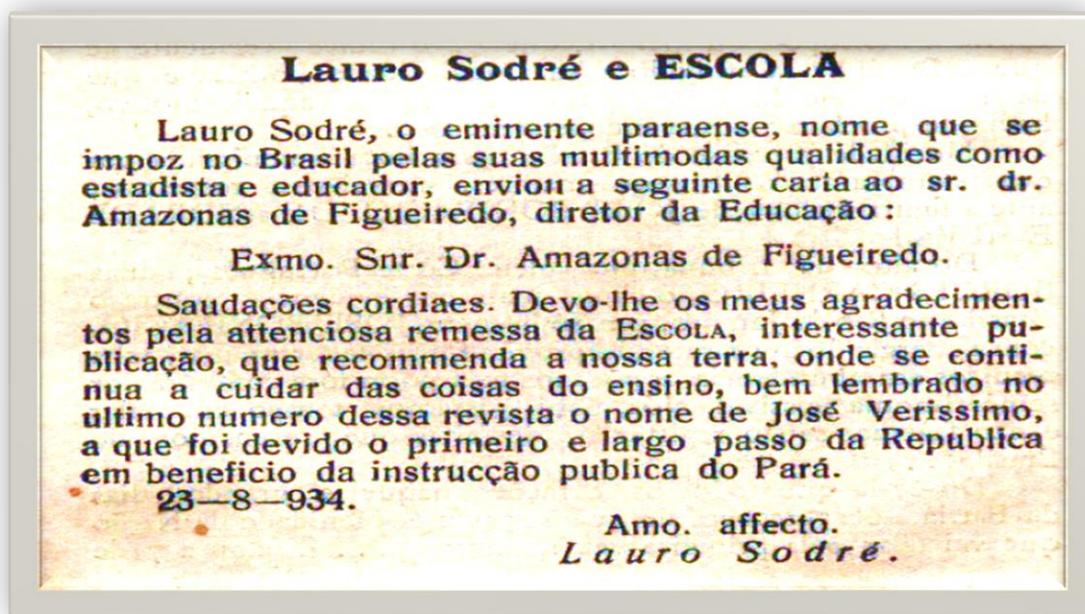
Fonte: Escola, v.1, n.4, 1935



Fonte: Escola, v.1, n.5, 1935

Na seção de Carta da *Escola* encontram-se muitos registros de felicitações para *Escola*, destacamos a missiva que Lauro Sodré⁵¹ vide Figura 19 enviada a Amazonas de Figueiredo que era o Diretor da Educação na época, o texto parabenizava pela publicação e considerava a revista uma iniciativa importante para o desenvolvimento da educação, sobretudo pelo destaque de Jose Verissimo no volume que leu, a qual reconhece como um expoente no contexto da República no Estado do Pará.

Figura 19 - Carta de Lauro Sodré



Fonte: Escola, v1, n.3, 1934.

Observado a composição do desenho editorial da revista, se pode destacar ainda que ela foi pensada para publicação bimestral, como indica o primeiro volume publicado em 1934, mas apresentou publicação irregular. Na pesquisa localizamos quatro volumes, as informações sobre o encerramento de sua publicação são desconstruídas, portanto, não podemos afirmar ao certo as circunstâncias da finalização de sua tiragem. Algumas conjecturas ligam o encerramento da revista à prisão de Dalcídio Jurandir, ocorrida em 23/10/1937⁵², e como o periódico estava por sua responsabilidade acabou por não haver interesse em continuar com a publicação.

⁵¹ Lauro Sodré (1858-1944) foi governador e Senador pelo estado do Pará e construiu uma trajetória política expressiva ao longo da Primeira República. Ver Moraes (2011).

⁵² Ver FARIAS, Fernando dos Santos. Dalcídio Jurandir e a educação: de letrado provinciano à intelectual nacional. São Paulo, 177 p. Tese de Doutorado, Faculdade de educação da universidade de São Paulo. 2018.

Enquanto a revista foi publicada era distribuída sem custo para os professores e circulava nos grupos escolares públicos e particulares em Belém e no interior do estado e em outros estados do Brasil, como se pode observar pelas notas de agradecimento presentes no corpo da revista. A seguir abordaremos o que era impresso, colocaremos foco no sumário de cada volume.

3.2 O roteiro: o expresso no impresso

O expresso no impresso se constrói na perspectiva de evidenciar, refletir sobre o que foi publicado, no sentido de abordar as temáticas, os temas e suas frequências em cada número da revista, observando a frequência nos números da revista, esses dados são relevantes para trazer à tona o que a revista privilegiou para publicação no sentido de oferecer aos professores conhecimento sobre a Escola Nova. As quatro revistas analisadas e suas respectivas publicações, nos quadros 16, que identificam os temas, títulos e autoria dos textos (Palestras e artigos) e número da revista que foram publicados, desta forma revelam a inspiração da estratégia editorial para fazer a moderna pedagogia chegar aos professores.

Quadro 16 - Publicações da *Escola*, n. 2, v.1, 1934

TEMAS	Título	Autoria
Prática educativa da Nova Escola	A Escola renovada e a Crença	Dra. Hilda Vieira - Diretora do Grupo Escolar Floriano Peixoto
Estatísticas para a educação	O que do Convênio estatístico pensam os seus executores	Dr. M A Teixeira de Freitas
Celebração cívica	Tuiuti e sua celebração cívica no Pará	Não identificado
Dados sobre a educação brasileira	Dados discriminativos do Ensino Primário no Brasil, em 1932	Diretoria Geral de Informações Estatísticas e Informações e divulgação do Ministério e Saúde Pública
Convênio Federal	A Margem do Convênio	Dalcídio Jurandir
Educação Física	Departamento de Educação Física	Orlando Torres - Diretor do D E F
Organização da aula, concepção de escola Nova, perfil das práticas educativas	Aplicação dos modernos processos educativos em Grupo escolares	Palmira Lins de Carvalho
Círculo de pais	Círculo de Pais e Professores e suas influências na Educação Moderna	Mateus do Carmo - professor Venerando
Didática para o ensino de línguas	O Disco e o Ensino de Línguas	Maria Junqueira Shimidi
Estatística	Mapa Demonstrativo dos Serviços da Inspeção de Higiene e Educação	Froylan Barata - Serviço Médico Escolar

	Sanitária e Escolar maio 1934	
Descrição de prática educativa	Os processos da escola Ativa no Pará	Professora Antonieta Freire Pontes
Didática de aula de educação física	Educação Física Infantil	Pedro Furtado Junior - sargento Monitor do Departamento de Educação Física

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quadro 17 – Publicações Escola, n. 3, v.1, 1934

TEMAS	TÍTULO	AUTORIA
Escola moderna, Escola Nova, Perfil de professor, criança como centro de processo educativo.	A escola nova e suas finalidades	Professora Corina Lassance Cunha
Instrução primária no Brasil	Instrução	Julietta Góes das Dores - Professora Normalista
Convenio Federal	A Margem do Convênio	Dalcídio Jurandir
Decroly, concepção de Criança, operacionalização do centro de interesse	Centro de Interesse	Hemilia Henderson Loureiro
Instrução moral e Escola Moderna	Actividade Humana	Luiza Valente Lobo
Pais e o ensino	Círculo de Pais e Professores	Não identificado
Liberdade e instrução considerando o ideário teórico da Nova Escola	Liberdade e Instrução	Professora Normalista Alexandrina Rangel de Castro Rocha
Escola Nova Ensino Tradicional	O professorado leigo, particular ou público deve repelir ou alimentar o ensino religioso?	Graziela Moura de Paula
Desenho no ensino	o Ensino do desenho	Jose Bandeira
Matemática	Methodo para cálculo rápido dos coeficientes estatísticos	Professora Palmira Lins de Carvalho Zapan e Peter Lazar
Sequência de aula da escola Ativa	Os processos da escola Activa no Pará	Professora Palmira Lins de Carvalho
Pedagogia laboratório John Dewey; Jose Verissimo, Salvar a sociedade; Kilpatric; Confusão	A socialização da escola	Diplomanda Ruth Pires dos Reis
Escola Nova e teóricos da escola Nova	Os Pioneiros da Escola Nova	
Infância, concepção de professor e processo educativo	o Professor e a Creança	C. Jinarajadasa
Didática do ensino rural	O Problema do Ensino Rural	Dalcídio Jurandir
Instrução primária no Brasil	A instrução Primária	Bandeira Paulista de Alfabetização

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quadro 18 – Publicações da Revista *Escola*, n. 4, v.1, 1935

TEMAS	TÍTULO	AUTORIA
Concepção de educação e da ação do professor, sentimento de nacionalismo, indicando a união dos professores sem excesso de regionalismo.	Educadores Brasileiros	Dr. Diniz Junior - Presidente da liga de Professores e Vice Presidente da Associação de Professores Primários
Educação física	Educação Physica	Capitão Orlando Diretos do Departamento de Educação Physica
Concepção de educação, concepção e defesa da escola Nova como veículo para o Progresso da pátria, Círculo de Pais e mestres com uma prática educativa, concepção de criança e de ensino como lapidação das crianças	O professor perante as grandes renovações da época	Normalista Nina Ayres - Assistente Escolar
Escolas agrícolas	Instruções para Escolas Agrícolas Rurais	Luiz Fernando Ribeiro - Agrônomo, Inspector Regional do Departamento Nacional de Indústria Animal do Ministério da Agricultura
Disciplina na aula	Disciplinar	Ferreira da Rosa
Metodologia de classificação da aprendizagem dos alunos	Como Classificar os Alunos?	Estevão Pinto - Professor da Escola Normal de Pernambuco
Resultados do ensino na Rússia	A Educação na Rússia	Andersen Fridmam
Geografia	Dramatização Geographica	Maria A. da Serra Freire Pontes
Relato de cinco dias de aula.	Diário de Classe	Professora Francisca Meneses

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quadro 19 – Publicações da *Escola*, n. 5, v.1, 1935

TEMAS	TÍTULO	AUTORIA
	Sumario	Editor
Mulher intelectual	Ensaio de Crítica Literária	Maria de Graça Maroja - Normalista do Collegio Progresso
Socialização da criança	Syntese de uma palestra de Philosophia Pedagogica	Osmarina Pimenta
Ensino primário	Do Melhor Meio de Disseminar o Ensino Primario no Brasil	Oswaldo Orico
Georg Kerschensteiner concepção de professor, educador, educador pedagógico	Crittica Pedagogica	Almira B. da Silva - Professora do Curso Primário do Collegio Progresso - Alma do educador
Conceito de educação	Educação e Liberdade	Dalcídio Jurandir
Ensino secundário nos Estados Unidos	O ensino no Estrangeiro A Junior School	Laura Jacobina Lacombe - Diretora do Curso Jacobina, Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Na análise se observa que a *Escola* apresenta um quantitativo de 43 textos oriundos das seções Palestras pedagógica e Artigos, cujos temas se apresentam bem delineados e

significativos em torno das temáticas: Prática educativa, Estatísticas de educação, Projeto Federal para melhorar o ensino, Educação física, Pais e o ensino, Ensino de línguas, Educação primária, Teóricos da Escola Nova, Educação moral, Ensino do desenho, Matemática, Didática do ensino rural, Disciplina dos alunos, Classificação dos alunos, Ensino em outros países, Geografia, Mulher no ensino.

Por ordem de frequência apresentam a seguinte configuração: Prática educativa, Educação primária, Teóricos da Escola Nova, assim percebe-se que a opção, o projeto editorial se concentrava na possibilidade de oferecer aos professores, diretores e técnicos um modelo para instrumentalizar os professores a ensinar os alunos, a revista funcionava como um espaço onde poderiam recorrer para interagir com modelos. Assim o investimento editorial se constitui no caminho de oferecer moldes na perspectiva do que chama atenção Carvalho (2001), a revista funcionava como uma grande caixa de utensílios onde os professores podiam encontrar como modelar suas aulas na configuração da moderna prática educativa fundamentada na Escola Nova.

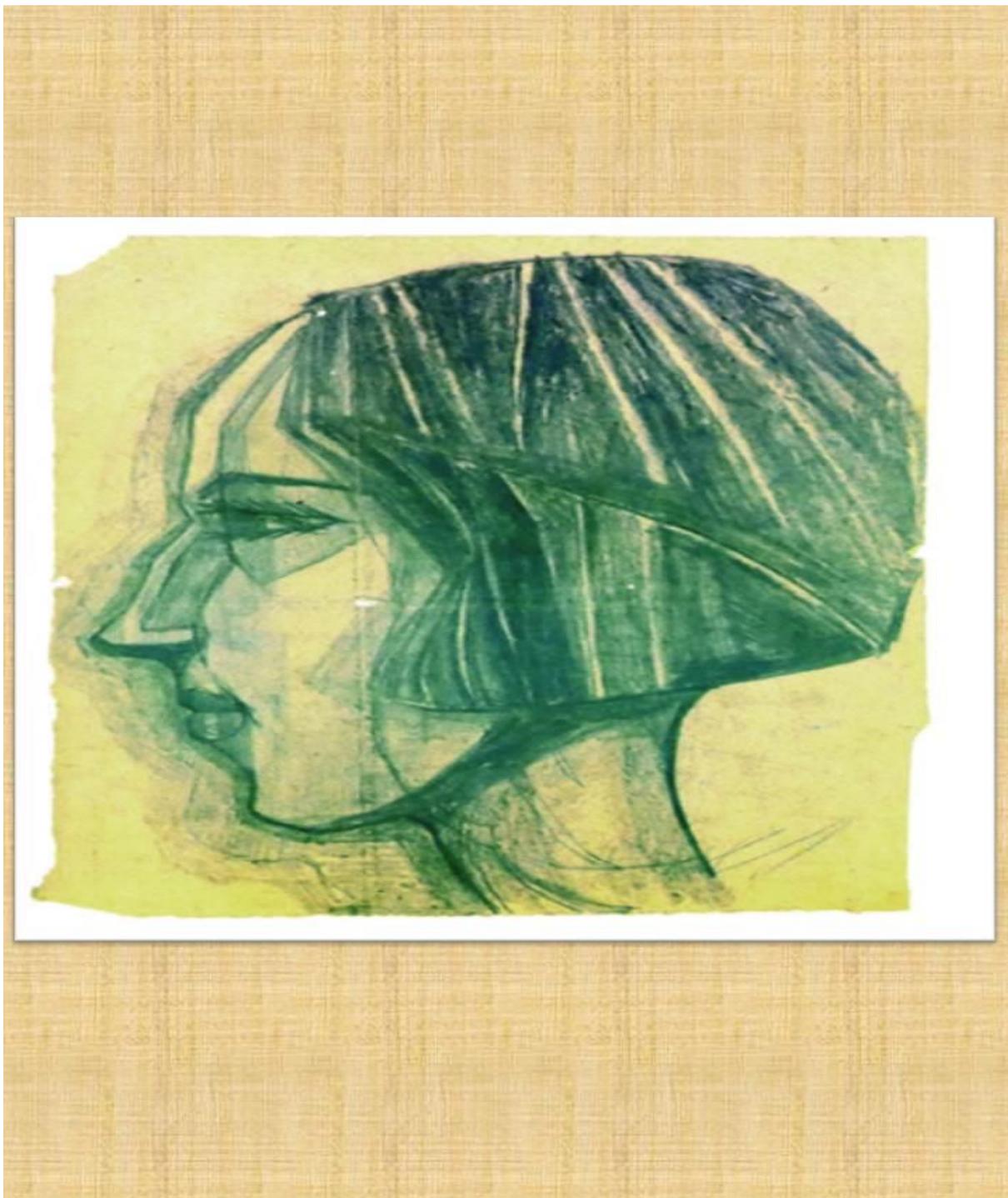
Quanto à autoria dos textos publicados na revista que se concentraram nas seções Palestra pedagógica e artigos podem ser caracterizados nas seguintes categorias: Professor da Escola Normal, Professora Normalista, Professor do Colégio Paes de Carvalho, Inspetor de ensino (editor), Militar, Diretor de Grupo Escolar, Estudioso estrangeiro, Jornalista, Professor, Engenheiro Agrônomo, Inspetor regional do Departamento da Indústria, Diretor de Grupo escolar do estado do Rio de Janeiro, Imortal da Academia de Letras do Pará, Diretor de Departamento da Diretoria Geral de Ensino Público, Diretora do Curso do Rio de Janeiro.

Ao observar a relação entre temas dos textos e autoria podemos destacar a significativa presença das mulheres na condição de autora, cuja ocupação é professora normalista, é desse quantitativo também a autoria dos textos que se referem à prática educativa, são elas que escrevem detalhadamente textos que são roteiros de aula e sobre teóricos da escola Nova, elas são a maior força de produção que alimentam o projeto editorial da revista Escola, são ela: Maria de Graça Maroja, Almira B. da Silva, Osmarina Pimenta, Maria A. da Serra Freire Pontes, Francisca Meneses, Nina Ayres, Ruth Pires dos Reis, Alexandrina Rangel de Castro Rocha, Graziela Moura de Paula, Corina Lassance Cunha, Julieta Góes das Dores, Hemilia Henderson Loureiro, Luiza Valente Lobo, Laura Jacobina, Maria Lea Uchôa Martins, Julieta Goes das Dores, Hilda Vieira. Autoras que publicaram textos e algumas tinham suas fotos publicadas juntamente com seus textos.

No projeto editorial da revista encontra-se apenas um texto de autoria estrangeira, assim percebe-se que essa não foi a opção diante da configuração da revista que concentrou

foco de suas publicações em autores de referência regional, mesmo para textos que versavam sobre os referenciais teóricos, permaneceu a estratégia para formar os professores sobre a moderna prática de ensino da Escola Nova. No segmento analisaremos os aspectos relativos às capas, ilustrações e fotografias da revista.

4 IMAGENS: desenho e fotografias nas páginas Revista Escola



Fonte: Angelus Nascimento, 1931

Nesta seção iniciamos destacando o grafite de Angelus Nascimento, talentoso artista que elaborava os desenhos, ilustrações e fez o retrato de José Verissimo para a capa da *Escola*. As imagens publicadas nas edições da revista *Escola* entre os anos de 1934 e 1935, aqui são tomadas como fontes históricas, analisamos o papel que as imagens ocupam na construção de uma estética escolar associada à valores que estavam vinculados à educação escolanovista na década de 1930 no Pará. Para trilhar esse caminho investigamos alguns traços dessas tentativas de estetização e sensibilização moral presentes nas imagens veiculadas na revista.

A história cultural trabalhada por Chartier (1990) é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos e busca da reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações. Trabalha também com as diferentes formas de apropriação de discursos, de textos (verbais e não-verbais) e da produção do sentido, sendo este diferenciado pelas posições que os atores ocupam socialmente. Nesta perspectiva, mostram algumas dependências da vida cultural, que aparecem nas diferentes formas de apropriação, mediadas pela representação.

Desta forma nesta seção⁵³ o exercício é análise da materialidade que torna possível a compreensão da imagem, permite que percebamos a forma como foi gravada e retratada, assim é possível realizarmos investigações sobre seu sentido. Assim podemos conceber o material visual⁵⁴ da revista como elemento de um cenário sociocultural de produção e consumo. As imagens presentes são marcadores que circularam e circulam sendo apropriados e reapropriados, identificando representações das posturas, do vestuário, do ambiente da sala de aula, dos prédios escolares presentes em fotos e desenhos na perspectiva do desenvolvimento e sentido modernizador do ensino, que abandonava o contexto educação tradicional e trilhava o caminho do novo, do moderno movimento Escola Nova.

Os estudos existentes sobre análise de imagens⁵⁵ são diversos, aqui propomos um recorte, desenhando um caminho que pretendemos percorrer a partir das referências sobre a

⁵³ Artista premiado cujo desenhos ilustravam a *Escola*, obra denomina-se Silvia Nascimento em homenagem a esposa.

⁵⁴ O uso do termo material visual aqui no sentido de “ambiente visual feito pelo homem que são primariamente comunicativos, incluindo o desenho gráfico e a fotografia [...]” (GASKEL, 2011, p.244).

⁵⁵ Sobre isso ver Importantes pesquisas vêm sendo desenvolvidas no campo documental (SMIT, 1997; MANINI, 2002), da arte (BERGER, 1999; FRANCASTEL, 1983), da estética (JOLY, 1996; BARTHES, 1984), da comunicação (Kossoy, 1980; Maranhão, 1988; Coutinho, 2006), da semiótica (Arfuch, 2006; Souza, 2001), da história (PAIVA, 2006; BURKE, 2004), dos estudos visuais (NEIVA JR., 1986; MARTÍN-BARBERO e REY, 2001).

análise de imagens, sem, no entanto, nos dedicarmos à particularidade da fotografia como recurso ou linguagem, é no conteúdo das imagens, que reside o nosso interesse.

Sendo as imagens um documento de cunho histórico “um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (KOSSOY, 1989, p.16), se revela uma importante fonte de pesquisa, que armazena dados e vestígios, funcionando como documento, e de manifestar memórias e sentimentos, atuando como monumento, constitui-se num valoroso material a ser explorado conforme Le Goff, (2013).

Consideramos que a imagem ou fotografia é um exemplo, é um recorte de um fato ou de uma situação, e que a imagem fotográfica se traduz como um campo de convergência de contextos, significados e sentidos existentes no âmbito da experiência de quem a produz e de quem a contempla. A análise do material visual no campo da história da educação, em que se localiza esse estudo, é marcada pela discussão da produção e de seu consumo como atividades sociais, econômicas e políticas, como nos destaca Gaskell (2011) que oportuniza um olhar expandido sobre sua produção e seu consumo. Destarte as imagens não tenham conseguido equivalências em relação às fontes escritas, e que não sejam as primeiras a produzirem discursos de caráter afirmativo e objetivo com pretensão de verdade cabal, a diversidade de sentido e as inúmeras interpretações elaboradas a partir da imagem podem ser observadas considerando o cruzamento das fontes, o que Meneses (2005) denominou de “História Visual”.

O contexto educacional produz imagens, mas também foi alvo dela, ao longo do tempo, a produção de imagem que se reflete pelo viés social, urbano e histórico, caracterizando-se como uma fonte importante de produção e divulgação de imagens mentais e imagens documentais, influenciando assim a visão social de mundo.

Uma imagem sempre se revela como polissêmica, aqui seguimos a investigar um conjunto de indicadores que constitui uma determinada estética traços da época, que indicam que o autor da imagem e o editor da revista pretendiam dar a ver e fazer ver, portanto a imagem passível de uma leitura documental que possibilita a análise e o conhecimento da construção social da realidade, conforme Martins (2013) e Burke (2004). Nessa perspectiva, considerando Smit (1997) no caso da revista Escola as imagens se estabelecem como veículo de circulação de princípios estéticos que se queriam estabelecidos no processo educativo das escolas no Pará, constituindo assim uma cultura escolar.

Para Julia (2001), a cultura escolar se baseia nos elementos a saber: espaço escolar específico, cursos e corpo profissional específico, assim é a partir desses aspectos que a

cultura escolar produz imagens tanto mentais quanto materiais, desta forma para interpretar a imagem é imprescindível uma referência social, neste sentido partilhar os referenciais culturais aos quais a imagem faz menção, possibilita a relação necessária para que o sentido possa ser construído e a recepção seja realizada.

Na análise inicial do material relativo à imagem coletado nas edições da revista Escola identificamos uma diversidade de material visual, assim agrupamos e selecionamos considerando a sua materialidade disposto da seguinte forma: imagens das capas da revista, imagens de desenho entre os artigos publicados e as fotografias.

4.1 Das capas

As capas da Escola – revista do professorado do Pará nas edições localizadas nesta pesquisa, foram elaboradas contendo foto de uma personalidade do meio educacional ou político da sociedade paraense, apenas uma capa foge a esse padrão trazendo o sumário como capa da edição. Nas capas além de fotografia, um homenageado tem sua imagem apresentada em forma de desenho, vide Figura 20.

Figura 20 – Capas de Revistas



As capas apresentam a seguinte organização visual, primeira linha centralizado em caixa alta consta o nome do órgão público responsável pela sua publicação: —Diretoria Geral de Educação e Ensino Público do Estado do Pará. Na linha abaixo em letras grandes e com borda inferior e superior em vermelho, aparece o nome da revista: Escola, abaixo em letra menor informa, revista do professorado do Pará completando nome da revista. Abaixo do nome da revista aparece a imagem do homenageado, retrato em preto e branco, abaixo da foto a legenda em letras pequenas e caixa alta o nome do retratado e mais abaixo o ano data e número da edição da revista. Ao lado esquerdo há uma borda em policromia com desenho padrão de flores inspirado nas cuias de Santarém.

Na Figura 20 a borda tem inspiração na cerâmica Tapajônica e Cerâmica Marajoara, relativo à autoria das fotos foi possível encontrar o registro, mas os desenhos das bordas são de autoria de Angelus Nascimento⁵⁶ artista de profunda sensibilidade, que se inspirou na decoração das cuias de Santarém⁵⁷ cidade localizada no Oeste do Estado do Pará, na perspectiva de traduzir a beleza amazônica, é possível perceber esses traços nas bordas floridas e traços da cerâmica tapajônica⁵⁸ nas bordas das capas tratadas anteriormente.

Como eram escolhidas as personalidades estampadas nas capas? As evidências da pesquisa revelaram que a revista possuía uma sessão de homenageado assim, um catedrático da educação do Pará era convidado pelo editor para elaborar um texto para apresentar o homenageado, texto esse que era publicado nas páginas iniciais da revista, observamos que o homenageado com texto sobre sua vida e obra era também agraciado com sua imagem publicada na capa da revista, desta forma identificamos Jose Veríssimo e Paulino de Brito pelas escolhas e era dada importância a trajetória ligada à educação que fossem de naturalidade regional.

A edição nº 2 de junho de 1934, trouxe a imagem de José Verissimo Dias de Matos (1857 - 1916)⁵⁹, que era paraense nascido em Óbidos, retratada na capa da revista. Com obras, relativamente pouco conhecidas do grande público, que guardam um arcabouço teórico de reflexões que possibilitam compreender, entre outras coisas, a sociedade e a educação

⁵⁶ Pseudônimo de Antonio Ângelo de Abreu Nascimento, nasceu em Turiagu, Maranhão, em 11/12/1895. Ângelus Nascimento aparecera pela primeira vez no cenário artístico paraense no ano de 1912, rapidamente estabeleceu-se junto aos jornalistas, músicos e poetas locais, passando a colaborar com suas caricaturas em várias revistas e periódicos. Ver MEIRA, 2008, p.34.

⁵⁷ Ver <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/historico>

⁵⁸ Ver PRIANTE, Wagner Penedo. A cerâmica dos Tapajó e o desejo de formas: estudo de peças cerâmicas arqueológicas mirando potências criativas. - São Paulo: Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2016.

⁵⁹ Ver França, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

escolar brasileira da época. As análises e as críticas desenvolvidas em relação à política educacional brasileira são acompanhadas quase sempre de propostas de reformas que, segundo o autor, poderiam reverter o quadro desolador em que se encontrava a educação no país.

As reflexões presentes nas obras de José Veríssimo guardam uma certa atualidade com os debates travados nos anos 20 e 30 pelos educadores renovadores. As questões por ele levantadas e que serão objeto de discussão décadas depois, dizem respeito, entre outras coisas, à criação de um sistema nacional de ensino; à reestruturação do ensino primário, secundário e técnico-profissional; à educação pública como dever do Estado; à co-educação dos sexos; à formação de uma consciência nacional voltada para o fortalecimento da identidade nacional, isto é, da nação brasileira; à reformulação do ensino particular, a fim de que se tornasse um digno auxiliar do ensino público, e a defesa de uma escola de qualidade voltada para a difusão da cultura brasileira. (FRANÇA, 2004. p. 4-5).

A representação visual de Jose Verissimo está em desenho em preto e branco, a tomada da imagem está em perfil retratada tal qual um busto, não há ambiente ou cenário, demonstra feição sem sorriso e foi retratado em terno e gravata. A atmosfera formal sugere uma estética bastante sisuda. O responsável pelas ilustrações de Jose Veríssimo foi Angelus Nascimento que será tratado mais à frente, é possível identificar sua assinatura na parte inferior do lado direito do retrato de José Verissimo, foi homenageado com texto de cinco laudas de autoria Manuel Lobato, catedrático da Escola Normal do Pará, que discorre sobre sua vida e obra, denominado Jose Veríssimo - o educador. Na história do Pará ele ocupa posição de destaque.

A edição nº 3 de agosto de 1934, trouxe a imagem de Paulino de Almeida Brito (1858 - 1919), que era nascido em Manaus, retratada na capa da revista. Paulino de Brito foi tipógrafo no Jornal Liberal do Pará, apesar das adversidades de sua juventude conseguiu se formar em Direito entre São Paulo e Recife, retornou a Belém e foi professor da Escola Normal, do Ginásio Paes de Carvalho, do Conservatório Carlos Gomes, protagonizou uma das mais célebres disputas linguísticas travadas na passagem do século XIX ao XX com o gramático português Cândido de Figueiredo⁶⁰ mais especificamente sobre a colocação de pronomes.

⁶⁰ Ver SILVA, Hosana dos Santos. Língua e poder: revisitando os debates entre Paulino de Brito e Cândido de Figueiredo. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 55, dezembro de 2017. p. 114-129.

Paulino de Almeida Brito é representando nesta capa através de fotografia em preto e branco com tomada de perfil em primeiro plano demonstrando o rosto e os ombros sua vestimenta e terno e gravata em cor escura, a imagem não possui fundo e seu rosto não esboça sorriso. Heliodoro de Brito, Presidente da Academia de Letras do Pará foi o autor do artigo, Paulino de Brito - o Mestre, de sete laudas que o homenageou neste número da revista.

A edição nº 4 de maio de 1935, trouxe a imagem do Governador José Carneiro de Gama Malcher (1872 - 1956)⁶¹, que era natural de Belém na capa da revista e nasceu em Belém no dia 23 de agosto de 1872. Nesta edição o professor homenageado foi Severiano Bezerra de Albuquerque, que não teve sua imagem veiculada na revista, mas foi agraciado pela Normalista Bellatriz Bezerra de Albuquerque com artigo de três laudas.

A imagem de Gama Malcher foi exibida através de fotografia de plano de busto mostrando o rosto e os ombros, também usa terno e gravata em cor escura, a imagem não contém fundo sua expressão facial não expressa a sisudez presente nas outras capas, a borda desta capa não segue o padrão com flores, adota motivo mais sóbrio.

O contexto que levou Gama Malcher ao governo remete a 1934, as eleições para a Assembleia Constituinte estadual encarregada também de eleger o governador e dois senadores, houve um impasse e o Partido Liberal (PL) não permaneceu coeso em relação à indicação do governador do Estado. Negando-se a apoiar a candidatura do Interventor Magalhães Barata. Diante do impasse criado, o governo federal nomeou um Interventor no estado, o major Roberto Carneiro de Mendonça. Após alguns dias de negociações com as forças políticas locais, o nome de José Malcher afirmou-se como o mais adequado para promover a conciliação. Seu governo, iniciado no dia 4 de maio, enfrentou um dos períodos mais difíceis da vida política paraense. Com a instauração do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, Gama Malcher foi confirmado no posto e convertido em Interventor no estado, cargo que exerceu até janeiro de 1943. Substituído por Magalhães Barata, José Malcher assumiu ainda nesse ano a presidência do Banco de Crédito da Borracha. Faleceu em Belém no dia 25 de junho de 1956.

Damasceno (2011) destaca que foi no governo de Gama Malcher que a Escola Nova alcançou o maior grau de complexidade

Com as professoras leigas que a administração revolucionária havia infiltrado no magistério da Capital, abrindo um precedente prejudicial ao interesse do ensino. Atribuiu-lhes no mecanismo escolar uma função puramente administrativa, sem ferir-lhes os direitos, como auxiliar secretárias dos grupos e escolas isoladas. E

⁶¹ Ver Almanaque do Correio da Manhã; ARQ. GETÚLIO VARGAS; COUTINHO, A. Brasil; CRUZ, E. História do Pará; Encic. Mirador; Grande encic. Delta; PEIXOTO, A. Getúlio; POPPINO, R. Federal; ROQUE, C. Grande; SILVA, H. 1935.

chamou-se para as vagas que se abriram professoras diplomadas pela Escola Normal, com tirocínio no magistério. (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1936).

Destaca ainda que as adequações nas instalações escolares no sentido de atender às necessidades dos métodos de ensino de base escolanovista, foram realizadas foi no governo de Gama Malcher como se pode observar em Mensagem ao Legislativo, mas enfatiza um traço racista quando em sua fala registra manter a pureza da raça,

A Escola Nova, revolucionando completamente os métodos de ensino, com o fito de torná-lo mais acessível à inteligência infantil, trouxe como consequência a ampliação do aparelhamento didático, tornando-o cada vez mais dispendioso. O actual desenvolvimento da ciência educacional exige não só instalações perfeitas para o preparo intelectual do alumno, como também uma sã assistência moral e bem orientada educação física. De facto, para que um estabelecimento de ensino possa corresponder à sua finalidade é necessário que o prédio onde funcione preencha todos os requisitos exigidos pela higiene escolar, a fim de evitar a degenerescência **physica da raça**. Além disso, é imprescindível que seu corpo docente seja culto, dedicado, animado de um sã patriotismo e tenha à sua disposição um aparelhamento escolar completo, de maneira a permitir que o ensino ministrado seja essencialmente prático, intuitivo e atraente, a fim de despertar o interesse do alumno pela escola, actualmente encarada como um prolongamento do lar. É por isso que, procurando corresponder à confiança pública, temos em vista dotar o Estado de três estabelecimentos modelares, a serem construídos de acordo com os preceitos da pedagogia moderna. Estes prédios escolares, com capacidade de 200 alumnos cada um, serão edificadas de preferência nos populosos bairros suburbanos da capital, habitados em sua maioria pela laboriosa classe operária. O primeiro destes prédios já está em construção à praça do Centenario e os dois outros serão iniciados brevemente nos bairros da Pedreira e do Jurunas. (MENSAGEM 1930, 96-7).

Ainda em Damasceno (2011) se encontra evidência da proximidade de Gama Malcher com os professores na trajetória da Sociedade Paraense de Educação⁶², mais especificamente no evento Semana da Educação no Pará “Semana da Educação no Pará”. No dia 1º de maio de 1937 sua abertura solene contou com a presença do Diretor de Educação Amazonas de Figueiredo que empossou a nova diretoria da entidade. Também consta que a íntima relação da entidade com o governo do Estado continuava dando seus frutos pois durante a solenidade foi lida mensagem do governo Gama Malcher, cujo teor era a doação de um terreno na Travessa Quintino Bocaiuva para que ali fosse construída a “Casa do Professor”. (FOLHA DO NORTE, 1937).

Observa-se que a presença do Governador Jose Malcher na Capa da revista Escola não se deve somente ao aspecto da oficialidade, mas outros significados são mobilizados nessa imagem, que estão diretamente relacionados com o apoio ao seu governo, com

⁶² No dia 7 de abril de 1933, a entidade Sociedade Paraense de Educação foi fundada com principal objetivo de congregar professorado para defesa de seus interesses. Ver DAMASCENO, Alberto. A Segunda República e a Educação no Pará: um primeiro olhar sobre o projeto dominante. Belém: Editora do Autor, 2011. p. 76-77.

desenvolvimento das condições de adequação para que a Escola Nova no Pará se tornasse real e com a relação de proximidade que estabelecia com o professorado.

A edição nº 5 de setembro de 1935, veiculou a imagem do sumário da revista. Neste número, a revista não homenageou um professor, o artigo de autoria de Manuel Lobato Professor da Escola Normal continuou descrevendo a vida e obra de Severiano Bezerra de Albuquerque e não ganhou as páginas iniciais da revista. Nas páginas iniciais consta o artigo do novo Diretor da Diretoria Geral de Ensino Público Oswaldo Orico sobre uma ação urgente para disseminar o ensino primário no Brasil. Assim a capa não contém imagem de uma personalidade da educação no Pará, mas apresenta os assuntos tratados nesta edição, percebe-se a intenção de valorizar os artigos que constituem esse número da revista, como um roteiro imprescindível de estudo para os professores, diretores e técnicos das escolas.

Entendemos que cada fotografia representa um instantâneo e um recorte de um fato ou situação. A imagem fotográfica é um campo de convergência de contextos, significados e sentidos existentes no âmbito da experiência de quem a produz e de quem a contempla. Dessa forma, podemos dizer que a fotografia é uma forma de construção da realidade e, por isso, afeita a interpretações e interferências subjetivas de acordo com Martins (2013).

Desta forma colocamos luz nas capas da revista, estas apresentam a fotografia de busto de dois professores, um político e uma imagem em texto verbal referente ao sumário da edição. As capas com fotografia trazem personalidades expoentes do meio educacional, percebe-se então, um ideal de valorização do magistério através das escolhas das fotografias exibidas nas capas, sobretudo do magistério regional, pois os retratados são de personalidade que oriundos senão do Estado do Pará, de estado da região norte, na perspectiva de constituir modelos, e referência para os professores, que era uma meta do Interventor Federal valorizar a idoneidade moral no contexto dos professores do Estado e município descrito nas palavras de Coimbra (1981).

Todos estão retratados de terno e gravata, são demonstrados em fotografia com imagem austera, sisuda, expressando respeitabilidade, retidão e idoneidade, valores que são expressos pelo Interventor Federal Magalhaes Barata em seu programa de governo como condição imprescindível para que o professorado possa ser irradiador da civilidade e renovação na educação paraense como descreve Coimbra (1981).

Observa-se também que todos os homenageados e presentes nas capas da revista são do sexo masculino, embora a participação feminina com autoria de artigos para a revista alcance 60% de acordo com as evidências da pesquisa, portanto a valorização do professorado na capa da revista apresenta-se atrelada ao gênero masculino, nenhuma professora foi

retratada, embora uma tenha sido convidada para escrever o texto sobre um professor homenageado o caso da Normalista Bellatriz Bezerra de Albuquerque.

Destarte em 1932 as mulheres já tivessem o direito ao voto contexto social como nos chama atenção Damasceno (2011) era de uma sociedade muito machista no âmbito nacional e paraense. Alvares (1990) destaca que para Magalhães Barata a escola não era só o lugar da instrução ao analfabeto, mas também, da educação cívica ao “ignorante político” visto que esse complexo tendia a esclarecer ao povo o nível de patriotismo e “anseios cívicos” necessários a que este recebesse os “dogmas constitucionais”, assim se mostra preocupado com que perfil de professorado que iria gerenciar o formato da educação no governo liberal (instrução e civismo) que lhe interessava “introjetar” nas crianças (pois “sem preparo cívico o povo não pode arcar com as liberdades constitucionais”) obrigava-lhe a manter uma certa cumplicidade com as professoras. Veja-se então como é que fica esse ponto: as mulheres governando via sala de aula. Elas reconhecem que têm poder e mandam a Magalhães Barata muitos recados através das moções que editam e que levam a ele anexando centenas de nomes das prováveis eleitoras do Partido Liberal, em 1934.

Alvares (1990) destaca ainda que nessa mesma linha pode-se incluir a cumplicidade realizada entre Magalhães Barata e as mulheres da Legião Feminina Magalhães Barata, criada em maio de 1935 e vigente até 1965. Fundada com a preocupação de garantir uma imagem forte da liderança que desabava do poder por contradições das alianças de classe do período, essa associação feminina passou a sustentar, a partir daí, os processos eleitorais e as campanhas políticas das lideranças masculinas do partido (Partido Liberal e PSD), indispondo-se com o patrono quando o pleito acusava derrota do partido majoritário e por isso sendo banidas da cena política; e/ ou reorganizando-se, procurando arregimentar um novo quadro de mulheres (professoras e esposas dos líderes políticos) criando novas forças para novas eleições, novos candidatos novas pelejas políticas e vitórias., as vezes com o nome de uma ou outra legionária sendo sufragado (cf. a primeira vereadora, do PSD e a primeira deputada estadual, também do PSD). Tanto as professoras do magistério elementar quanto as “legionárias” obedecem às ordens do líder, pelo que se pode observar nas fontes históricas (orais e documentais) em virtude de confiança pessoal e com base na crença de que Magalhães Barata era uma “pessoa do povo”. Mas são ausentes da capa da revista.

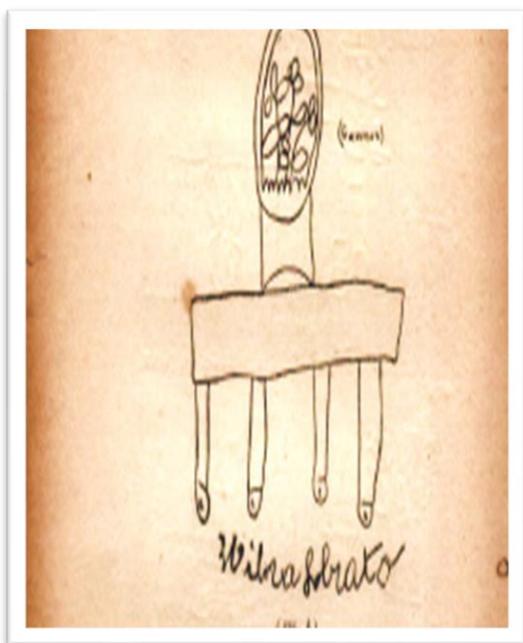
4.2 Dos desenhos: o saber e a expressão

A análise sobre a revista Escola revelou a presença de um agrupamento de desenhos. É possível observar dois grandes conjuntos de desenhos: um de desenhos que são parte integrante de artigos cujo tema eram relatos de aulas e as evidências apontam que tinham como objetivo exemplificar as orientações das aulas aos docentes. O outro conjunto apresentava desenhos, que se localizavam no corpo da revista sempre no final de um artigo ou de uma seção, assim tinham objetivo de servir como uma marcação para o final de um artigo ou de uma seção. Esses desenhos em sua totalidade eram apresentados em preto e branco.

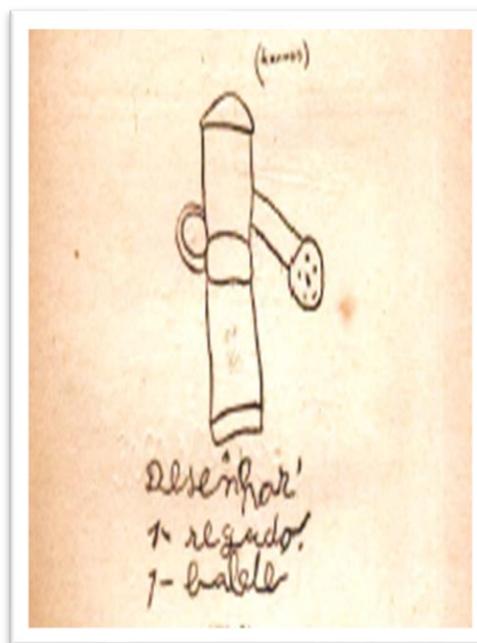
O primeiro conjunto de ilustrações em desenho podem ser observados nos números 4 e 5 da revista Escola, a saber respectivamente com os artigos: Aplicação do Methodo Ideo-Visual de autoria de Maria Leal Uchoa de Martins, Professora do Grupo Escolar D. Pedro II e O ensino do desenho de autoria de Jose Bandeira⁶³. Observa-se que esses textos se encaixam na perspectiva de tratar o desenho como um saber, caminho que se contextualiza entre o final do século XIX e o século XX e estão relacionados com o Método Intuitivo e o Movimento Escola Nova.

A presença desses desenhos sofre influência do debate internacional dos educadores acerca dos fundamentos da Escola Nova da década de 30, que defendia o uso do desenho no processo educativo para além do uso do desenho geométrico, mas, sobretudo o desenho de imaginação e de observação. O Centro de Interesse, criado por Decroly, era uma metodologia de ensino que caracterizou o Método Intuitivo na década de 20 e foi apropriado pelo modelo pedagógico da Escola Nova, assim o desenho era visto como um de seus recursos por ser considerado uma forma de expressão, no sentido de expressar o aprendizado, tornando-o concreto. A seguir o registro do conjunto de desenho que integrava essa perspectiva e estavam presentes na revista Escola.

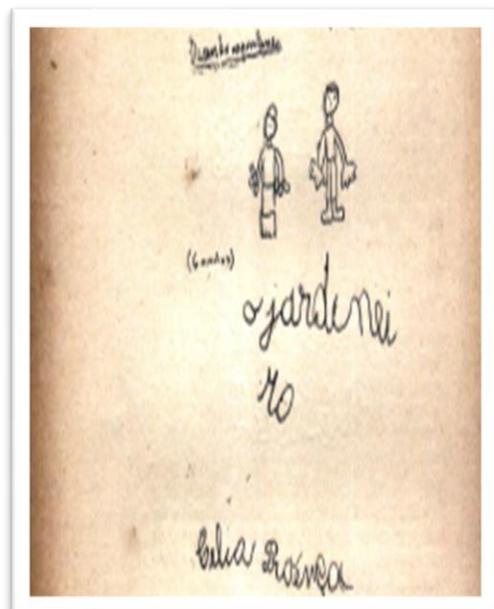
⁶³ José Sennem Bandeira. Era licenciado em Desenho pela Faculdade Nacional de Filosofia, doutor em Perspectiva, Sombras e Estereotomia pela Escola Nacional de Belas Artes, e doutor em Arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Bandeira foi coordenador do ensino de desenho do Colégio Pedro II, docente livre da Escola Nacional de Belas Artes e da Faculdade Nacional de Arquitetura, assistente de “Didática Geral e Especial de Desenho” da Faculdade Nacional de Filosofia, e também autor de diversos livros de desenho. Ver Revista Brasileira de História da Matemática - Vol. 13 no 26 - pág. 23-40.

Figura 21 - Methodo Ideo-visual

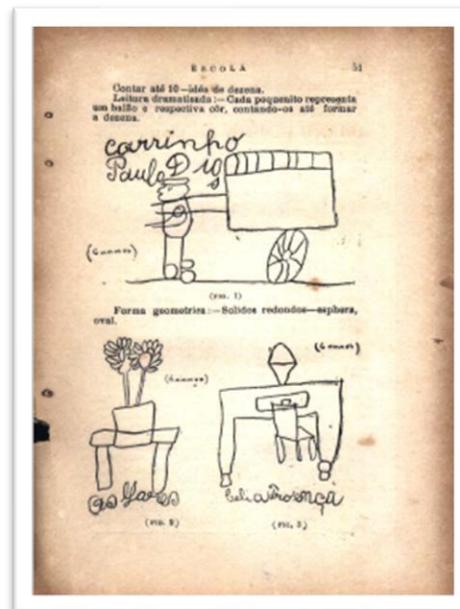
Fonte: Revista Escola, v1, n.4, 1935

Figura 22 - Methodo Ideo-visual

Fonte: Revista Escola, v1, n.4, 1935

Figura 23 - Methodo Ideo-visual

Fonte: Revista Escola, v1, n.4, 1935

Figura 24 - Methodo Ideo-visual

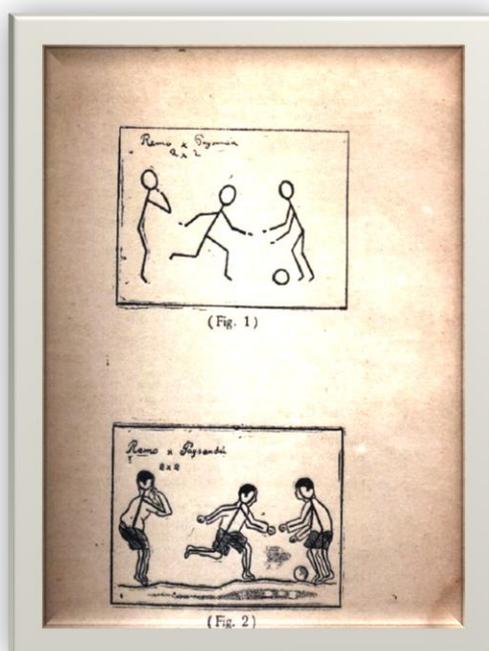
Fonte: Revista Escola, v1, n.4, 1935

O artigo denominado Aplicação do Methodo Ideo- Visual continua os desenhos vide Figuras 21, 22, 23, 24, o artigo se constituía em relato de diário de aulas onde o desenho assumia a perspectiva de um auxiliar da aquisição do processo de desenvolvimento da escrita, que além de despertar o gosto artístico, desenvolve a coordenação viso motora, desenvolvendo a grafia para a escrita, o método consiste num jogo educativo, os alunos eram

incentivados ao desenho espontâneo sobre os temas das aulas. O texto relata os temas das aulas dos meses de abril, maio e junho e registra os desenhos das crianças.

No artigo O ensino do desenho o autor destaca o atraso do uso do desenho como metodologia que faz aprender no contexto da educação brasileira, defende que com metodologia correta todos são capazes de aprender a desenhar, “a prática produz a perfeição” e exemplifica com a Figura 25, que demonstra o avanço no registro do desenho. Destaca que o desenho é considerado uma habilidade manual, auxilia a educação estética, pode servir como verificador da capacidade de observação e desenvolve a linguagem, e por fim trabalha o argumento de que o desenho é um recurso de representação das nações cultas.

Figura 25 - O Ensino do Desenho



Fonte: Revista Escola, v. 1, n. 3, 1934.

A presença do desenho na revista está relacionada com às finalidades do saber desenho na relação com as formas de ensinar, destacando o aprendizado do aluno, temática que caracteriza diretamente o modelo pedagógico da Escola Nova, assim, permite inferir que o desenho era utilizado simultaneamente como uma metodologia e como um recurso. O seu uso como metodologia, acontece quando através dele se construía um determinado conceito como indica o relato da aula vide figura 22, 23, 24, ou quando ele era usado para fixar conceito como o de sólidos geométricos vide Figura 25. Os artigos presentes na revista indicavam o saber desenho componente importante para boas práticas educativas segundo afirma Biccas, (2008).

Outra função do desenho era a de materializar o aprendizado. O relato de aulas, uma delas é a assistida pelo Diretor da Diretoria Geral de Educação e Ensino Público Amazonas de Figueiredo, demonstra a preocupação com a dinamização, o mostra uma aula dinâmica que perpassa por diversas disciplinas e que aproveita a fala ou atos dos alunos para se iniciar as lições, mostrando dar importância aos interesses das crianças.

Os artigos não estabelecem que tipo de ensino de desenho, se cópia, imaginação ou espontâneo faz uso, com exceção da Figura 25, mas ao que tudo indica parece ser bastante livre, podendo fazer uso da observação ou da memória, priorizando assim a expressão da criança. O desenho vem relacionado com o trabalho, preceitos de Decroly, que tem influência direta no movimento Escola Nova. Para ensino, o desenho se mostrou a possibilidade de um trabalho educativo com a criatividade, estimulando os alunos livres para escolherem o que desenhar/moldar. A presença do desenho como estratégia importante para consolidar a metodologia do Centro de Interesse mostra a influência do modelo pedagógico Escola Nova, que atribuía ao ensino de desenho o objetivo de trabalhar as proporções e reproduzir o modelo fielmente, nem indicar correções por parte da professora, nos faz inferir que era mais livre, estimulando a expressão. Isso nos mostra que raízes do Método Intuitivo são deixadas e incorporadas pela nova tendência, o escolanovismo. O desenho então era usado para compor o ensino de aquisição do vocabulário, juntamente com o estímulo à expressão.

O outro conjunto de imagens é representado pelos desenhos que estão no interior da revista e se localizam no final dos artigos ou seções, funcionam como marcadores de final de um assunto para o início de outro, em geral nas revistas de educação são desenhos tipografados a exemplo das Figuras 26 e 27, no entanto na revista Escola a pesquisa revelou imagens de desenhos vide Figuras 28 a 35 que traduzem elementos referentes à cultura, à fauna e à flora da região amazônica, a análise do corpus evidenciou que são de autoria de Angelus Nascimento⁶⁴.

⁶⁴ O pintor Ângelus Nascimento, pseudônimo de Antônio Ângelo de Abreu Nascimento, nasceu em Turiaçu, Maranhão, a 11 de dezembro de 1895. Premiado em vários salões de Belas Artes, acabou sendo conhecido como professor de artes plásticas. Em sua homenagem a Galeria do Teatro da Paz é denominada de Angelus, também há uma Escola na Ilha de Mosqueiro com o seu nome. Ver SALLES, Vicente. *O siso e o riso: Ângelus Nascimento por Vicente Salles*. In: Revista PZZ. Belém, n.1, 2005. p. 21-31.

Figura 26 - Registro tipográfico

Fonte: Revista Ensino, v. 2, n.7,1912, p.6

Figura 27 - Registro tipográfico

Fonte: A Semana, v. 15, n.79, 1934, p.8

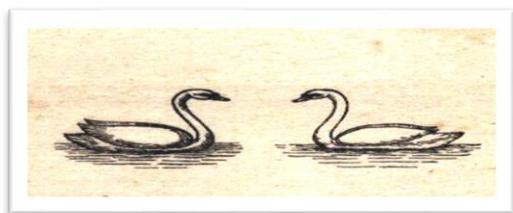
Quadro 20 - Ilustrações de Angelus Nascimento

Edição	Ilustrações	Página
N.2 junho de 1934	Guará	5, 40
	Flores	10, 26, 30
	Vaso de cerâmica	16
	Garça	35
	Peixe	52
N.3 agosto de 1934	Flor e folhas	
N.4 maio de 1935	Duas Flores	12, 37, 64
	Flor Sinos da mata	17,62,
	Guará	27, 66
	Duas garças	41,0
	Azulejo português	60,0
	Flor	62,0
N.5 setembro de 1935	Pato	25
	Vaso Marajoara	20
	Guará	27
	Aguapé (nifeias)	29
	Flor	36, 41

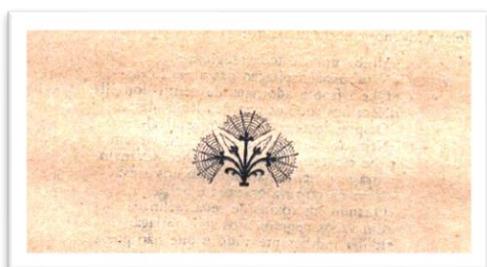
Fonte: Elaboração da autora.

Os desenhos de Angelus Nascimento na *Escola* são enaltecidos pelo editor Dalcídio Jurandir em texto publicado no n.2 de junho de 1934, p 26, em que destaca o potencial e a sensibilidade do seu trabalho na perspectiva da valorização da cultura da região, em destaque Santarém pelos traços das Cuias, Marajó⁶⁵ pela cerâmica, fato que também vai ao encontro das inspirações do Interventor Federal Magalhaes Barata, que replicando as metas do Governo de Getúlio Vargas pretende desenvolver o ensino rural, ou seja, desenvolver o ensino no interior do estado do Pará.

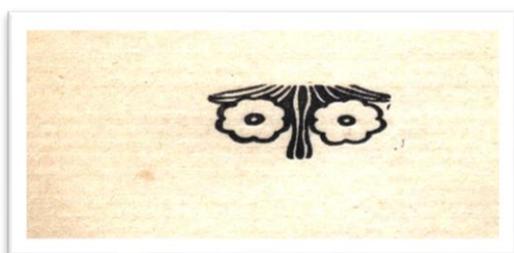
⁶⁵ Ver Secretaria de Turismo do Pará, disponível em <http://www.setur.pa.gov.br/polo-marajo>

Figura 28 - Pato

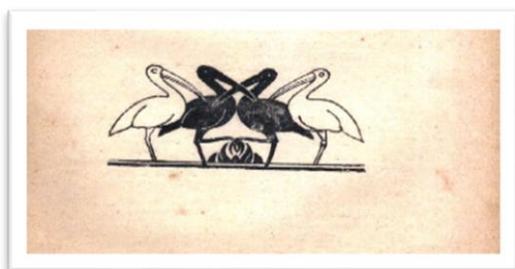
Fonte: Escola, v1, n.4, 1935, p. 41

Figura 30 - Aguapé (nifeias)

Fonte: Escola, v1, n.4, 1935, p.17, 62

Figura 32 - Flores

Fonte: Escola, v1, n.4, 1935, p. 12, 17, 64

Figura 34 - Guarás

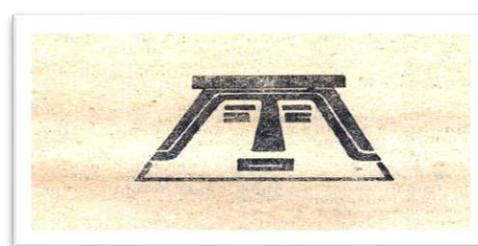
Fonte: Escola, v1, n.4, 1935, p.5

Figura 29 - Azulejo Português

Fonte: Escola, v1, n.4, 1935, p.60

Figura 31 - Sinos da mata

Fonte: Escola, v1, n.4, 1935, p.17, 62

Figura 33 - Cerâmica Marajoara

Fonte: Escola, v1, n.2, 1934, p.16

Figura 35 - Peixe e Muiraquitã

Fonte: Escola, v1, n 2, 1934, p. 52

Assim parece oportuno que a revista destinada aos professores fosse veículo dessa mensagem conforme Damasceno (2011), dessa representação, na perspectiva de Chartier

(1990) em que a imagem definiu como um sistema de representações. Como evidência o Jornal Estado do Pará que constatou ações do governo revolucionário em Acará, Santo Antonio de Arauna, Óbidos, Curuçá, Irituia, Igarapé Miri, Gurupá e Marapanin. (09/03/1934, p.14, 16,18, 20, 22 e 24).

4.3 Das fotografias: a interface através da imagem

Na análise da revista Escola como objeto cultural que veiculou práticas escolares e dispositivos normatizadores de saberes destinados a público específico no caso professores e diretores de escolas com objetivo de legitimar o movimento renovador no processo educativo, a Escola Nova, encontramos um conjunto de fotografias presentes nesse impresso, consideramos seguindo Chartier (1990), que as fotografias são dadas a ler, portanto possuem uma discursividade própria, mas são percebidas de maneiras diferenciadas e ressignificadas de acordo com o contexto histórico social no qual circulam, é nessa perspectiva que colocamos luz nas fotografias coletadas na análise da revista.

Para a análise das fotografias encontradas na revista consideramos estas como fontes históricas que demandam uma análise específica, não obstante o registro fotográfico tenha sido produzido para documentar um fato ou representar um estilo de vida, Le Goff (2013) destaca que a fotografia deve ser analisada ao mesmo tempo como imagem/documento e imagem/monumento. Assim primeiro a fotografia é uma marca material da história, desta forma objetos, pessoas e lugares revelam o passado, indicando a condição de vida, a moda, infraestrutura do espaço geográfico, condições de trabalho. Segundo o autor a fotografia é tomada como um símbolo, uma representação, daquilo se estabelece como a única imagem a ser eternizada sobre o contexto, dessa maneira as imagens fotográficas da revista são fontes que veiculam representações de um contexto imerso nos princípios norteadores da Escola Nova, o que se pode perceber que foi escolhido como marca dessa representação na revista?

Considerando que a fotografia é sempre uma imagem resultante de uma escolha do fotógrafo, mas não é uma escolha individual, ao se tratar de fotografias que foram veiculadas em revista editada pela Diretoria Geral de Educação e Ensino Público, as fotos têm viés de oficialidade. A fotografia é documento porque informa, mas é também monumento porque conforma uma determinada visão de mundo.

A utilização de fotografias nesse estudo caminha na perspectiva de considerar as diversas possibilidades de conhecimento de outras dimensões da vivência dos atores sociais por intermédio das fotografias. Compreendemos que as fotografias não devem ser utilizadas

simplesmente como uma ilustração do texto verbal, mas como fontes de pesquisas, visto que os elementos que a compõem são recortados de determinados contextos sociais. Embora a fotografia seja uma representação visual, todos os elementos ou pessoas que estiveram por um momento em frente da câmera fotográfica são plausíveis de serem alocados em um determinado tempo e espaço. Esta possibilidade atesta o caráter histórico da fotografia.

Entre o objeto e a sua representação fotográfica, observa-se a existência de uma realidade, as opções culturais e históricas guardadas na atitude de apertar um botão que pretende marcar uma visão de mundo, é assim, a fotografia é peça de afirmação de valores, normas como ressalta Bourdieu (2006) sobre a fotografia, antes de ser um instrumento e anúncio do mundo moderno, ela é assimilada como peça de afirmação e veículo de valores, normas e significados.

Dadas as condições de deterioramento do material, as imagens não guardam boa qualidade de nitidez, mas ainda possibilitam visualização. Para operacionalizar a análise elas foram inicialmente agrupadas de acordo com o assunto proeminente na imagem, compondo os seguintes agrupamentos: fotografia de edificações escolar, fotografias de professores e alunos e fotografia de festas e visitas escolares. Bem buscamos apoio para o percurso de análise em Smit (1997) e Coutinho (2006) que em tese propõem os seguintes passos: a leitura: descrição; a interpretação ou análise e a síntese ou conclusão, desmembrado nas perguntas o que a fotografia mostra? Como a fotografia mostra? E onde a fotografia mostra?

A análise das fotografias se desdobra conjuntamente com a interpretação, pois a leitura do objeto já se caracteriza como uma interpretação, uma gramática da imagem como discorre Coutinho (2006) já carrega em si os traços analíticos de quem lê. Nesta perspectiva tomamos a análise das 23 fotografias coletadas e que estão distribuídas nas edições da revista e foram agrupadas considerando o conteúdo das imagens que veiculam vide Quadro 21.

Quadro 21 - Quantitativo de fotografias por número da *Escola*

Fotografias	v.1, n.2, 1934	v.1, n.3, 1934	v.1, n.4, 1935	v.1, n.5, 1935	Total
Edificações escolares	-	5	2	4	11
Professores e Alunos	3	2	-	2	7
Festas e visitas nos Grupos Escolar	3	2	-	-	5
Total	6	9	2	6	23

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

a) Edificações escolares

As fotografias presentes na revista que retratam edificações escolares podem ser visualizadas nas Figuras 36 a 42, essas fotografias mostram, prédios escolares. Observa-se que as imagens foram produzidas com uma certa distância permitindo enquadramento do ambiente natural como cenário, o que não se repete nas Figuras 39, 41 e 42 que mostram somente o prédio, embora seja possível observar vestígio de vegetação do ambiente em todas elas.

As fotos apresentam um ângulo do prédio que só permite observar a fachada, não há fotos de outros ângulos do mesmo prédio, bem como não há registro da parte interior dos prédios. A arquitetura imponente com pé direito alto, janelas e portas acompanhando o pé direito alto revelam preocupação com a iluminação e ventilação da escola. Na Figura 40 é possível observar postes de iluminação, rua e canteiros o que se pode supor que em frente ao prédio havia uma praça, são os únicos registros de equipamento urbano que podemos perceber de acordo com enquadramento as fotos não registram ligações de energia elétrica, nas fotografias veiculadas pela *Escola*, nos permitindo inferir em parte as condições relativas aos equipamentos urbanos em que estas escolas estavam inseridas. Observa-se que o registro de crianças e adultos passando em frente ao prédio são presentes apenas nesta fotografia, o restante das imagens focaliza somente as edificações, demonstrando que o intuito seria divulgar os prédios.

Todas as imagens possuem legenda explicativa, o que permitiu identificar rapidamente sua localização no interior do estado do Pará, mas também a legenda atua como indicador da mensagem que queriam transmitir, a legenda garante a veiculação correta da mensagem, neste caso o investimento do governo na educação no interior do estado do Pará. Assim, se a imagem congela um número infinito de possibilidades – haja vista que a fotografia se constitui como uma “determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando essa atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão” (MAUAD, 1996, p. 79) –, são as palavras que determinam uma “certeza única”, e é por isso que todas as fotografias de notícias são legendadas. O significado das fotos é, portanto, guiado ou sugerido por textos, essenciais em relação à imagem. Nesse caso, o texto orienta o leitor para os significados da imagem, levando-o a evitar alguns deles e a perceber outros, ou seja, as palavras complementam a imagem, na qual se encontram presentes, como no discurso, o remetente, a mensagem e o destinatário.

As fotografias aparecem na revista como parte integrante dos artigos que tratam das bases da Escola Nova, ou entre os artigos, mas não há neste qualquer registro ou menção sobre essas fotografias.

Figura 36 - Grupo Escolar São Caetano de Odivellas



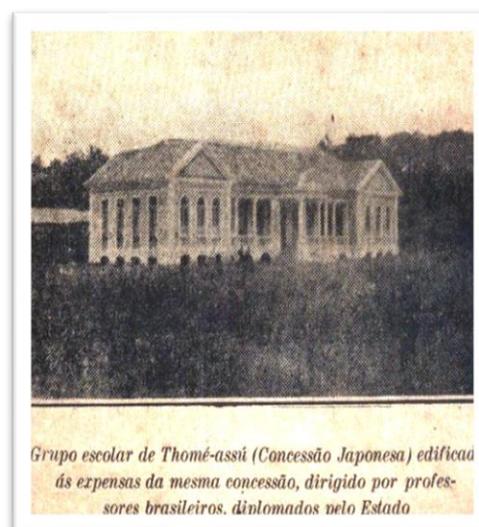
Fonte: Revista Escola, v1, n.4, 1935. p. 24.

As fotografias de fachadas de prédios apresentadas divulgam imagem de intenso investimento na educação paraense, pois apresentam construções vultuosas, sólidas e duradoras, na linha do que propagandeava o governo do Interventor Magalhães Barata na meta de desenvolver a educação no interior do Pará. Biccas (2008) também destaca esse fato em sua pesquisa sobre a educação em Minas Gerais.

Figura 37 – Escola Município de Tracateua **Figura 38** - Escola do Município de Tomé-açu



Fonte: Escola, v1, n.5, 1935. p. 37.



Fonte: Escola, v1, n.5, 1935. p. 37.

Figura 39 – Escola Município de Faro

Fonte: Escola, v1, n.3, 1935. p. 59.

Figura 41 - Escola de Bragança

Fonte: Revista Escola, v1, n.3, 1934. p. 91.

Figura 40 - Escola Município de Maracanã

Fonte: Escola, v1, n.3, 1935. p. 59.

Figura 42 - Escola Santa Isabel

Fonte: Revista Escola, v1, n.3, 1934. p. 91.

b) Fotografias de Professores e Alunos

Observou-se que essas fotografias apresentam imagens de turmas só com alunos meninos vide Figura 43 e turma de meninas e meninos vide Figura 45, foram captadas em situação de pose, as crianças aparecem em primeiro plano e professora no fundo do plano,

embora a professora também esteja em primeiro plano apresenta postura de atenção aos alunos, ambas imagens apresentam as professoras interagindo bem em situação de proximidade com as crianças.

As imagens apresentam legenda que identificam as atividades de ensino realizadas, as situações são de atividades de ensino que acontecem em ambiente fora da sala de aula, essas atividades são representadas por observação do ambiente vide Figura 45, manuseio de material didático, sendo possível identificar na imagem o ábaco⁶⁶, assim indica que seria aula de matemática, é possível observar atividade de modelagem, as crianças posaram com suas produções vide Figura 44.

As situações de aulas se diferenciam das aulas tradicionais onde o professor era o centro do saber a frente na sala explanando sobre o assunto e impondo autoridade e disciplina aos alunos, as fotografias apresentam os alunos como o principal centro de atenção no processo educativo, a relação de distanciamento dos alunos também é ausente nas imagens. O que não aparece na fotografia: não se vê, na sala de aula, um quadro-de-giz. O que se pressupõe que a aprendizagem é resultante de uma troca incessante entre os alunos e professora, mediada pela interação com o ambiente, com materiais didáticos e com a experimentação e valorização da criatividade dos alunos.

Figura 43 - Professora e alunos



Fonte: Revista Escola, v1, n.2, 1934. p. 33.

⁶⁶ O Ábaco como um material sensorial, ou de manipulação, possibilita aos educandos realizar operações matemáticas ainda não abstraídas, auxiliando assim na compreensão do processo que resulta em determinada operação. Ver BIAPINA, Wilter Freitas. Ensino do algoritmo de multiplicação por intermédio do ábaco romano. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 99, n. 252, 2018. p. 449-468.

Figura 44 - Aula do Jardim da Infância



Fonte: Revista Escola, v1, n.4, 1935. p. 24.

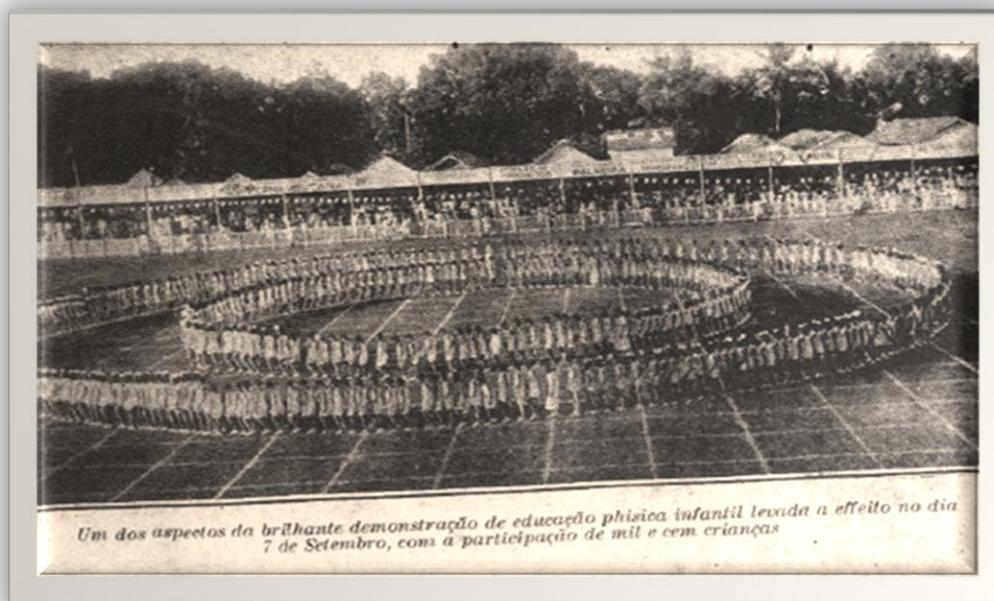
Figura 45 - Aula com metodologia da Escola Ativa



Fonte: Revista Escola, v1, n.2, 1934. p. 33.

c) Fotografias de festas e visitas nos Grupos Escolar

Figura 46 - Comemoração de 7 de setembro



Fonte: Escola, v. 1, n.5, 1935. p. 9.

Nos anos de 1930 e na década seguinte, os eventos cívicos tornaram-se um dos mecanismos, do governo nacional e das interventorias dos Estados, em serem os divulgadores de um projeto nacionalista. Sendo assim, as festas cívicas passam a ser rigorosamente comemoradas nos estados e municípios da federação, principalmente após a instauração do Estado Novo.

A Figura 46 revela fotografia relativa à comemoração de 7 de setembro, as crianças fazem demonstração e constroem imagem a partir de sua organização e posicionamento de seus corpos, estão com roupas semelhantes, percebe-se que o grupo é composto por meninas e meninos. O espaço amplo e com vegetação, árvores, circundado de barracas e plateia assistindo a evolução que as crianças apresentam. É possível observar na imagem a preocupação com a ordem e disciplina como princípio na apresentação em alusão a Proclamação da Independência reunido mais de 1000 crianças como destaca a legenda da foto. A fotografia registra o uso de legenda e foi publicada na revista entre as publicações que não constam referências sobre essas fotografias.

A Figura 47 mostra autoridades do governo do Estado do Pará, a presença do Interventor Federal Magalhaes Barata em traje civil e comitiva participando de momento festivo no Grupo Escolar José Verissimo, a foto revela que foi capitada no ambiente interno da escola, o motivo da festa é o aniversário de inauguração do Grupo Escolar. A tomada da imagem mostra as crianças assistindo com atitude de plateia e uma criança de pé realizando uma apresentação, que pelo traje intuímos que seja folclórica. O plano mostra em destaque as autoridades que também estão sentadas, a foto é legendada e destaca a presença das autoridades.

Figura 47 - Festa no Grupo Jose Verissimo



Fonte: Escola, v1, n.2, 1934, p. 33.

Figura 48 - Visita à Escola do município de Muaná



Fonte: Escola, v1, n.2, 1934, p. 33.

A Figura 48 apresenta o Interventor Federal Magalhaes Barata trajando uniforme militar e sua comitiva identificada a partir dos homens que estão de terno e gravata em visita à Escola do município de Muaná, o enquadramento apresenta um grupo de crianças e adultos que intuimos ser moradores da localidade por conta do traje mais simples sem formalidade, a tomada foi capturada em situação de pose na parte externa da escola, a vegetação presente no enquadramento pressupõe área rural. A fotografia foi tomada em frente da escola, é possível perceber pela placa que se trata de uma escola de meninos e meninas como registra a placa na imagem, mas na foto meninos e meninas estão em lados opostos.

A imagem revela homens e crianças em primeiro plano e mulheres em segundo plano posicionadas na parte de trás, como os homens estão com o chapéu na mão pode-se intuir que estejam cantando o Hino Nacional, percebe-se também um poste de madeira de iluminação, o único elemento de equipamento urbano. É possível intuir que a escola deve ter duas salas, pois é possível ver a vegetação da parte posterior da escola através da janela da frente. A tomada da foto não faz referência a atividades de ensino, se refere a um evento político onde o a edificação, o prédio da escola é a presença do Interventor Magalhães Barata são valorizados.

O conjunto de imagens presentes na revista Escola seja na configuração de desenhos ou fotografias podem ser percebidos como uma forma de educar o olhar de professores, diretores e técnicos das escolas, leitores, consumidores da revista. O que se pode perceber é que as imagens pretenderam exercer um apelo estético, que sensibiliza o leitor. As imagens iluminaram temáticas referentes aos modos de ensinar e referente aos objetivos políticos da conjuntura paraense.

Os temas em destaque sobre o ensino indicaram o foco acerca da prática educativa da Escola Nova que focalizaram representações de como ensinar, de relação entre professores e alunos, de ser professor e de currículo escolar. O ponto central da visualização das imagens é a possibilidade de incidir na operacionalização das práticas escolares, assim as imagens exibidas na revista são como estratégias para configuração de uma representação da cultura escolar fundamentada nos ideais da Escola Nova enquanto objetivo da política de governo desencadeada pela denominada Revolução de 30.

Percebe-se que demandam representações coletivas e individuais no conjunto do professorado sobre os aspectos de ensino, onde a sala de aula formal não é necessária para que a aprendizagem aconteça, desta forma as imagens são construídas todas fora do espaço escolar já constituído socialmente que é o ambiente da sala de aula, constituindo então a representação de que a aprendizagem pode acontecer em outros lugares que não a sala de

aula, ou que qualquer lugar pode ser uma sala de aula se consideramos a Figura 43 que a aula está acontecendo do lado de fora da escola.

Representações sobre a forma de ser professor, as imagens se concentram na interação, na proximidade da professora no comportamento dela para com os alunos, na atenção dispensada para os alunos, estes são o centro da aprendizagem, as professoras estão ali dispostas a interagir, agir no sentido de que todos participem e possam se desenvolver, a disciplina e a ordem não são o centro da preocupação, mas a aprendizagem de cada aluno que deve ser garantida a partir da atitude de cuidado e atenção dispensada pelo professor criando um ambiente distensionado sem a austera disciplina. Um outro ponto a se considerar para analisar as representações acerca de ser professor são as imagens veiculadas nas capas que é um lugar de destaque na revista ocupado por nomes que são exemplos de professores que são reconhecidos por profunda capacidade de estudo e de produção acadêmica.

As representações sobre as forma de ensinar demonstram ausência de livros, de quadro de giz, de alunos copiando ou escrevendo, incidem sobre a relação dos alunos com o conhecimento a partir da interação com o mesmo, seja de observação, de experimentação como ou aula com jogos e material didático, ensinar não é dizer sobre o que deve ser aprendido, mas provocar o aluno através de atividades, interação com materiais didáticos, ou pelo despertar da criatividade como a aula de modelagem como nas aulas com auxílio do desenho exibidas através das Figuras 43, 44 e 45. Essas imagens também permitem constatar que a representação sobre o saber, sobre o conhecimento, este não está somente nos livros, mas nos elementos do ambiente, na relação como o objeto de aprendizagem como na imagem com material didático ou na interação com os colegas exibindo um currículo escolar bem inclusivo. De assuntos a serem estudados e aprendidos na escola e que passam pela via do interesse do aluno.

Percebe-se que a edição n.3 de 1934, veiculou a maior quantidade de imagens fotográficas de acordo com as evidências da pesquisa é possível relacionar esse fato ao contexto político do Estado do Pará marcado pelo jogo político para eleição do primeiro governador constitucional, o Interventor Federal Magalhaes Barata se colocava como candidato e percebe-se que as imagens em maior quantitativo são de prédios escolares, mas também presente imagem de visitas à escola no interior do estado e presença em festividade em escola na capital. As representações estão relacionadas com o ideal de eficácia de seu governo, na valorização do interior do estado através dos desenhos de Angelus Nascimento que incide sobre os aspectos culturais e ambientais do estado do Pará. Tudo isso diz respeito às representações sobre o desenvolvimento da educação no interior do estado do Pará, assim

atendendo às promessas da Revolução 30 na perspectiva da construção de escolas e na presença do Interventor como um investimento no desenvolvimento da educação.

Desta forma as imagens emitem práticas que são tidas como padrões de ensino. Assim as imagens exibidas na revista são representações de práticas que fazem surgir novas representações de práticas do fazer educativo e sobre o cuidado da instância administrativa sobre a educação, que criam representações sobre a educação escolar atrelada a uma visão de mundo, no contexto da Escola Nova.

Considerando que Chartier (1990) destaca que há uma luta de representações, de imagens a fim de moldar visões de mundo, o que o autor considera como práticas sobre o mundo. Aqui se analisou as imagens presentes na revista que configuram representações de educação, de poder, de cultura e relações sociais que constituem uma realidade apresentada como real representado nas imagens passa a ser real, mas é um recorte na perspectiva dos movimentos e estratégias de formação de professores, diretores na perspectiva da Escola Nova na década de 30 no estado do Pará através da revista.

Chartier (1990) destaca ainda que a representação do mundo se liga à posição social dos indivíduos se configura como uma estratégia de classe, de dominação e de resistência. Desta forma, como a revista era um espaço dominado pela Diretoria Geral de Educação e Ensino Público as representações contidas nas imagens exibidas na revista estão eivadas do real à sua maneira. Assim constrói identidades sociais, resultantes de uma relação de forças entre as representações impostas. Isto é, o escritor, o fotógrafo, enfim, quem produziu as imagens eternizou nele uma visão resultante do lugar em que ocupava (suas concepções, sua história de vida, etc.).

Na perspectiva de Barros (2005) tanto o ato de escrever quanto o de ler podem gerar novas representações, um sistema educativo inscreve-se em uma prática cultural, e ao mesmo tempo inculca naqueles que a ele se submetem determinadas representações destinadas a moldar certos padrões de caráter e a viabilizar um determinado repertório linguístico e comunicativo que será vital para a vida social, pelo menos tal como a concebem os poderes dominantes, na análise das imagens algumas perguntas surgiram: Porque não há imagens de aulas em salas porque as mesmas eram incipientes de material didático e mobiliário? Por que as fotos das escolas não exibiam imagens do seu interior?

Podemos destacar que um pilar da prática educativa norteada pela Escola Nova, considerando John Dewey a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim, a própria vida. Assim, a educação tem como eixo norteador a vida-experiência e aprendizagem, fazendo com que a função da escola seja a de propiciar uma reconstrução permanente da

experiência e da aprendizagem dentro de sua vida. Assim as aulas em ambiente diferenciado da sala de aula tradicional seria a representação mais adequada para fixar nos professores práticas culturais para o ensino nessa perspectiva, o que parece ter sido o investimento considerando as fotografias da *Escola*.

Nas reflexões de Pinheiro (2017), temos o indicativo do modelo individual das carteiras, como o utilizado Orfanológico⁶⁷, também pode ser associado à modificações do ensino dos fins do século XIX e do XX, como a difusão do ensino intuitivo ou lição de coisas, que era adotado no próprio instituto, no qual os alunos deveriam ver para aprender, partindo da observação do concreto para a formulação do pensamento abstrato, diferenciando-se do ensino verbalista com base na repetição e memorização; assim como sinaliza a prática do método simultâneo, em que os educandos eram dirigidos pelo professor, ao invés de monitores, o que denota que a classe se compunha de meninos no mesmo nível de conhecimento, assim os elementos significativos do fazer educativo da sala de aula, como o globo terrestre, lápis e cadernos abertos sobre as carteiras, como se estivessem preparados para a realização das atividades de escrita. Além da presença de quadros parietais na parede, muito utilizados no ensino primário, cuja função era facilitar e dinamizar a aprendizagem dos alunos, que deveriam observar, reconhecer, aprender e nomear os elementos ilustrados nas imagens, que poderiam ser animais e plantas, por exemplo. Ao centro e acima da mesa da professora, nota-se a presença do relógio, que inserido na sala de aula, se configura como um organizador da vida da comunidade e da vida da infância, demarcando a hora de entrada e saída da escola, o tempo do recreio, bem como os demais momentos da rotina das instituições. Nessa dinâmica, “a ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização acadêmica e para pautar as coordenadas básicas das primeiras aprendizagens” (ESCOLANO, 2001, p. 44).

A referência presente na descrição de Wellington (2017) nos leva a imaginar uma sala de aula com inspiração de organização espaço temporal tradicional e análise das fotografias da *Escola* geram representações que são caracterizadas pelas ausências dessas representações de organização espaço temporal, o que podem ser resultantes da opção estratégica da revista para consolidar novas representações sobre como estar em aula na perspectiva da Escola Nova e desqualificar a Escola Tradicional, mas pode ser uma estratégia para desviar o olhar sobre questões importantes relativas a falta de infraestrutura material e física das escolas no sentido

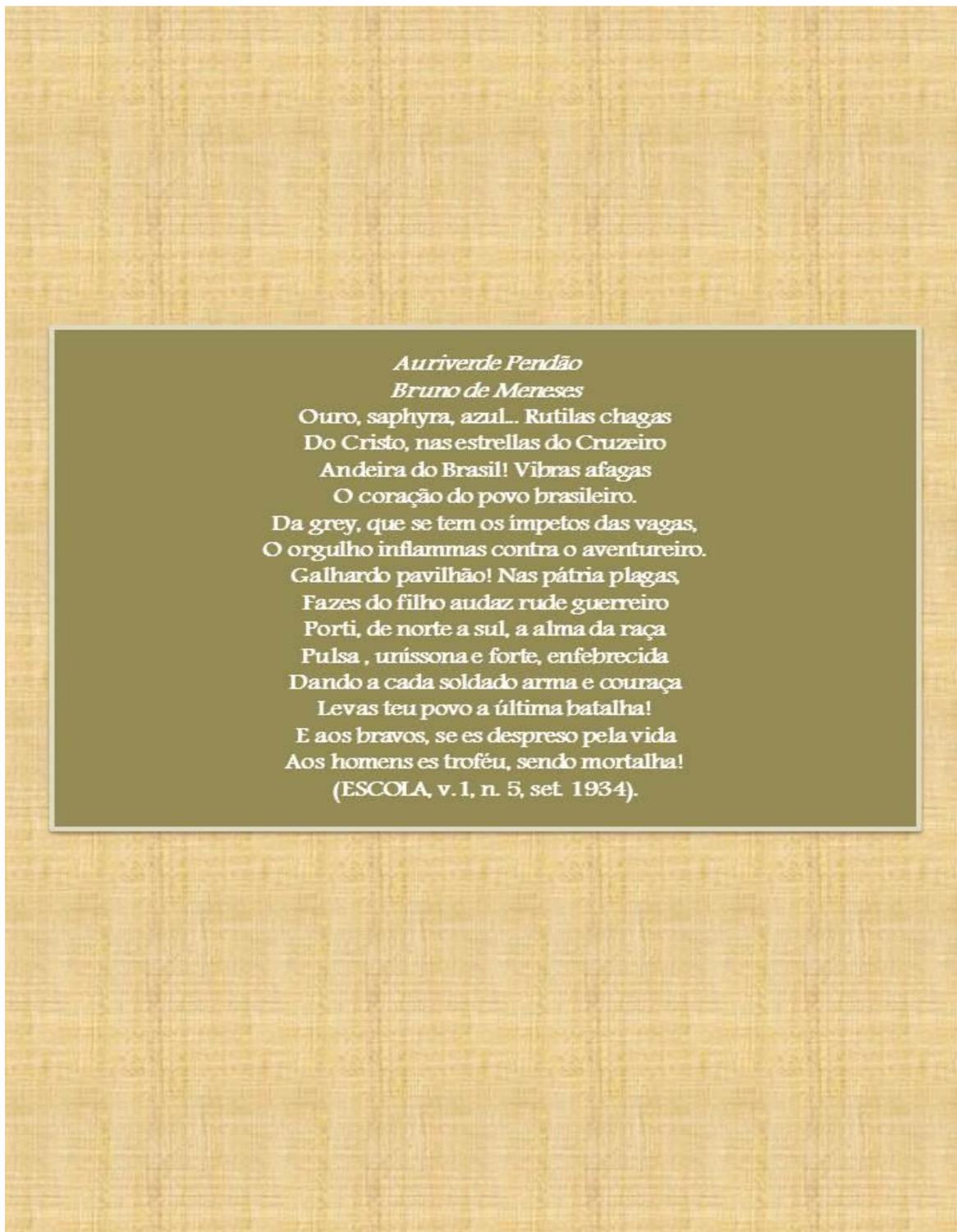
⁶⁷ Em 1903, no contexto de grande desenvolvimento da cidade de Belém em razão dos lucros da economia da borracha amazônica, os governantes Antônio Lemos e Augusto Montenegro criaram o Instituto Orfanológico do Outeiro, localizado na Ilha de Caratateua, destinado à abrigar crianças do sexo masculino, que fossem consideradas órfãs e desvalidas, na faixa etária de cinco e doze anos. Ver Pinheiro (2017).

de atender as demandas ao modelo de ensino do movimento escolanovista, isso fica claro se consideramos os estudos de Lopes (2008)⁶⁸ que destaca o potencial das fotografias para demonstrar os materiais e organização do ambiente da sala de aula para as práticas educativas preconizadas pela Escola Nova.

Como sequência a análise sobre a *Escola* colocaremos luz sobre os textos presentes na revista, na possibilidade de identificar mais sentidos, representações da Escola Nova.

⁶⁸ O estudo utiliza imagens fotográficas para sublinhar a importância conferida ao Instituto de Educação do Rio de Janeiro como um dos mais expressivos laboratórios da Escola Nova LOPES, Sonia de Castro. Imagens de um lugar de memória da Educação Nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008, p. 84 a 187.

5 MAQUINARIA DE REPRESENTAÇÕES NA ESCOLA⁶⁹



⁶⁹ Bruno de Meneses, Dalcídio Jurandir e outros, formavam a Academia do Peixe Frito (APF) que foi um movimento literário e cultural formado por um grupo composto por jovens jornalistas, artistas e escritores, que se reuniam frequentemente em barracas e botequins no entorno do Mercado de Ferro, no Ver-o-Peso, em Belém, entre os anos de 1920 a 1950. Academia ao ar livre, que recebia diferentes epítetos, conforme a ocasião. No momento em que se reuniam no Ver-o-Peso, era a Academia Peixe-Frito. Eram encontros regados a aperitivos e, como tira-gosto, peixe frito. Em outras situações diziam ser Vândalos do Apocalipse por talvez estarem discutindo e anunciando a poética dos novos tempos.

O poema de Bezerra de Menezes que abre essa seção se configura na ênfase do patriotismo, ideal também presente na modernidade pretendida pela segunda República que estimulava o desejo de organizar a sociedade e nesse intuito de mudança e progresso é marcado por forte defesa do patriotismo, a educação se tornou-se o caminho privilegiado para a legitimação dessa transformação.

A imprensa, neste contexto, teve um papel fundamental na formação dos professores, expressando os projetos políticos-ideológicos, procurando assim sedimentar tais modelos dentro da sociedade, transformando seus interesses em interesses gerais. Desta forma nesta seção analisamos a história das práticas nas suas diferenças conforme Chartier (1990), abordamos as estratégias de imposição de representações na *Escola*.

Podemos observar tal fato nos textos publicados no rodapé das páginas da *Escola*,

O problema da educação popular é um problema de organização racional tão grave, tão sério, tão urgente como os que mais o sejam. Lourenço Filho. (ESCOLA, V.1, N.3, 1934, p. 44).

Aprender a conhecer a criança é para o educador, o primeiro dos deveres. Paul Bernad. (ESCOLA, V.1, N.3, 1934, p. 56).

A educação nova, longe de deprimir o valor do livro, o reabilita pela nova função que lhe atribue como um instrumento de trabalho. Fernando Azevedo. (ESCOLA, V.1, N.3, 1934, p. 58).

Percebemos que esses textos eram recortes que representavam o pensamento da pedagogia moderna, eram mensagens rápidas que destacavam os fundamentos principais para desenvolver a educação, eram de autoria de renomados educadores brasileiros, como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio de Azevedo dentre outros intelectuais. Esses textos rápidos funcionavam como insights sobre a Escola Nova acerca de como deveria ser a educação e incidiam sobre: a importância da educação para o progresso e organização social; sobre o fazer educativo destacando o aluno como o centro da aprendizagem destacava a postura do professor diante do processo educativo e ampliava a o conceito de conhecimento, de saber. Eram como pequenas resenhas que consolidavam representações coletivas de professor, aluno e saber referente ao movimento Escola Nova, diretamente relacionadas com a prática social, que comandam atos dos sujeitos envolvidos no processo educativo, sobretudo o professor. Então podemos compreender que esses textos incidem em representações é por isso que ao emitirem mensagens rápidas, tem como objetivo fixar práticas culturais para a ação educativa escolar, a *Escola* funcionando como uma maquinaria de representações sobre a Escola Nova e suas soluções para o problema da educação.

Um outro conjunto de textos eram os que compunham a seção Palestras Pedagógicas, estes eram inspirados no formato de estudo dos professores apoiado por meio de palestras, modelo que foi adotado pela Interventoria Federal que tinha a frente Magalhaes Barata,

que através da Diretoria de Educação e Ensino Público realizou várias Conferências Pedagógicas, estas eram proferidas por professores paraenses com objetivo de oferecer suporte para que o professorado pudesse compreender as novidades educacionais, os temas abordados perpassavam por “Psicologia Educacional, Ensino de desenho, História da Educação e Pedagogia Aplicada de acordo com a informação contida no Jornal Estado do Pará (1933, p. 2). Ainda como medida oficial dada a garantir o aperfeiçoamento dos professores, foi determinado a obrigatoriedade de presença dos “Membros do Magistério Público”, segundo registro do Jornal Estado do Pará (1933, p. 2), nessas palestras podemos perceber que se constituíram como um indicativo para o estudo e compressão do corpo docente sobre a pedagogia moderna.

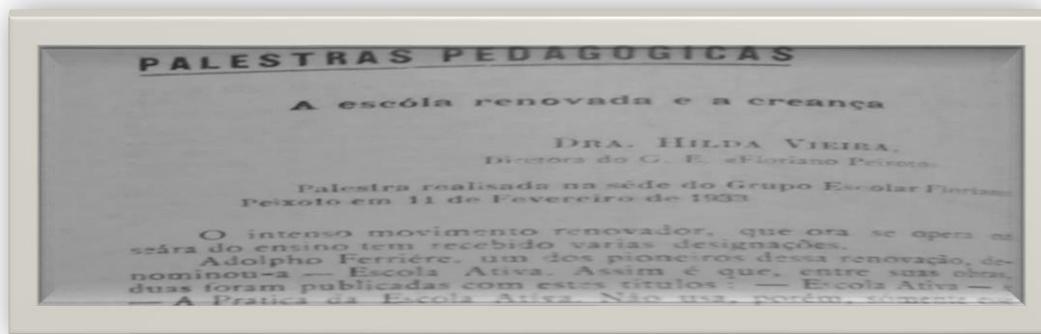
A pesquisa revelou a presença significativa de textos originários de palestras proferidas por professoras normalistas e que foram elaborados por conta das mais diversas situações, a exemplo: de solicitação das diretoras dos grupos escolares, de discursos proferidos em cerimônias de colação de grau, de ciclo de estudos realizados nas escolas. Assim, eram textos que surgiram de situações reais de estudos e interação com os professores, e depois eram publicados na *Escola*, portanto, não eram elaborados como os artigos, sua organização pressupunha a interface presencial com o público a qual se destinava. Para iniciar a análise sobre a maquinaria representações abordaremos o conjunto de textos que compõe a seção Palestras Pedagógicas, que incidem sobre a divulgação de práticas culturais, são estratégias, representações simbólicas diretamente sobre a construção da identidade de como ser: professor, aluno e a relação com o saber.

Assim colocamos foco nos textos no sentido de abordar a maquinaria de representação traduzidas nas palestras pedagógicas, investigando suas temáticas e desvelando as matrizes das práticas construtoras das representações do movimento Escola Nova entre o professorado paraense. Todos os números da *Escola* possuem essa modalidade de texto, mas o número 3 é onde se concentra a maior quantidade de textos, isso se deve ao contexto histórico que antecede a um período eletivo na política paraense, que poria fim ao sistema de Interventoria com a eleição para governador, desta forma esse número da revista serviu como uma vitrine das ações do governo para o desenvolvimento da educação do Pará, o que resulta ser essa edição que apresenta a maior quantidade de páginas.

A seção Palestras Pedagógicas se localizava nas primeiras páginas da *Escola*, vinha logo após o texto de abertura que era sempre a Biografia do homenageado da edição. Embora seja a única seção cujo denominação apareça em destaque no sumário, somente ao analisar os textos é possível perceber que existe alguns que estão espalhados no corpo da revista, mas que

são originários de palestras proferidas, assim nem todos os textos que são originários de palestras estão agregados sobre essa denominação na organização do sumário da *Escola*, pois nem todos apresentam a identificação contida na Figura 49.

Figura 49 - Palestra Pedagógica



Fonte: *Escola*, v.1, n.2, 1934.

Somente com a leitura e comparando as informações do jornal, pois algumas foram noticiadas em jornais foi possível identificar que o texto se originou de uma palestra, desta forma percebemos como as palestras foram utilizadas e valorizadas para desenvolver o estudo dos professores sobre o Movimento escolanovista.

Esses textos demonstram a intenção da estrutura organizativa da revista de assegurar um modelo de inculcação e apropriação dos novos preceitos pedagógicos. As palestras aparecem como uma estratégia De Certeau (2014) para que seus leitores, professores, diretores e técnicos de educação pudessem abandonar as velhas práticas e passassem a incorporar novas do movimento Escola Nova. A maioria das palestras é resultante da experiência em sala de aula das professoras normalistas que trabalhavam nos Grupos Escolares, isso para o leitor pode ter mais valor porque já foi testado, já tinham sido experimentadas por seus pares. Observa-se que não é somente a valorização ao título de professora normalista que funcionava com um atestado de qualidade, mas, sobretudo por serem elaborações com a força da prática, Chartier (1991) destaca que as representações realmente têm força para impor uma determinada forma de ver o mundo, e observa que as representações coletivas são como matrizes das práticas construtoras do próprio mundo social. Afirma também que mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência e são verdadeiras na medida em que comandam atos. Isso influencia diretamente na força das

representações, pois realmente elas são importantes no mundo social, capazes de comandar atos, ou seja, aquilo que era simplesmente uma representação passa a ser uma prática social.

Algumas autoras de palestras têm sua imagem veiculada Figura 50 através de fotografia em preto e branco em plano busto junto ao texto, possivelmente no sentido de marcar a imagem, serem reconhecidas por seus pares, isso fez com que se constituíssem com uma referência sobre a Escola Nova no Pará, possivelmente consideravam uma estratégia importante que os professores que ficariam mais convencidos e se apropriariam mais rapidamente se soubessem que outras professoras já haviam realizado em suas salas de aulas o que estava sendo adotado no Pará no campo educacional.

Figura 50 - Palestrante



Fonte: Escola, v1, n.2, 1934, p.79.

A exemplo a Professora Palmira Lins de Carvalho que pertencia ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco era comumente convidada para realizar palestras sobre os métodos de ensino baseados na pedagogia moderna do movimento Escola Nova como registrado no Jornal O Estado do Pará (1934, p24). Se deve destacar também que são as únicas fotografias de mulheres na revista no contexto em que todos os homenageados que ganharam as primeiras páginas são do sexo masculino. Quanto à autoria, a maioria das professoras que tem suas palestras publicadas na *Escola* são ligadas ao magistério público, apenas uma a Osmarina Pimenta Professora Normalista é identificada como integrante do Colégio Progresso Paraense, que era escola secundária particular localizada em Belém.

Assim as Palestras pedagógicas podem ser consideradas portadoras de representações, o conceito de representação é entendido como uma prática em que seus agentes se posicionam (sejam eles indivíduos, grupos ou classes) e que representa seu objeto a partir das posições dos agentes nela efetuadas. (NUNES; CARVALHO, 2005, p.58).

A seguir apresentamos o Quadro 22 com a relação dos textos, postos ao desafio de análise, pois podem ser considerados portadores de representações da escola Nova por programarem as formalidades das práticas a serem executadas por professores paraenses para resolução dos problemas que se evidenciavam no país.

Quadro 22 - Palestra Pedagógicas

Edição	Palestrante	Título	Marcadores de representação
v1, n.2, 1934	Hilda Vieira - Diretora do Grupo Escolar Floriano Peixoto	A Escola renovada e a Crença	Organização da aula Concepção de Escola Nova, Criança no processo educativo
v1, n.2, 1934	Palmira Lins de Carvalho - Professora Normalista	Aplicação dos modernos processos educativos em Grupo escolares	Organização da aula Concepção de escola Nova Práticas educativas
v1, n.2, 1934	Antonieta Freire Pontes Professora Normalista	Os processos da escola Ativa no Pará	Descrição de prática educativa
v1, n.2, 1934	Mateus do Carmo Professor Venerando	Círculo de Pais e Professores e sua influência na Educação Moderna	Reeducar as crianças Os pais e o ensino
v1, n. 3, 1934	Professora Corina Lassance Cunha	A Escola Nova e suas finalidades	Escola moderna, Escola Nova, Professor moderno Criança no processo educativo
v1, n. 3, 1934	Hemilia Henderson Loureiro Professora Normalista	Centro de Interesse	Decroly, Criança, Operacionalização do centro de interesse
v1, n. 3, 1934	Alexandrina Rangel de Castro Rocha Professora Normalista	Liberdade e Instrução	Concepção de Liberdade e instrução
v1, n. 3, 1934	Julieta Goes das Dores	Instrução	Inteligência Instrução Patriotismo Decroly
v1, n. 3, 1934	Palmira Lins de Carvalho - Professora Normalista	Os processos da Escola Activa no Pará	Descrição de prática educativa
v1, n. 3, 1934	Ruth Pires dos Reis	A socialização da escola	Pedagogia laboratório John Dewey Concepção de escola
v1, n. 4, 1935	Nina Ayres - Professora Normalista	O professor perante as grandes renovações da época	Escola Nova como veículo para o Progresso da pátria Círculo de Pais e Mestres como prática educativa Ensino como lapidação das crianças

v1, n. 5, 1935	Osmarina Pimenta Professora Normalista Colégio progresso Paraense	Syntese de uma palestra de Philosophia Pedagógica	Socialização das crianças Preparo do professor Reformar os métodos Concepção de Escola Nova
-------------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Para a análise será movimentado o conceito de representações, segundo Chartier,

[...] não existe história possível que não se articule as representações das práticas e as práticas das representações. Ou seja, qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razão, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (CHARTIER, 1990, p.16).

No que se refere aos títulos das palestras, se destaca a variedade de temas, que abordavam questões e aspectos de forma direta ou indireta poderiam situar, contextualizar e fortalecer a compreensão e apropriação por parte dos professores, das mudanças que se pretendia consolidar na educação paraense. O intento era que os textos pudessem provocar efeitos, impactos quanto as mudanças educacionais pautadas para chamar atenção dos professores sobre questões que envolviam a finalidade, o conceito e a prática da do método escolanovista, as temáticas pretendiam orientar os professores com pouca ou nenhuma experiência com o método fundamentado nos pressupostos da Escola Nova.

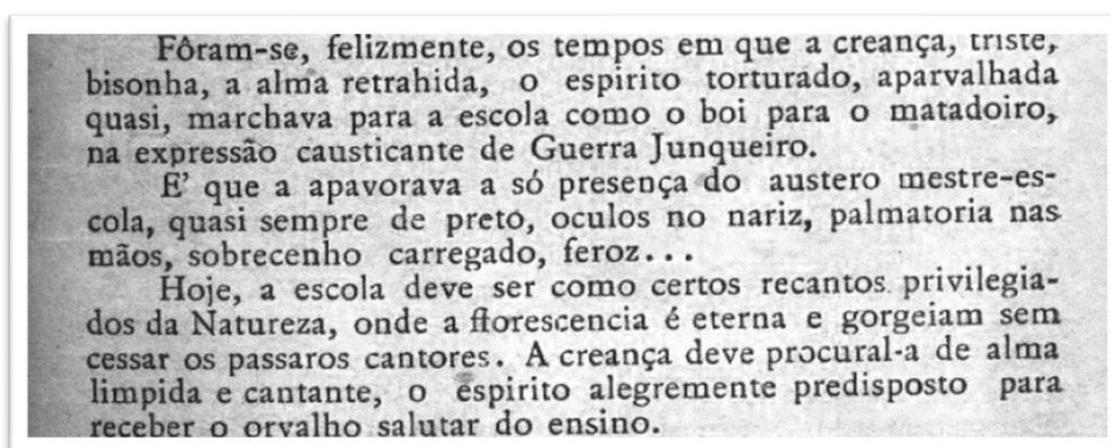
A estratégia era que essas palestras de forma prática pudessem responder a função de apropriação por parte dos professores e impulsionar a reformular a ideia dos professores sobre a concepção de crianças no processo educativo, sobre como ensinar e sobre o que é conhecimento. Se analisarmos a última coluna do Quadro 22 que contém o que denominamos marcadores de representação, eles se constituem a partir da leitura dos referidos textos e apresentam o destaque sobre os quais os textos se debruçam, de forma geral guardam relação com os pressupostos do movimento Escola Nova a saber agregamos assim: Prática educativa da Escola Nova; Valorização da formação; Teóricos da pedagogia moderna, patriotismo, lapidação das crianças; Os pais e o ensino das crianças.

A lapidação das crianças: na análise dos textos é possível perceber que a escola nesse período pretendia a integração de todas as crianças, à medida que era o veículo de disseminar os valores e normas sociais que estavam em sintonia com os indicativos do movimento Escola Nova. Assim a criança se tornou o centro do trabalho escolarizado, tendo a escola o papel de desenvolver práticas educativas que com aporte na visão (observação), ação (experimentação) na perspectiva que pudessem elaborar seu próprio saber, o que destaca o deslocamento das

práticas de ensino nas escolas, que deixaram de ter com base no ouvir e ver e fazer. E a criança passava a ser o centro do processo educativo. O aluno assim assumia um novo papel no processo de aprendizagem na escola Vidal (2010). Como é possível observar no excerto,

A pedra de toque da escola nova e a creança. Ela a quer livre. Livre da passividade que tem vivido, a creança possui uma personalidade que deve ser respeitada. John Dewey preceitua que ela deve ser o ponto de partida o centro e o fim. Todo trabalho escolar e para dar-lhe desenvolvimento ajudar-lhe o crescimento. A creança tem mais necessidade de desenvolver suas capacidades que de acumular conhecimentos intelectuais, considerados um meio e não um fim na escola renovada, é este o ponto mais divergente entre escola nova e a clássica. (ESCOLA, v. 1, n. 2, 1934).

Figura 51 - A Escola Nova e suas finalidades



Fonte: Escola, v1, n.2, 1934.

O contexto histórico em que se desenvolveu o movimento Escola Nova prescindia um lugar em destaque para as crianças, a concepção de criança avançou para uma transformação simbólica, a se considerar que ela passou a ser concebida como o devir do futuro, sobretudo o futuro da nação, assim passando por cima das desigualdades sociais que se faziam presente na infância nesta época, o que se pode perceber nas palestras e no fragmento a seguir,

O fim da escola renovada é preparar o aluno para a vida, não com programas que eles devam apreender, mas com os que possam aprender de acordo com suas condições de desenvolvimento, segundo ela o espirito só pode formar de dentro para fora pela incitação dos impulsos naturais que levam a aprender. Na escola renova as crianças devem desde cedo desenvolver o hábito de trabalhar em comunidade em grupos para que sintam o valor da solidariedade da vida social. O que se deve oferecer ao aluno e a capacidade de resolver situações novas que se lhe apresentem. Não pode, pois, aceitar para transmitir ideias já solucionadas, quando não pode prever problemas futuros. (ESCOLA, V1, N.2, 1934).

Valorização da formação dos professores e Prática educativa: A variada e intensa produção que circulou na *Escola* apresentou saberes direcionados aos professores com foco

nas práticas culturais para ensinar, como organizar o trabalho na sala de aula, observa-se que o professor nesse processo de circulação de saberes pode ser identificado como público alvo, mas também como autor na revista, assim um sujeito que coloca em circulação práticas culturais, mas também em outro sentido, se apropria dessas práticas para se construir como agente da pedagogia renovada, isso pode ser observado nos planos de aulas que se apresentaram como modelos a serem seguidos por conterem os princípios modernizantes para o ensino que se pretendia exercer, exemplificando as articulações assumidas pela revista em torno da construção do ideal educacional para o Estado, tendo como referência as falas das professoras normalista que eram as principais autoras.

Assim há em torno desses textos que se resume em disseminar: práticas educativas através das descrições detalhadas de aulas; saberes sobre os teóricos e especialistas do movimento da Escola Nova; e divulgar tudo isso pela fala, pela autoria de professoras normalistas. Desta forma o poder oficial, considerando que a revista é editada pela Diretoria de Ensino, emitindo sua ordenação através da credibilidade das falas de seus próprios professores.

Nas palestras também é possível perceber um deslocamento evidenciado nos textos que se traduz pelo tratamento dado a profissão docente, aparece o termo “professora” que se destaca, pois predominantemente a denominação usada é “professor” no masculino, as autoras apresentam a elaboração no feminino, o que se pode identificar em,

Com a renovação que os planos dos cursos pedagógicos asseguram, o verdadeiro professor não dormirá tranquilo sobre um simples diploma conquistado, mas atira-se sequioso no vasto campo das disciplinas pedagógicas, com o animo interessado, em frente do cenário grandioso que a ciência nos apresenta, evitando a semelhança segundo a comparação do Dr. Aníbal Bruno; de águas paradas, em que se diluiu a personalidade, a energia do espírito arrevece a prática da profissão resulta em mecanização e rotina. (ESCOLA, v. 1, n. 4, 1935, p. 35).

Em 1930 neste estabelecimento de ensino procuramos executar o método Decroly. Somente na escola preliminar conseguimos uma adaptação menos imperfeita, pois aí não havia o controle de programa e de horários. E puderam as professoras despertar as atividades das crianças com três centros de interesses a propósito dos quais se fizeram aulas de linguagem, aritmética, desenho espontâneos, e após observação sobre histórias narradas recorte e modelagem. De tudo houve exposição em junho. Depois disso algumas professoras têm feito tentativas nesse sentido, mas muito timidamente, pois contam apenas com seus esforços e boa vontade. (ESCOLA, v. 1, n. 2, 1934, p. 36).

Um outro deslocamento se refere a ser professor se constrói em direção a um certo refinamento passíveis de serem formados nas professoras para o exercício da profissão docente. Se anteriormente isso se concentrava na aplicação dos conteúdos e observação da disciplina no fazer educativo, agora a relevância a ser observada é da defesa do sentido social

da educação, ou seja, esta teria como objetivo a socialização, entendida como desenvolvimento da capacidade de se comprometer moralmente como a vida em sociedade.

O lugar privilegiado da socialização é a escola e o agente é o professor, desde que o processo educativo se constitua pela via da solidariedade, colaboração, tolerância, otimismo, assim, os professores que deveriam funcionar como guias, agir como servidores da sociedade para a socialização das crianças. Significa se ocupar de educar por meio da socialização das crianças, que valoriza a liberdade, a responsabilidade e o espírito mútuo,

Não desanimemos, pois diante da these de que a escola Nova prepara para um futuro incerto e desconhecido, e que, para isso, é preciso preparar também o novo professor. [não nos deembarcemos nessas doutrinas que nos parecem inexaquiríveis, tentemos ao contrário, reformar os nossos methods, começando por dar liberdade aos alunnos para organizarem a sua vida social, ainda seja uma esperança. (ESCOLA, v. 1, n. 5, 1935, p. 28).

Vem abaixo: 1) programas rígidos; 2) Passividade do aluno em frente a passividade do professor; 3) o aprender para repetir. E daí a felicidade do professor trazida pela escola nova – a nenhuma fadiga. A escola deve oferecer motivos para creança estudar preparando-lhe um meio que pratique a vida social onde sai que tem direitos porque tem deveres. Desse modo a disciplina não é imposta pelo professor fazem na os alunos pela compreensão de sua responsabilidade pelo respeito mútuo. Ai a creança se prepara para desempenhar seus deveres com a Pátria e até com a humanidade. (ESCOLA, v. 1, n. 2, 1934, p. 29).

É para a escola primaria, faze em que a criança precisa encontrar o ensino com amor, onde se começa das as primeiras lapidações nestes diamantes de diferentes quilates de cujo trabalho resultará a boa ou má valorização nas escolas superiores, que deve voltar a atenção desvelada de todos os poderes públicos nacionais. Só ela poderá influir sobre a consolidação firme, posta como alicerce na grande obra da renovação, tornando, todavia, nula enquanto não houver o devido escrúpulo na escolha de mestres e dirigentes. Muitas escolas são grandes recintos de miasmas e micróbios em vez de templo de saber, onde o cântico contínuo do symbolo da pátria, é transformado em canção popular e corriqueira, uma vez desvirtuado. (ESCOLA, v. 1, n. 4, 1935, p. 36).

Para isso precisa que os espaços e formas de educar fossem cuidadosamente determinados, à medida que a liberdade de expressão era pregada para as crianças. Assim o trabalho do professor se torna uma atividade cuidadosamente determinada e monitorada, no sentido de que assim resultaria em um profissional adequadamente formado para contribuir com o progresso da nação. “Só a boa escola ativa pode salvar a sociedade” (ESCOLA, v. 1, n. 3, 1934, p. 89).

Teóricos da pedagogia moderna: um outro aspecto em evidência é que se pode encontrar na produção das normalista publicadas na revista considerando a elaboração sobre os teóricos do movimento Escola Nova, isso demonstra indícios sobre o perfil de quem tinha a autoridade do argumento para propagar as ideias dos teóricos, e ainda, quais os termos eram mais explícitos nos textos, bem como, sobre como eles se originam, mas além de apresentar

as matrizes teóricas fundamentais para a pedagogia renovada também apresentam reflexão sobre os ícones da educação brasileira e local, analisando as narrativas, foi possível identificar que os livros lidos eram dos próprios autores, e que não se limitam a somente descrever a teoria, há comparação entre aspectos semelhantes dessas teorias, comparação da situação escolar desenvolvida em outros países, e também comparação e valorização da produção relativa a teóricos do Pará, é o caso de José Veríssimo⁷⁰, percebe-se no texto um tom de crítica ao enaltecer a sua produção em comparação com as bases teóricas estudadas do movimento Escola Nova, no sentido de reconhecer e valorizar a antecipação e similaridade do que estava sendo estudado com as ideias de Verissimo

Nesse sentido, ninguém melhor que, Jose Verissimo conceituado pedagogo e sociólogo paraense, tão injustamente esquecido doutrinou no seu magnifico livro inusitado “a Educação Nacional” antecipando aspectos preconizados na pedagogia moderna. (ESCOLA, v. 1, n. 3, 1934, p. 90).

Os aspectos da circulação e divulgação dos novos e arrojados métodos que configuram o saber pedagógico novo, moderno experimental e científico. O modelo, a estratégia de divulgação se fundamenta na comparação entre velha educação ou pedagogia tradicional com um conjunto de prática e saberes sobre o que vinha sendo exercido no Brasil. Observa-se a perspectiva de ataque que desqualifica qualquer prática educativa empreendida até aquele momento como tradicional, assim colocando características bem definidas entre o novo e o velho.

Patriotismo: Nesse momento histórico os discursos inscreviam as instituições escolares como uma das principais responsáveis para inculcar no povo os ideais de progresso e modernidade tão valorizados no projeto republicano. Educar o povo passava pelo desafio de regenerá-lo, de combater os maus costumes, os vícios, a indolência. Foi sob esse projeto

⁷⁰ Referência da crítica dos primeiros anos de república, José Veríssimo se colocou, no contexto dessa geração, como uma voz do norte do Brasil que tentava denunciar as desigualdades produzidas pelo processo de colonização ao revelar, principalmente por meio de seus contos, as condições miseráveis nas quais se encontravam os mestiços da Amazônia. Mas, destacadamente, apontava soluções. Para ele, a transformação dessas condições só poderia ocorrer por meio de um projeto nacional de educação capaz de nos fazer iguais de norte a sul do País. Exímio conhecedor da realidade sociocultural do norte do Brasil, José Veríssimo foi um etnógrafo da vida dos povos miscigenados desta região, como defende Bezerra Neto (1999), e um debatedor incansável de seus modos de viver e agir. Na condição de jornalista e homem público, que ocupou cargos importantes no Pará, como o de Diretor da Instrução Pública, entre 1880 e 1891, José Veríssimo teve a oportunidade de pensar criticamente as condições objetivas de existência dos mestiços da Amazônia e, não raro, responsabilizou o processo de colonização portuguesa, e o desempenho pífio dos primeiros anos da República no campo da educação, pela pobreza econômica e falta de oportunidade escolar para estes brasileiros. Ver ARAÚJO, S. M. S. Educação republicana sob a ótica de José Veríssimo Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 303-318, 2010.

educacional, os signos do novo cidadão e da educação moderna que foram criados os Grupos Escolares, assim

A educação nas escolas deve ser um elemento preparador e fortalecedor da alma nacional. se essa educação tomar como fundamento a palavra sagrada então trará prosperidade, ordem e harmonia ao Brasil. (ESCOLA, v. 1, n. 3, 1934, p. 44).

O ensino bem feito resulta no progresso de um povo. O bom professor se interessa pela ciência, mas vai além se interessa pela Pátria. (ESCOLA, v. 1, n. 3, 1934, p. 56).

Valorização da formação para o trabalho e a função dos pais: Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país. Na essência da ampliação do pensamento liberal no Brasil, se constituiu escolanovista, que acreditava que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade, mas através do trabalho. Então de acordo com alguns educadores, a educação escolarizada deveria ser sustentada no indivíduo integrado pelo trabalho, assim:

“Todos são livres para escolher o gênero de trabalho e deve exercê-lo com zelo, dedicação e honestidade, mas ninguém deve ficar sem agir”.

“Todas as profissões são importantes”

“é necessário resignação diante das dificuldades e sofrimento de qualquer tipo de serviço”

“O trabalho e fonte de vida, enquanto a ociosidade e a preguiça e fonte de miséria, vício e males”.

“quem não trabalha nada possui e vive as custas alheia”.

“que a caridade deve ser realizada com muita atenção para que não se torne salário de ocioso”.

“o trabalho e a fonte de ordenamento social e garante a Paz, a Ordem e o Progresso. Todas as profissões cooperam numa convergência de esforços para a sociedade”.

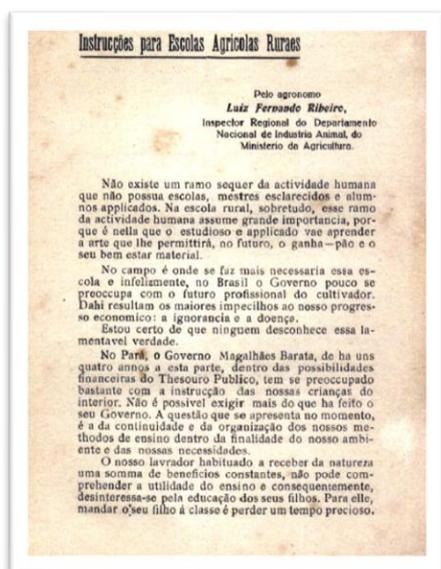
”Destaca que para imprimir no alunos a realidade social se deve coloca-los em contato com grandes centros de atividades comerciais para os quais se prepararam tornando-se capazes na vida atual”. (ESCOLA, v. 1, n. 3, 1934, p. 53 a 55).

Para isso o círculo de pais se obriga: a) interessar a família dos sócios na vida escolar; b) promover a aproximação dos professores e pais das classes dos respectivos filhos; c) facilitar torneios da cultura física, instituindo prêmios aos vencedores; d) contribuir para a educação física e moral dos sócios por meio de palestras, circulares, inquéritos, etc.. e) concorrer para a educação estética da família despertando e desenvolvendo o sentimento de conforto no lar; f) interessa-se pelo ex aluno encaminhando-os as escolas profissionais noturnas estabelecimentos fabris ou comerciais; g) manter para o uso dos sócios biblioteca em que figurem, obras de preferência sobre a educação e a higiene infantil; h) Velar pela saúde do associado e sua família encaminhando-o quando preciso aos postos de profilaxia e dispensários etc. (ESCOLA, v. 1, n. 2, 1934, p. 43).

Além das palestras na *Escola existe também* três textos que abordam a temática da Educação Rural e apresentam um conjunto de representação sobre escola, professor e ensino. São eles: 1º Congresso de Ensino Rural na Baía- a representação do Pará; Instrução para as escolas Agrícolas, vide Figura 52 e 53 e O problema do Ensino Rural vide. Esses textos tratam da temática que trouxe a pauta aspectos fundamentais da situação do ensino rural na década de 1930, privilegiam as representações de escola, professor do campo e fazer educativo, observa-se que na década de 30 a produção de Azevedo (1946), discute que é preciso, considerando o contexto pedagógico, indicar com clareza as diretrizes da educação rural: em que ela consiste, qual o seu sentido, o seu conteúdo e sua finalidade, dentro de um plano geral da educação. Estabelecendo que ruralizar é civilizar, ou seja, a educação é um problema substancialmente econômico e adjetivamente educacional. A função da educação é portanto: civilizar os grupos rurais, afeiçoá-lo à vida e à mentalidade das cidades sem deslocá-los dos meios rurais; elevar o nível das populações do campo, integrando-as na sua região, dar o conhecimento direto das coisas ambientais e prepará-las para as atividades dominantes do meio,

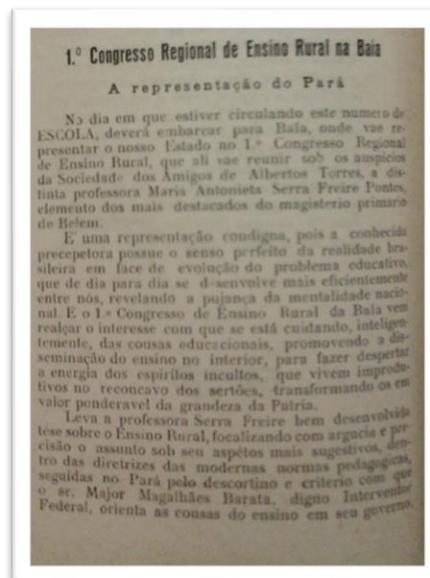
[...] Levar ao campo os bens materiais da cidade, os padrões econômicos de vida ou as suas condições de bem estar e conforto, sem perder a dimensão do rural, mantendo a diferenciação específica de mentalidade que resulta das diferenças de meios e ocupações profissionais. (AZEVEDO, 1946, p. 68).

Figura 52 - Nota da revista



Fonte: Escola, v. 1, n. 2, 1934, p. 58.

Figura 53 - Escolas Rurais



Fonte: Escola, v. 1, n. 4, 1935, p. 42.

Constata-se os textos publicados na *Escola* incidem sobre esses aspectos observamos os autores dos texto identificamos que a autoria do texto Instruções para as Escolas Agrícolas é de Luís Fernando Ribeiro Inspetor Regional do Departamento Nacional de Industria Animal do Ministério da Agricultura, o contexto da relação com o Ministério com a prática educativa se estabelece a partir de 1932, por meio de seu Serviço de Fomento Agrícola, estabeleceu acordos de cooperação entre os inspetores agrícolas regionais e os grupos escolares, contando com forte apoio dos capitalistas rurais, é nesse contexto que demonstra a prescrição de cuidado com a formação do professor que atua no ensino rural e valoriza a Escola como o lugar irradiador da aprendizagem imprescindível para o futuro dos alunos,

Não existe um ramo sequer de actividade humana que não possua escolas, mestres esclarecidos e alunos aplicados. Na escola rural, sobretudo, esse ramo de actividade humana assume grande importância, por que nella que o estudioso e aplicado vae aprender a arte que lhe permitirá, no futuro, o ganha-pão e o seu bem estar. (ESCOLA, v. 1, n. 4, 1935, p. 42).

Nos textos publicados na *Escola há* em suas narrativas a um forte destaque sobre as ações d Interventor Magalhaes Barata Assim a ao mesmo tempo que apresenta reflexão sobre as práticas educativas pertinentes ao contexto da educação rural o faz na perspectiva de agregar ganho político ao poder oficial, sobretudo nos textos referentes a Figura 52 e 53.

No para o governo de Magalhaes Barata de uns quatro anos a esta parte, dentro das possibilidades financeiras do Thesouro Público, tem se preocupado bastante com a instrução das nossas crianças do interior. Não é possível exigir mais do que a feito o seu governo [...]. (ESCOLA, v. 1, n. 4, 1935, p. 42).

[...] valiosa contribuição do estado do Pará para a exposição educativa anexa ao congresso e bem assim uma tese impressa sobre as atividades do governo da Interventoria no tocante ao ensino rural, uma das mais decididas preocupações do Sr. Major Magalhães Barata[...]. (ESCOLA, v. 1, n. 2, 1934, p. 58).

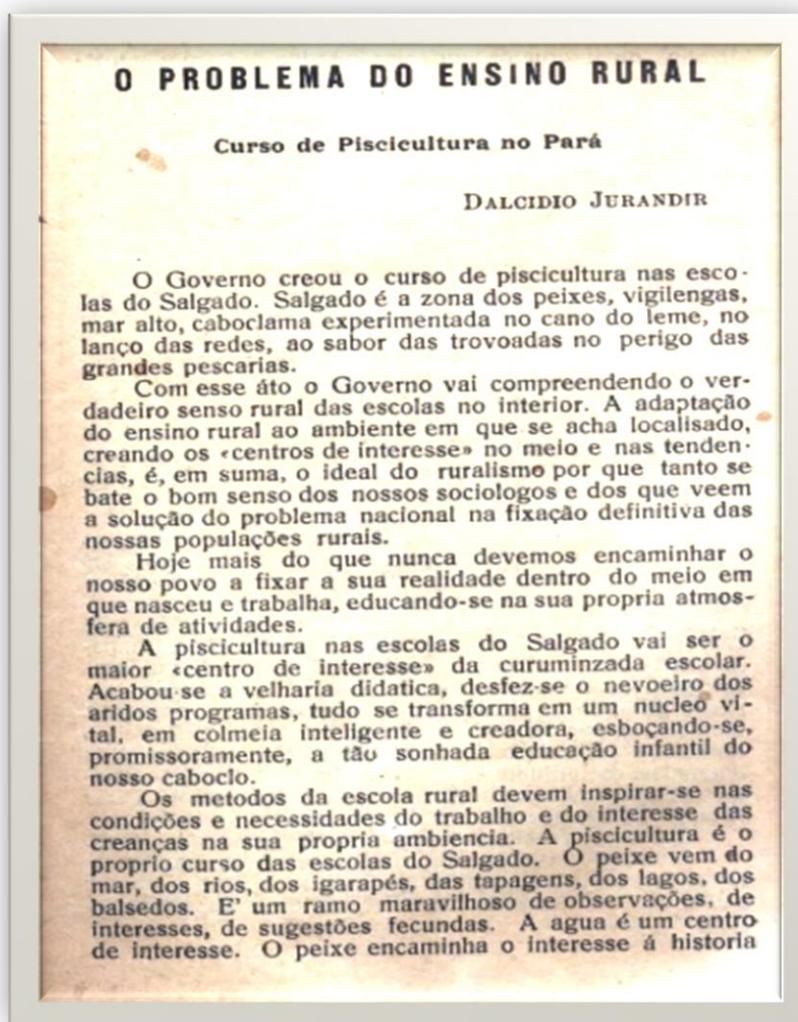
O texto que foge a essa representação relacionada em destacar e enaltecer as ações da Interventoria é o Problema de Ensino Rural de autoria de Dalcídio Jurandir que se pode perceber aporte nas discussões desenvolvidas por Fernando de Azevedo (1946), que defende que a escola rural, não pode funcionar sem qualquer garantia de estabilidade e sem terreno para campos de ensaio e de experimentação, sujeita ao bom ou mal desempenho do mestre inexperiente em meio estranho, assim não tem condições de cumprir a sua missão civilizadora.

Destacando a problemática mais difícil e mais grave, a da formação profissional e da permanência do professor na escola, com isso defende que a escola rural brasileira precisa de medidas para fixar o professor: casa de residência, condições de bem-estar e de conforto, instalações próprias da escola e material adequado de trabalho, facilidade de comunicação e

salários dignos. O professor rural deverá ter formação e preparo profissional específico. Ainda Fernando de Azevedo advoga que essa formação não se dará em quadros especiais para o magistério, mas sim nas escolas normais do interior. Essas devem promover estudos e investigações sociais no meio rural, para que ele compreenda e sinta os problemas da região através de atividades.

Contudo, o que fica claro é que se coloca na escola rural o peso de outras funções, além da tradicional escolarização: fixar o homem no campo, contribuir para a melhoria do meio, observar a situação, os interesses e os desejos das populações locais. Para tal, o professor, solitário num mundo estranho a ele, é o instrumento dessas metas. É nessa perspectiva que o texto de Dalcídio se desenvolve vide a página inicial

Figura 54 - Ensino Rural



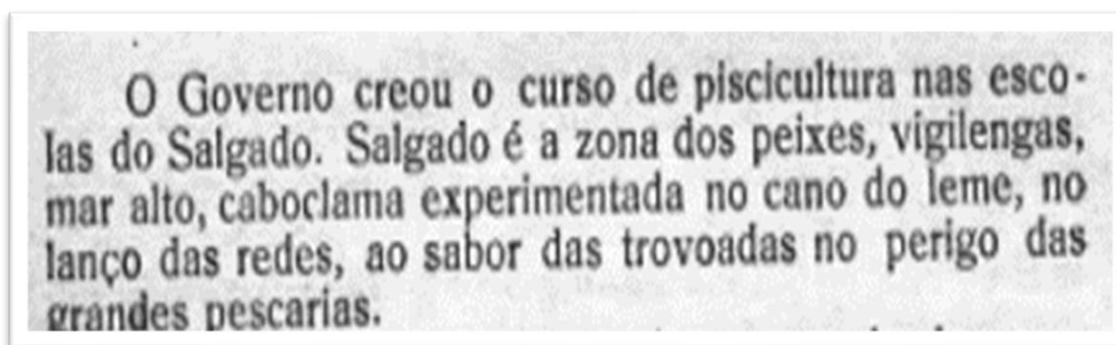
Quadro 23 - Síntese do texto

Marcadores de representação	Excertos do artigo
Curso de Piscicultura pelo Governo	“O Governo creou o curso de piscicultura nas escolas do Salgado” (l. 1, 2) ⁷¹
Caracterização da região e sua população	“zona dos peixes” (l. 2); “mar alto” (l.3) “caboclama experimentada no cano do leme” (l.3) “no lanço das redes, ao sabor das trovoadas no perigo das grandes pescarias” (l.3,4)
Concepção de ensino rural	“adaptação do ensino rural ao ambiente em que se acha localizado” (l. 7, 8)
Problema do êxodo rural	“Hoje mais do que nunca devemos encaminhar o nosso povo a fixar a sua realidade dentro do meio em que nasceu e trabalha, educando-se na sua própria atmosfera de atividades” (l. 14-17)
Ensino para a vida	“o verdadeiro senso rural das escolas do interior” (l.5, 6)
Piscicultura como centro de interesse das escolas do Salgado	“A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior ‘centro de interesse’ da curuminzada escolar” (l. 18,19)
Crítica à didática tradicional	“Acabou-se a velharia didática, desfez-se o nevoeiro dos áridos programas, tudo se transforma em um núcleo vital, em uma colmeia inteligente e criadora” (l. 20-24).
Métodos de ensino Ensino para o trabalho e do interesse das crianças	“Os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência” (l. 26, 26).

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

No fragmento vide Figura 54, quando o autor define o que é o Salgado⁷², caracteriza os sujeitos que compõem aquela região considerada por ele como rural. O autor expressa elementos da cultura daquela região através de palavras e expressões que são próprias daquele local como: vigilengas, mar alto, cabocla experimentada, no cano do leme, lanço das redes.

Figura 55 - Fragmento do texto ‘O problema do ensino rural’



Fonte: *Escola*, n. 3, v.1, 1934.

⁷¹ Indicação da localização o excerto no texto.

⁷² Na região do “Salgado Paraense” é predominante a atividade de artesanato, associada à pesca artesanal e à captura do caranguejo, entre as populações tradicionais. Compreende 11 cidades que fazem parte dessa mesorregião: Vigia, Salinópolis, Curuçá, Maracanã, Marapanim, São João de Pirabas, São Caetano de Odivelas, Colares, Terra Alta, Magalhães Barata e São João da Ponta. Ver

Em seu texto Dalcídio Jurandir caracteriza a região como pesqueira ao se referir a aspectos físicos da localidade: “zona dos peixes” (1.2) e “mar alto” (1.3) e humanos, ao caracterizar a população da região, quanto ao saber popular da atividade pesqueira: “caboclama experimentada no cano do leme” (1.3), destacando, sobremaneira, a coragem do homem-pescador em seu trabalho de lançar redes no mar diante dos riscos do mal tempo “no lanço das redes, ao sabor das trovoadas no perigo das grandes pescarias” (1.3,4) . Embora o texto de Dalcídio tenha sido publicado no ano de 1934, como se vê a vocação pesqueira da região perdura até os dias de hoje.

Ao tratar do ato do Governo Estadual de criação do Curso de Piscicultura nas escolas da Região do Salgado paraense, Dalcídio Jurandir destaca o surgimento de uma nova visão de educação, baseada na compreensão da necessidade da escola rural tomar a atividade humana da região, no caso a pesca, como eixo norteador do ensino: “o verdadeiro senso rural das escolas do interior” (1.5, 6). Tal discurso se coaduna com a emergência de iniciativas brasileiras, nos anos 30, voltadas para o ensino rural da época, conforme esclarece, sabe-se que só a partir de 1930 ocorreram programas de escolarização considerados relevantes para as populações do campo⁷³.

Ao se referir a “adaptação do ensino rural ao ambiente em que se acha localizado” (1. 7, 8), o discurso de Dalcídio sugere a necessária distinção do ensino rural em relação ao ensino urbano. Isso pressupõe a crítica de que não deveria o ensino rural funcionar aos moldes do ensino urbano, haveria de se criar um diferencial porque as condições ambientais e as atividades sociais, nestes dois contextos, eram igualmente distintas. Assim, Dalcídio salienta a necessidade de uma educação rural para o trabalho e vida humana das pessoas que viviam cercadas por águas na região do Salgado.

Tal concepção de escola rural se apoia no argumento de que ao se criar “centros de interesses no meio” (1. 9) se configuraria no “ideal do ruralismo” (1. 10) podendo se constituir em uma medida para fixar as populações no campo e, assim, minimizar o problema do êxodo rural existente no Brasil na época. Em seu texto, Dalcídio escreveu que “Hoje mais do que nunca devemos encaminhar o nosso povo a fixar a sua realidade dentro do meio em que nasceu e trabalha, educando-se na sua própria atmosfera de atividades” (1. 14-17). Ao tratar dessa questão, o autor estabelece uma relação entre a educação e as condições de vida da população rural. Como se vê, Dalcídio concebia a educação para além da instrução, pois ela

⁷³ Ver CALAZANS, M. J. C. Para Compreender a Educação do Estado no Meio Rural: traços de uma trajetória. In.: THERRIEN, J. et. al. *Educação e Escola do Campo no Campo*. Campinas: Papyrus, 1993.

poderia promover uma educação que potencializasse as atividades rurais já que estas se distinguem das atividades urbanas que se encontravam voltadas para o comércio e a indústria.

Considerando os princípios de Azevedo (1946) quando descreve a responsabilidade da escola como fundamental para a civilização da comunidade rural, com vínculos entre escola e família e escola e população. Sua principal responsabilidade educativa é formar hábitos de observação da natureza, estabelecer corrente de simpatia entre as crianças, de um lado, e a terra, de outro, sentimento de atração que as vincule à vida do campo e às suas atividades agrícolas. Destaca-se a Escola rural como centro de cultura e de vida social das gentes humildes que vivem a vida afastadas nos campos e nas aldeias e no caso do para os ribeirinhos e a grande quantidade de ilhas.

Em seu texto Dalcídio diz “A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior ‘centro de interesse’ da curuminzada escolar” (l. 18,19). Dada a natureza geográfica da região do Salgado que tinha como principal fonte de alimento e trabalho a atividade pesqueira, a proposta de um Curso de Piscicultura seria uma proposta pertinente à formação das crianças e adolescentes que vivem nessa região. Assim, observa-se a preocupação do autor com a formação humana mediante o trabalho pedagógico adequado a temáticas locais próprias de uma escola da região do Salgado, de modo que o ensino se fundamente nas atividades peculiares da região e não tenha, simplesmente, uma abordagem homogeneizadora, sendo igual para todo o estado.

Na década de 30, os debates sobre a educação rural revelam a situação de instabilidade social do país com as precárias condições de infraestrutura do interior e o aumento do proletariado urbano que passa a reivindicar seus direitos. Neste contexto, emergiu a ideia de uma escola que atendesse as orientações do "ruralismo pedagógico". Assim propunha-se uma escola integrada às condições locais, regionalista, cujo objetivo maior era promover a "fixação" do homem ao campo. O movimento Escola Nova predominante na época no país reforçou essa proposição já que concebia a escola adequada à realidade⁷⁴.

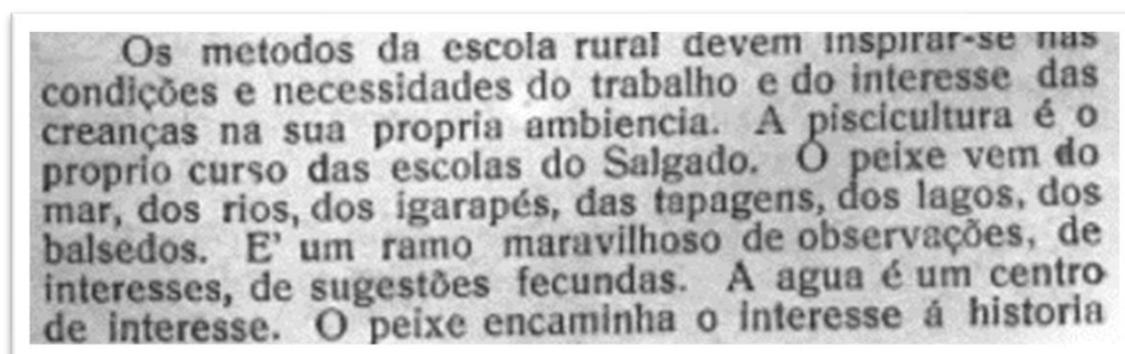
Em seu texto Dalcídio se referiu às crianças, potenciais alunos da escola rural, como “curuminzada escolar” (l. 19) e “nosso caboclo” (l.24), dando uma conotação de ‘gente da terra’ ao usar um linguajar típico da região.

Ao mencionar uma escola inadequada por não sabe valorizar a vida no campo, o autor posiciona-se criticamente ao ensino tradicional, como se vê no seguinte trecho: “Acabou-se a

⁷⁴ Ver MAIA, E. M. Educação rural no Brasil: o que mudou em 60 anos?. *Em Aberto*. Ano 1, n. 9, Brasília, set. 1982, p. 26-33.

velharia didática, desfez-se o nevoeiro dos áridos programas, tudo se transforma em um núcleo vital, em uma colmeia inteligente e criadora, esboçando-se, promissoramente, a tão sonhada educação infantil do nosso caboclo” (l. 20-24). Dalcídio discorda dos programas educacionais da ‘velha didática’ e defende que os ensinamentos da escola se realize em interlocução com o ambiente, de modo inteligente e criativo, para que os conhecimentos e as condições didáticas se afastem dos modelos instituídos e busquem no próprio fazer cotidiano da comunidade os temas articuladores do ensino. Pois, para Dalcídio, “Os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência” (l. 26, 26).

Figura 56 - O problema do ensino rural



Fonte: Revista *Escola*, n. 3, v.1, agosto de 1934.

O que aparece na discussão de Azevedo (1946) se observa é a desorganização e a ineficiência da escola rural, que não conseguiu civilizar, integrar-se com a sua região e nem proporcionar “o sentimento e o conhecimento direto das cousas ambientes e preparando-as para as atividades dominantes do meio” (AZEVEDO, 1946, p. 71). Nota-se o divórcio entre escola e meio e conflitos que, às vezes, comprometem irremediavelmente a educação de crianças, cujos professores não conquistaram a simpatia dos fazendeiros. A escola não ajuda a resolver nenhum dos problemas social e econômico do campo, não os compreende e, às vezes, desorienta ao colocar interesses antagônicos ao grupo.

Figura 57 - 'O problema do ensino rural'

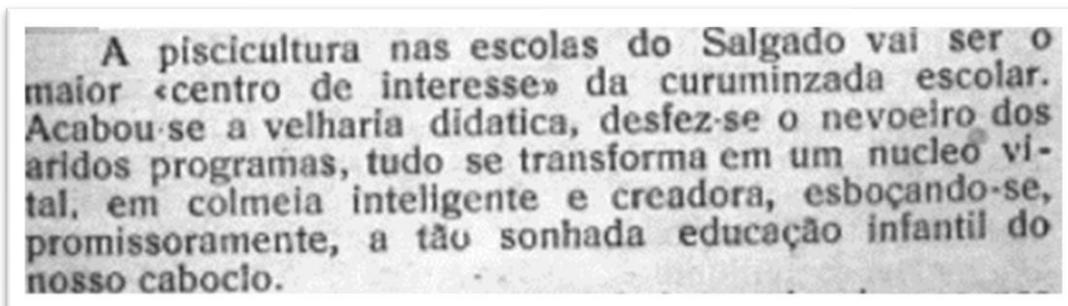
Com esse ato o Governo vai compreendendo o verdadeiro senso rural das escolas no interior. A adaptação do ensino rural ao ambiente em que se acha localizado, criando os «centros de interesse» no meio e nas tendências, é, em suma, o ideal do ruralismo por que tanto se bate o bom senso dos nossos sociólogos e dos que veem a solução do problema nacional na fixação definitiva das nossas populações rurais.

Os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência. A piscicultura é o próprio curso das escolas do Salgado. O peixe vem do mar, dos rios, dos igarapés, das tapagens, dos lagos, dos balsedos. É um ramo maravilhoso de observações, de interesses, de sugestões fecundas. A água é um centro de interesse. O peixe encaminha o interesse á historia

Fonte: Revista *Escola*, n. 3, v.1, agosto de 1934.

Neste outro trecho do texto, o autor ao citar 'Centros de Interesse', refere-se ao modelo pedagógico de Decroly, em alta na época, que expressa um modelo de ensino vigente na época, evidenciando a compreensão de que o governo tem uma nova compreensão do que seja o ensino rural. Observa-se, portanto, a preocupação do autor com o trabalho pedagógico de uma escola da região do Salgado.

Dalcídio defende ensinamentos da escola a partir da realidade, com práticas afastadas dos modelos instituídos, pois busca no próprio fazer cotidiano da comunidade aspectos e temas que construam práticas com sentido para os habitantes do lugar para assim poder habilitá-los a se desenvolverem no próprio município em que vivem. Do modo como foi tratada, o autor pensava a educação para além da instrução, com vistas a promover o desenvolvimento humano.

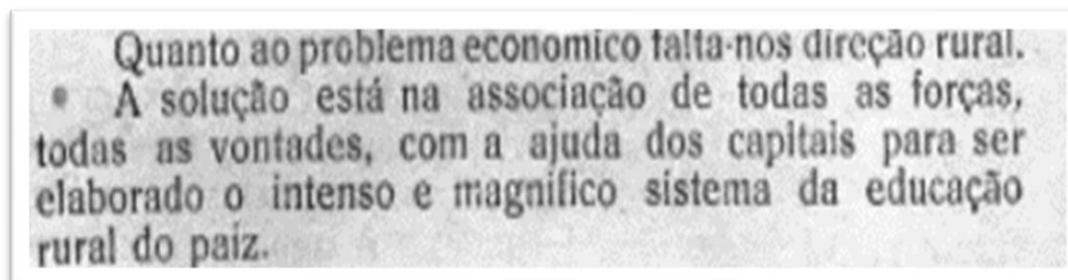
Figura 58 - O problema do ensino rural


A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior «centro de interesse» da curuminzada escolar. Acabou-se a velharia didática, desfez-se o nevoeiro dos aridos programas, tudo se transforma em um núcleo vital, em colmeia inteligente e creadora, esboçando-se, promissoramente, a tão sonhada educação infantil do nosso caboclo.

Fonte: Revista *Escola*, n. 3, v.1, agosto de 1934.

Como se vê nos argumentos do texto, Dalcídio supera a simples instrução, traz ideias revolucionárias sobre o tipo de trabalho que deve ser realizado nas escolas, visando a realização de um trabalho conscientizador e libertador.

Nestes trechos podemos observar a importância que o autor dá para o novo modelo educacional que está sendo criado, e a crença de que a transformação social ocorrerá através da educação voltada para os sujeitos, insere sua preocupação e a valorização da sua cultura.

Figura 59 - Texto Educação e Liberdade


Quanto ao problema economico falta-nos direção rural.
 • A solução está na associação de todas as forças, todas as vontades, com a ajuda dos capitais para ser elaborado o intenso e magnifico sistema da educação rural do paiz.

Fonte: Revista *Escola*, n. 5, v.1, setembro de 1935.

As representações contidas nos textos analisados indicam que Dalcídio Jurandir traz à tona os anseios sociais por mudança, por práticas culturais no fazer educativo do professor que superassem a simples instrução, bem como uma preocupação com a interlocução entre os processos educativos e o ambiente natural amazônico. A análise dos textos emergiu a questão das práticas culturais que apontam modelos e condutas de ensino na medida que os textos refletem preocupações fundantes com a função da educação na Amazônia.

Como resultados, na análise, enquanto argumentos para discorrer sobre o ensino rural, constatou-se que o autor pontuou, nos textos tópicos discursivos sobre a criação do Curso de Piscicultura pelo Governo do Pará em 1934, a caracterização da região e de sua população, o problema do êxodo rural no Pará, a concepção de ensino rural das escolas paraenses,

destacando, sobretudo o ensino voltado para as atividades da região tendo a piscicultura como centro de interesse das escolas do Salgado.

Em relação ao curso de piscicultura, ao final do texto: *O problema do Ensino Rural*, publicado na Revista Escola, número 3, volume 1, em agosto de 1934, Dalcídio Jurandir escreveu:

A piscicultura é o próprio curso das escolas do Salgado. O peixe vem do mar, dos rios, igarapés, das tapagens, dos lagos, dos balseiros. É um ramo maravilhoso de observações, de interesses, de sugestões fecundas. A água é um centro de interesse. O peixe encaminha o interesse à história natural. (l. 27-32).

Desse modo, o autor destacou os elementos naturais da localidade como elementos norteadores do ensino rural: o peixe, o mar, o rio, a água... Assim, seu discurso sugere que se produzam práticas pedagógicas com sentidos para os habitantes do lugar e possam habilitá-los a se desenvolverem no próprio município em que vivem. Assim o autor justifica a escolha de um curso de piscicultura para os estudantes da região do Salgado paraense.

As representações de escola, aluno e professor estão pautadas na possibilidade na permanência no campo considerando a liberdade de ensinar a partir do ambiente como um grande centro de interesse.

Tanto as palestras como o texto de Dalcídio apresentam matrizes das práticas construtoras do mundo social, a medida que as suas narrativas apresentam uma teia de representações fundamentadas na prática social, que é a prática educativa, com forte condução da maquinaria de construção de textos no sentido de que se tornem práticas culturais no âmbito da escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer como foco de análise a *Escola* – revista do professorado do Pará esta pesquisa tencionou contribuir e dar visibilidade à História da Educação Paraense em interface com o movimento Escola Nova, visando interlocuções com as representações, sujeitos, práticas e apropriações que esse impresso veiculou sobre a prática educativa com inspiração escolanovista.

A *Escola* ocupou marcadamente a finalidade de atuar sobre um movimento de mudanças da cultura escolar do professorado, destacando o patamar do tradicional para o moderno, considerando as práticas educativas escolares, tencionava além de fornecer aos seus consumidores que no caso eram os professores, diretores e técnicos escolares roteiros dispersos e lições de modelos a serem utilizados, também passava a oferecer fundamentos e subsídios para a prática docente por um repertório de saberes sobre o pensamento científico relativo aos expoentes intelectuais do movimento Escola Nova.

Na análise foi possível observar os sujeitos, suas práticas e apropriações no contexto político e social da Revolução de 30, suas premissas no âmbito do Brasil e rebatimento no contexto paraense, destacando as representações sobre o movimento Escola Nova, seja primeiro, pelo ideal que a denominada Revolução 30 se apropriou, no sentido de cooptar os ideais do movimento educacional dos anos 1920 e 1930 e com isso marcar como princípio a representação da Escola Nova, como a dicotomia entre pioneiros e católicos, onde se pode ler, modernos e tradicionais, isso está presente no trecho que abre a seção dois, texto de Corina Lassance Cunha, publicado na *Escola* que desenha o perfil do moderno através dos termos prisão, suplicio, terror das almas infantis, que assim marca pelo ausente um modelo de Escola que não fosse prisão, ensino que não fosse suplicio e professor que não fosse o terror das almas infantis, temos então a circulação e apropriação de representações sobre a Escola Nova que também fazem ecos no jornal o Estado do Pará, no exemplo do artigo de Licyo Solheiro sobre Métodos de Ensino, onde observa-se a materialidade de representações que indicam a necessidade de inovação do fazer educativo, que valoriza a Revolução como a parteira de um ambiente promissor a essas mudanças.

Paralelo a isso foi possível observar o movimento dos professores que mesmo antes desse processo de modelagem mais específico e coordenado pelos setores administrativos da educação no âmbito do estado do Pará, realizavam estudos e colocavam em prática os princípios norteadores da inovação educacional que desde a década de 1920 já se faziam

presentes na discussão da melhoria da educação, a mensagem do Governador Eurico Valle apresenta registro sobre a experiência dos professores que colocavam em prática os pressupostos educacionais em suas aulas e trocavam experiências entre si acerca dos fundamentos teóricos do Centro de Interesse de inspiração de Ovide Decroly, que era referendado como metodologia norteadora do processo de inovação educação escolar, é um indício revelador de tática do professorado de apropriação dos fundamentos da moderna educação por iniciativa própria como frisa o registro na Mensagem, que reconhece que mesmo sem recursos ou apoio direto da Diretoria de Geral de Educação realizam as experiências que se demonstram exitosas. Desta forma podemos observar tática De Certeau (2014) de apropriação dos referenciais da Escola Nova como um valor pelo conhecimento científico, para além do dispositivo de regulação e adequação do discurso e da prática pedagógica do professorado.

Com o desenrolar dos acontecimentos políticos da Revolução no Pará um processo de coordenação se instituiu, desta forma a educação passou a atender aos interesses políticos de controle do Estado. Em 1930, Vargas conquistou o apoio de intelectuais com a promessa de revolucionar também a educação escolar, no Pará Magalhaes Barata replicou os movimentos do governo federal, intensificou o uso de dispositivos como Palestras nos rádios, Conferências, Cinemas educativos e a circulação de impresso para divulgar os princípios da escola Nova, nessa perspectiva surge a *Escola*.

O construto de análise que foram norteadores desta pesquisa sobre a *Escola* a caracterizam como um dispositivo de modelização da prática educativa do professorado do Pará, o esforço empreendido foi no sentido de revelar as estratégias para a conformação da revista que modelizava a leitura dos agentes da educação.

A análise desvelou as estratégias editoriais para disseminar representações sobre o movimento Escola Nova que se fundamentaram no projeto editorial da revista, como instrumentos para formar professores. A materialidade da Escola é carregada de preceitos educativos veiculados por autores que eram valorizados como intérpretes da educação nova. Desta forma a materialidade da revista indicou que a *Escola* era objeto de estudo dos professores, diretores e técnicos, se constituiu como referência para o modelo de bem ensinar, mas a pesquisa revelou, que não eram os professores que buscavam a revista e sim a revista que chegava até eles, ela era distribuída gratuitamente nas escolas do Pará.

O projeto editorial revelou a conformação das estratégias para que essa formação através da *Escola* fosse colocada em prática, houve investimento por parte da revista na diversidade de textos e diferente tipos de linguagens para chegar aos consumidores, ou seja, o professorado, isso no sentido de disseminar os fundamentos da Escola Nova. O que pode ser observado através dos sumários que continham textos nas seções: Biografia, Palestras, Texto literário, fotografias, Celebração de data cívica, Artigos, Socialização de atividades pedagógicas, Cartas, Relatório de congressos, Poesias e Anúncios.

A pesquisa revelou que os textos embora tratassem de pressupostos teóricos e filosóficos, possuíam linguagem acessível, bem como, não eram extensos, ao mesmo tempo que os temas muitas vezes exigiam conhecimentos anteriores, as publicações demonstravam que qualquer leitor podia acessá-las, mesmo as mais específicas, a exemplo dos textos que sobre os teóricos, Decroly, Dewey, Kilpatrick, Ferrière, Montessori e outros, são trabalhados na revista, percebe-se que a organização da *Escola* estava preocupada em prover os meios e utilizar os recursos editoriais disponíveis para que os conhecimentos, os conceitos, as prescrições e informações fossem apropriados pelo professorado.

Pode se dizer que a estratégia era criar o hábito de leitura, de estudo, até mesmo para suprir a falta de acesso aos livros e coleções, que eram comuns como recurso para propagar a Escola Nova na década de 1930, mas que os estados tinham dificuldades financeiras em adquirir, assim as revistas ocupavam esse lugar. Sobre isso também é importante destacar que os textos não eram elaborados considerando somente os interlocutores dos teóricos mais proeminentes no debate da Escola Nova, os livros dos teóricos e seus conceitos eram diretamente tratados nos textos publicados destacando assim a capacidade de síntese dos autores.

Na análise é possível perceber que a *Escola* ao mesmo tempo que divulgou os pressupostos da Escola Nova na perspectiva de modelar a prática educativa, também pode ser reconhecida como um dispositivo que investiu na promoção no hábito da leitura selecionou o que tinha de ser lido e estudado para a atualização dos professores, até nas propagandas de livrarias tem registros indicativo de livros a serem lidos, essas indicações apontam para livros de cultura geral, não só os relativos à área da educação. Outro aspecto a destacar são os desenhos que ilustram a *Escola* suscitam representações de valorização da fauna e flora do ambiente amazônico, os textos literários que ampliam os assuntos abordados e que além harmonizam a organização da revista para o interesse do leitor trazem à tona os literatos e artistas paraenses.

A *Escola* com impresso de ensino oficial, explicitava as estratégias para formar e atualizar o professorado paraense a partir das concepções teóricas metodológicas que estavam na base dos modernos métodos de ensino na perspectiva de práticas educacionais transformadoras. Assim é possível perceber que essa trajetória se ancorou em representações da Escola Nova a colocar foco no perfil de professor, uma maneira de ensinar e um perfil de aluno. Desta forma as publicações insistem em que essas representações fossem se consolidando no seio dos professores. Índícios implícitos e nas publicações, nas palestras pedagógicas, nas fotografias registram que as representações sobre a Escola Nova se fundamentam no ideal de patriotismo, na experimentação como principal característica do método para ensinar, no professor como o principal responsável pelo processo de inovação educacional e o aluno, a criança com um ser lapidado para a vida, sobretudo o trabalho, esses marcadores de representações presentes se inscrevem como prática cultural a ser apropriada pelos professores.

As representações do ideal de patriotismo na *Escola* se expressaram na relação entre escola e sociedade, no seu papel modernizador e civilizador, o processo de nacionalismo brasileiro tem o peso simbólico das práticas disseminadas e especialmente, seus desdobramentos sociais, políticos e culturais para a sociedade, são materializadas em forma de festividades patrióticas, também disseminados através da esfera educacional e presentes na *Escola*, como práticas sociais para educação das crianças para a prática do patriotismo nas relações nos Círculos de Pais e nas músicas e atividades desenvolvidas pelas professoras e relatadas na Socialização de atividades, com forte presença de valores morais e patrióticos.

A representação de que a maneira de ensinar devia ser fundamentada na escola como espaço da experiência está relacionada com a defesa do pressuposto de que a educação se dá por meio da relação, na teoria de Dewey, entre experiência e teoria, esta última apenas não representaria conhecimento se desvinculada da aplicabilidade, desta forma, a escola deveria ser um lugar que promovesse experiências, na *Escola* esse marcador de representações pode ser observado nos textos e em fotografias. Seguida da representação das práticas educativas na escola moderna deveriam, pois, ser centradas na criança e na vida de forma que o objetivo fosse mais que ensinar conteúdo, mas que se pudesse formar um cidadão capaz de amar e que se pudesse identificar e potencializar suas aptidões, sua vocação. Devia-se, portanto, despertar o interesse da criança.

Por outro lado, esses marcadores de representações interagem com a questão política e ideológica do governo de Magalhaes Barata que possui uma forma bem peculiar de governar,

sendo possível perceber sobretudo na análise das fotos as estratégias de circulação de representações que consolidavam o pensamento de que a educação estava em pleno desenvolvimento no para através da divulgação da construção de escolas.

Em assim sendo, embora as estratégias de imposição de um sistema estruturante que modeliza a prática educacional no exemplo da *Escola*, ainda que de maneira tímida é possível perceber na *Escola*, aspectos sociais e econômicos do Pará como a discussão sobre o ensino rural empreendida por Dalcídio Jurandir que insere na revista o contexto da educação paraense no interior em suas especificidades. Ainda muito a analisar, essas reflexões me trazem outras muitas perguntas sobre o contexto da educação na década de 1930 no Pará, mas que ficam na perspectiva que outros estudos se construam.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Rachel Duarte. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo.
- ALVARES, M.L de M. **Saias, laços e ligas: construindo imagens e lutas (um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses – 1910/1937)**. Belém, Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Universidade Federal do Par, 1990.
- ARAÚJO, Sonia Maria da Silva. José Veríssimo: vida, obra e personalidade. In ARAUJO, Sônia (org.). **José Veríssimo: raça, cultura e educação**. Belém: EDUEPA, 2007.
- AZEVEDO, Fernando de. O problema da educação rural. In: AZEVEDO, Fernando de. **A educação e seus problemas**. São Paulo: Nacional, 1946, p. 47-75.
- AZEVEDO, Fernando de. Coleção Educadores. Recife: Massangra, 2012.
- BARROS, José D' Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BARROS, José D' Assunção. **Teoria da História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BASBAUM, L. **História sincera da república**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- BASTOS, M.H.C. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. O novo e o nacional em revista 1939-1942**. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do ensino de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do Campo pedagógico em Minas Gerai: o caso da Revista de Ensino (1925-1940)**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BONTEMPI JR., B. Nacionalismo e regionalismo em dois inquéritos sobre o Ensino Superior brasileiro nos anos 1920. **Educ. rev.**, Curitiba, v. 1, n. 65, p. 35-50, set., 2017.
- BOTO, C. A invenção do Emílio como conjectura: opção metodológica da escrita de Rousseau. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.1, jan./abr., p. 207-225, 2010.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O Camponês e a Fotografia. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], n. 26, jun., 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/8103>. Acesso em: 06 nov. 2020.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Bauru: Edusc, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRITO, D. C. de. **A modernização da superfície: estado e desenvolvimento na Amazônia**. Belém: UFPA/NAEA, 2001.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto Edusp, 1988.

CARVALHO, M. M. C. de. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, L. M. de (org.). **Modos de ler formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1997. p. 65-86.

CARVALHO, M. M. C. Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: Edusp, 1998.

CARVALHO, M. M. C. **A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CARVALHO, M. M. C. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação**, 2001, p. 87-104.

CARVALHO, M. M. C. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, M. M. C. A coleção estratégica editorial de difusão de modelos pedagógico: o caso da biblioteca de educação organizada por Lourenço Filho. **I Seminário Brasileiro sobre Livro de História editorial**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; UFF/PGGCOM-UFF/LHED, 2004.

CARVALHO, M. M. C. Estratégias editoriais e territorialização do campo pedagógico: um livro de Sampaio Dória sob a pena do editor da Biblioteca de Educação. **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 17, n. 39, p. 39-56, fev. 2013.

CARVALHO, M. M. C; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. “Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo”. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda de (org.). **Cinco estudos em História e Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 89-110.

CARVALHO, M. M. C; ARAUJO, J.C.S. ; NETO, W. G. História da Educação no Brasil : pesquisa, organização Institucional e estratégias de divulgação Científica. **Cadernos de História da educação**. v. 1, n. 2, 2012.

CASTELLANOS, S. L. V. **O livro escolar no Maranhão**. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2017.

CASTRO, C. A. Os usos e as tipologias dos materiais escolares no Maranhão Oitocentista. *In*: CASTRO, C. A. *et al* (org.). **Objetos, práticas e sujeitos escolares no norte e nordeste**. São Luís: EDUFMA; UFPB; Café & Lápis, 2011. p. 13-34.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATANI, D. B; SOUZA, Cynthia Pereira de. **Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996)**. São Paulo: Pleiade, 1999.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, pág. 173-191, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CHARTIER, R.; BOURDIEU, P. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DE CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DE CERTEAU, M.A **invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COELHO, Maricilde de Oliveira. **A escola primária no Estado do Pará (1920 - 1940)**. (Tese, Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 213 p.

COMENIUS. **Didática magna**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COSTA, M. C.; CASTRO, C. A. Os impressos periódicos para a história da Educação. *In*: CASTRO, C. A; CASTELLANOS, S. L. V. (org.). **Escritos de história da educação**. São Luís: Café e Lápis, 2012. p. 97-109.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2006, p. 330-344.

COTRIM, G. **Educação para uma escola democrática**. São Paulo: Saraiva, 1991.

COIMBRA, Creso. **A Revolução de 30 no Pará: análise, crítica e interpretação da História**. Belém: Conselho de cultura, 1981.

CURY, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 1988.

DAMASCENO, Alberto. Notas sobre a Educação Paraense na Segunda República. In Revista **HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 62, 2015.p.229-241.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, v. 14, p. 293-297.

ESCOLANO BENITO, A. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Alínea, 2017.

ENTREVISTA do Diretor Geral de Educação e Cultura, Oswaldo Orico. Jornal Folha do Norte, Belém, 1936.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. **Dalcídio Jurandir e a educação: de letrado provinciano a intelectualidade nacional**. São Paulo: s.sn. 2017.175 f. Tese (Doutorado Programa de Pós Graduação em Educação) - Universidade de São Paulo, 2018.

FERNANDES, A. L. C. **A “santa causa da instrução” e o “progridimento da humanidade”**: revistas pedagógicas e construção do conhecimento pedagógico no Brasil e em Portugal no final do século XIX. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

FERNANDES, A. L. C. Personagens e Redes: a configuração do campo pedagógico no Brasil e em Portugal a partir de revista pedagógicas (fins do século XIX e início do século XX). In: CARDOSO, T. F. L. **História da profissão docente no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2014. p. 131-148.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 – 1935). **Revista Estudos Políticos**, Niterói, v. 4, n. 8, p. 131-151, 2013.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. **José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora**. Campinas, SP: [s.n.], 2004

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Series Estatísticas e Retrospectiva**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

GADAMER, H. **Hermenêutica em retrospectiva: a virada hermenêutica**. Tradução de Marco Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 2.

GASKEL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História Novas perspectivas**. São Paulo: editora Unesp, 2011. P. 243 -278.

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GHIRALDELLI JR., P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GOMES, L. G. **O conceito de escola de trabalho segundo Georg Kerschensteiner**. Aveiro [PT]: Universidade de Aveiro, 2010.

GONDRA, Jose Gonçalves (org.). **Pesquisa em história da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2005.

KERSCHENTEINER, Georg. **Coleção Educadores**. Recife: Massangana, 2010.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

HAMDAN, J. C. Firmino Costa na Revista Ensino: do método intuitivo à escola ativa. *In*: VAGO, T. M.; OLIVEIRA, B. J. de (org.). **História de práticas educativas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 301-325.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

JORNAL O ESTADO DO PARÁ:10-08-1933.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-44, fev. 2001.

JURANDIR, Dalcídio. **Poemas Impetuosos ou o tempo é o do sempre escoo**. Belém: Paka-Tatu, 2011.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

Lima, Tereza Cristina P. **A ação política dos intelectuais no Brasil (1930-1945)** [manuscrito] / Tereza Cristina P. Lima. 80 f. Monografia (especialização) - Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (CEFOP), da Câmara dos Deputados, Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo, 2008.

LOURENÇO, Filho. **Coleção de Educadores**. Recife: Massangana, 2010.

MAGALDI, A. M. B. de M.; DAVID, J. V. Prevendo o professor-problema: o impresso como estratégia de divulgação da higiene mental e de formação do professor na sociedade brasileira (anos 1930). *In*: CARDOSO, T. F. L. **História da profissão docente no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2014. p 173-168.

MACHADO, Rosilene Beatriz & FLORES, Claudia Regina. Dos livros didáticos de desenho como lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Matemática**, v. 13, n. 26, 2013. p. 23-40.

MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCILIO. **História da escola em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, 2014.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Revista Tempo**, Niterói, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIRA, Maria Angélica Almeida de. **A Arte do Fazer: o artista Ruy Meira e as artes plásticas no Pará dos anos 1940 a 1980**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, 2008.

MELLO, M. C. de O. **A alfabetização na imprensa periódica educacional paulista (1927-1943)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma história Visual. In: MARTINS, José de Souza, Eckert, cornelia & Novaes, Sylvia Caiuby (orgs). **O Imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2005. p. 33-56.

MENSAGEM ao Legislativo. **Apresentada em 16 de julho de 1936 pelo Governador Jose da Gama Malcher**, 1936.

MONARCHA, C. **Laurenço Filho**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

MORAES, Felipe Tavares de. **A educação no Primeiro Governo de Lauro Sodré (1886-1897): os sentidos de uma concepção político-educacional republicana**. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Educação.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, A. A imprensa da educação e ensino. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, M. H. C. (org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11- 31.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino: repertório analítico (séculos XIX-XX)**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**, Porto Alegre, n. 5, p. 7- 64, setembro, 1993.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.

NUNES, E. **A gramática da política no Brasil: clientelismo e insulamento burocrático**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLIVEIRA, M. A. T. **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PANTOJA, L. S. **Dalcídio Jurandir**. In: MELO, C. N. de; FRANÇA, M. do P. S. G. de S. A. de. Belém: EDUEPA, 2014. p. 83-103.

PARÁ. **Relatório do Grupo Escolar Benjamin Constant 1926-1927**. Belém: Imprensa Oficial, 1927.

PARÁ. **SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (SEDUC)**. Belém: SEDUC, 1987.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Crise da Educação Brasileira: problema da educação rural (São Paulo, década de 1930). Universidade Católica de Santos, Brasil. **Revista História da Educação – RHE**, Porto Alegre v. 15 n. 35. 2011 p. 74-99.

PEREIRA, Marcos Villela; RIOS, Diogo Franco. Uma análise de imagens de capa da revista atualidades pedagógicas: por uma estética escolar na década de 1950 no Brasil. **Santa Maria**, v. 20, n. 49, 2016, p. 187-208.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PINHEIRO, W. da C. **O instituto orfanológico do Outeiro**: assistência, proteção e educação de meninos órfãos e desvalidos em Belém do Pará (1903-1913). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

PRIANTE, Wagner Penedo. **A cerâmica dos Tapajós e o desejo de formas**: estudo de peças cerâmicas arqueológicas mirando potências criativas. - São Paulo: Dissertação (Mestrado em Artes), 264 f. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2016.

RESCHKE, Monika. **A administração do grupo escolar Benjamin Constant no contexto da década de 20 da Primeira República no Pará**. Belém: Dissertação Mestrado - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

ROCQUE, C. **História geral de Belém e do Grão Pará**. Belém: Distribel, 2001.

RODRIGUES, D. S. S. **Pará/1935**: um estudo sobre liderança e conflito. 124 f. 1979. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Cândido Mendes, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

SANTOS, Darlene da Silva Monteiro dos. **A arte de civilizar**: a educação cívico-patriótica na revista a Escola e na revista do ensino no Pará republicano (1900-1912). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 151f. 2018

SILVA, M. B. do N. **Escola Nova na “Página de Educação” (1930 – 1933)**: navegando nas palavras de Cecília Meireles no “Diário de Notícias”. Uberlândia. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2015.

SMIT, Johanna. Propostas para a indexação de informação iconográfica. **Congresso Internacional de Informática**, 1997. Actas. Havana: Info, 1997.

SOARES, M B. **Metamemória, memórias**: travessias de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUSA, C. P. de. Anísio Teixeira, um educador polêmico e incansável, às voltas com a educação pública e democrática. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p.322 - 325, jan. 1997.

SOUZA, A. A. de. **O ideário da escola nova na Paraíba**: a circulação de novos saberes nos discursos de Jose Batista de Melo (1930 - 1936). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

VALDEMARIN, V. T. **História dos métodos e materiais de ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VIANNA, L. W.; CARVALHO, M. A. R. de. República e Civilização Brasileira. *In*: BIGNOTTO, N. **Pensar a república**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2000. p. 131-154.

VIDAL, D.G. **O Exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1037). Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

VIDAL, D. G.; PAULILO, A. L. Projetos e estratégias de implementação da Escola Nova na capital do Brasil (1922-1935). *In*: **Educação no Brasil**: história, cultura e política. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 375- 398.

VIEIRA, C. E. Conferências Nacionais de Educação: intelectuais, Estado e discurso educacional (1927-1967). **Educar em Revista**, cidade, n. 65, p. 19-34, julho, 2017.

VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos 1920. *In*: OLIVEIRA, M. A. T. (org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-40.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História de la educación e história cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, nº 0. ANPED. 1995.

WARDE, M. J. Circulação e enredamento de culturas: notas para uma história desconhecida da educação. *In*: CASTRO, C. A.; CASTELLANOS, S. V.; FELGUEIRAS, M. L. (org.). **Escritos de história de educação**: Brasil e Portugal. São Luís: Café & Lápis, 2012. p. 21-34.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Pioneira, 2000.

FONTES DOCUMENTAIS

PARÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Pará, em sessão solene de abertura da 1ª reunião de sua 14ª legislatura, pelo Governador Dr. Eurico de Freitas Vale em 7 de setembro de 1930. Disponível em: <<<http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>>> Acesso em: 22 abril de 2020.

PARÁ. Álbum do Pará, na administração do Interventor do Pará Sr. Jose da Gama Malcher Belém. 1939.

- O Estado do Pará. **A Educação**. Belém, 09/04/1930. p. 1.
- O Estado do Pará. **O Pará redimido por Távora**. Belém, 13/11/1930. p.1
- O Estado do Pará. **A Prisão de Eurico Valle**. Belém, 01/01/1931. p. 1.
- O Estado do Pará. **Escola Normal**. Belém, 01/01/1931. P.1.
- O Estado do Pará. **Capitão Juarez**. 01/01/1931. Belém, 07/01/1931. P.1
- O Estado do Pará. **Capitão Juarez**. 01/01/1931. Belém, 07/01/1931. P.1
- O Estado do Pará. **Methodos de Ensino. Belém**, 10/01/1931. P. 1.
- O Estado do Pará. **Membros do magistério público**. Belém, 10/08/1933. P. 2.
- O Estado do Pará. **Criação de Curso de agronomia**. Belém, 01/04/1933. P. 2.
- O Estado do Pará. **Conferências Pedagógica**, 04/05/1933. P. 2.
- O Estado do Pará. **Lançamento do primeiro número da Revista Escola**. Belém, 01/04/1934. P. 2.
- O Estado do Pará. **Curso Propedêutico de aperfeiçoamento**. Belém, 10/08/1933. P. 2.
- O Estado do Pará. **Cinema Educativo**. Belém, 10/08/1934. P. 2.
- A Folha do Norte. **Casa do Professor**. Belém, 02/05/1937. P. 1.
- Revista Escola – revista do Professorado do Pará. V. 11, n. 2, junho de 1934.
- Revista Escola – revista do Professorado do Pará. V. 11, n. 3, agosto de 1934.
- Revista Escola – revista do Professorado do Pará. V. 11, n. 4, maio de 1935.
- Revista Escola – revista do Professorado do Pará. V. 11, n. 5, setembro de 1935.
- DAMASCENO, Alberto. **A Segunda República e a Educação no Pará: um primeiro olhar sobre o projeto dominante**. Belém: Editora do Autor, 2011.